

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Cristina Lazzerini

A TRADUÇÃO INTRAVISUAL E INTRALINGUAL DE *A WALK IN THE PARK*
PARA *VOICES IN THE PARK*: um estudo sociossemiótico da reinstanciação

Belo Horizonte – MG

2022

Cristina Lazzerini

**A TRADUÇÃO INTRAVISUAL E INTRALINGUAL DE *A WALK IN THE PARK*
PARA *VOICES IN THE PARK*: um estudo sociossemiótico da reinstanciação**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Maria Magalhães

Belo Horizonte – MG

2022

L432t Lazzerini, Cristina.
A tradução intravisual e intralingual de *A Walk in the Park* para *Voices in the Park* [manuscrito] : um estudo sociossemiótico da reinstanciação / Cristina Lazzerini. – 2022.
255 f., enc.: il., color.

Orientadora: Célia Maria Magalhães.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 251-255.

1. Tradução e interpretação na literatura – Teses. 2. Livros para crianças – Teses. 3. Literatura infantojuvenil – Teses. 4. Semiótica – Teses. 5. Ilustração de livros – Teses. I. Magalhães, Célia Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**A tradução intravisual e intralingual de A Walk in the Park para Voices in the Park:
Um estudo sociosemiótico da reinstanciação**

CRISTINA LAZZERINI DE SOUZA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Célia Maria Magalhaes - Orientadora
UFMG

Prof(a). Igor Antônio Lourenço da Silva
UFU

Prof(a). Telma Borges da Silva
UFMG

Prof(a). Lia Araujo Miranda de Lima
UFMG

Prof(a). Flaviane Faria Carvalho
UNIFAL-MG

Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Lia Araujo Miranda de Lima, Professora do Magistério Superior**, em 25/02/2022, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celia Maria Magalhaes, Professora do Magistério Superior**, em 25/02/2022, às 22:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Igor Antônio Lourenço da Silva, Usuário Externo**, em 27/02/2022, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flaviane Faria Carvalho, Usuário Externo**, em 03/03/2022, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Telma Borges da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 10/03/2022, às 08:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1215662** e o código CRC **5CF3726D**.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À CAPES

À Universidade Federal De Minas Gerais

À Faculdade de Letras

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Ao Laboratório Experimental de Tradução

Ao Grupo de Pesquisa em Multimodalidade e Estudos da Tradução

À Professora Célia Maria Magalhães

Aos professores membros das bancas examinadoras de qualificação e de defesa de tese

Aos demais professores que contribuíram para a minha formação

Aos colegas de pesquisa e de curso

À minha família

Ao Universo

“Inequalities in access to the privileged genres of modern institutional fields is a concern for developing democratic pedagogies, but also more generally for understanding how symbolic control is maintained, distributed and challenged in contemporary societies.”

J.R. Martin & David Rose

RESUMO

Esta tese apresenta uma pesquisa que empregou os conceitos e as categorias da Sociossemiótica aos Estudos da Tradução em uma abordagem multidisciplinar para estudar livros ilustrados. Os objetivos foram interpretar a reinstanciação como tradução e relacionar os conceitos de reescrita (LEFEVERE, 1992) e de reinstanciação (MARTIN, 2006, 2008c). Os livros investigados foram *A Walk in the Park* e *Voices in the Park*, do autor e ilustrador Anthony Browne. A pesquisa utilizou o modelo para leitura de narrativas visuais de Painter, Martin e Unsworth (2013) e o modelo semântico-discursivo de Martin e Rose (2007) para a investigação dos recursos ideacionais e interpessoais nas modalidades visual e verbal do texto bimodal. Adotou ainda as noções de acoplamento e calibragem (MARTIN, 2006, 2008c, 2010) para a análise da intermodalidade e da intertextualidade, e a complementaridade das hierarquias da realização, instanciação e individuação (*ibid*) para a análise das variações semânticas. O enfoque foi nas dimensões de desigualdade social presentes nas histórias e no posicionamento do leitor prospectivo. A metodologia consistiu em três etapas dedicadas, respectivamente, à análise da estrutura genérica dos textos, à identificação e classificação dos recursos semióticos que constroem os significados nos textos, e à identificação e análise das variações semânticas na reinstanciação do texto-fonte. A interface entre a Sociossemiótica para a multimodalidade e o viés cultural dos Estudos da Tradução foi feita por meio do conceito de ideologia e permitiu estabelecer que reinstanciar é o mesmo que reescrever. O estudo operacionalizou uma metodologia para a investigação da reinstanciação na modalidade visual cuja aplicação possibilitou demonstrar que a reinstanciação visual ocorre majoritariamente por meio da sobreposição de potencial de significado ideacional entre as imagens das duas histórias. A constatação de que as narrativas visuais de *Voices in the Park* reconstroem a narrativa visual de *A Walk in the Park*, com imagens distintas que apresentam variados graus de sobreposição de significado com o texto-fonte, resultou na proposta de três níveis de reinstanciação visual. A pesquisa propôs o conceito de reilustração, paralelo ao de reescrita, para o tipo de reinstanciação que ocorre entre narrativas visuais. Em referência a Jakobson (1959), o fenômeno de interpretação de signos visuais por meio de outros signos visuais que ocorre na reilustração foi denominado tradução intravisual. Os resultados confirmaram que *A Walk in the Park* privilegia o uso de recursos ideacionais para construir paralelismo semântico e enfatizar a dimensão de classe social, e que o acréscimo de recursos interpessoais em *Voices in the Park* funciona para construir as individualidades e as ideologias dos narradores-personagem. Os resultados mostraram ainda que os recursos

semióticos utilizados para a construção das dimensões de desigualdade são majoritariamente ideacionais em ambos os textos e que a manipulação dos recursos semióticos em *Voices in the Park* serviu para desalinhar o leitor prospectivo com os valores da mulher de classe média burguesa e para naturalizar o discurso da criança da classe trabalhadora, alinhando o leitor com os valores dessa narradora-personagem, e revelando o papel político da tradução.

Palavras-chave: Reescrita. Reinstanciação. Tradução da literatura infantil. Tradução intralingual. Tradução intravisual. Livros ilustrados.

ABSTRACT

This thesis presents a study which applied the concepts and the categories of Social Semiotics to Translation Studies in a multidisciplinary approach to investigate picture books. The aims were to interpret reinstantiation as translation and to relate the concepts of rewriting (LEFEVERE, 1992) and reinstantiation (MARTIN, 2006, 2008c). The books investigated were *A Walk in the Park* and *Voices in the Park*, by the author and illustrator Anthony Browne. The study used Painter, Martin and Unsworth (2013)'s model of reading visual narratives and Martin and Rose (2007)'s model of discourse semantics to investigate the ideational and interpersonal resources in the visual and verbal modalities of the bimodal text. It further employed the notions of coupling and commitment (MARTIN, 2006, 2008c, 2010) to analyse intermodality and intertextuality, and the complementarity of the hierarchies of realisation, instantiation and individuation (*ibid*) to analyse the semantic variations. It focused on the dimensions of social inequality in the stories and the positioning of the prospective reader. The methodology consisted of three stages dedicated respectively to the analysis of the generic structure of the texts, to the identification and classification of the semiotic resources which construe the meanings in the texts, and to the identification and analysis of the semantic variations in the reinstantiation of the source text. The interface between the Social Semiotics for multimodality and the cultural branch of Translation Studies was created through the concept of ideology and it allowed to establish that reinstantiation is the same as rewriting. The study operationalized a methodology for the investigation of reinstantiation in the visual modality, and its application made it possible to demonstrate that visual reinstantiation occurs mainly through the overlapping of ideational meaning potential between the images of the two stories. Finding that the visual narratives in *Voices in the Park* reconstrue the visual narrative in *A Walk in the Park*, with distinct images which present various degrees of meaning overlapping in relation to the source text, resulted in the proposal of three levels of visual reinstantiation. The study proposed the concept of reillustration, parallel to that of rewriting, for the type of reinstantiation which occurs between visual narratives. In reference to Jakobson (1959), the phenomenon of interpreting visual signs by means of other visual signs which occurs in reillustration was denominated intravisual translation. The results confirmed that *A Walk in the Park* privileges the use of ideational resources to construe semantic parallelism and to emphasize the dimension of social class, and that the addition of interpersonal resources in *Voices in the Park* functions to construe the individualities and the ideologies of the character-narrators. The results also showed that the

semiotic resources used to construe the dimensions of inequality are mainly ideational in both texts and that the manipulation of the semiotic resources in *Voices in the Park* served to dealign the prospective reader with the values of the bourgeois middle class woman and to naturalise the discourse of the working class child, aligning the reader with the values of this character-narrator, and disclosing the political role of the translation.

Keywords: Rewriting. Reinstantiation. Translation of Children's Literature. Intralingual translation. Intravisual translation. Picture books.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – A hierarquia da realização..... | 47 |
| Figura 2 – A hierarquia da instanciação..... | 48 |
| Figura 3 – Hierarquia da individuação..... | 49 |
| Figura 4 – Sistema de ideação..... | 68 |
| Figura 5 – Rede de sistemas de relações taxonômicas..... | 69 |
| Figura 6 – As relações taxonômicas em <i>A Walk in the Park</i> | 69 |
| Figura 7 – Nuclearidade na oração..... | 71 |
| Figura 8 – Rede de Sistemas de valoração..... | 73 |
| Figura 9 – Estrutura do livro ilustrado <i>Voices in the Park</i> | 85 |
| Figura 10: Réplica, emulação e recriação em relação à instanciação..... | 233 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Objetivos, hipóteses e perguntas de pesquisa..... | 23 |
| Quadro 2 – Fases comuns à família das estórias..... | 44 |
| Quadro 3 – Exemplo de análise das categorias ideacionais..... | 55 |
| Quadro 4 – Exemplo de análise das categorias interpessoais..... | 61 |
| Quadro 5 – Os estágios e as funções dos gêneros escritos relato e narrativa..... | 89 |
| Quadro 6 – Categorias para a análise ideacional na modalidade visual..... | 91 |
| Quadro 7 – Categorias para a análise interpessoal na modalidade visual..... | 91 |
| Quadro 8 – Categorias de análise das relações taxonômicas..... | 93 |
| Quadro 9 – Categorias de análise das relações nucleares..... | 93 |
| Quadro 10 – Categorias de análise de atitude..... | 94 |
| Quadro 11 – Categorias de análise de gradação..... | 94 |
| Quadro 12 – Exemplo do alinhamento dos textos..... | 97 |
| Quadro 13 – Estrutura genérica de <i>A Walk in the Park</i> | 108 |
| Quadro 14 – Estrutura genérica de <i>First Voice</i> | 110 |
| Quadro 15 – Estrutura genérica de <i>Second Voice</i> | 111 |
| Quadro 16 – Estrutura genérica de <i>Third Voice</i> | 113 |
| Quadro 17 – Estrutura genérica de <i>Fourth Voice</i> | 114 |
| Quadro 18 – Paralelismo semântico ideacional verbal na Orientação de WP..... | 119 |
| Quadro 19 – Paralelismo semântico ideacional verbal na Reorientação de WP..... | 137 |
| Quadro 20 – Orientação de FV e equivalente em WP..... | 139 |
| Quadro 21 – Subfases 1a-f da Complicação de FV e equivalentes em WP..... | 141 |
| Quadro 22 – Subfase 1g da Complicação de FV e equivalente em WP..... | 145 |
| Quadro 23 – Fase 2 da Complicação de FV e equivalente em WP..... | 146 |
| Quadro 24 – Avaliação de FV..... | 148 |
| Quadro 25 – Subfase 1a da Resolução de FV e equivalente em WP..... | 151 |
| Quadro 26 – Subfase 1b da Resolução de FV e equivalente em WP..... | 153 |
| Quadro 27 – Subfase 1c da Resolução de FV e equivalente em WP..... | 154 |
| Quadro 28 – Orientação de SV e equivalente em WP..... | 157 |
| Quadro 29 – Subfases 1a-b do Registro dos Eventos de SV e equivalentes em WP..... | 160 |
| Quadro 30 – Subfase 1c do Registro dos Eventos de SV e equivalente em WP..... | 163 |
| Quadro 31 – Imagem 6.2 de SV e equivalente em WP..... | 164 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 32 – Subfases 1c-d do Registro dos Eventos de SV e equivalente em WP..... | 165 |
| Quadro 33 – Subfase 1a da Reorientação de SV e equivalente em WP..... | 167 |
| Quadro 34 – Subfase 1b da Reorientação de SV e equivalente em WP..... | 168 |
| Quadro 35 – Orientação de TV e equivalente em WP..... | 171 |
| Quadro 36 – Fase 1 do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP..... | 173 |
| Quadro 37 – Imagem 9.1 de TV e equivalente em WP..... | 176 |
| Quadro 38 – Fase 3 do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP..... | 177 |
| Quadro 39 – Subfases 2a-b do Registro dos Eventos de TV e equivalentes em WP..... | 179 |
| Quadro 40 – Subfases 2c-e do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP..... | 181 |
| Quadro 41 – Fase 3 do Registro dos Eventos de TV..... | 183 |
| Quadro 42 – Subfases 4a-b do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP..... | 184 |
| Quadro 43 – Subfases 4c-f do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP..... | 186 |
| Quadro 44 – Subfases 1a da Reorientação de TV, 7b do Registro dos Eventos de WP e 1a da Resolução de FV..... | 188 |
| Quadro 45 – Subfase 1b da Reorientação de TV e equivalente em WP..... | 189 |
| Quadro 46 – Subfase 1b da Reorientação de TV e equivalente em WP..... | 190 |
| Quadro 47 – Coda de TV e equivalente em WP..... | 192 |
| Quadro 48 – Orientação de FoV e equivalentes em WP..... | 194 |
| Quadro 49 – Subfases 1a-e do Registro dos Eventos de FoV e equivalentes em WP..... | 196 |
| Quadro 50 – Imagem 13.1 de FoV e equivalente em WP..... | 199 |
| Quadro 51 – Subfases 2a-b do Registro dos Eventos de FoV e equivalentes em WP..... | 200 |
| Quadro 52 – Subfases 2c-d do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP..... | 202 |
| Quadro 53 – Subfase 3a do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP..... | 204 |
| Quadro 54 – Subfases 3b-c do Registro dos Eventos de FoV e equivalentes em WP..... | 206 |
| Quadro 55 – Subfase 3d do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP..... | 208 |
| Quadro 56 – Subfase 4a do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP..... | 210 |
| Quadro 57 – Subfase 4b do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP..... | 211 |
| Quadro 58 – Coda de FoV e equivalente em WP..... | 212 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ET – Estudos da Tradução

FV – *First Voice*

FoV – *Fourth Voice*

LND – Leitura de Narrativas Visuais

NE – Narrador Externo

NP – Narrador-Personagem

SD – Semântica do Discurso

SV – *Second Voice*

TF – Texto-fonte

TSF – Teoria Sistêmico-Funcional

TT – Texto Traduzido

TV – *Third Voice*

VP – *Voices in the Park*

WP – *A Walk in the Park*

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 20 |
| | PARTE I – DO APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO..... | 25 |
| 2 | OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO..... | 26 |
| 2.1 | A TRADUÇÃO COMO REESCRITA..... | 28 |
| 2.2 | A TRADUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL..... | 30 |
| 2.2.1 | A literatura infantil..... | 30 |
| 2.2.2 | Os livros ilustrados..... | 33 |
| 2.2.3 | Literatura infantil e ideologia..... | 35 |
| 3 | SOCIOSSEMIÓTICA..... | 39 |
| 3.1 | METAFUNÇÕES..... | 40 |
| 3.2 | SISTEMAS, POTENCIAL DE SIGNIFICADO, DELICADEZA E EIXOS..... | 41 |
| 3.3 | ESTRATIFICAÇÃO..... | 41 |
| 3.4 | GÊNEROS..... | 42 |
| 3.4.1 | Tipologia, estágios e fases do gênero estória..... | 43 |
| 3.5 | CALIBRAGEM E ACOPLAMENTO..... | 46 |
| 3.6 | HIERARQUIAS..... | 47 |
| 3.7 | REINSTANCIAÇÃO E IDEOLOGIA..... | 49 |
| 4 | OS MODELOS PARA A ANÁLISE DA REINSTANCIAÇÃO..... | 53 |
| 4.1 | O MODELO PARA LEITURA DE NARRATIVAS VISUAIS..... | 53 |
| 4.1.1 | Sistemas ideacionais visuais..... | 54 |
| 4.1.2 | Sistemas interpessoais visuais..... | 60 |
| 4.2 | O MODELO SEMÂNTICO-DISCURSIVO..... | 67 |
| 4.2.1 | Sistemas ideacionais verbais..... | 68 |
| 4.2.2 | Sistemas interpessoais verbais..... | 72 |
| 5 | ESTUDOS EMPÍRICOS..... | 76 |
| 5.1 | ESTUDOS EMPÍRICOS DOS ET EM LIVROS ILUSTRADOS BASEADOS EM TEORIAS LITERÁRIAS..... | 76 |
| 5.2 | ESTUDOS EMPÍRICOS DOS ET EM LIVROS ILUSTRADOS BASEADOS NA TSF..... | 76 |
| 5.3 | ESTUDOS EMPÍRICOS EM LIVROS ILUSTRADOS BASEADOS NA TSF COM ENFOQUE NA INTERMODALIDADE..... | 78 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 5.4 | ESTUDOS EMPÍRICOS EM OUTROS TEXTOS NARRATIVOS BASEADOS NA TSF..... | 79 |
| 6 | SOBRE OS TEXTOS E O AUTOR..... | 84 |
| 6.1 | TEXTOS SELECIONADOS PARA O ESTUDO..... | 84 |
| 6.2 | POSICIONANDO OS TEXTOS EM SEUS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO..... | 85 |
| 7 | METODOLOGIA..... | 89 |
| 7.1 | ETAPA 1: ANÁLISE DA ESTRUTURA GENÉRICA..... | 89 |
| 7.2 | ETAPA 2: ANÁLISE DOS RECURSOS SEMIÓTICOS..... | 90 |
| 7.2.1 | Metodologia para análise da modalidade visual..... | 90 |
| 7.2.2 | Metodologia para análise da modalidade verbal..... | 92 |
| 7.2.3 | Metodologia para análise da intermodalidade..... | 95 |
| 7.3 | ETAPA 3: ANÁLISE DAS VARIAÇÕES SEMÂNTICAS..... | 95 |
| 7.3.1 | Metodologia para o alinhamento dos textos..... | 96 |
| 7.3.2 | Metodologia para a análise da reinstanciação ideacional na modalidade verbal..... | 97 |
| 7.3.3 | Metodologia para a análise da reinstanciação interpessoal na modalidade verbal..... | 98 |
| 7.3.4 | Metodologia operacionalizada para a análise da reinstanciação na modalidade visual..... | 99 |
| 7.3.4.1 | Metodologia para a análise da reinstanciação ideacional na modalidade visual.. | 100 |
| 7.3.4.2 | Metodologia para a análise da reinstanciação interpessoal na modalidade visual..... | 102 |
| | PARTE II – DOS RESULTADOS..... | 105 |
| 8 | ANÁLISE DA ESTRUTURA GENÉRICA..... | 107 |
| 8.1 | A WALK IN THE PARK..... | 107 |
| 8.2 | FIRST VOICE..... | 110 |
| 8.3 | <i>SECOND VOICE</i> | 111 |
| 8.4 | THIRD VOICE..... | 112 |
| 8.5 | FOURTH VOICE..... | 114 |
| 8.6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 115 |
| 9 | A ANÁLISE MULTIMODAL DE <i>A WALK IN THE PARK</i>..... | 116 |
| 9.1 | A ORIENTAÇÃO DE WP..... | 116 |
| 9.2 | A FASE 1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP..... | 121 |

| | | |
|--------------|---|------------|
| 9.3 | A FASE 2 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP..... | 121 |
| 9.4 | A FASE 3 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP..... | 124 |
| 9.5 | A FASE 4 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP..... | 125 |
| 9.6 | A FASE 5 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP..... | 126 |
| 9.7 | A FASE 6 DO REGISTRO DE EVENTOS DE WP..... | 127 |
| 9.7.1 | A subfase 6a do Registro dos Eventos de WP..... | 128 |
| 9.7.2 | A subfase 6b do Registro de Eventos de WP..... | 128 |
| 9.7.3 | A subfase 6c do Registro de Eventos de WP..... | 129 |
| 9.7.4 | A subfase 6d do Registro de Eventos de WP..... | 130 |
| 9.7.5 | A subfase 6e do Registro de Eventos de WP..... | 131 |
| 9.7.6 | A subfase 6f-g do Registro de Eventos de WP..... | 131 |
| 9.8 | A FASE 7 DO REGISTRO DE EVENTOS DE WP..... | 132 |
| 9.9 | A FASE 8 DO REGISTRO DE EVENTOS DE WP..... | 134 |
| 9.10 | A REORIENTAÇÃO DE WP..... | 135 |
| 9.11 | A CODA DE WP..... | 138 |
| 10 | FIRST VOICE..... | 139 |
| 10.1 | A ORIENTAÇÃO DE FV..... | 139 |
| 10.2 | AS SUBFASES 1A-F DA COMPLICAÇÃO DE FV..... | 141 |
| 10.3 | A SUBFASE 1G DA COMPLICAÇÃO DE FV..... | 145 |
| 10.4 | A FASE 2 DA COMPLICAÇÃO DE FV..... | 146 |
| 10.5 | A AVALIAÇÃO DE FV..... | 148 |
| 10.6 | A SUBFASE 1A DA RESOLUÇÃO DE FV..... | 151 |
| 10.7 | A SUBFASE 1B DA RESOLUÇÃO DE FV..... | 153 |
| 10.8 | A SUBFASE 1C DA RESOLUÇÃO DE FV..... | 154 |
| 11 | SECOND VOICE..... | 157 |
| 11.1 | A ORIENTAÇÃO DE SV..... | 157 |
| 11.2 | AS SUBFASES 1A-B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE SV..... | 159 |
| 11.3 | A SUBFASE 1C DO REGISTRO DE EVENTOS DE SV..... | 163 |
| 11.4 | A IMAGEM 6.2 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE SV..... | 164 |
| 11.5 | AS SUBFASES 1C-D DO REGISTRO DOS EVENTOS DE SV..... | 165 |
| 11.6 | A SUBFASE 1A DA REORIENTAÇÃO DE SV..... | 167 |
| 11.7 | A SUBFASE 1B DA REORIENTAÇÃO DE SV..... | 168 |
| 12 | THIRD VOICE..... | 171 |
| 12.1 | A ORIENTAÇÃO DE TV..... | 171 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 12.2 | A FASE 1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV..... | 173 |
| 12.3 | A IMAGEM 9.1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV..... | 176 |
| 12.4 | A FASE 3 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV..... | 177 |
| 12.5 | AS SUBFASES 2A-B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV..... | 179 |
| 12.6 | AS SUBFASES 2C-E DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV..... | 180 |
| 12.7 | A IMAGEM 10.1 DO REGISTRO DE EVENTOS DE TV..... | 183 |
| 12.8 | AS SUBFASES 4A-B DO REGISTRO DE EVENTOS DE TV..... | 184 |
| 12.9 | AS SUBFASES 4C-F DO REGISTRO DE EVENTOS DE TV..... | 186 |
| 12.10 | A SUBFASE 1A DA REORIENTAÇÃO DE TV..... | 188 |
| 12.11 | A SUBFASE 1B DA REORIENTAÇÃO DE TV..... | 189 |
| 12.12 | A SUBFASE 1B DA REORIENTAÇÃO DE TV..... | 190 |
| 12.13 | A CODA DE TV..... | 192 |
| 13 | FOURTH VOICE..... | 194 |
| 13.1 | A ORIENTAÇÃO DE FOV..... | 194 |
| 13.2 | A FASE 1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 196 |
| 13.3 | A IMAGEM 13.1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 199 |
| 13.4 | AS SUBFASES 2A-B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 200 |
| 13.5 | AS SUBFASES 2C-D DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 202 |
| 13.6 | A SUBFASE 3A DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 204 |
| 13.7 | AS SUBFASES 3B-C DO REGISTRO DE EVENTOS DE FOV..... | 206 |
| 13.8 | A SUBFASE 3D DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 208 |
| 13.9 | A SUBFASE 4A DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 209 |
| 13.10 | A SUBFASE 4B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV..... | 210 |
| 13.11 | A CODA DE FOV..... | 212 |
| 14 | DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | 215 |
| 14.1 | O TEXTO-FONTE..... | 215 |
| 14.2 | A PRIMEIRA REINSTANCIAÇÃO..... | 216 |
| 14.3 | A SEGUNDA REINSTANCIAÇÃO..... | 218 |
| 14.4 | A TERCEIRA REINSTANCIAÇÃO..... | 221 |
| 14.5 | A QUARTA REINSTANCIAÇÃO..... | 223 |
| 14.6 | AS PERGUNTAS E AS HIPÓTESES..... | 226 |
| 15 | CONCLUSÃO..... | 243 |
| 15.1 | DAS LIMITAÇÕES DA PESQUISA..... | 247 |
| 15.2 | DAS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA..... | 248 |

| | |
|-------------------------|------------|
| REFERÊNCIAS..... | 251 |
|-------------------------|------------|

1 INTRODUÇÃO

A relevância dos livros ilustrados enquanto meios de aprendizagem e enculturação da criança motiva esta pesquisa, que investiga os livros ilustrados *A Walk in the Park* (WP) e *Voices in the Park* (VP), de Anthony Browne, a fim de ler VP como tradução de WP. O estudo visa também a relacionar os conceitos de reescrita, da abordagem dos estudos culturais da tradução, e de reinstanciação¹, da abordagem sociosemiótica. Ênfase é dada à reinstanciação das dimensões de desigualdade social e ao posicionamento do leitor prospectivo, e a complementaridade das hierarquias da realização, instanciação e individuação da Teoria Sistêmico-Funcional (TSF) martiniana (MARTIN, 2006, 2008c, 2010) é utilizada para a investigação dos textos. WP conta o passeio ao parque de duas famílias de classes sociais distintas da perspectiva de um narrador externo² e VP relata o mesmo passeio da perspectiva de quatro personagens: a mãe e o filho da família de classe alta e o pai e a filha da família de classe baixa.

Na presente pesquisa, os livros ilustrados são entendidos como textos bimodais³, ou seja, compostos por recursos de dois sistemas semióticos distintos, o visual e o verbal. Nesse tipo de texto, o significado global é maior do que a soma dos significados de cada modo semiótico, pois é construído na interação entre os modos. Portanto, uma abordagem sociosemiótica da multimodalidade é adotada para estudá-los. A multimodalidade concerne fenômenos discursivos que abrangem modos semióticos diversos – linguagem verbal, imagem, som, espaço, movimento, entre outros.

O estudo se justifica por ampliar o uso da abordagem sociosemiótica de análise multimodal do discurso para os textos literários bimodais, ainda pouco frequente (TIAN, 2011); por estender a abrangência da análise da reinstanciação e do uso da complementaridade das hierarquias da realização, instanciação e individuação (MARTIN, 2010) aos livros ilustrados; e por inovar ao associar o conceito de reinstanciação ao conceito de reescrita na análise de livros ilustrados, estabelecendo uma ponte entre a Sociosemiótica e os Estudos da Tradução (ET). Justifica-se ademais pela relevância dos textos multimodais nas

1 Este conceito é apresentado na seção 3.7 desta tese.

2 Narrador é aqui entendido da perspectiva da Narratologia, como a fonte geradora do discurso; segundo Bal (1990, p. 122), o narrador externo é aquele que não faz referência explícita a si como sendo personagem da fábula e o narrador-personagem é aquele que é personagem da fábula narrada por ele mesmo.

3 Aqui, modo diz respeito a modalidade semiótica, e não a canais de comunicação.

sociedades atuais (TIAN, 2011) e pela importância dos livros ilustrados para a formação da criança, em termos educacionais e sociais (*ibid*).

Nos Estudos da Tradução, Oittinen, Ketola e Garavini (2018) atualizaram e expandiram a visão sobre a tradução interlinguística de livros ilustrados. O trabalho enfocou a relevância das imagens para a tradução, utilizando os mecanismos de interpretação dos tradutores para investigar a interação intersemiótica. Paula (2018) utilizou o aporte da TSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e da gramática visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) para investigar a relação tradutória em livros ilustrados por meio das relações semânticas que se estabelecem nos complexos bimodais de Figuras ideacionais. Na interface entre os ET e a sociossemiótica, Magalhães, Leitão e Fernandes (2017) analisaram as mudanças tradutórias referentes ao uso de recursos avaliativos (MARTIN; WHITE, 2005) e à apresentação da fala de personagens (LEECH; SHORT, 2007) em um *corpus* paralelo bilíngue de 18 livros ilustrados. A partir da TSF martiniana, com base na semântica do discurso (MARTIN; ROSE, 2007) e no modelo para análise de imagens em narrativas (PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013), Casali (2018) trabalhou com as variações semânticas ideacionais na tradução de um livro ilustrado e Cunha (2018) estudou as variações ideacionais e as interpessoais de ambiência na tradução de um livro ilustrado quanto à construção de gênero.

Dentre os estudos que investigaram a intermodalidade em livros ilustrados com a abordagem sociossemiótica da TSF, Moya Guijarro (2014) analisou a intersemiose na construção de significados ideacionais, interpessoais e textuais em contos infantis, a partir dos recursos léxico-gramaticais (HALLIDAY, 1978, 2004) e dos recursos da gramática visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Tian (2011) estudou a construção de significados avaliativos em dez livros ilustrados de Anthony Browne. O estudo utilizou os sistemas de VALORAÇÃO (MARTIN; WHITE, 2005) para a análise da modalidade verbal e propôs um sistema para a análise de afeto na modalidade visual, além de utilizar os sistemas de FOCALIZAÇÃO e de AMBIÊNCIA (PAINTER, 2007). A interação entre as modalidades semióticas foi investigada por meio da noção de calibragem (PAINTER; MARTIN, 2011).

Com abordagem sociossemiótica, Martin (2006, 2008a, 2008c) propôs o uso das hierarquias da instanciação e individuação como complementares à hierarquia da realização para investigar variações semânticas intertextuais em textos de diferentes gêneros em inglês. Sob a perspectiva da hierarquia da instanciação, as noções de calibragem e acoplamento foram utilizadas para medir a intertextualidade quanto à quantidade de significado potencial compartilhado pelas instâncias. A perspectiva da hierarquia da individuação foi aplicada aos

recursos valorativos, permitindo identificar a construção de identidades e afiliação. Martin (2010) retomou a complementaridade das três hierarquias e as noções de acoplamento e calibragem para investigar um texto multimodal.

A pesquisa aqui apresentada insere-se no campo dos ET como um estudo descritivo orientado para o produto. Adota uma abordagem interdisciplinar que aplica conceitos teóricos e categorias de análise da Sociosemiótica aos ET para identificar os recursos semióticos usados e os significados construídos em um texto bimodal e em sua reinstanciação. O aporte também é empregado para investigar as variações semânticas ideacionais e interpessoais, especialmente aquelas relativas à construção das dimensões de desigualdade e ao posicionamento do leitor prospectivo, que ocorrem na reinstanciação das modalidades visual e verbal e afetam o significado global do texto traduzido.

Os modelos utilizados são o de Painter, Martin e Unsworth (2013), para a análise da modalidade visual, e o de Martin e Rose (2007), para a análise da modalidade verbal. As noções de acoplamento e calibragem (MARTIN, 2006, 2008c, 2010) foram empregadas para a análise da intermodalidade e da reinstanciação. Painter, Martin e Unsworth (2013) ampliaram os sistemas da gramática visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) para o estudo de narrativas visuais e propuseram a complementaridade entre os significados visuais e verbais, por meio do acoplamento e da calibragem. Martin e Rose (2007) propuseram os sistemas semântico-discursivos para interpretar discurso como processos sociais. O presente estudo aplica ainda a complementaridade das hierarquias da realização, instanciação e individuação à análise dos recursos semióticos identificados na construção dos textos e das variações semânticas que ocorrem entre os textos. A pesquisa operacionaliza uma metodologia para analisar a reinstanciação dos recursos ideacionais e interpessoais na modalidade visual e propõe três níveis de reinstanciação visual, além do conceito de tradução intravisual.

O conceito de reinstanciação é relacionado nesta pesquisa ao conceito de reescrita de Lefevere (1992) e ao de manipulação, discutido na tradução da literatura infantil. A reescrita implica a manipulação de um texto original em decorrência das ideologias e poéticas em vigor na sociedade e na época de sua produção. A reinstanciação usualmente pressupõe o acesso ao potencial de significado da cultura descartado pelo texto-fonte (TF) para sua reconstrução por meio de diferentes calibragens e acoplamentos que expressam novos significados. Em ambos os casos, o TF e o texto produzido a partir dele estão inseridos em uma cultura. No caso da reescrita, esse fenômeno é observado via teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1978) e noções de normas (TOURY, 1978), que posicionam os textos no sistema literário e esse no

sistema maior, que é a cultura. No caso da reinstanciação, por meio da teoria de gêneros (MARTIN; ROSE, 2008), que subentende que o potencial de significados de uma cultura é efetivado em uma instância propiciadora de significados que é o texto. Assim sendo, este estudo considera que tanto a reescrita quanto a reinstanciação são uma forma de expressão da cultura, sendo influenciadas por ela, ao mesmo tempo que a influenciam.

A revisão dos estudos que embasam este trabalho e os resultados alcançados com o estudo piloto realizado para esta pesquisa deram ensejo à elaboração das hipóteses, às quais foram alinhadas as perguntas de pesquisa e os objetivos específicos. Esses são apresentados no Quadro 1, precedidos pelos objetivos gerais da pesquisa.

Quadro 1 – Objetivos, hipóteses e perguntas de pesquisa

| Objetivos gerais | | |
|---|--|--|
| 1) Interpretar VP como tradução de WP. 2) Relacionar os conceitos de reescrita, da abordagem dos estudos culturais da tradução, e de reinstanciação, da abordagem sociosemiótica. | | |
| Hipóteses | Perguntas de pesquisa | Objetivos específicos |
| Em WP, ênfase é dada aos recursos ideacionais para construir paralelismo semântico e, em VP, ênfase é dada aos recursos interpessoais para construir a individualidade dos personagens e suas ideologias. | Como os recursos ideacionais e interpessoais das modalidades visual e verbal constroem os textos como diferentes? Como a perspectiva das hierarquias da realização, instanciação e individuação contribui para o entendimento dos diferentes significados construídos nos textos? | Identificar os recursos interpessoais e ideacionais dos modos visuais e verbais que constroem as variações semânticas entre os textos. Aplicar as perspectivas das hierarquias da realização, instanciação e individuação para investigar as variações semânticas nos textos. |
| A metodologia empregada para a análise da reinstanciação na modalidade verbal pode servir de base para a elaboração de uma metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade visual. | Como elaborar uma metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade visual com base na metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade verbal? | Operacionalizar uma metodologia para determinar a reinstanciação na modalidade visual. |

| | | |
|--|--|---|
| <p>Diferente da tradução interlingual de livros ilustrados, nas quais usualmente apenas a verbiagem é reinstanciada, uma vez que as imagens são as mesmas, a reinstanciação de WP por VP ocorre também na modalidade visual.</p> | <p>Como é feita a reinstanciação das imagens em VP?</p> | <p>Aplicar a metodologia operacionalizada para verificar como é feita a reinstanciação na modalidade visual.</p> |
| <p>Em paralelo à tradução intralingual, em que as histórias verbais alvo reescrevem a história fonte, as narrativas visuais em VP recontam a história contada pelas imagens em WP.</p> | <p>As histórias contadas pelas imagens de VP podem ser consideradas traduções da história contada pelas imagens de WP?</p> | <p>Verificar se as narrativas visuais em VP podem ser consideradas traduções da narrativa visual em WP.</p> |
| <p>Os recursos semióticos utilizados para instanciar as dimensões de desigualdade, classe social, geração e gênero, são majoritariamente ideacionais em WP e interpessoais em VP.</p> | <p>Como são instanciadas as dimensões de desigualdade, classe social, geração e gênero, em WP e VP?</p> | <p>Identificar as variações semânticas na reinstanciação das dimensões de desigualdade, classe social, geração e gênero, nas modalidades visual e verbal.</p> |
| <p>As principais variações que ocorrem na reinstanciação são interpessoais e posicionam os leitores prospectivos de forma diferente.</p> | <p>Os recursos semióticos calibrados na reinstanciação posicionam os leitores prospectivos de forma diferente?</p> | <p>Determinar como as variações semânticas que ocorrem na reinstanciação de WP posicionam os leitores prospectivos.</p> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Além deste capítulo introdutório, esta tese está dividida em duas partes. A primeira parte é organizada em torno do aporte teórico e metodológico utilizado na pesquisa e a segunda parte, em torno dos resultados alcançados. Ao início de cada parte é indicado o conteúdo tratado em cada um de seus capítulos.

PARTE I – DO APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

A primeira parte desta tese é composta de seis capítulos. O capítulo 2 aborda a fundamentação teórica que concerne aos Estudos da Tradução. O capítulo 3 trata da fundamentação teórica pertinente à Sociossemiótica. O capítulo 4 apresenta os modelos teórico-metodológicos utilizados para a análise dos recursos semióticos visuais e verbais. O capítulo 5 apresenta uma revisão de estudos empíricos que contribuem para situar esta pesquisa na área dos ET e de estudos que utilizam os modelos de análise empregados nesta tese. O capítulo 6 discorre sobre os textos selecionados para a análise, sobre o autor/ilustrador e sobre os contextos de produção e circulação. O capítulo 7 apresenta a metodologia utilizada na pesquisa, inclusive aquela operacionalizada para a análise da reinstanciação na modalidade visual.

2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Esta pesquisa se afilia aos Estudos da Tradução (ET) enquanto um estudo descritivo orientado para o produto. Os ET são um campo disciplinar que começou a se configurar como tal a partir do trabalho inovador de Holmes (2000 [1972]), embora se tenha registro de reflexões sobre a prática da tradução desde Cícero e Horácio, no primeiro século antes da Era Comum. Holmes identificou que os paradigmas e métodos de outros campos de estudos não eram mais suficientes para as questões emergentes a respeito dos fenômenos da tradução e do traduzir. Em resposta à demanda de unir as pesquisas em tradução, então dispersas em campos distintos, e de estabelecer o escopo da nova disciplina, Holmes elaborou um mapa que explica as áreas abarcadas pelos ET.

Até a metade do século XX, os desenvolvimentos relacionadas à teoria da tradução ocidental incluíam, segundo Steiner (1992 [1975]), as discussões sobre tradução literal, livre e fiel, o costume de prescrever regras, diretrizes e dicas para uma boa tradução e de recomendar certos métodos de tradução em detrimento de outros. Na segunda metade do século XX, as discussões passaram a envolver questões linguísticas, especialmente as relacionadas a significado e equivalência. Entre os precursores do debate estão Jakobson (1959), Nida (1964) e Catford (1965), que procuravam equivalência no nível da palavra ou da sentença. Na década de 1980, Gideon Toury deu início à abordagem descritiva da tradução, que propõe a tradução como um fenômeno empírico em determinada posição no sistema literário da cultura onde está inserida. Toury (2012 [1995]) postulou começar a descrever a tradução a partir do texto traduzido, estabelecendo equivalência com os segmentos do texto-fonte. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se a abordagem funcionalista da tradução, com a *Skopos Theory*, que enfatiza o propósito da tradução e o texto como o nível para a busca de equivalência. Essa teoria se embasa nas funções da linguagem propostas por linguistas funcionalistas como Malinowski e Bühler, as quais possibilitaram a Reiss e Vermeer (1984) construírem uma tipologia de gêneros textuais para constatar mudanças de função entre o texto-fonte e o texto traduzido. Em meados da década de 1980, a tradução passou a ser vista da perspectiva da cultura, no que configurou a “virada cultural” dos ET. Susan Bassnett e André Lefevere, expoentes dos estudos culturais aplicados à tradução, criticaram as teorias linguísticas de tradução que se limitavam a comparar os textos-fonte aos traduzidos, sem levar em conta como a tradução e a cultura interagem (BASSNETT; LEFEVERE, 1990). Segundo Malmkjaer (2005, p. 36), a abordagem cultural dos ET enfatiza as relações entre texto e cultura, se baseia em teorias do

discurso que colocam em evidência o papel de construção e manutenção de significados desempenhado pela linguagem e associam tradução e ideologia.

Baker (1999, p. 15-16) explica que o fato de os estudos culturais frequentemente incorporarem um componente político a seus objetos é o motivo principal de os modelos de base linguística utilizados para a análise tradutória serem considerados incompatíveis com a abordagem dos estudos culturais, mesmo quando as análises de cunho linguístico abrangem as questões culturais. Segundo Baker (1999, p. 22-23), “A abordagem dos estudos culturais atribui à tradução o poder de transportar atitudes ideológicas e vê o seu estudo como uma forma não só de revelar essas atitudes mas também de usar o processo tradutório para desafiar posturas hegemônicas diante da sociedade e da cultura.” A autora considera que os críticos às abordagens linguísticas dos ET não têm ciência do desenvolvimento de metodologias e instrumentos linguísticos de análise que permitem o estudo, entre outros, das relações de poder inerentes à tradução, da inserção de ideologia no processo tradutório e das mudanças ideológicas entre textos-fonte e alvo. Baker (1999, p. 28) afirma que a linguística, por fornecer as ferramentas para o estudo do insumo da tradução, continuará a ser a principal disciplina a informar os ET e considera produtiva a integração entre a linguística e os estudos culturais para os ET.

O breve recorte da evolução dos ET apresentado acima mostra a proximidade que de longa data existe entre a linguística e os ET. Nesse âmbito, Malmkjaer (2005, p. 58) informa que foram e ainda são comuns a adoção de “uma teoria linguística como a teoria da tradução”⁴ (MALMKJAER, 2005, p. 58)⁵, “o uso dos estudos da tradução como fonte de dados para a linguística e o uso da linguística como fonte de dados para os estudos da tradução.”⁶ (*ibid*). Malmkjaer (2005, p. 69) utiliza uma teoria linguística para investigar os fenômenos linguísticos que compõem a tradução, descrevendo a relação entre a tradução e o texto traduzido e esclarecendo as reações à tradução. Malmkjaer (2005, p. 21) postula que, tendo-se clareza da tradução como um fenômeno de uma área específica que possui noções, conceitos e teorias próprias, é possível aplicar os conhecimentos de outras disciplinas à tradução para entender os fenômenos inerentes aos ET e expandir o seu escopo.

4 No original: “a linguistic theory as the theory of translation”

5 Esta e todas as demais traduções na tese são de responsabilidade da autora.

6 No original: “the use of translation studies as a source of data for linguistics, and the use of linguistics as a source of data for translation studies.”

Esta pesquisa se alinha com Malmkjaer (2005) no uso de uma teoria originariamente linguística para investigar a tradução de um livro ilustrado. Atentando à crítica de Bassnett e Lefevere (1990) acima mencionada, este estudo emprega a teoria sociossemiótica que considera que além de o texto ser realizado por recursos semióticos – o texto possui estrutura –, ele é uma unidade semântica que instancia o potencial de significado da cultura. Dessa forma, e em conformidade com a dimensão política da abordagem cultural dos ET, a sociossemiótica possibilita uma análise do discurso que investiga a manipulação dos recursos semióticos no texto, associando-a à possível motivação do autor e à cultura na qual os textos foram inseridos. Ademais, esta pesquisa investiga a reinstanciação das dimensões de desigualdade social e o posicionamento do leitor prospectivo, tendo como objeto os livros ilustrados, que pertencem à literatura infantil, considerada um sistema literário periférico.⁷

Este capítulo apresenta os conceitos de reescrita, ideologia, poética e manipulação de Lefevere (1992), situando-os na Teoria dos Polissistemas e associando-os ao conceito de tradução. A seguir, aborda as definições de literatura infantil e livro ilustrado, a ideologia e a manipulação na literatura dirigida ao público infantil. A teoria sociossemiótica é abordada no próximo capítulo.

2.1 A TRADUÇÃO COMO REESCRITA

O conceito de reescrita de Lefevere (1992) é relevante no âmbito da “virada cultural” nos ET. Segundo Bassnett (1998), a virada cultural representou uma mudança de ênfase nos ET, em que as noções formalistas foram substituídas por outras mais amplas, que levavam em conta as convenções, a história e o contexto, visando o entendimento dos processos de manipulação textual. No amplo e variado paradigma dos estudos culturais, o conceito de ideologia é central. A tradição que alimenta a abordagem cultural dos ET adota o conceito crítico, segundo o qual ideologia diz respeito à manutenção de relações assimétricas de poder, e está engajada em mostrar as relações de poder escondidas ou naturalizadas nos textos e que usualmente favorecem os grupos dominantes em uma sociedade.

A concepção de reescrita de Lefevere (1992) abrange dois aspectos. A reescrita é a produção de um texto a partir de um original, condicionada pelas ideologias e/ou poéticas

⁷ Apesar de que dentro da literatura infantil, as obras de Anthony Browne tenham alcançado o cânone.

vigentes em uma sociedade em uma determinada época; é também o produto de tal processo. Lefevere (1992) identifica edição, crítica, antologia, historiografia e tradução como formas de reescrita. O conceito de reescrita parte da Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (1978) e requer o entendimento da literatura enquanto um sistema social complexo. Esse sistema é constituído pelos textos, leitores, escritores e reescritores, e exerce restrições sobre seus agentes humanos (LEFEVERE, 1992, p.12). O sistema literário, por sua vez, está inserido no sistema maior que é a cultura, junto com os demais sistemas sociais que a compõem; esses sistemas interagem entre si e se influenciam. Dessa forma, a produção da reescrita, assim como a do texto original, é determinada pelo contexto cultural no qual está inserida e questões como quem é o reescritor, quem é o leitor prospectivo, o que motiva a reescrita e quais as circunstâncias em que ela ocorre devem ser consideradas quando da análise dos textos.

Na visão de Lefevere (1992), reescrita e tradução estão intimamente relacionadas à ideologia e à poética. O autor entende ideologia como o “conceito do que a sociedade deveria (ser permitida) ser”⁸ (LEFEVERE, 1992, p.14) e poética, como o “conceito do que a literatura deveria (ser permitida) ser”⁹ (*ibid*). A adição entre parênteses nas duas definições implica o reconhecimento das relações de poder que permeiam os conceitos em questão. A poética, por sua vez, possui um componente constitutivo e outro funcional. O primeiro diz respeito ao conjunto de todos os elementos que constituem a literatura e o segundo, ao papel que ela deveria desempenhar no sistema social. No ambiente da cultura – entendida como um “complexo sistema de sistemas”¹⁰ (LEFEVERE, 1992, p. 14) –, dois fatores controlam o sistema literário: o fator interno, constituído pelos profissionais que atuam nesse sistema; e o fator externo, composto pela patronagem, ou seja, as pessoas e instituições com o poder para promover ou impossibilitar as atividades inerentes ao sistema literário. Lefevere (1992) explica que os detentores do poder na cultura geralmente contratam os profissionais do sistema literário para promover sua ideologia e, dessa forma, conseguem controlar a relação entre o sistema literário e os demais sistemas culturais. Por sua vez, os profissionais do sistema literário geralmente (re)escrevem as obras literárias de acordo com os critérios estabelecidos pelos detentores do poder. De acordo com Lefevere (1992), as correntes poéticas e ideológicas vigentes em uma sociedade em determinada época condicionam as (re)escritas e o (re)escritor pode se conformar ou se opor a elas. A dinâmica de adequação ou

8 No original: “[concept] of what society should (be allowed to) be”

9 No original: “concept of what literature should (be allowed to) be”

10 No original: “complex system of systems”

não adequação do texto conforme as ideologias e as poéticas vigentes constitui o que Lefevere (1992) denomina manipulação. Segundo Bassnett e Lefevere (1990), toda reescrita é uma forma de manipulação capaz de promover inovação ou repressão, beneficiando ou prejudicando o sistema literário e a cultura. No âmbito da literatura infantil, O'Sullivan (2019, p. 19) chama atenção para o fato de a tradução da literatura infantil tornar possível ou necessário um maior grau de manipulação do que a tradução da literatura para adultos.

Esta pesquisa aborda a tradução como uma forma de reescrita. A tradução como reescrita compreende os três tipos de tradução entendidos como interpretação dos signos verbais no trabalho seminal de Jakobson (1959): 1) Os signos verbais são interpretados por intermédio de outros signos verbais da mesma língua, resultando em tradução intralingual ou reformulação (*rewording*); 2) Os signos verbais são interpretados recorrendo-se a signos verbais de outra língua, resultando em tradução interlingual ou tradução propriamente dita (*translation proper*); 3) Os signos verbais são interpretados por meio de signos que pertencem a sistemas semióticos não verbais, resultando em tradução intersemiótica ou transmutação (*transmutation*).

Uma vez que o presente estudo tem como objeto de investigação dois livros ilustrados em língua inglesa, o conceito de tradução utilizado é o da primeira categoria de Jakobson (1959).

2.2 A TRADUÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

No âmbito da tradução da literatura infantil, são relevantes para este estudo as características da literatura infantil que contribuem para defini-la, as diversas definições de livro ilustrado e a manipulação na literatura infantil. Esses tópicos são abordados nas três subseções que se seguem.

2.2.1 A literatura infantil

Esta seção apresenta diversas definições de literatura infantil que se complementam,

mas que não encerram a discussão sobre o tópico.

Lesnik-Oberstein (2005) afirma que a definição de literatura infantil é problemática, especialmente pelo fato de que ao se tomar separadamente os termos que compõem este rótulo, tende-se a associá-los a conceitos de outros campos. O’Connell (2006, p. 16) também discorre sobre o fato de que os termos ‘literatura’ e ‘infantil’ cobrem um campo semântico amplo e vago. Knowles e Malmkjaer (1996, p. 2) consideram literatura infantil as narrativas escritas ou publicadas para crianças, adolescentes e jovens. Oittinen, Ketola e Garavini (2018) a delimitam como aquela que as crianças leem em silêncio e que outros leem em voz alta para elas. Sarland (2005, p. 39) considera que o discurso sobre literatura infantil é imbuído de julgamentos de valores decorrentes do que os adultos pensam sobre as crianças e o lugar que elas ocupam na sociedade. Consenso entre esses autores, entre outros, é que tal definição está intimamente relacionada ao público primário a que a literatura se destina. As definições de criança, jovem e infância, por sua vez, diferem histórica e culturalmente.

As tentativas de definir a literatura infantil abarcam ainda a distinção entre os livros infantis e os livros de cunho educacional ou didático e as qualidades literárias dos livros infantis, enquanto obras de arte dotadas de apelo próprio e capazes de cativar e entreter as crianças (LESNIK-OBERSTEIN, 2005, p. 21). Assim sendo, a discussão da literatura infantil está frequentemente relacionada aos seus propósitos, os quais se originam nas particularidades de seus leitores.

Alvstad (2018) explica que, embora primariamente destinada a crianças e jovens, a literatura infantil se caracteriza fortemente pela dualidade ou pluralidade de leitores (*dual or multiple¹¹ reader address*), ou seja, é possível distinguir outro leitor prospectivo nesses livros. Isso implica que os livros possuem diversas camadas de textos, seja na modalidade verbal ou visual, e que algumas camadas chegam diretamente às crianças, enquanto outras carregam significados inter ou extratextuais não acessíveis às crianças, que ainda não possuem certas experiências de vida, mas que engajam o leitor adulto (ALVSTAD, 2018, p. 3-4). Segundo a autora, esse aspecto da literatura infantil deve ser levado em conta na sua tradução e investigação.

Uma característica da literatura infantil que a distingue da literatura em geral é a assimetria de poder que existe entre as crianças leitoras e os mediadores adultos. Alvstad (2018, p. 5) a identifica na relação entre literatura infantil e educação, uma vez que usualmente são os adultos que decidem o que incluir no currículo, e na pluralidade dos

11 Alvstad (2018) prefere o termo *multiple*, embora menos consolidado, por reconhecer uma pluralidade de leitores de idades e experiências diversas e para evitar a dicotomia criança-adulto.

leitores, posto que os adultos usualmente determinam o que as crianças podem ou devem consumir no que concerne à leitura. O’Sullivan (2006, p. 113) afirma que a assimetria de poder na literatura infantil ocorre nos âmbitos educacional, sociocultural, estético e ideológico. Sarland (2005) baseia essa assimetria na dimensão de desigualdade social de geração:

Uma vez que existe um desequilíbrio de poder entre as crianças e jovens que leem os livros e os adultos que escrevem, publicam e criticam os livros, ou que de outra forma estão engajados em comentá-los ou disseminá-los, como pais, ou professores, ou bibliotecários, ou livreiros, ou acadêmicos, imediatamente existe aqui uma questão política, acima de tudo, uma política de diferencial de idade.¹² (SARLAND, 2005, p. 39)

Historicamente, o surgimento da literatura infantil está vinculado ao ensino das boas maneiras e das virtudes religiosas às crianças de classe social alta. No século XVII, o aparecimento de livros especificamente para crianças se deveu à então recente noção de que as crianças eram seres dóceis e inocentes, diferentes dos adultos. A decisão de educar e disciplinar as crianças fez surgir a demanda, ainda incipiente e restrita, por livros que contemplassem suas capacidades e necessidades distintas. Ainda no início do século XVII, adaptações de contos de fadas e de contos populares vieram compor um princípio de literatura infantil. Shavit (1986, p. 8-9) já identifica dois leitores prospectivos nos contos de fada dessa época. Nos séculos XIX e XX, obras canônicas passaram a ser adaptadas para as crianças. Os livros para crianças se difundiram por diversos países por meio de traduções ou de adaptações na língua alvo. Assim sendo, além do vínculo com a educação, a literatura infantil esteve, desde os seus primórdios, intimamente relacionada à adaptação, reescrita e tradução (ALVSTAD, 2018).

Na tradução da literatura infantil, Alvstad (2018) constata uma maior tendência a mudanças de estilo e de conteúdo do que na tradução de outras literaturas. Essas mudanças visam, entre outros, proporcionar maior acessibilidade, conformar o texto às convenções da cultura alvo e atualizar os valores e as ideias para a nova geração. Alvstad (2018) discute a questão ética na tradução da literatura infantil, apontando que os valores promovidos nos

¹² No original: “Since there is an imbalance of power between the children and young people who read the books, and the adults who write, publish and review the books, or who are otherwise engaged in commentary upon, or dissemination of the books, either as parents, or teachers, or librarians, or booksellers, or academics, there is here immediately a question of politics, a politics first and foremost of age differential.”

textos alvo e fonte podem variar, questionando a validade das interferências feitas nos livros para o público infantil e frisando a responsabilidade dos mediadores em face da assimetria de poder em relação às crianças e jovens leitores.

2.2.2 Os livros ilustrados

Oittinen, Ketola e Garavini (2018) fazem um apanhado de diversas definições de livros ilustrados apresentadas em pesquisas anteriores, alocando-as em seis categorias¹³ maiores, de acordo com as abordagens utilizadas. Essa categorização é apresentada a seguir e oferece uma noção da diversidade de abordagens possíveis para os livros ilustrados.

A primeira categoria inclui as definições de livros ilustrados como um tipo de livro. Dessa perspectiva, podem ser vistos como um objeto manufaturado para ser comercializado e que possui características físicas peculiares, como o formato. Também são vistos como um tipo de literatura ou mesmo de gênero, embora esse último não seja muito aceito, pois geralmente considera-se que os livros ilustrados incluem gêneros diversos.

Na segunda categoria, os livros ilustrados são definidos a partir das duas modalidades semióticas que os compõem. Essas definições tendem a enfatizar a estória como dependente da interação entre as modalidades, a construção de um significado global maior do que aqueles apresentados por cada uma das modalidades, a sinergia dessa interação para produzir o significado maior e a criação de camadas de significados que podem ser interpretados de maneiras diversas. Uma maior importância da modalidade visual é assinalada em algumas definições desta categoria, seja apontando uma predominância quantitativa das imagens sobre as palavras ou valorizando a estética e a capacidade narrativa das imagens. As definições desta categoria também englobam aquelas provenientes da perspectiva da multimodalidade. Elas consideram os textos multimodais como aqueles que fazem uso de diversos modos semióticos e incluem os livros ilustrados como representativos deste tipo de texto.

A terceira categoria engloba as definições que consideram que os livros ilustrados criam significado por meio da sequência de imagens, apontando a relevância do virar das páginas para o movimento e ritmo da narrativa.

13 As quatro primeiras categorias provêm da proposta de Andreu (2007 *apud* OITTINEN; KETOLA; GARAVINI, 2018).

As definições da quarta categoria têm como ponto principal a leitura, retomando a noção da pluralidade dos leitores prospectivos. Essas definições destacam que as crianças são o público primário dos livros ilustrados, mas que eles devem interessar também aos adultos, uma vez que são os adultos que performam a leitura para as crianças, proporcionando a experiência compartilhada de leitura.

A quinta categoria leva em conta o efeito dos livros ilustrados no público. Algumas definições salientam os livros ilustrados como “veículos para carregar ideologia e valores de uma cultura: eles introduzem e fortalecem ideias sociais, normas e mensagens de identidade.”¹⁴ (OITTINEN, KETOLA; GARAVINI, 2018, p. 21). Outras definições dentro desta categoria abordam os livros ilustrados a partir de suas funções pedagógicas, salientando seu potencial para o trabalho com vocabulário, com conceitos complexos, e para o desenvolvimento do pensamento crítico, entre outros. Há também as definições que destacam o poder de entreter dos livros ilustrados.

Na última categoria, os livros ilustrados são definidos como arte, com ênfase na intenção estética.

Cabe apontar que as diversas definições para livros ilustrados disponibilizadas em Oittinen, Ketola e Garavini (2018) frequentemente se encaixam em mais de uma categoria, pois os vários autores citados abordam mais de uma das características e/ou funções dos livros em questão. Essas definições se sobrepõem, não se opõem e não visam a limitar o livro ilustrado; são pontos de vista a partir dos quais se pode abordar o objeto. Em seu primeiro capítulo, Painter, Martin e Unsworth (2013) versam sobre características e funções dos livros ilustrados presentes em todas as seis categorias acima mencionadas. Para esta pesquisa, que utiliza a abordagem sociosemiótica da multimodalidade aplicada aos ET, são de relevância as perspectivas dos livros ilustrados a partir de sua bimodalidade e também como transmissores de ideologia e valores sociais. Considerando-se o que foi exposto nesta seção e na anterior e tendo em vista que os livros de Anthony Browne analisados nesta pesquisa são bimodais, apresentam interdependência entre as modalidades visual e verbal para construir o significado global dos textos, foram escritos e ilustrados por um adulto primariamente para o público infantil, são por si obras de arte providas de qualidades atraentes para as crianças, mas que também podem interessar os adultos, WP e VP são classificados como livros ilustrados.

14 No original: “vehicle to convey ideology and values of a culture: they introduce and strengthen social ideas, norms and messages of identity.”

2.2.3 Literatura infantil e ideologia

Pode-se começar a discussão sobre ideologia e literatura infantil de uma perspectiva mais ampla que considera que “toda escrita é ideológica”¹⁵ (SARLAND, 2005, p. 41). Essa perspectiva se baseia no entendimento de ideologia como “toda adoção, suposição, consideração e discussão de valores sociais e culturais, de forma aberta ou encoberta”¹⁶ (*ibid*) e na discussão feita por Sarland (2005, p. 41) de que a ideologia é intrínseca à linguagem, pois todo sistema semiótico vai além da denotação, apresentando uma função avaliativa que é permeada por ideologia.

Stephens (2018) concorda que ideologia informa e molda o discurso em todos os seus aspectos e aponta o papel que os textos para o público infantil têm de “manter, e às vezes redefinir, os valores sociais os quais, assume-se, são compartilhados pelo texto e pelo público”¹⁷ (STEPHENS, 2018, p. 137). O autor explica que os membros de uma sociedade ou comunidade compartilham os elementos essenciais de uma ideologia e instituem as práticas sociais de acordo com objetivos, valores e normas a fim de construir o que consideram ser a sociedade ideal. Stephens (2018) afirma que a ideologia é imprescindível à sociedade por funcionar como a estrutura cognitiva que a molda. Aponta como aspectos da ideologia social tudo o que determinada sociedade considera valioso e significativo em suas práticas sociais, as noções que possui sobre sua própria estrutura e o que é plausível no que diz respeito à autoridade e à individualidade. Toda literatura produzida em determinada sociedade é imbuída dessa ideologia e se posiciona contra ou em prol dela. Segundo Stephens (2018), os livros para crianças usualmente fazem parte das práticas culturais que visam a socializar as crianças.

Stephens (2018) afirma que as ideologias são inscritas nos textos nos níveis da estória (*story*) e da significação (*significance*) como significados secundários pouco visíveis que podem ir além do tema da estória:

15 No original: “all writing is ideological”

16 No original: “all espousal, assumption, consideration, and discussion of social and cultural values, whether overt or covert”

17 No original: “to sustain, and sometimes redefine, social values that are assumed to be shared by text and audience”

Menos abertamente, a ideologia está implícita na maneira como a estória que o público deduz do texto é orientada para o mundo real: tal orientação reside nas suposições que o autor faz sobre a natureza do mundo, sobre o bem e o mal, sobre o que constitui uma experiência humana valiosa e desejável e sobre que tipo de pessoa uma criança deve aspirar a ser. Mesmo que os eventos da estória sejam totalmente ou parcialmente impossíveis na realidade, as sequências narrativas, as relações entre os personagens, os processos de inferência, os aspectos da modalidade visual, e assim por diante serão modelados de acordo com formas reconhecíveis e essa modelagem pode expressar ideologia em si mesma na medida em que implica suposições a respeito das formas da existência humana. Atitudes sexuais, raciais e de classe estereotipadas, com práticas sociais concomitantes, vêm, de longa data, sendo implicitamente inscritas desta forma.¹⁸ (STEPHENS, 2018, p. 137)

A inscrição da ideologia no texto implica uma relação entre o autor e o leitor na qual, de forma consciente ou não, o autor escreve a partir de seu posicionamento ideológico e o leitor lê a partir de seu posicionamento ideológico. Tal constatação remete ao desequilíbrio de poder – mencionado na seção 2.2.1 – entre o autor, que é geralmente um adulto, e o leitor primário, que é uma criança ou um jovem, e à perspectiva mais restrita e crítica de ideologia adotada por Knowles e Malmkjaer (1996, p. 43), que relaciona o uso de significados ao estabelecimento e à manutenção das relações de dominação. Knowles e Malmkjaer (1996) explicam que, em sua tarefa de socializar as crianças, os adultos procuram fazer com que as crianças se comportem e assumam um lugar na sociedade de acordo com o que os adultos consideram apropriado e que para tanto podem agir conscientemente, empregando sua força física superior, punições e recompensas, ou subconscientemente, frequentemente e de forma bastante efetiva, por meio da linguagem.

Essas noções são consonantes com as apresentadas em Stephens (2018) de que as crianças precisam aprender a operar dentro dos códigos linguísticos e sociais utilizados para que a coesão social seja mantida. Neste contexto, a literatura infantil pode ser utilizada para tornar as crianças membros competentes da sociedade. Segundo Flanagan (2013, p. 14), “[os livros ilustrados] estabelecem esquemas cognitivos para categorias normativas de identidade e

18 No original: “Less overtly, ideology is implicit in the way the story an audience derives from a text is oriented towards the actual world: such orientation resides in the assumptions an author makes about the nature of the world, of good and evil, of what is valuable and desirable human experience, and of what kind of person a child should aspire to be. Even if the story’s events are wholly or partially impossible in actuality, narrative sequences, character inter-relationships, processes of inference, aspects of visual modality, and so on will be shaped according to recognizable forms, and that shaping can in itself express ideology insofar as it implies assumptions about the forms of human existence. Stereotypical sexual, racial and class attitudes, with concomitant social practices, have long been implicitly inscribed in this way.”

formas de comportamento"¹⁹ e, portanto, podem retratar de forma impensada ideologias que não são questionadas.

Historicamente, segundo Sarland (2005, p. 40-41), a discussão sobre ideologia na literatura infantil nos séculos XVIII e XIX girou em torno dos objetivos didáticos e morais dos livros para crianças, que na época promoviam os valores sociais abertamente com esses propósitos proselitistas. Na década de 1970, a discussão, que havia ficado dormente por grande parte do século XX, foi retomada utilizando o rótulo ideologia, porém, ainda não se tinha consciência de quão profunda e sutilmente a ideologia poderia estar inscrita nos textos (SARLAND, 2005, p. 51). O autor explica que, naquela época, a promoção dos valores foi associada à representação dos personagens e aos seus papéis e que a representação da classe média branca e as visões conservadoras sobre classe, raça e gênero eram prevalentes nos livros para crianças na Grã-Bretanha na década de 1970. Para combater o preconceito, incentivou-se a inclusão de personagens de cor preta, do sexo feminino e da classe trabalhadora nos livros para crianças, o que supostamente promoveria valores antirracistas, antissexistas e a favor da classe trabalhadora. WP, escrito em 1977, parece fazer isso ao intercalar o passeio da família de classe baixa com o passeio da família de classe média alta. Esse ponto é retomado na discussão dos resultados desta pesquisa.

Sarland (2005, p. 47) afirma que a discussão sobre ideologia nos livros para crianças começou a mudar quando Hollindale (1988) identificou ideologia inserida de forma subliminar nesses livros, inscrita no próprio material que constrói a estória, além da ideologia que se manifesta abertamente e daquela menos evidente, mas que ainda pode ser identificada nas falas dos personagens ou em outros pontos dentro da narrativa (SARLAND, 2005, p. 47). Na década de 1990, Stephens (1992) aprofundou a pesquisa trazendo novas perspectivas sobre como as histórias são moldadas, sobre a construção dos leitores prospectivos e o papel ideológico desses livros. A visão de Stephens (2018) sobre a complexa inserção da ideologia nos livros infantis foi apresentada mais acima. Foi neste contexto que Browne reescreveu WP. Parece possível afirmar que VP utiliza recursos mais complexos para promover valores sociais do que WP. Esse ponto também é retomado na discussão dos resultados.

Nesta subseção, partiu-se da visão mais genérica de que a ideologia está presente em toda linguagem, passando-se pela noção mais estreita de ideologia como mantenedora das relações de poder para, por fim, atestar o uso da linguagem como instrumento para a

19 No original: “[picture books] establish the cognitive schemata for normative categories of identity and forms of behaviour”

manutenção ou o questionamento ideológico. Tentou-se também situar os livros analisados nesta pesquisa no desenrolar histórico da discussão sobre ideologia nos livros escritos para crianças. Nesta pesquisa, a ideologia é tratada por meio da identificação dos recursos semióticos dos livros ilustrados utilizados para instanciar as dimensões de desigualdade, classe social, geração e gênero, e para posicionar os leitores prospectivos em relação aos valores sociais apresentados e naturalizados no texto.

O próximo capítulo discorre sobre a sociossemiótica.

3 SOCIOSSEMIÓTICA

Nesta pesquisa, a abordagem sociossemiótica da multimodalidade é aplicada aos ET. A teoria sociossemiótica foi inicialmente desenvolvida no âmbito da Teoria Sistêmico-Funcional (TSF) por Halliday e Hasan (1976) e Halliday (1978, 1985)²⁰ para a linguagem verbal. A teoria sociossemiótica concerne a construção de significados (*semiosis*) que ocorre no âmbito social, por meio de interações sociais. Na abordagem sociossemiótica, os textos são considerados processos sociais, ou seja, manifestações da cultura na qual estão inseridos e que ao mesmo tempo ajudam a construir (MARTIN, 1992, p. 493). Para abarcar toda a dimensão do texto, a TSF se constitui de uma teoria linguística e de uma teoria de contexto. A primeira engloba a parte estrutural da linguagem e a segunda considera “o contexto do texto como um sistema semiótico (ou sistemas) que se manifesta total ou parcialmente por meio da linguagem.”²¹ (MARTIN, 1992, p. 493). Assim sendo, a TSF é um modelo de língua no contexto social que abrange a vida social para explicar como a língua funciona. Complementarmente, é uma teoria de linguagem sociossemiótica que procura explicar a vida em sociedade e fomentar mudança social. Ainda no âmbito da sociossemiótica para a linguagem verbal, Martin (1992) e Martin e Rose (2007) propuseram os sistemas semântico-discursivos para interpretar discurso como processos sociais utilizados nesta pesquisa.

Posteriormente, a constatação de que a linguagem verbal não era capaz de expressar todos os significados, mas era apenas um dos meios entre tantos, resultou em uma reorientação da teoria sociossemiótica para contemplar os diferentes potenciais para construção de significados. Da perspectiva multimodal, a sociossemiótica propõe-se abarcar todos os modos – imagem, fala, gesto, escrita, cores, imagem em movimento, layout, música, trilha sonora e objetos tridimensionais, entre outros. Kress (2010, p. 79) define modo como um recurso semiótico que tem por finalidade a construção de significados e que é moldado na vida social e disponibilizado na cultura, ou seja, esses recursos são produzidos ao longo do

20 Halliday (1978) explicita os pressupostos e conceitos desenvolvidos em trabalhos desde os anos sessenta e Halliday (1985) resulta da compilação e expansão de trabalhos realizados anteriormente na proposta de uma gramática funcional do inglês com base na teoria sistêmico-funcional geral.

21 No original: “the context of a text as a semiotic system (or systems) manifested in whole or in part through language.”

tempo pela seleção e uso que uma sociedade faz de aspectos da materialidade²² (*affordance of the material*) de cada modo.

Nesse contexto, o crescimento das pesquisas na área de Análise Multimodal do Discurso (*Multimodal Discourse Analysis*) deu ensejo ao desenvolvimento de gramáticas diversas como a do som, do movimento, do espaço tridimensional, do filme, entre outras. De relevância para a presente pesquisa, Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) desenvolveu os sistemas semióticos necessários para a análise de imagens – a gramática visual –, que foram adaptados e expandidos por Painter, Martin e Unsworth (2013) para a leitura de narrativas visuais. Esta pesquisa se alinha com Painter, Martin e Unsworth (2013) em uma abordagem da multimodalidade que trabalha a partir das *modalidades*²³ visual e verbal do livro ilustrado para identificar os recursos semióticos que constroem os significados em cada modalidade e investigar o significado global que é construído na interação entre as modalidades.

Este capítulo objetiva apresentar os conceitos e as dimensões básicas da TSF e da Sociossemiótica indispensáveis para a abordagem adotada nesta pesquisa. A fim de promover o diálogo entre a teoria sociossemiótica aqui adotada e a noção de reescrita de Lefevere (1992), este capítulo inclui um paralelo entre o conceito de reinstanciação e o de reescrita. Os demais conceitos abordados são: metafunções, sistemas, eixos, potencial de significado, delicadeza, estratificação, gêneros, calibragem, acoplamento e hierarquias.

3.1 METAFUNÇÕES

A TSF trabalha a linguagem a partir das funções que ela desempenha nos contextos sociais. Essas funções são denominadas metafunções e organizam as escolhas de significados disponíveis no sistema linguístico em três domínios semânticos complementares. A metafunção ideacional reúne os recursos para construir a experiência humana (função experiencial) e para estabelecer relações entre diferentes estruturas (função lógica); a

22 São exemplos da materialidade dos modos o som, a grafia, o movimento, a luz, entre outros. O mesmo material pode originar diferentes modos, dependendo da forma como é trabalhado por membros de um grupo social (KRESS, 2010, p. 80).

23 Painter, Martin e Unsworth (2013, p. 2) reconhecem que pode haver ocorrência de significados visuais e verbais em diferentes modos – conforme Kress (2010). Os autores utilizam o termo modalidade para se referirem aos recursos semióticos visuais e verbais nos livros ilustrados, marcando sua distinção de modo.

metafunção interpessoal, os recursos que permitem encenar as relações sociais; e a metafunção textual congrega os recursos para organizar o discurso.

3.2 SISTEMAS, POTENCIAL DE SIGNIFICADO, DELICADEZA E EIXOS

A TSF organiza a linguagem enquanto opções de escolha de significados disponíveis no sistema linguístico. Essas possibilidades de escolha operam no âmbito das metafunções. Cada escolha feita representa um contraste entre o que foi dito/escrito em detrimento daquilo que poderia ter sido dito/escrito. Desta forma, a TSF privilegia as relações paradigmáticas entre os recursos de linguagem que realizam significados, organizando-os em redes de sistemas. A escolha de uma opção em uma determinada rede de sistemas disponibiliza outro sistema, que demanda outra escolha, e assim sucessivamente, até a escolha final feita pelo usuário da língua, dentro das opções disponíveis. A ordenação dessas opções dentro da rede de sistemas é feita da esquerda para a direita e constitui a escala de delicadeza. Quanto mais para a direita a escolha do usuário se encontra, mais delicada ela é. A escolha final acumula significados de todas as opções precedentes no caminho percorrido. Por exemplo, o sistema de RELAÇÕES TAXONÔMICAS – ver Figura 5 – tem, em seu primeiro nível de delicadeza, as opções repetição, sinonímia, contraste, classe e parte. Escolhendo-se a opção contraste, ela disponibiliza outras duas opções, opostos ou séries, que estão no segundo nível de delicadeza do sistema. Escolhendo-se a opção opostos, ela disponibiliza, no terceiro nível de delicadeza do sistema, as opções antônimos ou conversos. A totalidade das opções de escolha de significados constitui o potencial de significado do sistema linguístico (ou de qualquer outro sistema semiótico). Cada opção de significado do sistema é realizada estruturalmente por um sintagma. Segundo Martin e Rose (2008, p. 23), na perspectiva sistêmico-funcional, as relações sintagmáticas resultam das escolhas paradigmáticas e a complementaridade entre sistema e estrutura se dá por meio da interação entre o eixo vertical paradigmático e o eixo horizontal sintagmático.

3.3 ESTRATIFICAÇÃO

Estratificação diz respeito à divisão do sistema linguístico em níveis de abstração distintos, denominados estratos (HALLIDAY, 1978). Há dois estratos mais gerais, que são o da linguagem e o do contexto. Na TSF martiniana (MARTIN, 1992), os estratos da linguagem, a partir do mais concreto, são fonologia/grafologia, léxico-gramática e semântica do discurso, e os estratos do contexto são registro e gênero (MARTIN; ROSE, 2008)²⁴. Esses níveis operam em uma hierarquia, na qual os estratos mais abstratos são sucessivamente recodificados pelos padrões dos estratos menos abstratos, em uma dinâmica denominada metarredundância. Observando essa hierarquia em sentido oposto, do nível mais concreto para o nível mais abstrato, têm-se padrões de formas de expressão – fonológicos ou grafológicos – reinterpretados como léxico-gramática, padrões de léxico-gramática reinterpretados como semântica do discurso, padrões semântico-discursivos reinterpretados como registro e padrões das variáveis do registro reinterpretados como gênero.

3.4 GÊNEROS

No modelo estratificado de contexto social de Martin, têm-se, portanto, os estratos do registro e do gênero. O estrato do registro é composto pelas variáveis campo, sintonia e modo²⁵. Segundo Martin e Rose (2008, p. 11), campo diz respeito à atividade social; sintonia, às interações entre os participantes; e modo, ao papel da linguagem. De acordo com Martin (2010, p. 13), em metarredundância com estrato anterior, campo congrega os padrões ideacionais; sintonia, os interpessoais; e modo, os textuais, tecendo os padrões ideacionais e interpessoais de acordo com o papel da linguagem e o canal de comunicação.

Martin modelou gênero como complementar ao estrato do registro, pois entende que configurações recorrentes de significados das variáveis campo, sintonia e modo caracterizam determinado gênero, ao encenar as práticas sociais de determinada cultura (MARTIN; ROSE, 2008). Isso implica que os membros de uma cultura são capazes de reconhecer os diversos

24 Na TSF hallidayana, os estratos do contexto são contexto de situação e contexto de cultura; e os contextos de situação variam de acordo com campo, sintonia e modo – que são as variáveis do registro.

25 Aqui o termo “modo” não se relaciona aos conceitos abordados anteriormente nesta pesquisa. Os estratos do gênero e do registro – este por meio de suas variáveis – podem ser vistos na Figura 1, compondo o contexto na hierarquia da realização.

gêneros nela disponíveis, por meio dos padrões típicos de significados presentes nas diversas situações sociais. Assim sendo, a cultura pode ser entendida como um sistema de gêneros.

O termo gênero refere-se, portanto, a “diferentes tipos de textos que encenam vários tipos de contextos sociais”²⁶ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 8). Operacionalmente, gêneros são definidos como “processos sociais organizados em estágios e orientados para um objetivo”²⁷ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 6), sendo que os estágios dizem respeito aos passos necessários para alcançar o objetivo.

3.4.1 Tipologia, estágios e fases do gênero estória²⁸

Os textos investigados nesta pesquisa foram identificados como pertencentes ao gênero estória e, conforme constatado por Rothery e Stenglin (1997) ao explorar a estrutura desse gênero, estória não é um processo social homogêneo. Segundo as autoras, a tipologia das estórias inclui os gêneros relato, narrativa, *exemplum* e observação e é baseada no propósito social de entreter, comum aos quatro gêneros. Além de entreter, as estórias servem também para atingir objetivos socioculturais ideologicamente motivados. O propósito social de cada gênero é alcançado por meio dos estágios, que têm funções específicas. Sobre os gêneros que são investigados nesta pesquisa, Rothery e Stenglin (1997, p. 239-240) afirma que o relato cria solidariedade, aproximando as pessoas por meio de experiências comuns. A narrativa valoriza a individualização e a necessidade de manter estabilidade na cultura e é usada para ensinar formas de comportamento culturalmente valorizadas, ou seja, visa a inspirar o indivíduo a lidar com problemas para superar as adversidades e restabelecer a usualidade nas sequências de atividades nos campos típicos de uma cultura.

Os estágios funcionais dos gêneros formam padrões de significados nos textos e são relativamente estáveis dentro de um gênero. A Orientação é um estágio inicial que cria o contexto para os demais estágios da estória e, embora seja considerada um estágio opcional do gênero, é típica de todos os tipos de estória. Os estágios intermediários das estórias são obrigatórios, pois são os principais responsáveis por distinguir um tipo de estória de outro. O

26 No original: “[...] different types of texts that enact various types of social contexts.”

27 No original: “[...] staged, goal oriented social processes.”

28 Ciente de que o item lexical passou por transformação ortográfica na língua portuguesa, a autora se posiciona de forma resistente, ao mesmo tempo em que tenta instaurar tal item como um termo técnico.

gênero relato tem como estágio intermediário o Registro dos Eventos, que apresenta a sequência dos eventos; a narrativa tem a Complicação, na qual um contratempo rompe a sequência de atividades. Como estágio de fechamento, o relato tem a Reorientação, estágio opcional que faz referência ao início da estória para concluí-la. A narrativa tem um estágio final obrigatório, a Resolução, uma vez que a complicação precisa ser resolvida de alguma forma para que a estória volte a certa estabilidade. A Coda é um estágio final opcional que pode ocorrer em qualquer tipo de estória; a coda avalia retrospectivamente os eventos e pode insinuar a moral da estória. A Avaliação, a princípio considerada um estágio obrigatório por Rothery e Stenglin (1997) para o gênero narrativa, pode ocorrer de forma intercalada no texto, de acordo com Macken-Horarik (2003, p. 289). Assim sendo, os recursos valorativos podem ser identificados em diversas partes do texto e podem convergir, criando ressonância e expandindo o espaço semântico da avaliação, ou podem divergir, indicando mudança. As avaliações apresentam significados interpessoais e, tanto no gênero narrativa quanto no relato, podem ser realizadas por todos os tipos de atitude – descritos no próximo capítulo. No gênero narrativa, o estágio opcional de avaliação funciona retrospectivamente para mostrar reação em face dos contratempos nos eventos precedentes, que assim podem ser considerados uma Complicação; também funciona prospectivamente criando a expectativa de que os eventos subsequentes venham a ser uma Resolução (MARTIN; ROSE, 2008, p. 68). No gênero relato, as avaliações geralmente são realizadas prosodicamente e podem ser identificadas no entorno dos eventos no desenrolar da estória.

Os estágios se subdividem em fases discursivas, que são recursos utilizados para levar a estória adiante. Por serem semânticas, considera-se que as fases não podem ser generalizadas. No entanto, Martin e Rose (2008, p. 82) identificou recursos comuns na família das estórias e propôs nove tipos de fases para esse gênero. Elas se distinguem por suas funções de engajamento do leitor, no desenrolar da estória. Os tipos de fases e suas funções são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Fases comuns à família das estórias

| Tipos de fases | Funções de engajamento |
|----------------------------------|--|
| cenário (<i>setting</i>) | apresentar o contexto (identidades, atividades, lugares) |
| descrição (<i>description</i>) | evocar o contexto (figuras sensoriais) |
| eventos (<i>events</i>) | apresentar eventos sucessivos |
| efeito (<i>effect</i>) | apresentar uma consequência material |
| reação (<i>reaction</i>) | apresentar uma consequência comportamental/atitudinal |

| | |
|--------------------------------|--|
| problema (<i>problem</i>) | apresentar uma contraexpectativa que cria tensão |
| solução (<i>solution</i>) | apresentar uma contraexpectativa que alivia a tensão |
| comentário (<i>comment</i>) | introduzir comentários do narrador |
| reflexão (<i>reflection</i>) | introduzir pensamentos dos participantes |

Fonte: Adaptado de Martin e Rose (2008, p.82).

A mudança de uma fase a outra reflete os diferentes significados presentes em cada parte do texto. Segundo Macken-Horarik (2003, p. 289), os indicadores de mudança de fase são: 1) mudança de domínio experiencial; 2) mudança para o interior ou para o exterior da consciência do personagem; 3) mudança de voz; 4) mudança de padrões de escolhas valorativas. De acordo com Martin e Rose (2008, p. 83), outro fator que contribui para identificar as mudanças de fases são as variações temáticas. Na TSF martiniana, o Tema²⁹ é “basicamente tudo até e incluindo o participante que funciona como Sujeito da oração”³⁰ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 190) no texto escrito. O Sujeito é a escolha prototípica de Tema no idioma inglês e, caso outras escolhas de significados ideacionais o precedam – como os elementos circunstanciais e os participantes que não são o Sujeito –, o Tema é considerado marcado. Por exemplo, em *Then I saw him talking to a very rough-looking child, then* é Tema marcado, pois é um recurso do sistema ideacional de CONJUNÇÃO e precede o Sujeito *I*. O Tema marcado é atípico e sinalizador de descontinuidade – em termos das identidades no discurso, das configurações de tempo, lugar, entre outras –, característica das mudanças de fase. Essas variações temáticas, assim como os quatro indicadores acima, refletem as mudanças de sintonia e campo entre as fases. Mais especificamente, essas mudanças podem ser identificadas no texto por meio das conjunções, dos recursos valorativos e do léxico relativo a lugares, pessoas e atividades.

No sistema de gêneros de histórias de Martin e Rose (2008, p. 81), o relato difere dos demais gêneros visto que não apresenta um contratempo, enquanto a narrativa apresenta uma contraexpectativa, que é avaliada e resolvida. Rothery e Stenglin (1997, p. 238-239) afirma que o relato nem sempre apresenta sequências de atividades previsíveis ou sem adversidades; porém a ausência de um enfoque interpessoal faz com que essas adversidades não alcancem significância. Já na narrativa, o contratempo gera um problema para os participantes e deve ser resolvido para que haja um retorno a certa estabilidade. Os significados interpessoais são

29 Tema é um dos recursos da metafunção textual que organiza o fluxo de informação no texto.

30 No original: “basically everything up to and including the participant that functions as the Subject of the clause.”

ênfatizados na Avaliação, que pode ser em relação a algo já passado na estória ou como predição, e tornam o contratempo na Complicação significativa.

3.5 CALIBRAGEM E ACOPLAMENTO

Calibragem e acoplamento são duas dimensões de análise textual empregadas por Martin (2006, 2008a, 2008c, 2010) em estudos que contemplam a complementaridade das hierarquias – apresentadas na próxima seção – e a multimodalidade. As noções de acoplamento e calibragem também são utilizadas por Martin (2006, 2008c) para analisar a intertextualidade.

A calibragem diz respeito à quantidade de potencial de significado utilizado no processo de instanciação, resultando na especificidade do significado que é instanciado. Essa medida é determinada pelo fato de determinado sistema de significado ter sido solicitado ou não e, se solicitado, quantos sistemas opcionais foram solicitados e em qual grau de delicadeza (Martin, 2008c, p. 45). Escolhas diferentes constituem instâncias diferentes que podem carregar mais ou menos significado. O exemplo (1), de *First Voice* (FV), carrega mais significado por ser mais calibrado do que o exemplo (2), de WP. O texto bimodal pode trazer mais ou menos significados por meio de qualquer uma das modalidades semióticas.

(1) *Our pedigree Labrador*

(2) *Their dog*

O acoplamento pode ser interpretado de duas maneiras. Mais amplamente, o acoplamento pode ser entendido como “significados que coocorrem mais frequentemente do que o esperado em um texto ou em um grupo de textos com referência a normas que podem ser especificadas”³¹ (MARTIN, 2008c, p. 56). Mais estritamente, o acoplamento diz respeito às “maneiras pelas quais os significados se combinam, enquanto pares, tripletos, quadripletos ou qualquer outro número de escolhas coordenadas das redes de sistemas”³² (MARTIN, 2008c, p. 39). O acoplamento pode ocorrer dentro de uma mesma metafunção ou entre metafunções, dentro de uma mesma modalidade semiótica ou entre modalidades. As escolhas

31 No original: “meanings which co-occur more frequently than expected in a text or set of texts with reference to specifiable norms”.

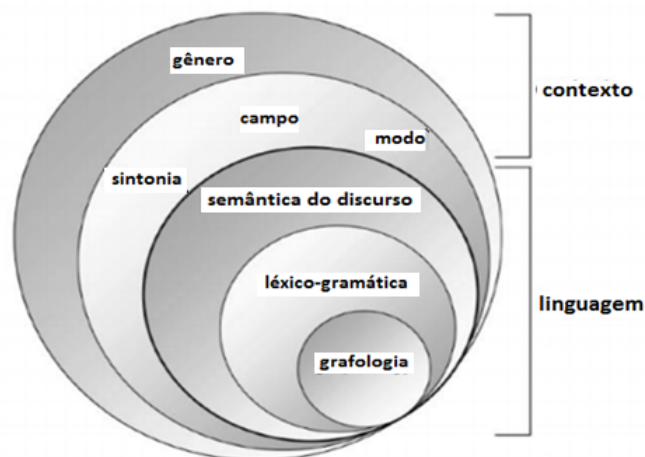
32 No original: “the ways in which meanings combine, as pairs, triplets, quadruplets or any number of coordinated choices from system networks”.

acopladas podem ser convergentes, quando calibram significados semelhantes, divergentes, quando calibram significados que se opõem, ou podem amplificar os significados, quando acrescentam novos significados. A convergência de significados ideacionais é denominada concordância, e a de significados interpessoais, ressonância.

3.6 HIERARQUIAS

A hierarquia que relaciona os diferentes estratos da linguagem – discutidos na seção 3.3 – é a hierarquia da realização. Portanto, a realização é a interação entre uma determinada opção de significado no sistema linguístico e sua forma de expressão – gramatical para a linguagem escrita ou fonológica para a linguagem falada. A realização pressupõe metarredundância e “não é direcional” (MARTIN; ROSE, 2008, p. 30)³³, significando que todo estrato constrói e é reconstruído pelo nível subsequente. Segundo Martin (2010, p. 26), a realização é uma escala de abstração, pois relaciona estratos em diferentes níveis de abstração, e de signos, por meio dos quais, no nível menos abstrato, os significados em níveis mais abstratos são efetivados no texto. A Figura 1 apresenta os estratos da hierarquia da realização. Martin (2006, p. 285) chama a atenção para a posição de gênero no topo da hierarquia, uma vez que constitui o nível mais alto de padrões de padrões, ou seja, congrega os significados mais abstratos.

Figura 1 – A hierarquia da realização



33 No original: “realization is not directional”

Fonte: Adaptada de Martin (2008c, p. 32).

As hierarquias da instanciação e da individuação são complementares à da realização. Segundo Martin (2006, p. 284-285), a instanciação é uma escala de generalização – ou especificidade (*specificity*)³⁴, quando olhada de cima para baixo – que relaciona o potencial de significado linguístico total da cultura a determinadas escolhas feitas a partir desse sistema e efetivadas por meio da realização no texto. O texto, por sua vez, configura uma instância da totalidade de opções disponibilizadas pelo sistema, a qual tem o potencial de propiciar leituras divergentes. Desta forma, as inúmeras instâncias de uso agregam o potencial de significado da cultura (MARTIN, 2008a, p. 34). A instanciação é também uma hierarquia de acoplamento (MARTIN, 2010, p. 26), porque especifica, no desenrolar do texto, as inúmeras possibilidades de combinações de significados disponibilizadas pela hierarquia da realização para que determinado ato de comunicação possa acontecer. A Figura 2 apresenta os níveis da hierarquia da instanciação. Martin (2006, p. 285) salienta a posição de gênero abaixo do sistema na hierarquia da instanciação, uma vez que cada gênero constitui um subpotencial semântico do sistema linguístico.

Figura 2 – A hierarquia da instanciação



Fonte: Adaptada de Martin (2006, p. 285).

Individuação é o termo utilizado por Martin (2006, 2010) para a escala de especialização que relaciona o potencial de significado de uma cultura – aqui denominado reservatório – ao repertório de uso mobilizado por cada indivíduo (BERNSTEIN, 2000 [1996], p. 157). Nessa hierarquia, o movimento descendente no contínuo é denominado

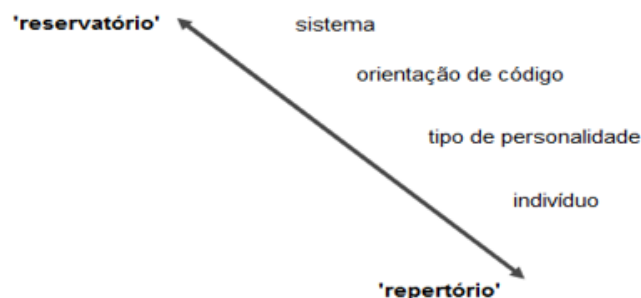
³⁴ Martin (2008c, p. 53)

individuação e classifica as identidades a partir da cultura como um todo, passando pelas identidades mestres (*master identities*), subculturas, até as personalidades individuais (*personae*). Segundo Martin (2008c, p. 52), os indivíduos e os diversos grupos sociais escolhem e combinam significados de formas distintas, trazendo implicações para essa trajetória no contínuo. O movimento ascendente no contínuo é denominado afiliação e negocia as identidades, ou seja, nessa trajetória, o indivíduo se alinha com determinadas subculturas que formam as identidades mestres que, por sua vez, compõem uma cultura. Martin (2010, p. 26) considera que a hierarquia da individuação é uma hierarquia de vínculos (*bonds*), pois é por meio deles que os indivíduos se identificam e se agregam.

Segundo Martin (2010, p. 24), o repertório de um indivíduo é dependente das regras de reconhecimento e realização presentes na cultura. Essas regras foram conceituadas e categorizadas na teoria de orientação de código de Bernstein. As regras de reconhecimento permitem ao indivíduo discernir diferentes contextos e se orientar segundo as expectativas e legitimidades dos contextos. Essas regras dizem respeito à noção de classificação (*classification*), que determina os limites que separam as categorias de identidade de uma cultura, ao poder ideológico e à trajetória descendente no contínuo da individuação. As regras de realização capacitam o indivíduo para a produção de práticas e textos culturalmente específicos. Elas se relacionam à natureza da comunicação (*framing*), ao controle sobre os gêneros e à trajetória ascendente no contínuo.

A Figura 3 apresenta a hierarquia da individuação.

Figura 3 – Hierarquia da individuação



Fonte: Adaptada de Martin (2006, p. 294) e Martin (2010, p. 24).

3.7 REINSTANCIACÃO E IDEOLOGIA

O conceito de reinstanciação de Martin (2006) abarca dois aspectos. De acordo com Martin (2006, p, 286), quando o potencial de significado de um texto – instância – fonte é reconstituído por outro, esse último é considerado uma reinstanciação da instância prévia. Além de denominar o produto, o termo reinstanciação também diz respeito ao processo de reconstrução do potencial de significado de uma instância por outra. Segundo Martin (2008c, p. 49-50), é preciso acessar o potencial de significado que havia sido excluído pela instância anterior para aumentar a calibragem da reinstanciação, indo mais acima na hierarquia da instanciação, em um processo denominado distanciação (*distantiation*).

O conceito de reinstanciação adotado nesta pesquisa está inserido na teoria de gêneros de Martin e Rose (2008), de abordagem sociossemiótica. Tal teoria inclui a noção de que todo sistema semiótico é um potencial de significado de uma cultura e de que a cultura é um sistema de gêneros. Dessa forma, determinado processo social demanda certas escolhas no potencial de significado da cultura, dependentes do tipo de atividade social realizada, do tipo de relação social estabelecida e do canal de comunicação utilizado. Essas escolhas, restringidas pelas combinações de possibilidades de realização, dão origem a uma instância do potencial de significado, que é o texto. Os recursos semióticos que efetivam os significados nos textos desempenham as funções de construção da realidade e da experiência, de relação entre os participantes do discurso e o leitor e de organização textual. Todos esses fatores implicam que a cultura exerce e sofre influência sobre/dos textos, sejam eles o texto-fonte ou suas reinstanciações.

Nesta pesquisa, argumenta-se que o conceito de reinstanciação é semelhante ao conceito de reescrita de Lefevere (1992). Esses conceitos vêm de teorias com bases distintas e a autora procura estabelecer a interface por meio de uma interpretação do que há de semelhante entre eles, sem se aprofundar no arcabouço teórico utilizado por Lefevere. Assim sendo, a noção da sociossemiótica de que o sistema semiótico é um potencial de significado de uma cultura e o texto é uma instância deste potencial pode ser colocada em paralelo à ideia de Even-Zohar da cultura como um sistema abrangente, com a literatura e a literatura traduzida como sistemas que compõem a cultura. Deste modo, é possível enxergar a cultura como um potencial de significados com recursos ilimitados que são os (arte) fatos sociais e culturais, entre eles os textos literários escritos e reescritos. Tomando os conceitos de instanciação e reinstanciação discutidos acima, é possível entender a escrita como a escolha de certos recursos culturais para efetivar determinados significados da cultura no texto e a reescrita como a escolha de outros recursos disponíveis na cultura para construir significados semelhantes (ou um tanto quanto diferentes) em um novo texto. Assim sendo, considera-se

que reinstanciar significa reescrever. Uma das formas de reinstanciação ou reescrita analisada nesta pesquisa é a tradução intralingual.

Assim como na abordagem cultural da tradução, na sociossemiótica a construção de significados está impreterivelmente associada a ideologia. Na teoria de gêneros de Martin e Rose (2008), ideologia não é o conteúdo do discurso em si, mas as relações de poder imbuídas em todo processo de construção de significados (MARTIN; ROSE, 2008, p. 19). De acordo com Martin e Rose (2008, p. 19), a ideologia subordina os membros de uma cultura a determinados grupos de classe social, capacidade, etnia, gênero e geração, condicionando seu acesso ao poder. Isso significa que são as condições e experiências sociais do indivíduo, desde o nascimento, que irão capacitá-lo ou não para produzir discurso de maneira eficaz de acordo com os contextos diversos que tenha aprendido a discernir – as regras de reconhecimento e realização de Bernstein (2000) mencionadas na seção anterior. Assim sendo, o indivíduo adquire controle sobre os gêneros do dia a dia por meio da prática de interações com outros membros da cultura e, ao longo de seu amadurecimento, tende a ter acesso a gêneros mais complexos da cultura. Porém, o controle de gêneros privilegiados – como os acadêmicos, científicos, entre outros – usualmente requer o acesso à educação formal e especializada (MARTIN; ROSE, 2008, p. 18). Na perspectiva sociossemiótica, portanto, ideologia está relacionada à individuação.

Os conceitos de ideologia e individuação de Martin (1992, 2006, 2008, 2010), nesta pesquisa, entram em diálogo com as concepções de ideologia e poética de Lefevere (1992). Retomando a definição de ideologia como o “conceito do que a sociedade deveria (ser permitida) ser” (LEFEVERE, 1992), constata-se que os termos ‘permitida ser’ destacam as relações de poder que regem a construção do próprio significado de ideologia, uma vez que aqueles que permitem uma sociedade ser algo são os mais poderosos. A hierarquia da individuação pode ser relacionada ao componente constitutivo da poética e ao funcionamento dos sistemas literários nacional e traduzido, considerando-se que, em determinada cultura, indivíduos com visões semelhantes sobre o que a literatura dentro de uma cultura deveria ser tendem a se alinhar, compartilhando seus repertórios de linguagens e formando as subculturas e as identidades mestres da cultura. Esses indivíduos tendem a utilizar os meios disponíveis na cultura, como a literatura, para a manutenção de suas ideias. Os fatores classe social, capacidade, etnia, gênero e geração determinam o posicionamento dos indivíduos na sociedade, decorrente de seu poder e controle sobre os recursos semióticos e, conseqüentemente, sobre os recursos materiais disponíveis na cultura. As relações sociais entre os indivíduos também envolvem certo grau de contato e compartilhamento de emoções.

Retomando a complementaridade entre as hierarquias, parece possível associar essa dimensão das relações sociais à hierarquia da realização, mais especificamente ao eixo horizontal solidariedade da variável sintonia, no estrato do registro. Também parece possível estabelecer uma ponte entre os fatores de controle do sistema literário – e do sistema maior da cultura – e o eixo vertical da variável sintonia, onde se localizam as relações de controle e poder.

O próximo capítulo apresenta os modelos de Painter, Martin e Unsworth (2013) e Martin e Rose (2007) utilizados para a análise dos livros ilustrados realizada nesta pesquisa.

4 OS MODELOS PARA A ANÁLISE DA REINSTANCIAÇÃO

A presente pesquisa utiliza dois modelos teórico-metodológicos para a análise da reinstanciação/tradução de WP por VP, a saber, o de leitura de narrativas visuais (LNV) de Painter, Martin e Unsworth (2013) e o da semântica do discurso (SD) de Martin e Rose (2007). Esses modelos foram escolhidos por oferecerem os subsídios necessários para a análise dos significados construídos nas modalidades visual e verbal e na intermodalidade dos livros ilustrados dentro da abordagem pretendida.

Este capítulo está dividido em duas grandes seções. A primeira apresenta o modelo de LNV e o segundo, o modelo da SD. Cada uma dessas seções se subdivide em duas, apresentando primeiramente os sistemas para a análise dos recursos ideacionais, seguidos dos sistemas para a análise dos recursos interpessoais.

4.1 O MODELO PARA LEITURA DE NARRATIVAS VISUAIS

Painter, Martin e Unsworth (2013) adaptaram e expandiram a gramática visual de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) para investigar a textualidade em um *corpus* de 73 livros ilustrados. Lacunas não preenchidas pela gramática visual para o tipo de análise pretendido incluíam a natureza das relações entre imagens em sequência, as possibilidades para explorar ponto de vista na narrativa visual e os recursos de engajamento emocional com o leitor. O estudo seguiu a abordagem metafuncional da TSF e desenvolveu as redes de sistemas de significado visuais para cada uma das metafunções. Também construiu um modelo que utiliza as noções de acoplamento e calibragem (MARTIN, 2006, 2008C) para investigar as relações entre imagem e verbiagem³⁵. Para a análise dos recursos verbais, usou os sistemas de significado de Martin e Rose (2007) e Halliday e Matthiessen (2004). Os autores do estudo em questão se posicionam como linguistas sociossemióticos contribuindo com a Análise Multimodal do Discurso.

No modelo teórico-metodológico de Painter, Martin e Unsworth (2013) para análise de imagens em narrativas, os recursos ideacionais constroem os personagens, as ações e as

35 No modelo para LNV, verbiagem diz respeito à linguagem verbal.

circunstâncias que formam o conteúdo da estória; os recursos interpessoais constroem os sentimentos e a afiliação dos personagens, entre os personagens e entre os personagens e o leitor; e os recursos textuais dão proeminência a determinados elementos ao organizar os significados ideacionais e interpessoais e construir as fases das estórias. As categorias de análise de Painter, Martin e Unsworth (2013) utilizadas nesta pesquisa são descritas a seguir.

4.1.1 Sistemas ideacionais visuais

De acordo com Painter, Martin e Unsworth (2013), quando a modalidade visual apresenta formas e contornos que se assemelham aos existentes no mundo material, o conteúdo retratado imita a realidade material, tornando os significados visuais mais acessíveis às crianças do que os significados verbais. Quando isso não acontece, um trabalho interpretativo se faz necessário para esclarecer confusões entre fenômenos imagéticos e os da realidade material, familiarizando a criança com formas menos convencionais e mais abstratas de representação.

Os sistemas ideacionais para a análise das imagens abordam três categorias de significados experienciais: participantes, processos e circunstâncias. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), os participantes são realizados pelas formas, massas e volumes retratados, os processos, pelos vetores – linhas diagonais geralmente formadas pelos membros dos participantes – e as circunstâncias, pela forma de retratar o cenário.

A fim de ilustrar as categorias de análise descritas nesta seção, o Quadro 3 apresenta, à esquerda, os recursos visuais ideacionais identificados na imagem à direita e em suas relações com a imagem que a precede na estória. Sugere-se que as informações no quadro sejam consultadas ao longo da leitura sobre cada categoria, em vez de se tentar entender todas as informações no quadro de antemão.

Quadro 3 – Exemplo de análise das categorias ideacionais

Aparecimento de personagem³⁶

1. Charles [reaparecer: {[variado: {[status: recuar] e [atribuição: {[aumentar] e [vestuário]} e {[imediato]}]}]}]
2. Mãe [aparecer]
3. Victoria [reaparecer: {[variado: {[status: recuar] e [atribuição: {[diminuir] e [detalhe descritivo]} e {[imediato]}]}]}]

Manifestação de personagem

1. Mãe [metonímica: sombra]
2. Demais participantes [completa]

Relação entre personagens

[coclassificação]

Processos

1. Ação: intransitivo (brincar)
2. Mental: percepção (olhar/observar)

Relação entre eventos

[desdobramento: sucessão: {[entre sequências] e [- causa]}]

Relação entre circunstâncias

[manter grau: mudar contexto: realocar]

Atributo simbólico

Chapéu



Fonte: Elaborado pela autora com imagem do livro *Voices in the Park*, p. [17],1998, de Anthony Browne.

No domínio dos participantes, o enfoque é na identidade e nos atributos dos personagens, tanto em uma imagem quanto na sequência da estória. A aparência física é o único aspecto explícito nas imagens, mas é possível inferir “idade, classe, etnicidade, papel e lugar na família”³⁷ (PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013, p. 56).

Kress e van Leeuwen (2006) distinguem entre imagens narrativas e conceituais, as primeiras apresentando vetores e as segundas, mais estáticas, permitindo o escrutínio de atributos e a caracterização dos personagens. As imagens conceituais ocorrem com frequência no começo do estágio de Orientação, para apresentar os personagens, e em momentos da estória que requerem pausa; uma de suas funções é ensinar a criança a ler significância. Assim sendo, atributos simbólicos, elementos que simbolizam valores relevantes para a construção do tema da estória, são inseridos nas imagens. Outros elementos visuais passam por um processo de iconização (*iconization*)³⁸, que atenua seu significado ideacional de representação e fortalece os significados simbólicos e interpessoais, por meio de certos padrões de escolhas

³⁶ Na imagem, Charles é a criança de costas, a sombra da mãe está sobre ele e Victoria é o cão de pelagem clara.

³⁷ No original: “age, class, ethnicity, role and place in the family.”

³⁸ Este conceito foi introduzido por Martin (2010), conforme mencionado na seção 5.4.

no desenrolar da estória. Um exemplo do processo de iconização em VP é o chapéu vermelho, que deixa de ser simplesmente um chapéu. Em FV, ele passa a simbolizar a mãe de Charles, seus valores e sua classe social. Em TV, o uso que é feito desse chapéu faz com que ele passe a simbolizar também o forte domínio da mãe sobre Charles.

Nos livros ilustrados, um personagem pode ser retratado mais de uma vez em uma mesma página dupla, em diferentes momentos de uma ação, formando uma sequência de atividades. O reaparecimento de um personagem ou objeto, nestes casos, significa uma identidade única e contínua, mas pode confundir o leitor por ser diferente da percepção da realidade. Segundo Painter, Martin e Unsworth (2013), a modalidade visual não apresenta sistemas equivalentes aos de REFERÊNCIA³⁹ (HALLIDAY; HASAN, 1976) ou IDENTIFICAÇÃO (MARTIN, 1992) da modalidade verbal. Portanto, a identidade de um personagem é inferida por meio da repetição de aspectos proeminentes de sua aparência em imagens subsequentes.

Para analisar o retrato de personagens, Painter, Martin e Unsworth (2013) elaboraram os sistemas de MANIFESTAÇÃO DE PERSONAGEM e APARECIMENTO DE PERSONAGEM. A manifestação é [completa]⁴⁰ quando retrata pelo menos a cabeça, pois o cabelo e a face propiciam o reconhecimento do personagem. A manifestação é [metonímica] quando apenas uma parte do corpo e/ou silhueta são retratados. Frequentemente, um personagem é apresentado na estória primeiro em manifestação completa, mas não necessariamente. O primeiro aparecimento de um personagem constitui a opção [aparecer] do sistema de APARECIMENTO DE PERSONAGEM, em oposição a [reaparecer]. Quando [reaparecer] ocorre na imagem subsequente, representa a opção [imediatos], facilitando a inferência da identidade do personagem como a mesma; quando [reaparecer] ocorre em imagens posteriores, depois de uma ausência, representa a opção [posterior]. O reaparecimento também pode ser [inalterado], quando não são identificadas mudanças no personagem, ou [variado], quando há mudanças em relação ao (re)aparecimento anterior daquele personagem.

As opções de variação são de [status] e de [atribuição] e podem ocorrer simultaneamente (tecnicamente diz-se que estão em cosseleção no sistema) ou alternativamente (estão em oposição no sistema). A variação de status diz respeito à movimentação do personagem em relação ao cenário de fundo, se ele se afasta do cenário, a

39 Os nomes dos sistemas são grafados em tipologia VERSALETE, conforme convenção da TSF adotada por Painter, Martin e Unsworth (2013) e Martin e Rose (2007), entre outros que embasam esta pesquisa.

40 As opções dos sistemas são apresentadas entre colchetes, de acordo com Painter, Martin e Unsworth (2013), Painter (2008), Painter (2007), entre outros.

opção é [emergir], e se ele se aproxima, é [recuar]. Esses recursos servem para transformar um personagem circunstancial em principal e para levar a atenção do leitor para elementos sem aparente significância. Assim, são usados com propósitos metafictícios, como subverter as expectativas do leitor quanto à narrativa e distinguir a imaginação do personagem de sua realidade. A variação de atribuição apresenta duas opções simultâneas, a primeira opção diz respeito ao grau da variação que pode [aumentar] ou [diminuir]; a segunda, aos atributos que variam: [detalhe descritivo], [atributo simbólico] ou [vestuário/acessório]. Pequenas variações podem carregar significância simbólica, enquanto grandes variações podem confundir o leitor quanto à identidade do personagem, mas podem funcionar como uma metáfora para remeter ao tema da estória.

A natureza espacial e composicional da semiótica visual favorece a comparação e o contraste, possibilitando relacionar os personagens por meio de suas semelhanças e diferenças. No sistema de RELAÇÕES ENTRE PERSONAGENS, segundo Kress e van Leeuwen (2006), a relação de [coclassificação] acontece quando os personagens são apresentados em imagens simétricas comparáveis em uma página ou quando são alinhados em fila dentro de uma imagem. Essa opção coloca os personagens em uma mesma classe cujo superordenado pode ser expresso na modalidade verbal do texto. A relação de [comparação/contraste] se dá por meio do formato dos personagens ou de seus atributos/acessórios, constituindo as opções [configuracional] e [atributiva], respectivamente. Simultaneamente, as comparações/contrastos podem ser feitas dentro de uma imagem ou entre imagens adjacentes, opção [concomitante], ou em relação a outro ponto anterior da estória, opção [retrospectiva].

Nos livros ilustrados, a maioria dos processos visuais retrata eventos ou ações. Para Kress e van Leeuwen (2006), esses processos devem apresentar vetores. Painter, Martin e Unsworth (2013) entendem que as imagens sem vetores também podem realizar processos que fazem parte da sequência de eventos, porém sem criar movimento. De qualquer forma, os autores identificam cinco tipos de processos visuais: 1. Ação: intransitivo, realizado por um único participante no qual as pernas e/ou braços criam os vetores; 2. Ação: transitivo, com dois participantes, onde os braços ou outros objetos criam vetores entre os participantes; 3. Verbal, com um balão de fala ao final do vetor; 4. Mental: cognição, com um balão de pensamento ao final do vetor; e 5. Mental: percepção, no qual a linha do olhar de um participante para outro constitui o vetor.

Além das ações retratadas em uma imagem, é preciso relacionar as ações no desenrolar da estória. Na modalidade visual, a estratégia semântica de comparação e contraste permite ao leitor inferir a relação entre os eventos em imagens adjacentes ou sucessivas. As opções da rede de sistemas ENTRE EVENTOS funcionam para delimitar “os tipos de relações que temos que inferir para entender a sequência.”⁴¹ (PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013, p. 71). No nível menos delicado, o sistema distingue entre as relações de [projeção] e de [desdobramento]. A primeira apresenta as opções [real], quando, por exemplo, uma imagem retrata o processo “olhar” e a subsequente o que se infere como o objeto do olhar (realidade material), e [imaginada], quando uma imagem retrata o processo “pensar” e a subsequente o que se infere como o objeto do pensar/imaginar. As relações de [desdobramento] são temporais e podem ser de [simultaneidade], quando é possível visualizar ações de diferentes participantes ao mesmo tempo, prototipicamente em imagens adjacentes, com mudança de cenário ou ambiência; ou de [sucessão], quando ações do(s) mesmo(s) participante(s) são retratadas em imagens sucessivas. As relações de [sucessão] podem ocorrer [dentro de uma sequência], se as ações retratadas constituírem uma única sequência de atividades, ou [entre sequências], se as ações retratadas pertencerem a diferentes sequências de atividades; e podem apresentar ou não relação de causa inferível entre as ações na sequência, opções [+ causa] ou [- causa].

Uma sequência é entendida como

uma sucessão lógica de núcleos unidos por uma relação de solidariedade (na concepção Hjelmsleviana de implicação dupla: dois termos pressupõem um ao outro): a sequência abre quando um de seus termos não tem solidariedade antecedente e fecha quando outro de seus termos não tem consequente⁴². (BARTHES, 1977, *apud* PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013, p. 73).

Este conceito é utilizado por Martin (1992) para teorizar sobre as relações paradigmáticas entre sequências de atividades e retomado por Painter, Martin e Unsworth (2013) no contexto das narrativas visuais, casos em que a palavra “eventos” substitui “termos” no conceito acima. Baseado em Barthes (1977), Martin (1992) explica que uma

41 No original: “the kinds of relation we have to infer to make sense of the sequence.”

42 No original: “a logical succession of nuclei bound together by a relation of solidarity (in the Hjelmslevian sense of double implication: two terms presuppose one another): the sequence opens when one of its terms has no solidarity antecedent and closes when another of its terms has no consequent.”

sequência de atividades pressupõe expectativa e contra expectativa e que pode funcionar como um dos núcleos de uma sequência de atividades maior.

Duas opções simultâneas (em cosseleção) são disponibilizadas em [dentro de uma sequência]. A primeira opção distingue entre [manter ritmo], quando o número de imagens utilizadas por ação é semelhante, ou [mudar ritmo], quando o número de imagens por ação é diferente do que o usual para o texto em questão – se o número for menor, a opção selecionada é [acelerar] o ritmo, porque a sequência é contada de forma mais sucinta, e se for maior, é [diminuir], porque a sequência é contada de maneira mais prolongada. A segunda opção diz respeito à expectativa quanto à ação subsequente e distingue entre [+ atendida], quando a expectativa é atendida, e [- atendida], quando uma contra expectativa é criada.

Quanto às circunstâncias, da perspectiva ideacional, o cenário constrói o ambiente onde a ação acontece, especificando a localização espacial. Outros tipos de circunstâncias presentes na modalidade verbal ou são incorporadas no processo, como Modo⁴³, ou não podem ser inscritas na modalidade visual. Não obstante essa limitação, a circunstanciação na imagem é capaz de disponibilizar os detalhes do mundo ficcional para o leitor de forma mais imediata que a verbiagem. A ausência de circunstanciação usualmente enfatiza o afeto ou o comportamento do personagem, ou o processo retratado, e pode também engendrar atitude no leitor. Nos livros ilustrados, além de considerar a circunstância em cada imagem, é preciso levar em conta as relações que se estabelecem entre as circunstâncias de imagem a imagem no decorrer da estória.

A primeira coisa a ser observada é o grau de detalhe circunstancial. Se houver mudança, a rede de sistemas ENTRE CIRCUNSTÂNCIAS disponibiliza a opção [variar grau], que pode ser [descontextualizar], se o cenário circunstancial for removido ou reduzido, ou [recontextualizar], se o cenário for restabelecido ou aumentado. Quando o cenário é descontextualizado, a ênfase é dada ao personagem, favorecendo significados avaliativos (valoração); quando o cenário é recontextualizado, a atenção do leitor volta ao mundo da estória e a ambiência é favorecida. Em contrapartida, se o grau da circunstanciação continuar consistente, a opção do sistema é [sustentar grau], caso em que o local pode permanecer o mesmo [manter contexto] ou ser diferente [mudar contexto]. Um mesmo contexto pode ser retratado de formas diferentes – ângulo, enquadramento, distanciamento, etc – constituindo a opção [nova perspectiva], que pode servir para manter o foco no personagem, incluir um novo

43 Modo aqui não diz respeito a nenhum dos conceitos de modo tratados anteriormente nesta pesquisa, apenas ao tipo de circunstância.

aspecto relevante do ambiente ou marcar o início de uma nova sequência de atividades. Alternativamente, o contexto pode ser retratado como na imagem anterior [mesma perspectiva]. A mudança de contexto pode ser para um novo local, opção [realocar], que contribui para marcar os estágios da estória; ou em relação ao interior ou exterior da casa, opção [casa]. Nessa última opção, a mudança de cenário passa por um portal (janela, porta) e representa “cruzar um limite”; quando o deslocamento for de fora para dentro de casa, a opção é [em casa], quando for de dentro para fora, é [fora de casa].

4.1.2 Sistemas interpessoais visuais

Segundo Painter, Martin e Unsworth (2013), a modalidade visual é mais eficaz em estabelecer o vínculo afetivo entre a criança e o livro ilustrado do que a modalidade verbal, principalmente por meio do uso de cores na criação do cenário, determinante para criar o clima emocional da estória. O elo afetivo também se dá por meio da forma como os personagens são retratados. Esses recursos permitem ao leitor identificar as emoções dos personagens e o convidam a se alinhar ou não com os personagens. Os sistemas interpessoais usados para a análise das imagens também abarcam os afetos e relacionamentos que se estabelecem entre os personagens e serão descritos a seguir.

Como exemplo das categorias de análise descritas nesta seção, o Quadro 4 apresenta, à esquerda, os recursos visuais interpessoais identificados na imagem à direita. Conforme sugerido na seção anterior, é mais profícuo que se consulte as informações contidas no quadro à medida que se faça a leitura sobre cada categoria.

Quadro 4 – Exemplo de análise das categorias interpessoais

Distância social

[impessoal]

Proximidade

[próximos]

Envolvimento

Família⁴⁴ [não envolvimento]

Orientação

1. Pai, Smudge e Albert [lado a lado]
2. Pai e pedinte [face a face]

Poder

Pai em relação ao pedinte [poder]

Ambiência

[ambiente: concentrada: ativada:

{Vibrância: [opaco: escura] e

Calor: [quente] e

Familiaridade: [infamiliar]}

Afeto

1. Smudge felicidade (+)
2. Pai felicidade (-)
3. Participantes circunstância felicidade (-)

Gradação

{Força: [quantidade: número] e Escala: [para cima]}



Fonte: Elaborado pela autora com imagem do livro *Voices in the Park*, p. [11], 1998, de Anthony Browne.

O sistema de DISTÂNCIA SOCIAL estabelece o grau de intimidade entre o leitor e o personagem e é realizado pelos planos de enquadramento. O plano aberto retrata o personagem de corpo inteiro, mantendo uma distância [impessoal] e nenhuma intimidade. O plano médio retrata o personagem da cintura para cima, estabelecendo uma distância [social] e pouca intimidade. O plano fechado retrata apenas os ombros e a cabeça do personagem, estabelecendo uma distância [pessoal] e bastante intimidade entre o leitor e o personagem. Essas opções se encontram em um contínuo do sistema e configuram seus pontos extremos e central. No decorrer da estória, a distância social pode ser constante ou pode variar dependendo dos significados construídos em determinados momentos.

O grau de intimidade entre os personagens é construído por recursos do sistema de PROXIMIDADE, realizado pela distância entre os personagens. Esse sistema foi desenvolvido em paralelo ao de DISTÂNCIA SOCIAL por Painter, Martin e Unsworth (2013). Os personagens

⁴⁴ Na imagem, a família em questão é constituída pelo pai no centro do grupo, pela filha, Smudge, à sua esquerda, e pelo cão, Albert, à sua direita.

podem ser retratados desde [bem espaçados], passando por [próximos] até [se tocando], construindo respectivamente desde nenhuma até bastante intimidade.

O sistema de ENVOLVIMENTO depende da perspectiva da qual algo é retratado e, portanto, posiciona o leitor de forma subjetiva. O recurso que realiza esse sistema é o ângulo horizontal, que pode causar [envolvimento] ou [não envolvimento]. A primeira opção é realizada pelo ângulo frontal, quando o personagem ou cenário é retratado de frente para o leitor, envolvendo-o diretamente. A escolha de retratar o personagem em ângulo frontal, porém de costas, cria ambivalência, segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 138), para quem “dar as costas” significa desapego e vulnerabilidade ao mesmo tempo. Em oposição, a segunda opção é realizada pelo ângulo oblíquo (com possíveis variações de graus), quando o personagem ou cenário é retratado de lado para o leitor, apresentando um mundo alheio ao dele e desencorajando-o a se alinhar com o que está sendo retratado.

O sistema de ORIENTAÇÃO constrói maior ou menor solidariedade entre os personagens. Painter, Martin e Unsworth (2013) o desenvolveram em paralelo ao sistema de ENVOLVIMENTO. O recurso que o realiza é a orientação corporal dos personagens, variando entre [face a face], [lado a lado] e [ângulos opostos], esse último podendo ser até de costas um para o outro. A orientação dos personagens deve ser determinante para o relacionamento que se estabelece entre eles – do contrário, o significado é apenas ideacional – e isso implica que outros sistemas interpessoais estão trabalhando juntos para construir determinado significado. Assim, retratar os personagens em ângulos opostos usualmente indica uma desconexão ou conflito, lado a lado, certa solidariedade, e face a face, contato e solidariedade, dependendo da proximidade e afetos retratados.

O sistema de PODER, assim como o de ENVOLVIMENTO, baseia-se no uso de perspectiva para posicionar o leitor em relação a um personagem ou participante na imagem, criando um posicionamento subjetivo. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), envolvimento e poder são opções opostas no sistema de ATITUDE: SUBJETIVIDADE. O sistema de PODER também posiciona um personagem em relação a outro personagem/participante. O recurso que realiza o posicionamento é o ângulo vertical. Assim, o leitor ou personagem tem autoridade e poder sobre quem ou o que é visto quando está no ângulo superior, e pode ser considerado vulnerável ou fraco quando está no ângulo inferior. Quando o nível de visão é o mesmo –

ângulo intermediário (na altura dos olhos) –, a relação de poder entre aquele que vê e quem ou o que é visto é neutra ou igualitária.

O sistema de FOCALIZAÇÃO é uma reelaboração do sistema de CONTATO de Kress e van Leeuwen (2006). O recurso que realiza ambos os sistemas é o olhar. Entretanto, para Kress e van Leeuwen (2006), o contato visual constrói uma demanda e sua ausência, uma oferta. O sistema de CONTATO foi elaborado em consonância com os recursos que estabelecem diálogo na modalidade verbal, conforme Halliday e Matthiessen (2004), sendo que a expressão facial e a postura corporal do personagem determinam a natureza da demanda. Painter, Martin e Unsworth (2013) consideram que a presença ou a ausência do olhar não corresponde a uma proposição verbal, portanto, não estabelece uma negociação dialógica. Os autores consideram ainda que a expressão facial e a postura corporal do personagem realizam significados de afeto. Na rede de sistemas de FOCALIZAÇÃO, o olhar indica a perspectiva de quem vê a estória, estabelecendo o ponto de vista na modalidade visual, que pode ou não coincidir com a focalização na modalidade verbal.

Assim sendo, quando o personagem faz contato visual com o leitor, opção [contatar], o leitor é posicionado para engajar com o personagem. Quando não há contato visual, o leitor é posicionado para [observar]. Com o contato visual, a focalização pode ser [direta], quando o personagem olha frontalmente para o leitor, escolha que pode ser usada para apresentar um personagem pela primeira vez ou para causar maior identificação ou empatia do leitor com o personagem. A outra opção é [convidada], quando o personagem tem a cabeça ou os olhos voltados para uma das laterais e o olhar é oblíquo, e serve para apresentar o personagem como travesso e para convidar o leitor a se envolver.

Simultaneamente (em cosseleção no sistema), a focalização pode ser [não mediada] ou [mediada]. A primeira opção é considerada padrão e ocorre quando o leitor é posicionado para ver a estória com seus próprios olhos. A segunda, [mediada], ocorre quando certas escolhas visuais posicionam o leitor a ver através dos olhos do personagem. A focalização mediada se dá de forma [inscrita] ou [inferida]. A focalização [inscrita] é usualmente realizada em uma única imagem e pode posicionar o leitor para ver [como o personagem], quando as mãos ou os pés ou a sombra do personagem são retratados emergindo da borda inferior da imagem, como se vistos pelo próprio personagem junto com o resto da imagem. A focalização [inscrita] também pode posicionar o leitor para ver [junto ao personagem], quando o personagem é retratado de costas, em primeiro plano, e o que ele vê, em segundo plano, e o leitor pode ter a impressão de estar olhando sobre os ombros daquele personagem. Quando o leitor vê o

personagem por trás, ele passa a ter um ponto de vista duplo, pois está posicionado para ver com seus próprios olhos e com os olhos do personagem. Assim, o leitor consegue ter o ponto de vista do personagem sem perder sua perspectiva de fora da estória, suscitando empatia porém sem uma completa identificação com o personagem. No sistema de Painter, Martin e Unsworth (2013), a focalização do personagem é [inferida] quando: 1) uma imagem retrata um personagem olhando e a imagem seguinte retrata o que ele está vendo; ou uma imagem pequena retrata o personagem olhando em um canto da página e outra imagem maior retrata o que ele está vendo. 2) a primeira imagem retrata um personagem olhando de determinado ângulo de visão e a segunda imagem retrata outro personagem olhando de um ângulo de visão diferente; tal configuração permite a inferência de que os personagens estabelecem contato visual entre si, e não com o leitor, que tem a perspectiva do personagem que está sendo visto em cada uma das imagens. 3) um personagem retratado em contato visual direto com o leitor expressa uma reação afetiva extrema; pode-se inferir que a reação se relaciona a outro participante da estória, uma vez que o leitor não pode ter sido o causador da reação.

O sistema de PATHOS constrói o alinhamento do leitor, além de possibilitar a apresentação das emoções – afeto – dos personagens. O sistema é realizado pelo estilo do desenho e distingue inicialmente entre [alienante], quando o estilo é hiper-real ou caricatura, e [envolvente], que apresenta três opções em um contínuo. A primeira opção é [apreciativo], realizada pelo estilo de desenho minimalista, que mantém o leitor a certa distância emocional, observando os eventos da estória sem se envolver, mas aprendendo com eles. Cabeça em forma de círculo, olhos em forma de pontos, visão frontal ou lateral da cabeça, não necessidade de proporção e pouca profundidade são características do estilo minimalista. Os detalhes são pouco realistas e permitem a expressão limitada de emoções, com ênfase nos graus de felicidade ou tristeza. A segunda opção, [empático], é realizada pelo estilo de desenho genérico, que posiciona o leitor a se identificar com o personagem e a se colocar no lugar dele. O estilo genérico apresenta mais detalhes – como as íris dos olhos, rugas, olheiras e boca com mais expressão –, possibilitando incluir emoções “mais ‘comportamentais’”⁴⁵ (PAINTER, MARTIN; UNSWORTH, 2013, p. 32), como aquelas relacionadas à concentração, a assistir a ou fazer algo. A terceira opção é [personalizante], realizada pelo estilo de desenho naturalístico, que tem mais nuances e permite retratar o personagem o mais parecido possível com uma pessoa real. Os detalhes da face, especialmente dos olhos,

45 No original: “more ‘behavioural’”

permitem expressar uma gama maior de emoções e identificar emoções mais sutis. Assim sendo, essa opção posiciona o leitor a se relacionar com o personagem como se ele fosse um indivíduo e o encoraja a desenvolver discernimento ético. Um livro ilustrado pode usar estilos de desenho intermediários a esses ou usar mais de um estilo. Os livros ilustrados que usam o estilo naturalístico são geralmente destinados a leitores mais velhos e os que usam o estilo minimalista, a leitores mais novos.

Painter, Martin e Unsworth (2013, p. 19) estabelecem afeto como uma das áreas de significado visual que, apesar de não constituir um sistema em si, configura um paralelo com os recursos atitudinais da modalidade verbal. O afeto pode ser identificado na modalidade visual por meio das expressões faciais, das posturas corporais e dos gestos dos personagens – possibilitados pelo sistema de PATHOS. Também pode ser apreendido por meio da focalização e da ambiência. A resposta do leitor ao afeto do personagem é determinante para o alinhamento do leitor.

A rede de sistemas de AMBIÊNCIA é realizada pelo uso de cores. Nas imagens, as cores realizam significados nas três metafunções. Na função ideacional, as cores são usadas para reproduzir a aparência dos elementos do mundo real. Na função textual, as cores servem para salientar algum elemento por meio de contraste ou para fazer coesão de partes da narrativa por meio da repetição de certa(s) cor(es). Na função interpessoal, segundo Painter, Martin e Unsworth (2013), as cores são usadas para criar a atmosfera emocional da história, uma vez que o leitor responde visceralmente à escolha de cores, ou seja, o efeito emocional por elas provocado independe do conteúdo das imagens ou do conhecimento da história.

A primeira distinção na rede de sistemas de AMBIÊNCIA é entre imagens que criam ou não criam atmosfera emocional, opções [ambiente] ou [não ambiente]. As imagens sem ambiência são traços em preto no fundo branco, que possuem significado experiencial e não predis põem o leitor a responder visceralmente. As imagens sem cor podem adquirir ambiência por meio do uso de textura, opção [diluída] do sistema. As imagens texturizadas, por sua vez, podem ter seu efeito realçado com o uso de mais ou menos efeitos de luz, caracterizando as opções [dramatizada] ou [lisa], respectivamente.

As imagens coloridas têm ambiência [concentrada]. Preto usado como fundo, em vez de traço, é considerado cor que funciona para negar os efeitos emocionais criados com o uso de outras cores. Seu uso constitui ambiência [negada] em contraste com ambiência [ativada]

pelo uso das outras cores. A ambiência ativada habilita três regiões de significado, VIBRÂNCIA, CALOR e FAMILIARIDADE, que podem funcionar ao mesmo tempo.

O sistema de VIBRÂNCIA é realizado pelo grau de saturação da cor. Dessa forma, o sistema apresenta um contínuo que vai da saturação máxima [vibrante] à mínima [opaca]. As cores muito saturadas constroem uma ambiência de excitação e alegria, enquanto as cores opacas constroem sentimentos mais tranquilos. A redução da saturação é feita necessariamente com o escurecimento da cor, portanto, a opção [opaca] do sistema apresenta as escolhas [clara] e [escura] para fazer esse ajuste. A escolha [clara] contribui para uma ambiência alegre e descontraída e a escolha [escura] para uma ambiência mais séria e sombria.

O sistema de CALOR é realizado por matizes de cores, sendo que matizes de vermelho, alaranjado e amarelo configuram a opção [quente] do sistema e os matizes de azul, verde e aqua configuram a opção [fria]. Além de construir significados experienciais, como lugares quentes ou frios, esses recursos podem construir significados interpessoais como estados psicológicos. No caso, as cores frias podem ser usadas para representar, por exemplo, relacionamentos distantes, preocupações e medos e as cores quentes para representar proximidade e alegria. Segundo Painter (2008, p. 100), o cenário provavelmente realiza uma função mais relevante ao transmitir ambiência do que ao retratar a localização. Quando calor é ativado ao mesmo tempo em que vibrância, as opções [quente] e [fria] se combinam mais frequentemente com a opção [opaca: clara] e as outras combinações contrastantes enfatizam os significados construídos.

O sistema de FAMILIARIDADE é realizado pela maior ou menor diferenciação de cores para representar, respectivamente, a realidade como mais próxima ou mais distante do leitor. Esses dois pontos são os extremos do contínuo de familiaridade, constituindo as opções [familiar] e [infamiliar]. A restrição no uso de cores pode construir o significado de que o que está sendo representado é imaginação ou sonho, sugerir distanciamento emocional, espacial ou temporal. A opção [infamiliar] apresenta a escolha [historicizada] que é realizada pelo uso de tons de sépia para simbolizar uma época distante.

Os recursos do sistema de GRADAÇÃO visual escalam o impacto dos significados avaliativos nas imagens. Painter, Martin e Unsworth (2013) adotam as opções de [quantificação] do sistema de FORÇA, elaboradas por Economou (2009) com base no sistema de GRADAÇÃO desenvolvido para a modalidade verbal por Martin e White (2005). A quantificação pode ser de [número], e/ou [massa/volume], e/ou [extensão] e funciona em

conjunto com as opções [para cima] e [para baixo] do sistema de ESCALA. Assim sendo, a gradação é de número quando realizada por uma quantidade muito grande ou muito pequena de um mesmo item na imagem. A gradação é de massa/volume quando a escala de um elemento em relação a outro(s) na imagem é relativamente grande ou pequena. A gradação é de extensão quando um item ocupa uma proporção muito grande ou muito pequena do espaço disponível na imagem.

A opção ruptura – recurso textual do sistema margeado da rede de sistemas de ENQUADRAMENTO – foi considerada nesta pesquisa como uma possível maneira de escalar o afeto visual quando a ele acoplada. Ela é realizada pela quebra da borda em imagens margeadas. Segundo Painter, Martin e Unsworth (2013, p. 106), a ruptura da margem sugere excesso de presença ou de energia do personagem ou elemento que a causa por não caber no espaço delimitado.

4.2 O MODELO SEMÂNTICO-DISCURSIVO

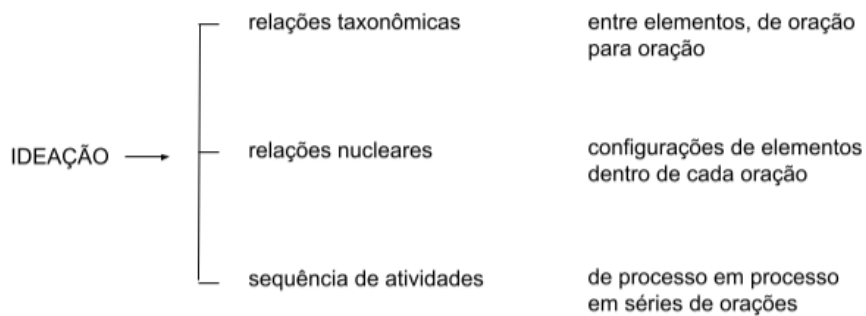
O modelo semântico-discursivo elaborado por Martin (1992) e Martin e Rose (2007) abarca recursos semióticos para construção de significados no texto que se relacionam à gramática orientada para a semântica. A análise desses recursos possibilita considerações textuais e a investigação das relações entre o texto e o contexto (MARTIN, 1992, p. 2).

No modelo semântico-discursivo, os recursos ideacionais constroem o conteúdo do discurso – classificando os participantes e tipos de atividades e ligando as atividades e mensagens em sequências. Os recursos interpessoais constroem as atitudes, os valores, a intensidade dos sentimentos, o alinhamento dos leitores, as interações entre os falantes e as identidades de grupo. Os recursos textuais rastreiam os participantes do discurso e organizam o fluxo da informação no texto. Dessa forma, os recursos semântico-discursivos realizam as variáveis campo, sintonia e modo do estrato do registro – apresentadas na seção 3.4. Os sistemas semântico-discursivos ideacionais são IDEACÃO e CONJUNÇÃO, os interpessoais são NEGOCIAÇÃO, VALORAÇÃO e ENVOLVIMENTO, e os textuais são IDENTIFICAÇÃO e PERIODICIDADE. Os sistemas semântico-discursivos trabalhados nesta pesquisa são apresentados a seguir.

4.2.1 Sistemas ideacionais verbais

Os recursos ideacionais verbais analisados nesta pesquisa pertencem ao sistema semântico-discursivo de IDEACÃO e permitem construir a experiência no discurso. Os significados ideacionais aqui abarcados são os tipos de atividades realizadas, os participantes que as realizam, suas descrições e classificações. Esse conteúdo do discurso realiza o campo do texto, o qual é redefinido por Martin “como conjuntos de sequências de atividades orientadas para algum propósito institucional global” (MARTIN,1992, p. 292)⁴⁶. A Figura 4 ilustra o sistema de Ideação.

Figura 4 – Sistema de IDEACÃO



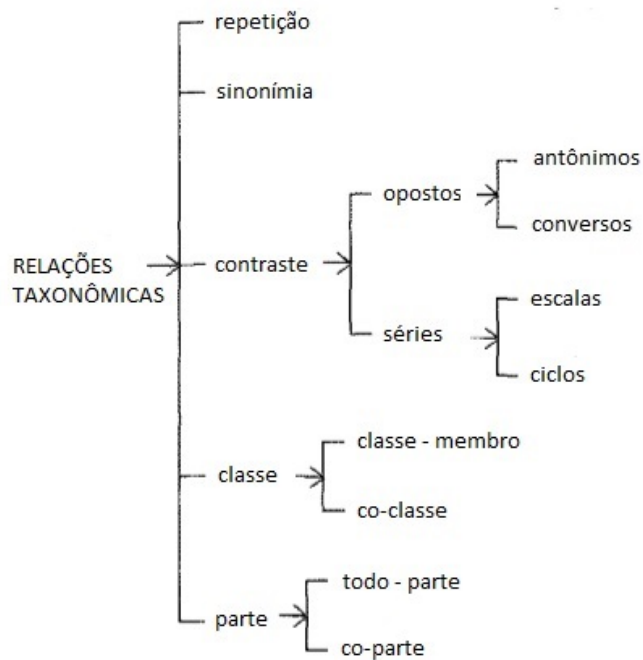
Fonte: Adaptada de Martin e Rose (2007, p.76).

As relações taxonômicas estabelecem fios (*strings*) entre elementos lexicais no desenrolar do texto que possibilitam a construção das ações, pessoas, coisas, lugares e qualidades. O sistema de RELAÇÕES TAXONÔMICAS disponibiliza cinco tipos em seu primeiro nível de delicadeza. O tipo [repetição] inclui itens lexicais repetidos, que podem estar em formas gramaticais diversas. O tipo [sinônimos] inclui itens lexicais diferentes que realizam um mesmo significado experiencial. O tipo [contraste] pode ser de [oposição] ou de [séries]. No nível de delicadeza seguinte, [oposição] apresenta as opções [antônimos] – itens lexicais que realizam significados experienciais opostos – e [conversos] – itens lexicais que realizam relações opostas. [Séries], por sua vez, apresenta as opções [escalas] – para itens lexicais que realizam um mesmo tipo de significado experiencial onde a diferença entre eles é realizada por gradação e, portanto, podem ser colocados em um contínuo – e [ciclos] – para itens

⁴⁶ No original: “sets of activity sequences oriented to some global institutional purpose.”

lexicais que ao ser contrastados apontam para seu pertencimento a um ciclo. O tipo [classe] apresenta as opções [classe-membro] – para um item lexical que realiza um tipo de classe e outro que realiza um afiliado àquela classe – e [coclasse] – para itens lexicais que realizam diferentes afiliados a uma mesma classe. O tipo [parte] apresenta as opções [todo-parte] e [coparte]; é similar à taxonomia [classe], mas em vez de ser classificatória, é composicional. A Figura 5 ilustra os sistemas de RELAÇÕES TAXONÔMICAS.

Figura 5 – Rede de sistemas de RELAÇÕES TAXONÔMICAS



Fonte: Adaptada de Martin e Rose (2007, p. 81).

A Figura 6 apresenta exemplos extraídos do *corpus* analisado de tipos de relações taxonômicas.

Figura 6 – As relações taxonômicas em *A Walk in the Park*

| | | | |
|-----------|--------------|-----------|--|
| repetição | | | morning - morning; took [...] for a walk - were taking [...] for a walk; dog - dog - dogs; park - park; lead - lead; [went to] sit - sat - sat; nearer - nearer; the other way - the other way; flower beds - flower beds; bench - bench; chased - chased - chased - chased - chased; went on the swings - swinging - swung; played - played; looked - looked; come - come; ere - ere - here; time for - time for; ome - home - home; flower - flower; trees - tree; higher - higher - as high as; |
| sinonímia | | | yelled - called; while - meanwhile; |
| contraste | oposição | conversos | one end - the other end; at each other - the other way; |
| | séries | escalas | hot - cool |
| classe | co-classe | | his little girl - their dog; her son - their dog; his little girl - her son; lead - collar; |
| parte | co-parte | | bench - paths - flower beds - swings - climbing frames - fountain - bandstand; dodging - leaping; |
| | todo - parte | | park - bench; park - paths; park - flower beds; park - swings; park - climbing frames; park - fountain; park - bandstand; race - dodging; race - leaping; |

Fonte: Elaborada pela autora.

Na análise semântico-discursiva metafuncional, classe e parte são priorizadas, uma vez que as relações lexicais funcionam primariamente para construir campo – metafunção ideacional –, diferente da perspectiva gramatical, na qual essas relações têm a função de manter a coesão do texto – metafunção textual (MARTIN; ROSE, 2007, p. 90). Sinônimos e repetições identificam os itens entre si por meio de pertencimento a uma classe comum. Já os contrastes distinguem as categorias. Assim sendo, um item lexical inicia ou expande o campo do texto, pois é sucedido por ou sucede outros itens lexicais por meio de uma das relações acima mencionadas. Ele leva o leitor/ouvinte a criar expectativas quanto aos itens lexicais a serem encontrados no desenrolar do texto, de acordo com seu entendimento do campo de experiência. Essas expectativas podem ser confirmadas ou contrariadas. Ademais, “as relações taxonômicas interagem com os recursos de valoração para categorizar o mundo e avaliar as categorias que construímos.”⁴⁷ (MARTIN; ROSE, 2007, p. 85).

As relações nucleares são as configurações das ações, com pessoas, coisas, lugares e qualidades que constroem uma atividade dentro da oração. Da perspectiva experiencial, o elemento central é o [Processo] e o participante indispensável para a efetivação do processo é o [Mediador], configurando uma oração na voz média (*the middle voice*). Caso exista outro participante que incite o processo, tal participante é denominado [Agente] e a oração está na voz efetiva (*the effective voice*)⁴⁸. Outros possíveis participantes envolvidos são o [Beneficiário], que é favorecido pelo processo; os diversos tipos de [Alcance], aos quais o processo se estende, sem afetá-los; e as [Circunstâncias]. As [Circunstâncias] de [Papéis], [Meio], [Assunto] e [Acompanhamento] são [internas], pois estão envolvidas no processo; as [Circunstâncias] de [Lugar], [Tempo] e [Causa] são [externas], uma vez que não participam da atividade em si. Quanto ao grau de nuclearidade nas relações, [Processo] e [Alcance] dos tipos [Processo], [Classe] e [Parte] ocupam posição [central]; [Mediador] e [Alcance] dos

47 No original: “taxonomic relations interact with resources of appraisal to categorize the world and evaluate the categories we construe.”

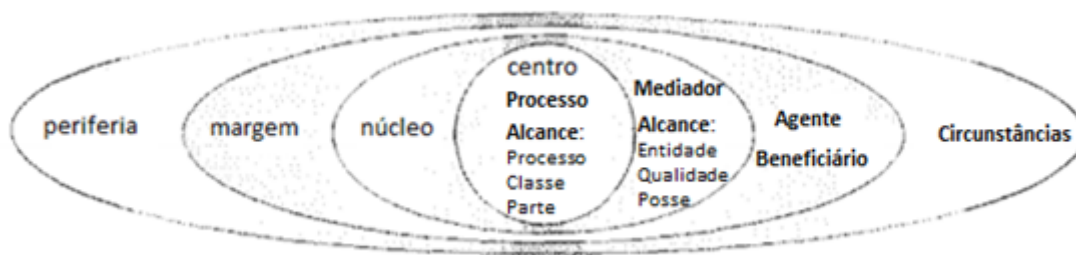
48 Martin e Rose (2007) adota a perspectiva da ergatividade – que é uma forma de interpretar os recursos ideacionais experienciais que constroem o fluxo dos eventos – para a análise das relações nucleares. A perspectiva da ergatividade contrasta com a perspectiva da transitividade, na qual um acontecimento envolve um Ator e um Processo, configurando a oração como intransitiva, e pode impactar uma Meta, configurando a oração como transitiva. A grosso modo, as orações intransitivas e transitivas podem ser comparadas com as vozes média e efetiva, respectivamente.

tipos [Ente], [Qualidade] e [Posse] ocupam posição [nuclear]; [Agente] e [Beneficiário] ocupam posição [marginal]; e [Circunstâncias] posição [periférica].

No âmbito das relações nucleares, a agentividade é de interesse para esta pesquisa. Na perspectiva ergativa adotada em Martin (2006) e seguida nesta pesquisa, o Agente é o participante responsável por fazer a ação acontecer nas orações efetivas. O papel ergativo de Agente é encontrado nos seguintes tipos de orações, correspondendo aos seguintes papéis transitivos: 1) materiais, onde corresponde ao Ator (*Actor*) ou ao Iniciador (*Initiator*); 2) mentais, onde corresponde ao Fenômeno (*Phenomenon*) ou ao Indutor (*Inducer*); 3) relacionais, onde corresponde ao Atribuidor (*Attributor*), ao Designador (*Assigner*) ou ao Símbolo (*Token*).

A Figura 7 apresenta os graus de nuclearidade na ordem da oração.

Figura 7 – Nuclearidade na oração



Fonte: Adaptada de Martin e Rose (2007, p. 96).

As relações nucleares também ocorrem entre itens lexicais dentro dos grupos nominais e verbais, na ordem (*rank*) abaixo da oração. Essas relações não se mostraram relevantes para o recorte realizado na pesquisa, portanto, não serão aqui apresentadas.

As sequências de atividades são as relações entre as configurações de Processos, Mediadores, demais participantes e Circunstâncias no desenrolar do texto. Essas sequências são recorrentes dentro dos campos de experiência humana. Ou seja, dentro de um campo, determinados eventos são esperados e se ligam a outros formando uma série. Em uma sequência onde os eventos são todos esperados, a relação de adição entre eles é realizada por “e” (*and*) e é considerada não marcada. Quando ocorrem eventos não esperados dentro de um determinado campo de experiência humana, há contra expectativa e a relação entre os eventos passa a ser marcada.

Martin e Rose (2007) enfatizam a necessidade de se analisar as sequências de atividade em relação às fases do texto, uma vez que os textos geralmente intercalam séries de eventos com fases de descrição. Segundo os autores, o campo prevê as atividades em cada fase do texto e o gênero do texto prevê os tipos de fase. As atividades dentro de cada fase se relacionam umas com as outras, como subpartes de uma atividade maior, ou como membros de uma sequência de atividades mais extensa. Combinar a análise das sequências de atividades com relações nucleares e taxonômicas pode ser profícuo em que, com as primeiras, é possível mostrar os papéis das pessoas e coisas nas sequências e, com as segundas, como um processo cria expectativa de outro numa sequência e como as expectativas diferem de uma fase para outra.

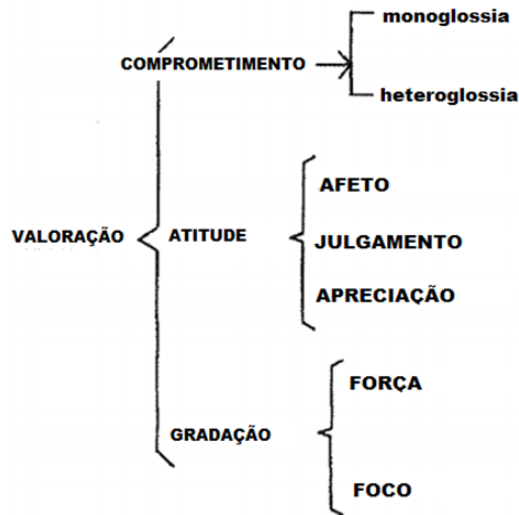
4.2.2 Sistemas interpessoais verbais

Os significados interpessoais relacionam-se à variável do registro sintonia. Segundo Halliday (1985b *apud* MARTIN; WHITE, 2005, p. 29), sintonia diz respeito aos participantes do discurso, incluindo a natureza, o status e o papel desses participantes nas relações que estabelecem no discurso e na sociedade. Sintonia possui as duas dimensões das relações interpessoais, a saber, poder, como a dimensão vertical, e solidariedade, como a dimensão horizontal. Conforme Martin (1992), Martin e Rose (2008, p. 12) empregam o termo “status”, em vez de “poder”, para se referirem à igualdade e desigualdade dentro das relações sociais mais específicas, quanto a quem detém o domínio e a quem se submete a ele. Os autores utilizam o termo “poder” em relação à distribuição de recursos em uma sociedade como um todo. Solidariedade diz respeito à proximidade ou distância social, medidas em relação à frequência e ao tipo de contato entre as pessoas e à carga emocional do relacionamento.

Do ponto de vista técnico, a VALORAÇÃO é uma das três redes de sistemas semântico-discursivos interpessoais para a realização da variável sintonia. A rede de sistemas de VALORAÇÃO congrega os recursos relacionados às avaliações no discurso – os significados relacionados a sentimentos –; ao posicionamento dos escritores/falantes e engajamento dos leitores/ouvintes prospectivos do texto; e ao grau das avaliações, dos posicionamentos e engajamentos. Esses três tipos de significados pertencem respectivamente aos sistemas de ATITUDE, COMPROMETIMENTO e GRADAÇÃO, no primeiro nível de delicadeza da rede. A

Figura 8 ilustra a rede de sistemas de VALORAÇÃO. Os recursos semânticos discursivos investigados nesta pesquisa pertencem aos sistemas de ATITUDE e GRADAÇÃO, apresentados a seguir.

Figura 8 – Rede de Sistemas de VALORAÇÃO



Fonte: Adaptada de Martin e Rose (2007, p. 59).

O sistema de ATITUDE disponibiliza três tipos no primeiro grau de delicadeza: afeto (*affect*), julgamento (*judgement*) e apreciação (*appreciation*) –, englobando diferentes regiões semânticas. Os significados atitudinais podem ter carga valorativa [positiva] ou [negativa], identificada em relação aos valores de uma comunidade. Eles podem ser ativados de forma explícita, quando há um item avaliativo [inscrito] no texto, ou implícita, quando o sentimento é [evocado] por meio das demais realizações no texto. As atitudes evocadas podem ser provocadas [*provoke*], por meio de metáforas lexicais, ou convidadas [*invite*]. Se convidadas, apresentam a opção sinalizar [*flag*], por meio do uso de itens lexicais que não fazem parte do vocabulário de base (*core vocabulary*) ou por meio de GRADAÇÃO incidindo em significados ideacionais; ou a opção propiciar [*afford*], por meio da prosódia semântica, pois a palavra em si não carrega atitude, é um símbolo (*token*) ideacional. Martin e White (2005, p. 67) organizam as estratégias para inscrever e evocar atitude no texto em um contínuo que tem a opção inscrever no topo, seguida das opções de evocar: provocar, sinalizar e propiciar, esta última na parte inferior do contínuo. Esta organização é feita “de acordo com o grau de liberdade que é dado aos leitores para se alinharem com os valores naturalizados pelo texto.”⁴⁹

49 No original: according to the degree of freedom allowed readers in aligning with the values naturalised by the text.

(MARTIN; WHITE, 2005, p. 67). As escolhas de carga valorativa e de modos de ativação operam simultaneamente (em cosseleção) com o sistema de ATITUDE.

Segundo Martin e White (2005, p. 43), os significados atitudinais tendem à realização prosódica, uma vez que, ao se posicionar, o escritor/falante solicita recursos de afeto, julgamento e apreciação que usualmente se espalham por fases do discurso e as colorem. As atitudes inscritas, por sua vez, indicam como os significados ideacionais nessas fases devem ser lidos. Os significados de atitude são graduáveis, podendo ser intensificados e comparados por meio dos recursos de GRADAÇÃO.

Os recursos de afeto constroem as emoções do próprio escritor/falante ou de outros participantes do discurso. Se o estímulo da emoção for *realis*, o sentimento é construído como reação, para a qual as opções são felicidade, segurança e satisfação. Se o estímulo da emoção for *irrealis*, o sentimento é construído como intenção e a opção é inclinação, que se subdivide nas opções desejo e medo.

Os recursos de julgamento constroem avaliações quanto à ética de comportamentos humanos. Os julgamentos de estima social constroem o apreço da comunidade para com o avaliado e podem ser de normalidade, capacidade e tenacidade. Os julgamentos de sanção social dizem respeito a aspectos legais ou morais do comportamento avaliado e podem ser de veracidade e propriedade.

Os recursos de apreciação constroem as avaliações estéticas de fenômenos naturais ou semióticos. As opções desse sistema são reação, composição e valorização, as quais constroem o avaliado de acordo com sua capacidade de atrair atenção do avaliador, com a percepção que desperta no avaliador e com a importância social que a ele é dada, respectivamente.

Na análise da atitude, além dos itens avaliativos realizando afeto, julgamento e apreciação, Martin e White (2005) consideram relevante identificar quem avalia e quem ou o que é avaliado. Segundo os autores, a “avaliação é um dos principais recursos narrativos usados para indicar de qual voz o escritor está narrando”⁵⁰ (MARTIN; WHITE, 2005, P. 72), informação relevante para esta pesquisa, uma vez que, nas reinstanciações analisadas, a voz dos narradores coincide com a do personagem principal de cada estória.

50 No original: “evaluation is one of the main narrative resources used to indicate whose voice a writer is narrating from.”

Os recursos do sistema de COMPROMETIMENTO constroem o posicionamento dos escritores/falantes em relação às avaliações construídas no texto e aos seus leitores prospectivos. Esses recursos não foram analisados nesta pesquisa e, portanto, não serão aqui descritos.

No escopo desta pesquisa, o sistema de GRADAÇÃO disponibiliza recursos para construir o grau de negatividade ou positividade das avaliações de atitude. A gradação é do tipo força quando incide sobre categorias passíveis de serem escaladas, por meio das opções [intensificar], para processos e qualidades, ou [quantificar], para entidades. As opções de força apresentam dois modos de realização: [isolada], quando realizada por um item independente – por exemplo, *very rough-looking* – ou [fusionada], quando inserida no mesmo item que realiza a avaliação – por exemplo, *great*. A opção [intensificar] também pode ser realizada por meio da repetição de um mesmo item lexical ou da infusão semântica, que é a listagem de itens lexicais cujos significados estão intimamente relacionados. A intensificação realizada por locuções denominadas maximizadores (*maximisers*) - por exemplo: *totally, completely, etc* – constroem o valor máximo de intensidade. *Always* é incluído nesta categoria como o extremo da avaliação de usualidade que, no entanto, funciona como hipérbole para expressar o alto investimento do avaliador na proposição intensificada.

Em oposição, a gradação é do tipo foco quando incide sobre categorias semânticas prototípicas, usualmente não passíveis de gradação, por exemplo, *kind of a wimp*. Força e foco funcionam em simultaneidade (cosseleção) com as opções da escala [para cima] ou [para baixo], que graduam a avaliação para mais ou para menos. Nas gradações de força as opções desta escala são [aumentar] ou [diminuir] e, nas gradações de foco, são [focar] ou [desfocar]. Segundo Martin e White (2005, p. 139), o acoplamento de um recurso focar a um item que já é explicitamente atitudinal indica que o avaliador está promovendo fortemente o valor contido na avaliação e tentando alinhar o leitor ao máximo com esse posicionamento. Por outro lado, o acoplamento de um recurso desfocar a um item que encerra atitude negativa indica que o avaliador está enfraquecendo o valor na avaliação, em prol de manter a solidariedade com o leitor que possa discordar da avaliação feita.

O capítulo subsequente apresenta os estudos empíricos que pavimentaram os caminhos para que esta pesquisa pudesse avançar.

5 ESTUDOS EMPÍRICOS

Os livros ilustrados já foram extensamente investigados. Painter, Martin e Unsworth (2013) fizeram um apanhado de trabalhos que examinaram os livros ilustrados das perspectivas educacional e da textualidade. Na interface entre análise do discurso multimodal e tradução, ênfase parece ter sido dada à investigação da tradução intersemiótica, facilitada pela criação das gramáticas de imagem, som, movimento, entre outras. A investigação das variações semânticas em livros ilustrados em relação de tradução é ainda incipiente.

Este capítulo apresenta estudos empíricos de livros ilustrados dentro dos ET, para estabelecer a atual situação das pesquisas dentro da área, e fora dos ET, para demonstrar a aplicabilidade de parte do aporte teórico-metodológico nesses textos. São resenhados também estudos empíricos de outros textos narrativos que utilizam os sistemas semânticos discursivos, as noções de acoplamento e calibragem e a complementaridade das hierarquias, a outra parte do aporte que será aplicada à análise de livros ilustrados na presente pesquisa.

5.1 ESTUDOS EMPÍRICOS DOS ET EM LIVROS ILUSTRADOS BASEADOS EM TEORIAS LITERÁRIAS

No âmbito dos ET, Oittinen, Ketola e Garavini (2018) oferecem uma visão mais compreensiva e atualizada sobre a tradução interlinguística de livros ilustrados. No que tange ao tema da presente pesquisa, Oittinen, Ketola e Garavini (2018) atentaram para a importância das ilustrações para a tradução. A interação entre as palavras e as imagens foi abordada da perspectiva dos mecanismos utilizados pelos tradutores para interpretar a combinação entre os modos semióticos. Nenhum modelo linguístico foi adotado para explicar as categorias analisadas ou a interação entre a imagem e a verbiagem, como foi feito na presente pesquisa.

5.2 ESTUDOS EMPÍRICOS DOS ET EM LIVROS ILUSTRADOS BASEADOS NA TSF

Paula (2018) propôs uma metodologia para a análise multimodal de livros ilustrados em relação tradutória baseada na TSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e na gramática visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]), com enfoque nas relações semânticas estabelecidas entre as modalidades verbal e visual. O trabalho concentrou-se na análise das Figuras ideacionais, buscando a prototipicidade dos significados ideacionais e representacionais, e das configurações das relações semânticas entre as modalidades. Investigou ainda os papéis constitutivo e ancilar da linguagem verbal nos textos bimodais em relação tradutória. Paula (2018) constatou que na tradução de livros ilustrados onde as imagens permanecem as mesmas não ocorre apenas a tradução da linguagem verbal, mas também a formação de um novo complexo bimodal, resultante do reestabelecimento das relações semânticas verbo-visuais entre a figura visual e a nova figura verbal. O tipo de relação semântica mais frequente entre as modalidades semióticas, tanto nos TTs quanto nos TFs foi a de elaboração, mostrando que no *corpus* analisado “não há elementos ideacionais essencialmente novos no texto verbal em relação ao visual, e vice-versa.” (PAULA, 2018, p. 90).

No mesmo campo disciplinar, Magalhães, Leitão e Fernandes (2017) usaram os aportes da semântica do discurso (MARTIN; WHITE, 2005) e da apresentação da fala (LEECH; SHORT, 2007) para investigar as mudanças interpessoais de tradução em um *corpus* de livros ilustrados em inglês e suas traduções para o português brasileiro. A análise quali-quantitativa se ateve à modalidade verbal dos textos e enfocou as mudanças tradutórias relativas ao uso de recursos avaliativos (MUNDAY, 2012) e à estrutura comunicativa da narrativa (ROSA, 2009). A investigação abarcou o posicionamento do tradutor quanto à construção de leitores prospectivos e a interação entre o tradutor e o leitor referente à escolha dos recursos atitudinais e ao controle das falas dos personagens. Os resultados constataram uma menor ocorrência de avaliações de polaridade negativa, mudanças não significativas na quantidade de recursos de atitude usados e uma maior ocorrência de recursos de heteroglossia nos textos traduzidos, além de mudanças na apresentação da fala indicativas da interferência do tradutor no controle sobre as falas dos personagens.

A perspectiva sociossemiótica de análise multimodal do discurso, com aporte de Painter, Martin e Unsworth (2013) e Martin e Rose (2007), foi utilizada por Casali (2018) e Cunha (2018). A primeira pesquisa investigou as variações semânticas na construção de significados ideacionais no livro ilustrado *Clifford the big red dog* e sua reinstanciação para o português brasileiro *Pacheco, o cachorro gigante*, constatando uma maior relação entre a imagem e a verbiagem para a construção de significados no TF do que na reinstanciação. O

segundo estudo investigou a representação de gênero no livro ilustrado *The Tunnel* por meio dos recursos ideacionais e de ambiência (interpessoal). Os resultados constataram que a construção verbal e a representação visual dos personagens, uma feminina e outro masculino, confirmam padrões sociais de uso de cor e comportamento para meninas e meninos.

A presente pesquisa se distingue de Paula (2018) por utilizar os sistemas da semântica do discurso de Martin e Rose (2007) para a análise da modalidade verbal e o modelo de Painter, Martin e Rose (2013) para a modalidade visual, utilizando as noções de calibragem e acoplamento para a investigação da interação entre os modos semióticos. Semelhante a Magalhães, Leitão e Fernandes (2017), a pesquisa aqui apresentada também se situa na interface entre os ET e a sociossemiótica, porém utiliza uma abordagem distinta e investiga ambas as modalidades semióticas dos livros ilustrados. A presente pesquisa vai além de Casali (2018) e Cunha (2018) ao aplicar a complementaridade das hierarquias da realização, instanciamento e individuação na investigação das variações semânticas entre o TF e o TT.

5.3 ESTUDOS EMPÍRICOS EM LIVROS ILUSTRADOS BASEADOS NA TSF COM ENFOQUE NA INTERMODALIDADE

Com o aporte da TSF hallidayana e da Semiótica Social Visual, Moya Guijarro (2014) investigou as interações intersemióticas dos recursos léxico-gramaticais (HALLIDAY, 1978, 2004) e dos recursos visuais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) para a construção dos significados ideacionais, interpessoais e textuais em nove livros ilustrados. Aliou a abordagem linguística metafuncional ao desenvolvimento cognitivo da criança, utilizando métodos estatísticos para correlacionar os recursos semióticos identificados com as faixas etárias dos leitores prospectivos. Os resultados mostram que não obstante a existência de diferentes padrões ideacionais, interpessoais e textuais nos livros analisados em relação aos estágios de desenvolvimento das crianças, eles não são estatisticamente relevantes, sendo que as semelhanças refletem a configuração dos livros ilustrados enquanto um gênero.

A abordagem sociossemiótica da TSF também foi utilizada por Tian (2011) para investigar a construção de significados avaliativos intermodais em dez livros ilustrados de Anthony Browne, entre eles, VP. A pesquisa adotou o aporte da valoração de Martin e White (2005) para examinar os significados avaliativos na verbiagem, além de trabalhar com os gêneros de histórias segundo Martin e Rose (2008). Tian (2011) fez uma descrição sistemática

da realização do afeto visual e de suas interações com o afeto inscrito verbal que serviu de base para o modelo de Painter, Martin e Unsworth (2013). A noção de calibragem convergente ou divergente, proposta por Painter e Martin (2011), foi utilizada para a análise da intermodalidade. O estudo também levou em conta as escolhas nos sistemas de AMBIÊNCIA e FOCALIZAÇÃO, além de abordar a convergência ideacional, na primeira página de cada estória, com a função de apresentar e representar o personagem principal. Em sua investigação dos livros ilustrados de Browne, Tian (2011) identificou um novo subtipo de narrativa que denominou *intra-focal developmental narrative*, levando-a a concluir que “ao desenvolver maestria das estruturas clássicas de estórias, Browne também desenvolve subgêneros e brinca com as estruturas tradicionais e esperadas de gênero, com a finalidade de desconstruir o gênero da estória em questão.”⁵¹ (TIAN, 2011, p. 135). Tendo classificado VP como um macrogênero composto por quatro relatos, com base apenas nos significados verbais, a autora afirma que VP tem como função questionar perspectivas, portanto, contraria o propósito social de compartilhar experiências esperado do relato.

A pesquisa aqui proposta difere de Moya Guijarro (2014) por ser de caráter descritivo qualitativo, trabalhar com os sistemas do estrato semântico-discursivo de Martin e Rose (2007), mais próximos de gênero, e com o modelo de análise multimodal do discurso de Painter, Martin e Unsworth (2013), especificamente desenvolvido para a análise de imagens em livros ilustrados, além de focar as variações discursivas em textos em relação tradutória. O presente estudo se distingue de Tian (2011) por abarcar todas as instâncias de atitude, inscritas e evocadas, por acrescentar a noção de acoplamento para a análise intermodal, por pesquisar os sistemas ideacionais na imagem e na verbiagem, além de investigar as variações semânticas entre os textos.

5.4 ESTUDOS EMPÍRICOS EM OUTROS TEXTOS NARRATIVOS BASEADOS NA TSF

As variações semânticas intertextuais foram investigadas por Martin (2006) sob a perspectiva sociosemiótica da complementaridade das hierarquias da realização, instanciação e individuação, para explorar questões de gênero, intertextualidade e ideologia. O estudo

51 No original: “In mastering classic story structures, Browne also develops sub-genres and plays with the traditional as well as with the expected genre structure, directed towards deconstruction of the story genre in question.”

analisou quatro textos sobre uma luta entre japoneses e australianos na Batalha de *Brigade Hill*, na Nova Guiné, durante a II Guerra Mundial: um relato pessoal (documentário); dois relatos (livros); e uma narrativa infantil (livro ilustrado). Entre as variações semânticas identificadas, as principais dizem respeito à agência (*agency*) na metafunção ideacional, à valoração na metafunção interpessoal e ao tema na metafunção textual.

O estudo utilizou o grau de sobreposição do potencial de significado para determinar três tipos de relações intertextuais, a saber, a citação (*quotation*), a paráfrase (*paraphrase*) e o reconto (*retelling*), diferentes entre si pelo grau de afastamento – distanciamento – em relação ao TF. A distanciamento diz respeito a quão alto se deve mover na hierarquia da instanciação a fim de abrir o potencial de significado do sistema e fazer novas escolhas que irão recalibrar os significados na reinstanciação – conforme apresentado na seção 3.7.

Nas citações, a relação entre os textos na hierarquia da instanciação é direta e identifica-se uma sobreposição completa dos potenciais de significado dos dois textos. Nas paráfrases, a relação intertextual implica um movimento ascendente na hierarquia da instanciação onde significados menos específicos são selecionados e reajustados para construir a reinstanciação; a sobreposição dos potenciais de significado dos dois textos é, portanto, parcial. No exemplo (3), de FoV, *to be let off his leash* ilustra uma citação de *to be let off his lead*, no exemplo (4), de WP. *Albert's always in such a hurry* (3) caracteriza uma paráfrase de *Albert was impatient* (4).

(3) *Albert's always in such a hurry to be let off his leash.*

(4) *Albert was impatient to be let off his lead.*

No reconto, a ascensão na hierarquia da instanciação é ainda maior, os significados selecionados são ainda menos específicos e os significados potenciais compartilhados pelos dois textos, mais difíceis de serem identificados. O exemplo (5), de TV, é um reconto do exemplo (6), de WP.

(5) *The two dogs raced around like old friends.*

(6) *Albert and Victoria raced along the paths, dodging round trees, leaping over flower beds. First Albert chased Victoria, then Victoria chased Albert, then Albert chased Victoria again, so quickly that sometimes it was difficult to tell them apart.*

Em relação às estórias investigadas em Martin (2006), o primeiro livro constitui uma paráfrase do documentário, o segundo livro é um reconto do documentário e o livro ilustrado se distancia ainda mais do documentário na hierarquia da instanciação. A hierarquia da realização permitiu mostrar como as seleções equivalentes ou contrastantes de significados fizeram com que os textos se assemelhassem ou se diferenciasssem, no que diz respeito aos

tipos de valoração, ao campo, à sintonia, ao modo e ao gênero. A perspectiva da realização também possibilitou atribuir parcialmente o grande número de recursos de atitude no livro ilustrado ao gênero narrativa, em contraste com os três relatos históricos. A hierarquia da instanciação permitiu mostrar que um texto foi baseado em outro, sendo a intertextualidade medida em relação à quantidade de significado potencial compartilhado pelas instâncias. A hierarquia da individuação permitiu explicar a distribuição dos recursos de atitude a favor do inimigo na narrativa, com a construção de paralelismo quanto aos sentimentos dos dois soldados inimigos. Explica ainda uma maior agentividade dos australianos, para desmistificar a visão dos australianos como vítimas, e a preferência de temas não marcados alternando australianos e japoneses, para construir o equilíbrio na orientação para o campo (na guerra, ambos os lados agem e coisas acontecem a ambos os lados). A perspectiva da individuação possibilita relacionar as escolhas acima ao propósito ideológico da autora de humanizar o inimigo, desconstruir a imagem negativa dos japoneses, vigente na cultura australiana, e promover a reconciliação. O estudo mostrou que cada texto serve aos interesses de seu autor e da comunidade com a qual ele pretende se engajar. Entre as limitações apontadas pelo estudo está a dificuldade de determinar a quantidade de significado potencial compartilhado pelos textos, dependente, segundo Martin (2006), de avanços na Linguística de *Corpus*.

Martin (2008a) retomou as hierarquias da realização e da instanciação (MARTIN, 2006) e desenvolveu o conceito de Bernstein (1996, *apud* MARTIN, 2008a) de individuação. O estudo trabalhou com quatro histórias da série *Ladies Detective Agency*, com enfoque nas duas mais longas, contadas pelas personagens Mma Potokwane e Motholeli. O estudo constatou uma estrutura típica de relato nesses textos. O texto por Mma Potokwane apresenta um estágio anterior ao Resumo⁵², que Martin (2008a) denominou *pre-script*. O texto por Motholeli apresenta um estágio posterior à Reorientação, denominado *post-script*. Esses estágios constituem estágios não canônicos na estrutura do relato e fazem com que as instâncias se conformem a padrões de realização esperados até certo ponto e depois sejam divergentes. A hierarquia da individuação foi utilizada para mostrar por que as duas personagens contam a história de formas distintas. Por meio da análise da estrutura genérica e da valoração (atitude e engajamento), o estudo mostrou como os recursos selecionados construíram as duas personagens como diferentes e como essas diferenças se manifestaram em seus discursos, enfatizando as dimensões de desigualdade de etnia e geração. Esses recursos também serviram para alinhar os leitores e outros personagens da história com as

52 De acordo com Rothery e Stenglin (1997), o Resumo (*Abstract*) é um estágio opcional de abertura em qualquer gênero de história, mas ocorre mais frequentemente em textos orais.

personagens que contam a estória. Portanto, a perspectiva da individuação permite explorar questões de identidade e afiliação. Martin (2008a) enfatiza a complementaridade das hierarquias explicando que a construção das identidades só pode ser feita por meio de sua instanciação no texto e que os textos são construídos por meio dos recursos de realização comuns a determinada cultura.

Martin (2008c) utilizou a complementaridade das hierarquias da realização, instanciação e individuação para apontar semelhanças e diferenças entre três textos (dois relatos e uma observação) que relatam a vida da personagem Motholeli na mesma série investigada em Martin (2008a). O estudo fez uma análise da valoração nos textos e enfocou a hierarquia da instanciação, que foi mais elaborada em relação a Martin (2006), por meio dos conceitos de acoplamento e calibragem. Nos textos analisados, a maioria dos recursos do sistema de JULGAMENTO utilizada para construir a personagem Motholeli, foi amplificada por meio do acoplamento aos recursos que aumentam a força da gradação. Para a análise da valoração, Martin (2008c) recomenda investigar o acoplamento em relação ao tipo de atitude selecionada, sua força, quem avalia e quem ou o que é avaliado.

O estudo utilizou a calibragem na análise da valoração para reinterpretar o grau de explicitação das instâncias de atitude de acordo com a proposta de Martin e White (2005) – apresentada na seção 4.2.2. De acordo com as duas pesquisas, quanto mais explícita uma instância, mais calibrada ela é. Retomando o contínuo com as estratégias para inscrever e evocar atitude no texto – seção 4.2.2 –, tem-se a opção “inscrever” no topo como a opção mais calibrada, seguida das opções de evocar: provocar, sinalizar e propiciar, esta última, a menos calibrada.

No exemplo (3), de *Forth Voice*, apresentado mais acima, *in such a hurry* é um julgamento evocado de tenacidade do comportamento de Albert, e no exemplo (4), de WP, também apresentado mais acima, *impatient* é um julgamento inscrito de tenacidade do mesmo comportamento. Uma vez que a avaliação inscrita é mais explícita do que a evocada, a instância de valoração em (4) é mais calibrada do que em (3).

Quanto aos significados ideacionais, a calibragem foi considerada em relação ao número de eventos para contar um mesmo fato – quanto mais eventos um texto utiliza para contar um fato, mais calibrado ele é – e em relação à especificidade dos processos selecionados – quanto mais específico, mais calibrado. Portanto, a correria dos cães pelo parque, apresentada nos exemplos (5) e (6) mais acima, é mais calibrada no exemplo (6), de WP, do que no exemplo (5), de TV, por apresentar um número maior de eventos. Martin (2008c) afirma que a hierarquia da instanciação e a noção de calibragem também podem ser

usadas na análise intermodal para explicar a complementaridade entre os diferentes sistemas semióticos.

Martin (2010) aplicou a complementaridade das hierarquias à análise de um texto multimodal. Trabalhou da perspectiva da hierarquia da instanciação com o acoplamento e a calibragem para explorar as relações entre a imagem e a verbiagem em um texto da coluna de conselhos da revista semanal *Good Weekend*, do jornal *The Sydney Morning Herald*. O estudo introduziu o conceito de iconização⁵³, “processo de instanciação pelo qual [uma imagem tem seu] significado ideacional descarregado e o interpessoal carregado.”⁵⁴ (MARTIN, 2010, p. 21). O estudo empregou a perspectiva da hierarquia da realização junto à da instanciação e o acoplamento para demonstrar o paralelismo semântico que é construído no texto. Utilizou também a perspectiva da individuação para mostrar como somos capazes de ler as diferenças e reconhecer os estilos decorrentes das diferenciações de classe social, gênero, geração, etnia e (in)capacidade e, portanto, identificar a distribuição dos recursos de significado da cultura entre as comunidades. Martin (2010) aponta que a linguagem avaliativa acoplada às experiências cria vínculos (*bonds*), se compartilhada pelos interlocutores, ou seja, as pessoas que avaliam uma experiência de maneira semelhante tendem a se alinhar em uma comunidade.

Os três primeiros estudos de Martin acima apresentados trabalharam com reinstanciação intralingual, mas apenas com a modalidade verbal. O texto trabalhado no quarto estudo, embora multimodal, apresenta uma só imagem e não configura uma narrativa visual como nos livros ilustrados; ademais, o estudo não investigou a reinstanciação. A presente pesquisa pretende estender a investigação das variações semânticas entre o TF e sua reinstanciação aplicando a perspectiva das hierarquias aos livros ilustrados e trabalhando com a reinstanciação na modalidade visual e na interação intersemiótica.

O próximo capítulo apresenta os textos analisados nesta pesquisa.

53 Este conceito foi apresentado na seção 4.1.1.

54 No original: “the process of instantiation whereby ideational meaning is discharged and interpersonal meaning charged.”

6 SOBRE OS TEXTOS E O AUTOR

Este capítulo apresenta os textos analisados nesta pesquisa e seus contextos de produção e circulação, incluindo informações sobre o autor/ilustrador.

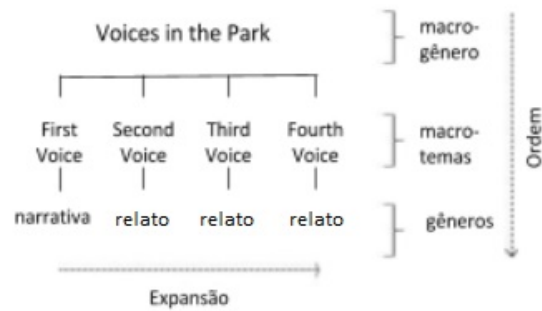
6.1 TEXTOS SELECIONADOS PARA O ESTUDO

Os textos selecionados para a análise são os livros ilustrados *A Walk in the Park* (WP), edição de 2013, publicada pela Walker Books Ltd, e *Voices in the Park* (VP), edição de 1998, publicada pela DK Publishing, Inc. Ambos os livros são do autor e ilustrador inglês Anthony Browne. WP foi publicado pela primeira vez em 1977 e conta, da perspectiva de um narrador externo, o desenvolvimento de uma amizade entre duas crianças de classes sociais distintas, durante um passeio com suas famílias ao parque.

VP foi publicado em 1998 e reúne as perspectivas da mãe do menino, do pai da menina, do menino e da menina sobre o mesmo passeio. Cada perspectiva é uma estória que corresponde a um capítulo do livro, constituindo-o como um macrogênero – denominação dada a “textos compostos por mais de um gênero”⁵⁵ (MARTIN; ROSE, 2008, p. 47). A Figura 9 mostra sua estrutura. Segundo Martin (1994, p. 36), quando o macrogênero se desenvolve por expansão, as partes que o compõem (os quatro textos da perspectiva de cada personagem, em VP), podem ser interpretadas individualmente ou como um todo.

55 No original: “texts composed of more than one genre.”

Figura 9 – Estrutura do livro ilustrado *Voices in the Park*



Fonte: Elaborada pela autora.

Esses livros foram escolhidos para análise por causa da diversidade e da complexidade dos recursos empregados para construir os significados bimodais que exploram as dimensões de desigualdade, classe social, geração e gênero. Ademais, as noções de reescrita de Lefevere (1992) e de reinstanciação de Martin (2006, 2008c) – abordadas nas seções 2.1 e 3.7 – foram solicitadas pelo objeto. Por conseguinte, algumas das categorias semântico-discursivas para a análise dos recursos de linguagem foram utilizadas para investigar a verbiagem no TF e em suas potenciais traduções intralinguais e para identificar as variações semânticas entre os textos na modalidade verbal. E, uma vez que os textos são bimodais, além do estudo da interação entre as modalidades, constatou-se a possibilidade de expandir a abordagem acima mencionada para a modalidade visual, aplicando as categorias sociossemióticas para a leitura de narrativas visuais.

6.2 POSICIONANDO OS TEXTOS EM SEUS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO

Ambos os textos analisados – WP e VP – foram produzidos pelo mesmo ilustrador e autor, Anthony Browne, com um intervalo de cerca de duas décadas entre eles. Embora produzidos no mesmo local, Reino Unido, a distância de 20 anos entre eles implica um amadurecimento do autor/ilustrador, outros leitores prospectivos e diferentes contextos históricos, sociais, econômicos e culturais. A motivação para a produção de VP é o aniversário de 20 anos de WP; mas, em vez de fazer uma edição comemorativa, Browne

reescreveu a estória, dando um enfoque diferente ao passeio ao parque. Em seu *website* oficial, Browne comenta: “[...] *A Walk in the Park*, uma estória que eu revisitaria 20 anos depois com *Voices in the Park*.”⁵⁶ (BROWNE, disponível para acesso em <www.anthonybrownebooks.com/about> Acesso em: 22 de abril de 2019).

WP, publicado pela primeira vez em 1977, foi o segundo livro ilustrado produzido por Browne. Antes de criar livros ilustrados, Browne trabalhou como artista na área médica, documentando procedimentos cirúrgicos por meio de aquarelas, e como designer de cartões. Browne era um escritor novato quando da publicação de WP. Em sua participação no programa de televisão *Long, Short and Tall Stories*⁵⁷, em 1980, Browne conta que só teve noção da capacidade de entendimento das crianças quando foi divulgar o livro em escolas e bibliotecas, e se surpreendeu ao perceber que elas entendiam bem mais do que ele supunha.

Várias imagens do programa mostram Browne saindo de casa para passear com um cão preto, passando pelos portões de um parque, que são fotografados por ele, o banco no qual se senta, o cão correndo pelo parque, os muros do parque, outras pessoas passeando por lá. Nessas imagens, identificam-se várias das ilustrações em WP, em especial a vizinhança de Browne, como aquela associada aos Smiths, e os portões do parque. Browne afirma que “gosta de colocar fantasias na realidade”⁵⁸ (BROWNE, 1980, disponível para acesso em: <www.youtube.com/watch?v=LclxKT2Qy5I&feature=youtu.be>) e que, para tanto, parte de imagens bem realistas. O autor considera que o contraste entre os adultos estáticos e as crianças que brincam e interagem é um dos principais temas do livro. Ao final do programa, o apresentador comenta sobre a habilidade de Browne trabalhar o cômico surreal junto a realidades difíceis como as barreiras sociais.

Em entrevista a Janet Evans (EVANS ET AL, 2009), Browne afirma que não escreve intencionalmente sobre tópicos determinados, mas que considera seus livros bastante pessoais e, dessa forma, seus sentimentos e pensamentos em relação a determinadas questões se manifestam em seu trabalho. Acrescenta, ainda, que se expressa através de sua arte e que muito de si é revelado por ela.

O leitor prospectivo para o qual Browne escreveu WP viveu uma infância marcada pela recessão econômica decorrente da crise do petróleo no cenário mundial e pelo início do governo de Margareth Thatcher no Reino Unido (1979-1990), durante o qual as greves

56 No original: “*A Walk in the Park*, a story I was to revisit 20 years later with *Voices in the Park*.”

57 Disponível em <www.youtube.com/watch?v=LclxKT2Qy5I&feature=youtu.be> Acesso em: 22 de abril de 2019.

58 No original: “I like to place fantasies in reality.”

culminaram no Inverno do Descontentamento e o conflito da Irlanda do Norte se intensificou. Além dos conflitos envolvendo os trabalhadores das indústrias, a década de 1970 no Reino Unido foi marcada por desaceleração econômica, extremismo político e aumento da violência pública e doméstica (MORGAN, 2017). Os movimentos de contracultura no final da década de 1960 promoveram liberalização e mudanças de valores sociais, entre as quais: mudanças no papel social de gênero – com o aumento do número de mulheres, incluindo mães, que entraram para o mercado de trabalho –, mudanças nos costumes sexuais, a priorização da autorrealização individual em detrimento ao casamento, o aumento do número de divórcios, entre outras. No Reino Unido, muitas dessas mudanças tiveram repercussões legislativas, com a criação de decretos.

VP foi publicado em 1998 e é o 31º livro ilustrado produzido por Browne. Na época, Browne já era um autor/ilustrador reconhecido, tendo sido condecorado duas vezes com a medalha *Kate Greenaway* da *Library Association* (Reino Unido) pelos livros ilustrados *Gorilla* (1983) e *Zoo* (1992). VP foi ganhador do prêmio *The Kurt Maschler Awards* no ano de sua publicação.

Mundialmente, a década de 1990 foi marcada por mudanças de paradigmas decorrentes do fim da Guerra Fria, com o colapso da União Soviética. A Internet e os computadores pessoais se popularizaram, impulsionando a globalização. No Reino Unido, a era Thatcher chegou ao fim, sendo sucedida pelo também conservador John Major, até 1997, quando teve início o governo trabalhista de Tony Blair. O liberalismo econômico foi sucedido pelo liberalismo cultural e o Reino Unido pós-Thatcher foi considerado uma sociedade culturalmente sem classes (TURNER, 2013), não obstante a crescente desigualdade econômica decorrente da mais longa recessão desde a década de 1930. O leitor prospectivo de VP pertence à geração subsequente àquela do público de WP. Segundo Strauss e Howe (2000), tais crianças cresceram na Era da Informação, na qual as relações sociais no domínio virtual – onde havia facilidade de recursos materiais – se consolidaram e o individualismo e a competição cresceram.

Assim sendo, identificam-se questões socioeconômicas e culturais distintas no Reino Unido no intervalo de 20 anos que separa os dois livros. Na época da publicação de VP, se fazia – como ainda se faz – necessário que as dimensões de desigualdade social continuassem a ser discutidas e que as pessoas se posicionassem perante a elas para agir. As mudanças ocorridas constituíram uma oportunidade para exercitar – ou pode ser que demandaram – uma nova maneira de abordar e sensibilizar as pessoas a respeito das diferenças de classe social, gênero e geração. Isso pode justificar que Browne tenha reescrito o passeio ao parque,

utilizando outros recursos semióticos e as perspectivas dos narradores-personagem de VP, em vez de optar por uma edição comemorativa de WP – que conta o passeio ao parque da perspectiva de um narrador externo –, a fim de alinhar o leitor prospectivo com ideias e valores mais condizentes com a realidade da época e, quiçá, levá-lo a agir.

O próximo capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa.

7 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia empregada nesta pesquisa e divide-se em três seções, correspondentes às três etapas da pesquisa.

7.1 ETAPA 1: ANÁLISE DA ESTRUTURA GENÉRICA

A primeira etapa da análise consistiu na investigação da estrutura genérica dos textos e utilizou o método de cima para baixo (*top-down*). O primeiro procedimento metodológico foi a segmentação dos textos em estágios, fases e subfases, considerando-se o significado global construído na interação entre as modalidades visual e verbal. A identificação dos estágios foi feita com base em Rothery e Stenglin (1997), Macken-Horarik (2003) e Martin e Rose (2008) – apresentados na seção 3.4.1. As funções dos estágios típicos dos gêneros analisados são resumidas no Quadro 5.

Quadro 5 – Os estágios e as funções dos gêneros escritos relato e narrativa

| Estágios | Descrição | Funções |
|----------------------|---|---|
| Orientação | Estágio inicial comum a todos os gêneros de estórias. | Apresentação dos personagens e cenário; contextualização; encaminhamento para o estágio subsequente. |
| Registro dos Eventos | Estágio intermediário do relato. | Apresentação de uma sequência de eventos claramente definidos; contratempos sem enfoque interpessoal. |
| Complicação | Estágio intermediário da narrativa. | Rompimento na sequência de atividades; construção do contratempo como problemático. |
| Avaliação | Estágio típico da narrativa. Pode estar dispersa no texto, não constituindo um estágio. | Enfatiza os significados interpessoais. Destaca o ponto da narrativa. |
| Resolução | Estágio final da narrativa. | Retorno a alguma forma de estabilidade. |
| Reorientação | Estágio final do relato. | Conclusão do ciclo de eventos; referência ao início do texto. |
| Coda | Estágio final opcional a todos os gêneros de estórias. | Avaliação retrospectiva dos eventos; apresentação implícita da moral da estória. |

Fonte: Elaborado pela autora.

A segmentação das fases e subfases considerou os tipos propostos por Martin e Rose (2008), os indicadores apontados por Macken-Horarik (2003) e as variações temáticas de acordo com Martin e Rose (2008), todos apresentados na seção 3.4.1.

Os textos segmentados foram colocados em planilhas eletrônicas com colunas para inserção dos nomes dos estágios, fases e subfases. Os nomes dos estágios foram grafados com letra inicial maiúscula e das fases, com letra minúscula, conforme Martin e Rose (2008, p.83). A identificação dos estágios considerou não só a modalidade verbal, mas também a visual e o significado intermodal, e permitiu determinar o gênero do texto. A segmentação da verbiagem de todos os textos analisados está apresentada no capítulo 8. As imagens correspondentes a cada subfase/fase ou estágio podem ser vistas junto à verbiagem nos quadros dos capítulos 10 a 13.

7.2 ETAPA 2: ANÁLISE DOS RECURSOS SEMIÓTICOS

A segunda etapa da pesquisa utilizou o método de baixo para cima (*bottom-up*) e visou investigar os recursos semióticos utilizados para construir o significado global dos textos. Os procedimentos metodológicos descritos foram realizados em relação a WP e, em seguida, a VP. O primeiro procedimento foi determinar as unidades de análise. A unidade de análise utilizada foi a página ou a página dupla (*spread*), na qual a interação entre a imagem e a verbiagem constrói um significado global para aquela parte da estória.

7.2.1 Metodologia para análise da modalidade visual

O segundo procedimento foi a análise da modalidade visual, porque as imagens são de assimilação mais imediata do que a representação verbal (PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013, p. 1). Para tanto, foram utilizadas as categorias de Painter, Martin e Unsworth (2013) descritas na seção 4.1. O Quadro 6 apresenta as categorias ideacionais.

Quadro 6 – Categorias para a análise ideacional na modalidade visual

| Sistema | Opções | |
|-------------------------------|-----------------------------------|--|
| Manifestação de personagem | completa metonímica | parte do corpo sombra ou silhueta |
| Aparecimento de personagens | aparecer reaparecer | imediatos posterior mesma aparência variada |
| Relações entre personagens | coclassificação comparação | atributiva configuracional concomitante retrospectiva |
| Processos | ação verbal mental | intransitiva transitiva cognição percepção |
| Relações entre eventos | projeção desdobramento | real imaginada simultaneidade sucessão |
| Relações entre circunstâncias | variar grau sustentar grau | descontextualizar recontextualizar manter contexto mudar contexto |

Fonte: Elaborado por LEE (2019, p. 50-51) com base em Painter, Martin e Unsworth (2013) e adaptado pela autora.

O Quadro 7 apresenta as categorias interpessoais. Primeiro, analisou-se a metafunção ideacional, porque os recursos interpessoais são mapeados a partir do conteúdo experiencial.

Quadro 7 – Categorias para a análise interpessoal na modalidade visual

| Sistema | Tipos e opções |
|------------------|----------------------------------|
| Distância social | impessoal social pessoal |
| Envolvimento | envolvimento não envolvimento |

| | | | | |
|------------------|---|-------------------------|-------------------------------------|---|
| Proximidade | bem espaçados próximos se tocando | | | |
| Orientação | face a face lado a lado ângulos opostos | | | |
| Poder | menos poder igual mais poder | | | |
| Afeto Pathos | apreciativo empático alienante | | | |
| Gradação | força | quantificação | número volume extensão | |
| | escala | para cima para baixo | | |
| Focalização | observar contato mediado não-mediado | | | |
| <u>Ambiência</u> | concentrada | ativada | Vibrância Calor Familiaridade | vibrante opaca quente frio familiar infamiliar |
| | diluída | dramatizada lisa | | |

Fonte: Elaborado por LEE (2019, p. 38-40) com base em Painter, Martin e Unsworth (2013) e adaptado pela autora.

Os resultados foram registrados em planilhas, utilizando-se duas colunas, sendo que os recursos visuais identificados foram anotados na coluna da esquerda e a imagem analisada, na coluna da direita. Planilhas distintas por metafunção foram elaboradas para cada um dos livros. Os Quadros 3 e 4 – apresentados nas seções 4.1.1 e 4.1.2 – ilustram a configuração dessas planilhas.

7.2.2 Metodologia para análise da modalidade verbal

O terceiro procedimento foi a análise da modalidade verbal, que utilizou os sistemas da semântica do discurso de Martin e Rose (2007) descritos na seção 4.2. As categorias ideacionais incluem as relações taxonômicas, as relações nucleares e as sequências de atividades, que compõem o sistema de IDEACÃO. O Quadro 8 apresenta as categorias das relações taxonômicas.

Quadro 8 – Categorias de análise das relações taxonômicas

| Sistema | Opções | |
|------------|---------------|------------|
| Repetição | | |
| Sinônimos | | |
| Contrastes | oposições | antônimos |
| | | contrários |
| | séries | escalas |
| | | ciclos |
| Classe | classe-membro | |
| | coclasse | |
| Parte | todo-parte | |
| | coparte | |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martin e Rose (2007, p. 81).

O Quadro 9 apresenta as categorias das relações nucleares.

Quadro 9 – Categorias de análise das relações nucleares

| Sistema | Opções | |
|------------|-----------------------|--------------|
| Central | Processo | |
| | Alcance | do Processo |
| | | de classe |
| | | de parte |
| Nuclear | Mediador | |
| | Alcance | de Entidade |
| | | de Qualidade |
| | | de Posse |
| Marginal | Agente | |
| | Beneficiário | |
| Periférica | Circunstância interna | |
| | Circunstância externa | |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martin e Rose (2007, p. 96).

As categorias de análise interpessoais incluem afeto, julgamento e apreciação que integram o sistema de ATITUDE e as opções do sistema de GRADAÇÃO. O Quadro 10 apresenta as categorias de atitude.

Quadro 10 – Categorias de análise de atitude

| Sistema | Opções |
|------------------|--|
| Afeto | felicidade segurança satisfação desejo medo |
| Julgamento | normalidade capacidade tenacidade veracidade propriedade |
| Apreciação | reação composição valorização |
| Carga | positiva negativa |
| Modo de ativação | inscrita evocada |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martin e White (2005).

O Quadro 11 apresenta as categorias de gradação.

Quadro 11 – Categorias de análise de gradação

| Sistema | Opções |
|---------|---|
| Força | quantificação intensificação modo de ativação |
| Foco | fusionada isolada |
| Escala | para cima para baixo |

Fonte: Elaborado pela autora com base em Martin e White (2005).

Os resultados das análises para cada um dos livros foram anotados em planilhas eletrônicas distintas por metafunção. As planilhas da ideação têm abas para cada uma das

categorias como a de relações taxonômicas em WP – Figura 6, apresentada na seção 4.2.1. As planilhas da valoração têm colunas para inserção das instâncias avaliativas, do tipo de avaliação e carga, do alvo ou gatilho da avaliação, do avaliador e do tipo gradação que possa estar acoplada à avaliação.

7.2.3 Metodologia para análise da intermodalidade

O quarto procedimento foi a análise de como as modalidades visual e verbal interagem para construir o significado global do texto bimodal. Para tanto, utilizaram-se as noções de calibragem e acoplamento de Martin (2008c), explicadas na seção 3.5. Inicialmente, seguiu-se Painter, Martin e Unsworth (2013), que consideram os domínios Ação, Personagem e Cenário para a interação intermodal dos recursos ideacionais; e os domínios Afiliação e Sentimento para a interação intermodal dos recursos interpessoais. No entanto, no escopo desta pesquisa, os acoplamentos de recursos de metafunções diversas se mostraram mais relevantes para entender o significado global construído nos textos do que as complementaridades intermodais dentro de uma mesma metafunção. Os padrões de acoplamento identificados estão descritos na seção de resultados.

A procura pelos padrões de acoplamentos, assim como a investigação da calibragem – quantidade de significado manifestado em uma instância –, foi feita sob a perspectiva da hierarquia da instanciação, que limita as possibilidades de combinação permitidas pela hierarquia da realização. As instâncias de acoplamento e calibragem foram procuradas também sob a perspectiva da individuação para mostrar como os recursos selecionados constroem os diferentes personagens e, conseqüentemente, seus diferentes discursos, gerando instâncias diferentes do passeio ao parque.

7.3 ETAPA 3: ANÁLISE DAS VARIAÇÕES SEMÂNTICAS

A terceira etapa de análise utilizou os dados das duas primeiras etapas da pesquisa para determinar como o macrogênero VP reinstanciava WP. Com base nos recursos analisados,

fez-se o recorte para a terceira etapa, que investigou as variações semânticas na calibragem e no acoplamento de determinados recursos ideacionais e interpessoais em cada uma das quatro estórias de VP, destacando a reinstanciação das dimensões de desigualdade e o posicionamento do leitor prospectivo. Ao analisar a reinstanciação, foram considerados os capítulos individualmente e o macrogênero como um todo.

Seguindo o aporte de Martin (2006, 2008c), utilizou-se a perspectiva da hierarquia da instanciação para investigar a reinstanciação do TF, a noção de calibragem para determinar a quantidade de significado potencial compartilhado pelo TF e as quatro estórias de VP e a noção de acoplamento para identificar as combinações de significados.

No entanto, a metodologia disponibilizada em Martin (2008c) se limita à reinstanciação intralingual. Martin (2008c) não trabalha com a reinstanciação visual e não foram encontrados trabalhos que contemplem essa modalidade, utilizando o aporte teórico empregado nesta pesquisa. Essa lacuna deu ensejo à pergunta de pesquisa a respeito da reinstanciação na modalidade visual, que é respondida ao longo da seção 7.3.4. Antes disso, porém, são apresentados os demais procedimentos metodológicos para a análise desenvolvida nesta etapa da pesquisa.



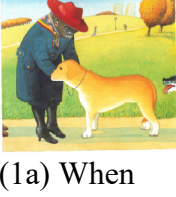

7.3.1 Metodologia para o alinhamento dos textos

O primeiro procedimento na análise da reinstanciação intralingual foi o alinhamento dos textos. Considerou-se WP o TF e cada uma das quatro estórias de VP suas potenciais traduções intramodais – intralingual e intravisual. Uma vez que os textos são bimodais, foi feito um alinhamento das imagens⁵⁹, um alinhamento da verbiagem e, por fim, um alinhamento dos significados globais – aqueles construídos na interação entre as modalidades visual e verbal – instanciados nos textos. Os significados globais foram determinantes na medida do grau de calibragem ideacional e interpessoal nos textos.

As planilhas utilizadas para o alinhamento possuem colunas para cada um dos textos, sendo que para WP há duas colunas, para contemplar os eventos que ocorrem em paralelo. O Quadro 12 ilustra o alinhamento.

⁵⁹ Tecnicamente, o que se alinha não são as imagens ou o texto verbal, mas os significados instanciados em cada uma das modalidades semióticas.

Quadro 12 – Exemplo do alinhamento dos textos

| WP | <i>First Voice</i> | <i>Second Voice</i> | <i>Third Voice</i> | <i>Fourth Voice</i> |
|---|--|---|--|--|
| 4.1  (2a) Albert was impatient to be let off his lead. | 4.2  (2b) Victoria waited quietly until Mrs Smythe had detached the lead from her collar. | 2.1  (1a) When we arrived at the park, I let Victoria off her leash. | 6.1  (1a) He loves it there. | ... (1a) Albert's always in such a hurry to be let out off his leash. |

Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *A Walk in the Park*, p. [8] e [9], 2013 e *Voices in the Park*, p. [4], [12] e [25], 1998, de Anthony Browne.

7.3.2 Metodologia para a análise da reinstanciação ideacional na modalidade verbal

Para determinar se um texto verbal é mais calibrado em termos de significados ideacionais do que outro, com o qual estabelece relação de reinstanciação⁶⁰, Martin (2008c) considera o número de eventos específicos calibrados na estória, ou em estágios ou fases da estória, e a calibragem desses eventos em si. Em relação à calibragem dos eventos específicos, Martin (2008c) leva em conta a calibragem dos processos, dos grupos nominais, de metalinguagens, abstrações e metáforas ideacionais.

A calibragem do processo é medida de acordo com sua especificidade, a qual depende do significado do processo em si e das circunstâncias acopladas a ele. A calibragem do grupo nominal depende dos recursos acoplados ao Ente, como os Epítetos e Qualificadores, que o especificam, os Classificadores, que o subclassificam e alguns Dêiticos possessivos que o de/compõem (MARTIN, 2008c, p. 56). As metalinguagens, as abstrações e as metáforas ideacionais estabelecem relação lógico-semântica de elaboração (HALLIDAY, 1985; MARTIN, 1992), na qual um significado é rearticulado, exemplificado ou mais especificado.

⁶⁰ A relação de reinstanciação é estabelecida quando o grau de sobreposição do potencial de significados de dois textos é alto o suficiente para que um texto reconstrua o potencial de significado do outro.

Em suma, quanto mais específico um processo, mais calibrado ele é; quanto mais Epítetos, Qualificadores, Classificadores e Dêiticos acoplados a um Ente, mais calibrado é o grupo nominal; e quanto mais metalinguagens, abstrações e metáforas ideacionais utilizadas em uma determinada instância, mais calibrada ela se torna. O acúmulo dessas calibrações determina a calibragem de cada um dos eventos de um texto verbal que, por sua vez, determina a calibragem ideacional do texto.

Tendo em vista os resultados da análise realizada na segunda etapa da pesquisa, as hipóteses e os objetivos a serem alcançados, a calibragem do grupo nominal mostrou-se pouco profícua⁶¹, assim como a de metalinguagens, abstrações e metáforas ideacionais, enquanto a agentividade mostrou-se mais relevante. Assim sendo, os procedimentos seguidos para determinar as variações semânticas na reinstanciação dos significados ideacionais verbais, incluindo as dimensões de desigualdade e o posicionamento do leitor prospectivo, na subfase, fase ou estágio respectivo, foram:

- a) Identificar os acréscimos e as omissões de eventos usados na reinstanciação, em relação ao TF.
- b) Identificar as variações na calibragem dos processos que constroem os eventos reinstanciados.
- c) Identificar as variações na agentividade dos processos que constroem os eventos reinstanciados.
- d) Aplicar as perspectivas das hierarquias da realização, instanciação e individuação para determinar os efeitos dessas variações na reinstanciação.

7.3.3 Metodologia para a análise da reinstanciação interpessoal na modalidade verbal

Para medir a calibragem dos significados interpessoais verbais, Martin (2008c) utiliza, além do número de instâncias interpessoais no texto, o grau de explicitação das atitudes e seus acoplamentos com a gradação. As estratégias para calibrar os significados de atitude e o grau de explicitação desses significados foram apresentados nas seções 4.2.2 e 5.4, respectivamente. Conforme visto, quanto mais explícito for um significado atitudinal

61 Certos recursos que realizam os grupos nominais, as abstrações e as metáforas ideacionais serão abordados da perspectiva interpessoal, sob a qual assumem maior relevância para os significados construídos, as hipóteses e os objetivos pretendidos.

instanciado no texto, mais calibrada a instância é, e quanto mais recursos de gradação acoplados a uma instância de atitude, mais calibrada ela se torna. Por fim, o acúmulo dessas calibrações e o número de instâncias interpessoais em um texto determinam sua calibragem interpessoal em relação a outro texto.

Os procedimentos seguidos para determinar as variações semânticas na reinstanciação dos significados interpessoais verbais, incluindo as dimensões de desigualdade e o posicionamento do leitor prospectivo, na subfase, fase ou estágio respectivo, foram:

- a) Identificar os acréscimos e as omissões de instâncias de atitude e de gradação na reinstanciação, em relação ao TF.
- b) Identificar as variações no grau de explicitação das instâncias de atitude reinstanciadas.
- c) Identificar as variações no tipo de atitude calibradas na reinstanciação, em relação ao TF.
- d) Identificar as variações em relação às instâncias de gradação calibradas na reinstanciação, em relação ao TF.
- e) Aplicar as perspectivas das hierarquias da realização, instanciação e individuação para determinar os efeitos dessas variações na reinstanciação.

7.3.4 Metodologia operacionalizada para a análise da reinstanciação na modalidade visual

Ao longo da análise dos recursos visuais constatou-se que algumas imagens em VP são completamente diferentes de quaisquer imagens de WP, outras minimamente semelhantes e outras ainda bastante parecidas. Estas últimas podiam ser reconhecidas como tendo reconstituído o potencial de significado das imagens equivalentes em WP, portanto, pressupôs-se que fossem suas reinstanciações. Verificou-se também que não havia uma metodologia para determinar a calibragem relativa dos significados semióticos na modalidade visual, ou mais especificamente, que pudesse demonstrar a sobreposição de significados entre as imagens em questão, comprovando assim sua reinstanciação. Preenchendo tal lacuna, a presente pesquisa operacionalizou a metodologia apresentada nesta seção para possibilitar a análise da reinstanciação na modalidade visual. Portanto, a exposição que se segue responde à pergunta de pesquisa ‘Como elaborar uma metodologia para a análise da reinstanciação na

modalidade visual com base na metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade verbal?’

Para determinar o grau de calibragem dos significados visuais na reinstanciação – em cada uma das estórias de VP e no macrogênero como um todo – em relação ao TF, incluindo as dimensões de desigualdade e o posicionamento do leitor prospectivo –, esta pesquisa partiu dos sistemas empregados para a análise das imagens na segunda etapa metodológica. Aqueles que possibilitaram estabelecer um paralelo com as categorias propostas por Martin (2008c) e com os procedimentos seguidos para determinar o grau de calibragem dos significados ideacionais e interpessoais na modalidade verbal foram utilizados. A estratégia semântica de leitura ‘comparação/contraste’, necessária para o entendimento das relações que se estabelecem entre os eventos visuais (PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013, p. 70), foi empregada intertextualmente para comparar/contrastar as calibragens na modalidade visual entre o passeio ao parque instanciado em WP e suas reinstanciações em VP.

7.3.4.1 Metodologia para a análise da reinstanciação ideacional na modalidade visual

Retomando as categorias ideacionais visuais, os sistemas de DESDOBRAMENTO, da rede de RELAÇÕES ENTRE EVENTOS, permitiram visualizar os limites entre os eventos, facilitando sua identificação por estágios, fases ou subfases, em cada texto, e a posterior comparação desses eventos entre os textos. Assim, foi possível identificar os acréscimos e as omissões de eventos na reinstanciação do TF. As opções acelerar e desacelerar do sistema mudar ritmo, no terceiro nível de delicadeza do sistema de DESDOBRAMENTO foram aplicadas intertextualmente para medir a calibragem dos eventos. Considerou-se que o ritmo tornou-se acelerado quando foram usadas menos imagens na reinstanciação do que no TF para reinstanciar as ações dentro de uma sequência, configurando o TT como menos calibrado. Caso o ritmo tenha se desacelerado no TT, com o uso de mais imagens para reinstanciar as ações dentro de uma sequência, o TT é considerado mais calibrado.

Para a medida da calibragem do processo visual, considerou-se em primeiro lugar se o processo foi calibrado emerso para o primeiro plano, aumentando sua calibragem, ou recuado para o segundo plano, diminuindo sua calibragem em relação ao TF. A emersão e o recuo do processo estão relacionados à variação de status dos personagens acoplados ao processo, descrita mais abaixo. Em segundo lugar, levou-se em conta o grau de detalhes na

circunstanciação – apresentado na seção 4.1.1 – acoplada ao processo instanciado. As opções descontextualizar ou recontextualizar, do sistema VARIAR GRAU, da rede de RELAÇÕES ENTRE CIRCUNSTÂNCIAS, foram empregadas intertextualmente, funcionando da seguinte maneira: quando a circunstanciação reinstanciada é descontextualizada em relação à circunstanciação no TF, significa que há uma redução no grau de detalhes na circunstanciação reinstanciada e ela resulta menos calibrada do que aquela no TF, assim como o processo ao qual está acoplada. Quando a circunstanciação reinstanciada é recontextualizada em relação ao TF, significa que há um aumento no grau de detalhes e a circunstanciação em questão se torna mais calibrada do que aquela no TF, fazendo com que o processo ao qual está acoplada também se torne mais calibrado do que aquele no TF. O primeiro ponto considerado é mais relevante que o segundo, portanto, mesmo que haja aumento no grau de detalhes da circunstanciação, se o processo recuar para o segundo plano em relação ao TF, ele se torna menos calibrado; e mesmo que haja diminuição do grau de circunstanciação, se o processo emergir para o primeiro em relação ao TF, ele se torna mais calibrado.

Em paralelo à calibragem do grupo nominal na verbiagem, e em consonância com a complementaridade dos potenciais de significado visual – atribuição de personagem – e verbal – descrição, classificação e identificação de participante – proposta em Painter, Martin e Unsworth (2013, p. 138), esta pesquisa levou em conta os recursos selecionados da atribuição de personagem e as opções dos sistemas de MANIFESTAÇÃO e APARECIMENTO DE PERSONAGEM para medir a calibragem visual compartilhada pelos textos no domínio Personagem. Em relação aos demais participantes, que não os personagens, considerou-se que suas calibragens foram contempladas por meio da circunstanciação, conforme abordado no parágrafo anterior.

Para medir intertextualmente o grau de calibragem em relação à manifestação de personagem, considera-se que a reinstanciação em manifestação completa de personagens que tiveram manifestação metonímica no TF torna a reinstanciação mais calibrada e vice-versa. Quando utilizada intertextualmente, a opção reaparecer do sistema de APARECIMENTO DE PERSONAGEM passa a ser realizada no texto alvo pela reinstanciação de um mesmo personagem do TF. A não reinstanciação do personagem configura uma omissão e a instanciação no texto alvo de um personagem que não tenha sido instanciado no TF, um acréscimo. A opção variada do sistema REAPARECER foi aplicada da seguinte maneira: 1) no sistema STATUS, se o personagem reinstanciado emergiu da circunstanciação, em relação ao TF, a reinstanciação torna-se mais calibrada, se o personagem recuou para a circunstanciação, a reinstanciação torna-se menos calibrada. 2) no sistema ATRIBUIÇÃO, o aumento de detalhes

descritivos, atributos simbólicos ou vestuário/acessórios na reinstanciação, em relação ao TF, a torna mais calibrada, e a diminuição, menos calibrada. Esta pesquisa considerou ainda que os atributos simbólicos na imagem funcionam de forma semelhante às metáforas ideacionais, abstrações e metalinguagem, em que encerram em si um significado que elabora aquele que é estritamente retratado, tornando mais calibrados os participantes aos quais estão acoplados.

Resumindo os parâmetros ideacionais visuais, quanto mais detalhes na circunstanciação acoplada ao processo visual e quanto mais atributos simbólicos acoplados a um personagem, mais calibrado um evento. O reaparecimento do personagem mais afastado do cenário e sua manifestação completa, em relação ao reaparecimento mais para dentro do cenário e a manifestação metonímica, também tornam o evento mais calibrado. E, uma vez que os textos são bimodais, a reinstanciação de um evento – que tenha sido instanciado nas duas modalidades no TF – em apenas uma das modalidades semióticas torna-o menos calibrado. Quanto mais eventos visuais envolvidos na reinstanciação e quanto mais calibrados esses eventos, mais calibrada a reinstanciação em relação ao TF.

Os procedimentos empregados para determinar o grau de sobreposição dos significados ideacionais visuais, incluindo as dimensões de desigualdade e o posicionamento do leitor prospectivo, na subfase, fase ou estágio respectivo, foram os seguintes:

- a) Identificar os acréscimos e as omissões de eventos visuais na reinstanciação, em relação ao TF.
- b) Identificar as variações na emersão ou recuo dos processos visuais de/para a circunstanciação, em relação ao TF.
- c) Identificar as variações no grau de detalhes das circunstanciações acopladas aos processos visuais na reinstanciação, em relação ao TF.
- d) Identificar as variações na atribuição, no aparecimento e na manifestação dos personagens na reinstanciação, em relação ao TF.
- e) Identificar as variações no uso de atributos simbólicos na reinstanciação, em relação ao TF.
- f) Identificar as variações nos acoplamentos aos significados visuais ideacionais na reinstanciação, em relação ao TF.
- g) Aplicar as perspectivas das hierarquias da realização, instanciação e individuação para determinar os efeitos dessas variações na reinstanciação.

7.3.4.2 Metodologia para a análise da reinstanciação interpessoal na modalidade visual

A medida da calibragem dos significados interpessoais visuais tomou como base o grau de explicitação das atitudes e o acoplamento com gradação, utilizados em Martin (2008c) como medida da calibragem dos significados interpessoais verbais, e o paralelo entre o afeto visual e os recursos atitudinais da modalidade verbal, estabelecido em Painter, Martin e Unsworth (2013). Conforme apresentado na seção 4.1.2, a expressão do afeto visual é possibilitada pelos recursos do sistema de PATHOS. Assim sendo, esta pesquisa considera que o afeto realizado pelo estilo naturalista é mais calibrado do que aquele realizado pelo estilo genérico, que por sua vez é mais calibrado do que aquele realizado pelo estilo minimalista.

Este estudo propôs que o grau de calibragem dos significados interpessoais visuais fosse medido em relação ao grau de explicitação do afeto visual⁶² retratado na imagem e ao seu acoplamento com gradação e/ou ruptura⁶³ – ambos passíveis de escalar o afeto retratado –, com ambiência, focalização e outras instâncias de atitude evocada. Esta pesquisa considera que a explicitação do afeto visual varia em um contínuo que tem o afeto inscrito por meio da expressão facial como o mais explícito – e, portanto, o mais calibrado –, seguido por aqueles inscritos por postura corporal e gestos, e, por último, o afeto evocado por meio de atributos simbólicos inscritos no texto – o menos explícito e calibrado. As expressões faciais, posturas corporais e gestos podem evocar julgamento no leitor, configurando instâncias menos calibradas do que as de afeto, uma vez que não estão inscritas no texto. Ademais, o afeto identificado em participantes em primeiro plano é mais calibrado do que o afeto identificado em participante na circunstanciação. Finalmente, um maior número de acoplamentos às instâncias de afeto, e um maior o número dessas instâncias na reinstanciação, em relação ao TF, configura a reinstanciação como mais calibrada e vice-versa.

Os procedimentos empregados para determinar o grau de sobreposição dos significados interpessoais visuais, incluindo as dimensões de desigualdade e o posicionamento do leitor prospectivo, na subfase, fase ou estágio respectivo, foram os seguintes:

- a) Identificar os acréscimos e as omissões de instâncias de afeto visual e de gradação na reinstanciação, em relação ao TF.
- b) Identificar as variações no grau de explicitação de afeto visual na reinstanciação, em relação ao TF.

62 Na análise realizada nesta pesquisa, constatou-se que o estilo dos desenhos em WP e em VP é o mesmo – tende a genérico no contínuo – e que as diferenças identificadas quanto ao estilo do desenho no desenrolar de cada estória e na comparação intertextual não são significativas para a calibragem, podendo ser atribuídas ao acoplamento do estilo do desenho a outros recursos como gradação, focalização, entre outros. Portanto, o estilo do desenho foi considerado ‘sem variação’ e não afetou a medida do grau de calibragem interpessoal.

63 Da rede de sistemas textuais de ENQUADRAMENTO.

- c) Identificar as variações em relação às instâncias de gradação, ruptura, ambiência, focalização e atitude evocadas acopladas às instâncias de afeto visual na reinstanciação, em relação ao TF.
- d) Identificar as variações em relação aos demais significados interpessoais utilizados na construção das dimensões de desigualdade e do posicionamento do leitor prospectivo.
- e) Aplicar as perspectivas das hierarquias da realização, instanciação e individuação para determinar os efeitos dessas variações na reinstanciação.

Os procedimentos para análise da modalidade visual foram apresentados depois dos procedimentos para análise da modalidade verbal para explicar como foram desenvolvidos. No entanto, de acordo com a ordem das análises na etapa 2 da pesquisa – apresentada e justificada na seção 7.2 deste capítulo –, procede-se a: 1) a análise das variações na modalidade visual, para os significados ideacionais e, a seguir, para os interpessoais; 2) a análise das variações na modalidade verbal, também para os significados ideacionais e, a seguir, para os interpessoais.

Tendo em vista que os textos investigados são bimodais, após a análise de cada modalidade semiótica, segundo os procedimentos acima descritos, consideram-se os significados globais construídos e analisa-se a intermodalidade. Nesta etapa final, são verificados o uso de apenas uma modalidade para reinstanciar significados instanciados em ambas as modalidades do TF, a alternância de modalidades para reinstanciar significados, a convergência, a divergência e a multiplicação de significados entre as modalidades e as variações na calibragem dos significados reinstanciados decorrentes da intermodalidade.

Os resultados das análises realizadas neste estudo são apresentados na segunda parte desta tese.

PARTE II – DOS RESULTADOS

Na segunda parte desta tese são descritos os resultados da análise da estrutura genérica, da análise multimodal e da análise da reinstanciação realizadas no *corpus* desta pesquisa, segundo os procedimentos e métodos apresentados no capítulo 7. Posteriormente esses resultados são discutidos em relação às perguntas, hipóteses e objetivos elaborados para este estudo e, por fim, são tecidas as conclusões.

O capítulo 8 apresenta os resultados da análise da estrutura genérica dos livros ilustrados analisados na pesquisa.

O capítulo 9 apresenta os resultados da análise multimodal do texto-fonte, o livro ilustrado *A Walk in the Park*. A análise dos recursos semióticos seguiu os procedimentos metodológicos estabelecidos para a segunda etapa da pesquisa, apresentados na seção 7.2. Os resultados são apresentados sob o recorte das dimensões de desigualdade social e do posicionamento do leitor prospectivo.

Os capítulos 10 a 13 apresentam os resultados da análise da reinstanciação realizada para cada uma das estórias do livro ilustrado *Voices in the Park*. O capítulo 10 aborda *First Voice*; o capítulo 11, *Second Voice*; o capítulo 12, *Third Voice*; e o capítulo 13, *Fourth Voice*.

A análise da reinstanciação enfatiza as dimensões de desigualdade social e a construção do posicionamento do leitor prospectivo e seguiu os procedimentos estabelecidos para a terceira etapa da pesquisa, apresentados na seção 7.3. A análise da reinstanciação é feita com base na análise dos recursos semióticos. Dessa forma, os resultados da análise multimodal do discurso relevantes para o recorte realizado são apresentados junto aos resultados da etapa 3, por meio da descrição dos recursos semióticos utilizados para a construção dos significados, ou seja, da perspectiva da hierarquia da realização. Os resultados da análise são então abordados sob as perspectivas das hierarquias da instanciação e da individuação para mostrar as semelhanças e as variações ideacionais e interpessoais que ocorrem na reinstanciação de WP, nas modalidades visual e verbal, e suas consequências para o significado global reinstanciado e para o posicionamento do leitor prospectivo.

A análise foi realizada em relação às subfases, fases e estágios dos textos, portanto, a descrição dos resultados e a organização dos capítulos seguem a mesma configuração. Devido à grande quantidade de dados coletados, a descrição procurou abranger os recursos mais relevantes, portanto, nem todos os recursos identificados são apresentados. Dentro de cada fase ou subfase, são apresentados primeiro, os recursos que realizam os significados

ideacionais, seguidos pelos interpessoais. Cada tipo de significado foi descrito primeiro para a modalidade visual e depois para a modalidade verbal.

Para facilitar o acesso do leitor ao conteúdo cotejado nos capítulos relativos às histórias de VP, um quadro com os textos é apresentado no início de cada seção. Neles, o estágio, fase ou subfase que está sendo descrito está na parte superior e a parte correspondente do TF está na parte inferior. A primeira coluna apresenta os textos visuais com o número da imagem abaixo dela. A segunda coluna apresenta os textos verbais. A terceira coluna apresenta o número da fase, seguido da identificação alfabética correspondente à subfase, quando pertinente. A última coluna apresenta o nome do estágio.

O capítulo 14, de discussão dos resultados, tece considerações sobre as semelhanças e diferenças entre os textos e responde as perguntas e as hipóteses da pesquisa.

O capítulo 15, de conclusão, discorre sobre o cumprimento dos objetivos da pesquisa, as contribuições e as limitações deste estudo.

8 ANÁLISE DA ESTRUTURA GENÉRICA

Este capítulo apresenta a estrutura genérica dos textos investigados, por meio de suas segmentações em estágios e fases. A análise da estrutura genérica das estórias baseou-se não só nos recursos verbais, mas também nos recursos visuais e nos significados globais construídos no texto bimodal por meio da interação entre as modalidades semióticas. A segmentação permitiu identificar o gênero de cada uma das estórias, de acordo com as características apontadas por Rothery e Stenglin (1997), Macken-Horarik (2003) e Martin e Rose (2008) para os gêneros da família das estórias, apresentadas na seção 3.4.1.

A análise de estrutura genérica das estórias investigadas permite mostrar que um relato feito por um narrador externo foi, duas décadas mais tarde, segmentado em uma narrativa e três relatos feitos pelos mesmos personagens do primeiro relato. Nas seções que se seguem – e com mais detalhes nos capítulos subsequentes – constata-se que o primeiro relato difere das demais estórias na expressão de sentimentos, uma vez que o narrador externo de WP parece ter uma focalização restrita ao que vê apenas, usualmente não julgando, apreciando ou demonstrando afeto como os narradores-personagem das estórias de VP que têm acesso a seus mundos interiores. A primeira seção deste capítulo apresenta a análise da estrutura genérica de WP, a segunda de FV, a terceira de SV, a quarta de TV e a quinta de FV. As avaliações inscritas identificadas em todos os relatos estão destacadas em laranja nos quadros correspondentes a cada estória. Na narrativa, destaca-se o estágio de Avaliação.

8.1 *A WALK IN THE PARK*

A estória WP registra uma série de eventos que ocorreram em uma manhã em que duas famílias de classes sociais distintas foram passear no parque. Na análise da estrutura genérica de WP foram identificados os estágios Orientação, Registro dos Eventos, Reorientação e Coda, portanto, a estória foi classificada como relato. O Quadro 13 apresenta a segmentação do texto na modalidade verbal⁶⁴.

64 Devido à limitação de espaço, a divisão dos textos visuais não será apresentada nesta seção. As imagens que compõem cada subfase/fase/estágio podem ser vistas junto ao texto verbal nos quadros dos capítulos 10 a 13.

Quadro 13 – Estrutura genérica de *A Walk in the Park*

| Estágios | Fases | Verbiagem |
|----------------------|---|---|
| Orientação | cenário | <i>One morning Mr Smith and his little girl, Smudge, took their dog, Albert, for a walk.</i> |
| | | <i>On that same morning Mrs Smythe and her son, Charles, were taking their dog, Victoria, for a walk.</i> |
| Registro dos Eventos | evento | <i>Smudge, Mr Smith and Albert went into the park.</i> |
| | evento | <i>Mrs Smythe, Charles and Victoria arrived soon afterwards.</i> |
| | evento | <i>Albert was impatient to be let off his lead.</i> |
| | evento | <i>Victoria waited quietly until Mrs Smythe had detached the lead from her collar.</i> |
| | evento | <i>Both dogs were free. They chased each other all over the park.</i> |
| | evento | <i>Mr Smith went to sit at one end of a bench and Smudge sat with him.</i> |
| | evento | <i>Mrs Smythe sat at the other end with Charles.</i> |
| | evento | <i>Smudge and Charles looked at each other.</i> |
| | descrição | <i>Albert and Victoria raced along the paths, dodging round trees, leaping over flower beds. First Albert chased Victoria, then Victoria chased Albert, then Albert chased Victoria again, so quickly that sometimes it was difficult to tell them apart.</i> |
| | evento | <i>While the dogs played,</i> |
| | evento | <i>Smudge and Charles edged nearer and nearer to each other.</i> |
| | evento | <i>Mr Smith and Mrs Smythe looked the other way.</i> |
| | descrição | <i>Smudge went on the swings, swinging higher and higher, as high as she dared. Charles was not so sure.</i> |
| | evento | <i>Meanwhile an angry gardener chased the dogs off the flower beds.</i> |
| | evento | <i>They took off their coats and Smudge swung like a monkey on the climbing frame.</i> |
| | evento | <i>Albert felt too hot, so to cool himself he plunged into the fountain.</i> |
| | evento | <i>Smudge and Charles climbed a tree.</i> |
| | evento | <i>They all played on the bandstand.</i> |
| | comentário | <i>The whole world seemed happy.</i> |
| problema | <i>But Mr Smith read his newspaper at one end of the bench and Mrs Smythe looked the other way.</i> | |

| | | |
|--------------|--------|---|
| | evento | <i>Charles picked a flower and gave it to Smudge.</i> |
| | evento | <i>“Ere Albert, ‘ere Smudge”, yelled Mr Smith. “Time for ‘ome!”</i> |
| | evento | <i>“Come here Victoria, come along Charles,” called Mrs Smythe. “Time for lunch.”</i> |
| Reorientação | evento | <i>Mrs Smythe took Charles and Victoria home.</i> |
| | evento | <i>Mr Smith took home Smudge and Albert.</i> |
| Coda | evento | <i>And Smudge kept the flower.</i> |

Fonte: Elaborado pela autora com verbiagem do livro *A Walk in the Park*, 2013, de Anthony Browne.

O estágio de Orientação estabelece o campo de atividade “passear”, apresentando os personagens e o cenário e estabelecendo o contexto necessário para o estágio subsequente. O estágio de Registro dos Eventos é constituído por uma série de eventos, desde a chegada das duas famílias ao parque até o momento em que os pais chamam as crianças e os cães para voltar para casa, intercalados por duas fases mais descritivas. As avaliações inscritas são escassas. A única fase de problema do relato diz respeito a um dos temas da estória que é a imobilidade e a falta de interação entre os personagens adultos, em contraste com a mobilidade dos demais personagens e a interação entre eles. O estágio de Reorientação é composto pela volta das famílias para casa, que fecha a série de eventos fazendo referência ao início da estória. A Coda faz referência ao tema principal do relato, que é a amizade que se forma entre as crianças de classe sociais distintas durante o passeio ao parque, ao contar que Smudge guardou a flor que lhe foi dada por Charles no parque.

Da perspectiva da hierarquia da instanciação, WP calibra um paralelismo semântico entre as sequências de atividades das duas famílias que constitui um padrão no relato. Da perspectiva da hierarquia da individuação, WP calibra contrastes e diferenças entre os personagens. O paralelismo tem início com a alternância das sequências de atividades das famílias, enfatizando a dimensão de desigualdade de classe social. A seguir, os cães se separam de seus donos e é estabelecido um paralelismo que enfatiza suas diferenças, mas logo eles se unem em uma sequência de atividades pelo parque. Depois, as crianças se separam de seus pais; o paralelismo semântico construído entre elas é mais breve e sutil, baseado no contraste entre suas personalidades e habilidades ao longo de suas atividades pelo parque. A ênfase passa a ser na dimensão de desigualdade de geração. Os adultos permanecem sentados no banco do parque e o paralelismo entre eles se baseia majoritariamente em suas posições nas extremidades do banco, olhando para lados opostos. Ao fim do relato, cada família se

reúne para voltar para casa e a dissemelhança entre suas classes sociais é retomada. Não obstante, as crianças fazem amizade e Charles dá uma flor para Smudge, que a guarda quando chega em casa.

8.2 FIRST VOICE

A estória FV, de VP, foi classificada por Tian (2011) como um relato baseado apenas na modalidade verbal e nos recursos interpessoais inscritos. Na análise da estrutura genérica de FV, a presente pesquisa levou em conta os significados verbais, visuais, intermodais, além dos significados interpessoais inscritos e evocados. Dessa forma, a estória FV foi classificada como uma narrativa constituída pelos estágios de Orientação, Complicação, Avaliação e Resolução. A segmentação de FV é apresentada no Quadro 14.

Quadro 14 – Estrutura genérica de *First Voice*

| Estágios | Fases | Verbiagem |
|-------------|------------------|--|
| Orientação | cenário | <i>It was time to take Victoria, our pedigree Labrador, and Charles, our son, for a walk.</i> |
| Complicação | evento | <i>When we arrived at the park, I let Victoria off her leash.</i> |
| | problema | <i>Immediately some scruffy mongrel appeared and started bothering her.</i> |
| | reação | <i>I shooed it off,</i> |
| | problema | <i>but the horrible thing chased her all over the park.</i> |
| | reação | <i>I ordered it to go away,</i> |
| | problema | <i>but it took no notice of me whatsoever.</i> |
| | evento | <i>“Sit,” I said to Charles. “Here.”</i> |
| Avaliação | problema | <i>I was just planning what we should have to eat that evening when I saw Charles had disappeared.</i> |
| | reflexão | <i>Oh dear! Where had he gone?</i> |
| | problema | <i>You get some frightful types in the park these days!</i> |
| Resolução | reação | <i>I called his name for what seemed like ages.</i> |
| | solução/problema | <i>Then I saw him talking to a very rough-looking child.</i> |
| | reação | <i>“Charles, come here. At once!” I said. “And come here please, Victoria.”</i> |
| | solução | <i>We walked home in silence.</i> |

Fonte: Elaborado pela autora com verbiagem do livro *Voices in the Park*, 1998, de Anthony Browne.

O estágio de Orientação estabelece o contexto e introduz os personagens a partir do horário que eles têm para ir passear. A mudança para o estágio subsequente é indicada pelo Tema marcado *When*. Na modalidade verbal desse estágio, identificou-se uma repetição de problema seguido por reação – o cachorro que aparece e a NP tenta rechaçar – que vai se intensificando para criar tensão, recurso característico do estágio de Complicação, de acordo com Martin e Rose (2008, p. 86). Os problemas da NP culminam com o desaparecimento de seu filho Charles, que é seguido por uma avaliação sobre os tipos assustadores que se encontram no parque, evocando a sensação de insegurança da NP pelo perigo que representam. Embora o Tema *You* que inicia a Avaliação não seja marcado, ele não diz respeito a nenhum dos participantes envolvidos na estória, não faz referência a ninguém em particular, mas funciona para generalizar a avaliação. A avaliação negativa da NP funciona em retrospecto, conferindo significância ao problema do desaparecimento de Charles, constituindo-o em uma complicação na vida da NP. Prospectivamente, tal avaliação evoca a expectativa da NP de encontrar o filho antes do perigo. Segundo Martin e Rose, 2008, p. 68, a avaliação que funciona dessa forma é típica do gênero narrativa. Ela é seguida pela reação da NP com o propósito de resolver o problema. O estágio de Resolução tem início com o Tema marcado *Then*, seguido pela solução do problema – a mãe encontra o filho. No entanto, ele está conversando com uma criança de aparência desleixada, o que para a NP é um problema. Portanto, ela reage, chamando-o de maneira ríspida e eles voltam para a casa em silêncio, onde estarão a salvo e ela não terá que lidar com as chateações do parque.

8.3 SECOND VOICE

Na análise da estrutura genérica de SV foram identificados os estágios de Orientação, Registro dos Eventos e Reorientação. Portanto, a estória foi classificada como relato. O Quadro 15 apresenta sua segmentação.

Quadro 15 – Estrutura genérica de *Second Voice*

| Estágios | Fases | Verbiagem |
|------------|----------|--|
| Orientação | problema | <i>I needed to get out of the house,</i> |

| | | |
|----------------------|----------|---|
| | solução | <i>so me and Smudge took the dog to the park.</i> |
| Registro dos Eventos | reflexão | <i>He loves it there.</i> |
| | reflexão | <i>I wish I had half the energy he's got.</i> |
| | evento | <i>I settled on a bench and looked through the paper for a job.</i> |
| Reorientação | reflexão | <i>I know it's a waste of time but you've got to have some hope, haven't you?</i> |
| | problema | <i>Then it was time to go.</i> |
| | solução | <i>Smudge cheered me up. She chattered happily to me all the way home.</i> |

Fonte: Elaborado pela autora com verbiagem do livro *Voices in the Park*, 1998, de Anthony Browne.

O estágio de Orientação apresenta a necessidade do NP de sair de casa e sua decisão de, junto com a filha, levar o cão para passear no parque; assim sendo, estabelece o contexto e introduz os personagens por meio de um problema e da solução para o problema. A mudança para o estágio de Registro dos Eventos não é marcada, mas indicada pela mudança de circunstanciação/circunstância – no parque. SV é um relato curto que utiliza majoritariamente a modalidade visual para registrar os eventos, que se limitam ao cão e ao NP. Na modalidade verbal, predominam as reflexões do NP – sobre o cão e sobre sua tentativa de permanecer bem apesar de desempregado –, ressaltando o caráter introspectivo do passeio ao parque deste NP. A Reorientação tem início com o Tema marcado *Then* e faz referência ao início da estória, principalmente na modalidade visual, pois a imagem da volta para casa reproduz a imagem da ida ao parque com variações de significados que constroem a mudança de humor do NP de negativa para positiva. As avaliações inscritas feitas pelo NP estão dispersas por todo o texto e calibram sentimentos positivos em relação ao cão e à filha, e predominantemente negativos em relação a si mesmo.

8.4 THIRD VOICE

A estória TV também foi classificada como um relato. Os estágios que a compõem são Orientação, Registro dos Eventos, Reorientação e Coda e são apresentados no Quadro 16.

Quadro 16 – Estrutura genérica de *Third Voice*

| Estágios | Fases | Verbiagem |
|----------------------|---------------------------|---|
| Orientação | cenário | <i>I was at home on my own again.</i> |
| | problema | <i>It's so boring.</i> |
| | solução | <i>Then my mother said that it was time for our walk.</i> |
| Registro dos Eventos | evento | <i>There was a very friendly dog in the park,</i> |
| | reação | <i>and Victoria was having a great time.</i> |
| | problema | <i>I wished I was.</i> |
| | solução | <i>"D'you wanna come on the slide?" a Voice asked.</i> |
| | problema | <i>It was a girl, unfortunately,</i> |
| | reação | <i>but I went anyway.</i> |
| | reflexão | <i>She was great on the slide – she went really fast.</i> |
| | reação | <i>I was amazed.</i> |
| | descrição | <i>The two dogs raced around like old friends.</i> |
| | evento | <i>The girl took off her coat and swung on the climbing bars,</i> |
| reação | <i>so I did the same.</i> | |
| Reorientação | reflexão | <i>I'm good at climbing trees,</i> |
| | reação | <i>so I showed her how to do it.</i> |
| | evento | <i>She told me her name was Smudge</i> |
| | comentário | <i>a funny name, I know, but she's nice.</i> |
| | evento | <i>Then my mother caught us talking together,</i> |
| | efeito | <i>and I had to go home.</i> |
| | Coda | reflexão |

Fonte: Elaborado pela autora com verbiagem do livro *Voices in the Park*, 1998, de Anthony Browne.

A Orientação de TV primeiro apresenta o cenário – o NP se encontra sozinho em casa –, depois introduz um problema – ficar sozinho em casa é muito chato – e por fim, a solução para o problema – a mãe chama o NP para passear –, orientando o leitor para os estágios que se seguem. O estágio de Registro dos Eventos começa de forma não marcada, com as atividades da cadela, seguidas das atividades do NP no parque. As avaliações inscritas, feitas pelo NP, são intercaladas no texto à medida que as sequências de atividades se desenrolam. Elas são inicialmente negativas – em relação a ficar em casa, ao início da experiência no parque e quanto a quem o chama para brincar ser uma menina –, mas se tornam positivas à

medida que o NP conhece a menina e a amizade entre eles vai se desenvolvendo. A mudança para a Reorientação é marcada pelo Tema *Then* e o estágio encerra a estória indicando a volta para casa. A Coda contém a esperança do NP de encontrar a amiga da próxima vez que for ao parque.

8.5 FOURTH VOICE

A estrutura genérica de FoV é composta pelos estágios de Orientação, Registro dos Eventos e Coda. Conseqüentemente, o último capítulo de VP também é um relato. Sua segmentação é apresentada no Quadro 17.

Quadro 17 – Estrutura genérica de *Fourth Voice*

| Estágio | Fases | Verbiagem |
|----------------------|---|--|
| Orientação | cenário | <i>Dad had been really fed up, so I was happy when he said we could take Albert to the park.</i> |
| Registro dos Eventos | comentário | <i>Albert's always in such a hurry to be let out off his leash.</i> |
| | evento | <i>He went straight up to this nice dog and sniffed its backside</i> |
| | comentário | <i>(he always does that).</i> |
| | reação | <i>Of course, the other dog didn't mind, but its owner was really angry,</i> |
| | reflexão | <i>the silly twit.</i> |
| | evento | <i>I got talking to this boy.</i> |
| | reflexão | <i>I thought he was kind of a wimp at first, but he's okay.</i> |
| | evento | <i>We played on the seesaw</i> |
| | problema | <i>and he didn't say much,</i> |
| | solução | <i>but later on he was more friendly.</i> |
| | evento | <i>We both burst out laughing when we saw Albert taking a swim.</i> |
| | evento | <i>Then we all played on the bandstand,</i> |
| | reflexão | <i>and I felt really, really happy.</i> |
| evento | <i>Charlie picked a flower and gave it to me.</i> | |
| evento | <i>Then his mom called him and he had to go.</i> | |
| reflexão | <i>He looked sad.</i> | |
| Coda | evento | <i>When I got home I put the flower in some water, and made Dad a nice cup of cocoa.</i> |

Fonte: Elaborado pela autora com verbiagem do livro *Voices in the Park*, 1998, de Anthony Browne.

Na Orientação de FoV, o cenário e os personagens são apresentados concomitantemente ao estado de espírito negativo do pai da NP e ao sentimento positivo da NP com a decisão do pai de levar o cão ao parque. A mudança para o estágio de Registro dos Eventos não é marcada. O Registro dos Eventos tem início com as atividades do cão, sucedidas pelas atividades da NP, e inclui o evento em que Charles dá uma flor para a NP – instanciando a amizade entre as crianças, tema principal da estória. As avaliações inscritas, distribuídas ao longo do relato, têm como avaliadora a NP e são em relação a si mesma e a todos os outros personagens do relato. Este relato não tem um estágio de Reorientação, provavelmente porque enfoca a volta para casa e os sentimentos de Charles, e não da NP. A Coda informa que a NP guardou a flor, fazendo referência ao tema principal da estória.

8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresentou os resultados da análise da estrutura genérica das estórias *A Walk in the Park*, *First Voice*, *Second Voice*, *Third Voice* e *Fourth Voice*, conforme os procedimentos metodológicos na seção 7.1. As estórias foram segmentadas em estágios e fases e seus gêneros foram identificados segundo as definições e os critérios de Rothery e Stenglin (1997), Macken-Horarik (2003) e Martin e Rose (2008). Os estágios identificados em cada uma das estórias, considerando-se os significados visuais, verbais e a intermodalidade, foram os seguintes: 1) WP: Orientação, Registro dos Eventos, Reorientação e Coda; 2) FV: Orientação, Complicação Avaliação e Resolução; 3) SV: Orientação, Registro dos Eventos e Reorientação; 4) TV: Orientação, Registro dos Eventos, Reorientação e Coda; 5)FoV: Orientação, Registro dos Eventos e Coda. Assim sendo, as estórias foram classificadas como relatos, exceto *First Voice*, que foi considerada uma narrativa.

O próximo capítulo apresenta os resultados da análise dos recursos semióticos que constroem os significados em WP.

9 A ANÁLISE MULTIMODAL DE *A WALK IN THE PARK*

Este capítulo apresenta os resultados da análise multimodal de WP, sob o recorte das dimensões de desigualdade social e do posicionamento do leitor prospectivo, de acordo com os procedimentos metodológicos apresentados na seção 7.2 para a segunda etapa da pesquisa. WP é o texto-fonte a partir do qual são analisadas as semelhanças e as variações semânticas na terceira etapa da pesquisa. Analisar os recursos semióticos que o constroem é indispensável para o posterior cotejamento dos textos fonte e traduzidos e para que as perguntas de pesquisa possam ser respondidas. A descrição da análise dos recursos semióticos ideacionais e interpessoais de WP segue a divisão do texto em estágios, fases e subfases e é apresentada a seguir. As imagens e a verbiagem em questão podem ser consultadas nos quadros dos capítulos 10 a 13.

9.1 A ORIENTAÇÃO DE WP

A Orientação de WP é composta por dois eventos, a ida da família de classe social baixa ao parque, instanciada na imagem 1 e na verbiagem da subfase 1a, e a ida da família de classe alta ao parque, instanciada na imagem 2 e na verbiagem da subfase 1b. Ambos os eventos são solicitados para a instanciação das dimensões de desigualdade.

As dimensões geração e gênero são realizadas em ambas as imagens por meio dos recursos ideacionais de atribuição, aparecimento e manifestação de personagem. Na imagem 1, esses recursos retratam um homem branco, uma menina branca e um cão. Pode-se inferir, por meio da relação de comparação e contraste atributiva e concomitante entre personagens, que formam um grupo familiar constituído por pai, filha e animal de estimação. Na imagem 2, os mesmos recursos retratam uma mulher branca, um menino branco e um cão. Da mesma forma, a relação entre os personagens indica que formam outro grupo familiar, constituído por mãe, filho e animal de estimação. Em ambas as imagens, os vetores indicadores de processos mostram que os três personagens caminham (Ação intransitiva) enquanto o adulto segura (Ação transitiva) o cão pela guia, indício de uma maior responsabilidade do adulto no grupo familiar. A relação de comparação e contraste configuracional e retrospectiva entre os grupos familiares nas imagens 1 e 2 permite identificar que os dois grupos são formados por um

adulto, uma criança e um cão, embora os sexos sejam invertidos – homem/mulher, menina/menino, cão/cadela. A dimensão de classe social é realizada pela circunstanciação calibrada em cada uma das imagens e pela atribuição da mulher na imagem 2. Ela usa um chapéu verde com a aba para cima, um casaco e um cachecol em forma de vison que acoplam a ela o status social alto de quem usa cachecol e casaco de pele.

A circunstanciação calibrada na imagem 1 retrata casas geminadas com um espaço pequeno entre a porta de entrada e o muro baixo, sendo que, na casa em destaque, esse espaço está entulhado de coisas velhas. A bota velha, na entrada estreita da casa, e o reflexo que lembra uma bota, no vidro acima da porta, remetem à bota calçada pelo personagem adulto masculino. Esses recursos são atributos simbólicos que permitem a inferência de que o personagem ali reside. A sombra no telhado não projeta a chaminé da casa ao lado, mas um homem que tem o braço dobrado como se acenasse (Ação intransitiva) e usa um chapéu-coco⁶⁵. O homem projetado não é o mesmo que caminha pela rua usando uma boina. O chapéu-coco é um atributo simbólico que significa prosperidade. Portanto, a sombra projetada no topo das casas provavelmente representa o seu proprietário e indica que o personagem retratado provavelmente mora de aluguel. Da perspectiva da hierarquia da individuação, os recursos ideacionais acima descritos são acoplados ao homem que caminha e, por extensão a todo o grupo familiar, construindo-os como de classe social baixa.

Na imagem 2, a circunstanciação calibra uma casa grande com garagem, entrada larga, bastante espaço em seu entorno e cerca viva em cima do muro. À janela aparece um homem branco de bigode e óculos, vestindo terno e gravata. O vetor de sua mão e de seu braço dobrado realiza o processo acenar e remete à sombra na imagem anterior. Infere-se que seja o chefe do grupo familiar retratado e, desta forma, é possível distinguir os diferentes papéis atribuídos ao pai e à mãe nesta família. Retrospectivamente, identifica-se a ausência da mãe na família da imagem 1 e os diferentes papéis do pai nas duas famílias. A calibragem do personagem masculino na circunstanciação da imagem 2 coloca em evidência a dimensão de gênero. O arbusto no jardim, no exato formato da personagem feminina, é um atributo simbólico que significa que a casa pertence a ela. Da perspectiva da hierarquia da

65 O chapéu coco (*bowler hat*), de copa redonda e dura e aba curvada, foi originalmente criado para a classe trabalhadora. Após a Primeira Guerra Mundial, estabeleceu-se o uso de roupas menos formais na sociedade inglesa, acompanhadas por chapéus menos requintados como o chapéu coco. Este substituiu a cartola (cuja copa alta foi denominada chaminé) e, até a década de 60, constituiu o estereótipo dos homens de negócio londrinos. (Fontes: <https://www.gresham.ac.uk/lectures-and-events/the-history-of-the-bowler-hat> <https://www.lockhatters.co.uk/heritage> <https://www.silktophats.eu/historytophat.html> Acesso em: 19 de novembro de 2019).

individação, os recursos ideacionais acima descritos são acoplados à mulher e, por extensão, a todo o grupo familiar, construindo-os como de classe social alta.

Na modalidade verbal, as relações nucleares das subfases 1a e 1b constroem a atividade levar para passear. No domínio Ação, o processo Material *tak(e) [...] for a walk* tem pais e filhos – *Mr Smith and his little girl, Smudge*, na subfase 1a, e *Mrs Smythe and her son, Charles*, na subfase 1b – como Agentes do processo que afeta os cães – *their dog, Albert* e *their dog, Victoria*. Os personagens são introduzidos na estória por nome⁶⁶ e posição no grupo familiar, instanciando as dimensões de desigualdade, geração e gênero. *Albert* indica o sexo do animal como masculino⁶⁷ e *Victoria* indica o sexo do animal como feminino. *Victoria* e *Albert* são primariamente nomes atribuídos a pessoas e também os nomes de uma rainha britânica e de seu consorte. Portanto, o fato de terem sido atribuídos aos cães indica a valorização dos cães pelas famílias, realiza o status de igualdade desses animais às crianças nessas famílias e permite inferir que são considerados membros das famílias. *Charles* indica o sexo da criança como masculino e *Smudge* é um apelido que não permite identificar o sexo da criança. *Charles* também é o nome de um membro da família real britânica e a escolha desse nome para o menino de classe média alta realiza o status de desigualdade social entre as duas crianças. O uso dos pronomes em *Mr Smith* e *Mrs Smythe*, além da identificação do sexo dos personagens, indica que o narrador atribuiu a eles o mesmo status – o que parece ser corroborado pela semelhança entre os sobrenomes –, que por sua vez é mais elevado do que o status atribuído às crianças e aos cães. As relações taxonômicas de coclasse estabelecidas entre *his little girl* – que instancia geração e gênero – e *their dog* e entre *her son* – também instanciando geração e gênero – e *their dog* indicam o posicionamento desses personagens em seus respectivos grupos familiares. O acoplamento dos significados verbais aos visuais é convergente, corroborando e amplificando o que pode ser inferido na imagem. No domínio Cenário, as circunstâncias de tempo *One morning* e *On that same morning*, acopladas ao processo, complementam as circunstâncias de lugar, modo e companhia apresentadas na imagem e realizam simultaneidade entre as subfases 1a e 1b.

Da perspectiva da hierarquia da instanciação, identifica-se um paralelismo retórico entre as duas subfases do estágio de orientação. Da perspectiva da hierarquia da realização, da

66 Tecnicamente, os nomes pertencem ao sistema interpessoal de ENVOLVIMENTO, ainda não desenvolvido na Semântica do Discurso. Segundo Tian (2011, p. 198), os nomes e os papéis sociais funcionam para a identificação dos personagens e são especialmente relevantes no início da estória, quando os personagens são apresentados pela primeira vez. Painter, Martin e Unsworth (2013) estabelecem a identificação do participante como parte do potencial de significado verbal complementar à atribuição de personagem na modalidade visual.

67 As considerações sobre nomes indicando sexo dos personagens são baseadas na usualidade desses nomes nas sociedades de língua inglesa e portuguesa.

modalidade visual e do prisma ideacional, esse paralelismo é realizado pela semelhança dos processos, dos formatos dos grupos de personagens e dos tipos de circunstanciação apresentados em cada imagem. Verbalmente⁶⁸, por meio de configurações idênticas das relações nucleares, identificadas no Quadro 18.

Quadro 18 – Paralelismo semântico ideacional verbal na Orientação de WP

| Circunstância | Agente | Processo | Mediador | Alcance |
|-----------------------------|--|--------------------|-----------------------------|--------------------|
| <i>One morning</i> | <i>Mr Smith and his little girl, Smudge,</i> | <i>took</i> | <i>their dog, Albert,</i> | <i>for a walk.</i> |
| <i>On that same morning</i> | <i>Mrs Smythe and her son, Charles,</i> | <i>were taking</i> | <i>their dog, Victoria,</i> | <i>for a walk.</i> |

Fonte: Elaborado pela autora com verbiagem do livro *A Walk in the Park*, 2013, p. [3] e [4-5], de Anthony Browne.

As semelhanças são acentuadas por meio das relações taxonômicas de repetição das circunstâncias de tempo e dos processos. O paralelismo é destacado pela alternância das sequências de atividades dos grupos de personagens, a qual causa a ausência da relação entre eventos no texto visual. Esse paralelismo, ao mesmo tempo em que permite identificar a semelhança entre as ações realizadas, marca as distinções entre os grupos de personagens, mais fortemente a de classe, acentuando a separação entre eles. O paralelismo semântico visual e verbal constitui um padrão na sequência de atividades das famílias para o qual também são solicitados recursos da metafunção interpessoal, como demonstrado a seguir.

Quanto aos significados interpessoais, as duas imagens da Orientação colocam o leitor a uma distância pública e não estabelecem intimidade nem solidariedade entre o leitor e os personagens ao retratarem os últimos em plano aberto e em ângulo horizontal oblíquo. O leitor é posicionado a observar o que acontece na estória, por meio da focalização não mediada, e a reconhecer a humanidade que tem em comum com os personagens, por meio do Pathos empático, realizado pelo estilo do desenho que tende a genérico. Esses recursos são solicitados para construir o mesmo tipo de significado em quase todo o relato, estabelecendo um padrão.

Na imagem 1, o leitor é posicionado a ver os personagens do ângulo vertical intermediário, que constrói igualdade entre o leitor e os personagens. Em relação às cores utilizadas (ambiência ativada), há predomínio de saturação que tende a baixa, com mais

68 Na modalidade verbal, o paralelismo retórico está sendo considerado apenas no nível da semântica do discurso, além do limite da oração, embora se estenda ao estrato da léxico-gramática.

adição de preto (vibrância opaca escura), de matizes de cores frias (calor frio) e de uma maior diferenciação de cores (familiaridade familiar). Essas escolhas constroem um cenário mais pesado e contribuem para uma sensação de opressão e melancolia. Em contraposição estão os *splashes* de matizes de cores quentes com alta saturação (ambiência vibrante e quente), realizados pelo cachecol vermelho do Mr Smith, pela flor amarela no vaso terracota, pelo gato e vitrais alaranjados. O afeto visual negativo é realizado pela boca comprimida e cabeça inclinada para baixo do Mr Smith e pela fisionomia da flor, com a boca curvada para baixo.

Na imagem 2, o posicionamento da casa no ângulo vertical superior faz com que o leitor a veja de baixo para cima, conferindo poder a ela. O homem à janela, bem espaçado dos demais personagens, detém poder em relação a eles e ao leitor. O leitor é levado a se envolver com o personagem à janela, devido ao ângulo horizontal frontal em que é apresentado. O poder desse personagem corrobora a indicação dos recursos ideacionais de que é o chefe da família e contribui para a construção das dimensões de desigualdade geração e gênero. O fato de ele estar acenando para os demais pode indicar afeto positivo. Afeto negativo é identificado em Mrs Smythe, por meio da boca curvada para baixo, que junto com os olhos fechados, o nariz e o chapéu voltados para cima, propiciam julgamento negativo implícito (evocado), construindo-a como esnobe. Há uso de cores (ambiência ativada) diferentes (familiaridade familiar), com saturação mais baixa e mais adição de branco (vibrância opaca que tende a clara), e há equilíbrio entre os matizes de cores quentes e frias (calor entre quente e frio), construindo uma sensação de limpeza e arejamento.

Em ambas as imagens, as casas ocupam grande quantidade de espaço, realizando gradação de extensão para cima. Na imagem 1, tal recurso faz com que as casas se amontoem na página simples, ajudando a construir uma vizinhança não espaçosa. Na imagem 2, além do espaço ocupado na página dupla, o tamanho grande da casa realiza gradação de volume para cima, contribuindo para a construção de uma vizinhança espaçosa, afluyente e distinta da vizinhança retratada na imagem anterior. Da perspectiva da hierarquia da realização, o acoplamento de gradação aos recursos ideacionais que realizam tais vizinhanças contribui para construir distinção de classe social.

Na modalidade verbal, no que diz respeito aos recursos de valoração, todas as avaliações são feitas pelo narrador externo. Na subfase 1a, *his little girl* evoca felicidade (afeto positivo) em relação à Smudge, que além de amplificar o significado visual construído pelos recursos de proximidade, indica intimidade entre pai e filha, acoplando um novo significado à dimensão de desigualdade de geração, não instanciado para a família de classe alta.

9.2 A FASE 1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP

Esta fase de WP diz respeito à chegada das duas famílias ao parque e é constituída por dois eventos, a chegada da família de classe baixa, instanciada pela parte da imagem 3 no verso da página dupla e pela verbiagem da subfase 1a, e a chegada da família de classe alta, instanciada pela parte da imagem 3 no anverso da página dupla e pela verbiagem da subfase 1b. Os significados visuais e verbais convergem ideacionalmente, sem amplificá-los, criando concordância.

Na imagem 3, as dimensões de desigualdade, instanciadas por meio do reaparecimento dos personagens, e reinstanciadas pelos mesmos recursos nos textos de VP, não sofreram variações em relação ao estágio de Orientação e não serão rerepresentadas deste ponto em diante, a menos que este padrão seja quebrado. A proximidade e a orientação permanecem as mesmas para cada grupo familiar. Os dois grupos, no entanto, encontram-se bem espaçados, tornando a orientação entre eles irrelevante. A família Smith é retratada em ângulo frontal, porém, de costas, criando ambiguidade quanto ao envolvimento esperado do leitor e impossibilitando a identificação de afeto visual. A família Smythe é retratada em ângulo horizontal oblíquo, não envolvendo o leitor.

Na modalidade verbal, subfase 1b do Registro de Eventos – *Mrs Smythe, Charles and Victoria arrived soon afterwards* –, *soon* realiza gradação de força que constrói a proximidade temporal em que as atividades de cada família acontece, uma vez que a subfase 1a informa que *Smudge, Mr Smith and Albert went into the park*.

9.3 A FASE 2 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP

A segunda fase do Registro dos Eventos de WP é composta por três eventos, a soltura do cão da família de classe baixa, a soltura do cão da família de classe alta e o início da correria dos cães pelo parque, instanciados respectivamente pelas imagens 4.1, 4.2 e 5 e pela verbiagem das subfases a-c.

Em relação aos significados ideacionais, a imagem 4.1, no verso da página dupla, calibra a família de classe baixa (reaparecimento imediato) em um gramado pequeno. Os vetores realizam Mr Smith, agachado (Ação: intransitivo) soltando o cão (Ação: transitivo) e

Smudge e Albert olhando (Mental: percepção) para frente. A diferença dos papéis na dimensão de geração é instanciada na responsabilidade do adulto em relação ao cão.

Na verbiagem da subfase 2a, a soltura do cão da família de classe baixa é instanciada por meio da circunstância *to be let off his lead*. Esta subfase enfatiza o significado interpessoal.

Quanto aos significados interpessoais na imagem 4.1, os recursos de proximidade e orientação calibram Smudge de pé do outro lado e para trás de Mr Smith. Da perspectiva da individuação, o posicionamento de Smudge constrói uma certa autonomia em relação ao pai, adicionando este significado à dimensão de geração. O afeto positivo é realizado por meio do olhar e da boca dos três personagens e está relacionado à concentração em Mr Smith e à curiosidade em Smudge e Albert. O afeto, acoplado aos outros recursos já descritos, dá ensejo a julgamentos evocados. Assim, é possível fazer um julgamento de capacidade de Smudge – baseado no seu posicionamento e na sua curiosidade – e de Mr Smith – em decorrência de sua concentração na ação de soltar o cão. A boca aberta, as orelhas para trás e a inclinação da parte dianteira do corpo de Albert permitem um julgamento evocado de impaciência (tenacidade negativa).

A verbiagem da subfase 2a instancia um julgamento negativo inscrito de tenacidade do comportamento de Albert – *impatient* –, que confirma o significado retratado.

A imagem 4.2 calibra a família de classe alta no anverso da página dupla (reaparecimento posterior). Sua configuração semelhante à dos personagens na imagem anterior permite compará-los e contrastá-los (relação entre personagens atributiva e concomitante). A circunstanciação de lugar é a mesma, mantendo o contexto, porém sob nova perspectiva, e possibilita constatar a presença de mais vida – o coelho e mais flores – na imagem que retrata a família de classe baixa. As principais ações realizadas pelos vetores também são as mesmas. Porém, o vetor do olhar (Mental: percepção) de Charles é para baixo, em contraste com o de Smudge, e Mrs Smythe está inclinada (Ação: intransitivo) para frente, em vez de agachada como Mr Smith. A responsabilidade do adulto em relação ao cão instancia as diferenças de papéis na dimensão de geração, como na imagem 4.1. Este evento e o anterior ocorrem ao mesmo tempo (relação de desdobramento: simultaneidade).

A verbiagem da subfase 2b também reinstancia a soltura do cão como circunstância – *until Mrs Smythe had detached the lead from her collar* – e enfatiza o significado interpessoal.

A imagem 4.2 utiliza recursos interpessoais similares aos da imagem anterior, construindo significados semelhantes. As diferenças relevantes são o posicionamento de

Charles e de Mrs Smythe e o afeto visual. Charles se encontra à frente de Mrs Smythe, portanto, mais sob o controle da mãe. Da perspectiva da individuação, ele é construído como mais dependente do que Smudge. Mrs Smythe está inclinada e menos próxima à Victoria. Conseqüentemente, ela é construída como menos íntima de Victoria do que Mr Smith de Albert. O mesmo afeto positivo, advindo da concentração na imagem anterior, pode ser identificado em Mrs Smythe, evocando um julgamento de capacidade. O olhar de Charles, para baixo, sua cabeça inclinada e braço(s) e mão(s) atrás do corpo, permitem inferir timidez, que é um julgamento negativo de tenacidade. Victoria não tem o corpo inclinado como Albert, e suas orelhas estão para baixo, indicando paciência e evocando um julgamento positivo de tenacidade. A cadela parece olhar para o leitor – embora sua cabeça esteja de lado –, estabelecendo contato visual com ele. Tal recurso é característico da focalização (contatar convidada) e encoraja o leitor a se envolver com o personagem. Junto com os demais recursos acoplados a Victoria, a focalização contribui para construí-la como mais meiga em relação a Albert, enfatizando a dimensão de gênero e posicionando o leitor a simpatizar com ela.

Como na subfase anterior, a verbiagem da subfase 2b enfatiza o significado interpessoal. *Quietly* é um julgamento positivo inscrito de tenacidade do comportamento de Victoria, que confirma os significados visuais retratados para esta personagem.

Constata-se um paralelismo semântico entre os dois eventos da fase 2. Na modalidade visual, ele é instanciado principalmente pelo processo calibrado – soltar –, pelos adultos como Agentes desse processo e pela circunstanciação acoplada ao processo. Na modalidade verbal, o paralelismo é identificado nos julgamentos de tenacidade inscritos do comportamento dos cães e na instanciação do processo soltar por meio das circunstâncias, enfatizando os significados interpessoais.

A imagem 5 ocupa toda a página dupla e, no que concerne aos significados ideacionais, retrata a família de classe baixa no verso e a de classe alta no anverso. Ambas estão em primeiro plano, possibilitando ao leitor identificar as semelhanças e diferenças entre elas (relação de comparação/contraste configuracional e concomitante). Constatam-se semelhanças nas vestimentas de Mr Smith e Charles – na cor dos casacos e cachecóis, no “tecido” das calças, no solado dos calçados – que evidenciam a dimensão de gênero. No segundo plano, o cenário circunstancial é aumentado em relação às duas imagens anteriores (recurso recontextualizar) – retratando um grande número de troncos de árvores, quatro grupos de personagens e uma lixeira – e une as duas famílias na página dupla. Os vetores dos cães realizam o processo correr (Ação: intransitivo), e os vetores do Mr Smith, de Smudge e

de Charles, o processo olhar (Mental: percepção). Mrs Smythe é retratada com os olhos fechados, acoplamento que se repete em toda a estória.

Na verbiagem da subfase 2c, a oração Relacional atributiva *Both dogs were free* realiza a atribuição de personagem apenas para os cães e confirma o enfoque nos cães nesta fase da estória. A circunstância *all over the park* calibra o lugar. As realizações nesta subfase instanciam o início do rompimento dos grupos familiares e a mobilidade e agilidade dos cães.

Em relação aos significados interpessoais na imagem 5, o afeto de felicidade é identificado nos cães por meio das bocas abertas e dos rabos para cima. As cores (ambiência ativada) são predominantemente frias (calor frio), pouco diferentes (familiaridade que tende a infamiliar) e menos saturadas (vibrância opaca), com adição de branco em grande parte da imagem, tornando-a clara, mas com adição de preto ao fundo, tornando-o escuro. Esses recursos incidem no cenário, que ocupa a maior parte do espaço da página dupla, construindo um lugar frio e uma realidade mais distante do leitor.

Na verbiagem da subfase 2c, há gradação de força em *chased* em relação, por exemplo, a *followed*, disponibilizado pelo sistema linguístico, e em *all over (the park)*, em relação a *in (the park)*, que ajuda a construir a agilidade e mobilidade dos cães.

9.4 A FASE 3 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP

A terceira fase do Registro dos Eventos de WP é composta por três eventos, os dois primeiros referem-se à acomodação de cada uma das famílias no banco e o terceiro diz respeito ao início da interação entre as crianças. Esta fase é instanciada pela imagem 6 e pela verbiagem das subfases a-c.

Na imagem 6, que se estende na página dupla, a circunstanciação é descontextualizada, ficando reduzida ao banco que liga os dois grupos de personagens. Mr Smith e Smudge são retratados no verso, sentados no extremo esquerdo do banco, e Mrs Smythe e Charles no anverso, sentados no extremo direito do banco. A bota masculina no pé do banco próximo a Mr Smith e o sapato feminino no pé do banco próximo a Mrs Smythe enfatizam a distinção entre os gêneros. Os cães não reaparecem nesta imagem, confirmando a separação de suas sequências de atividades das sequências dos outros membros das famílias, iniciada na fase anterior. Os vetores realizam o processo sentar (Ação: intransitivo) para todos

os personagens e olhar (Mental: percepção) para Mr Smith, Smudge e Charles, sendo que contato visual é estabelecido entre as crianças.

Da perspectiva ideacional, os significados calibrados na modalidade verbal convergem com aqueles calibrados na modalidade visual. Nas relações nucleares da subfase 3a, *Mr Smith* e *Smudge* são Mediador dos processos *went to sit* e *sat*, enquanto na subfase 3b, *Mrs Smythe* é Mediador de *sat* e Charles é colocado em posição periférica na relação nuclear, ao ser realizado apenas na circunstância de acompanhamento *with Charles*. Da perspectiva da individuação, essas escolhas contribuem para construir Smudge como mais assertiva e Charles como mais submisso em suas relações familiares. Enquanto a relação taxonômica de repetição do processo [*went to*] *sit, sat, sat* confirma que as duas famílias fazem a mesma coisa, as circunstâncias de lugar *at one end of a bench* e *at the other end* estabelecem relação taxonômica de contraste que funciona para separar as famílias. Na subfase 3c, *Smudge and Charles* são Mediador do processo *looked*, que marca o início da sequência de atividades dos dois personagens juntos.

Quanto aos significados interpessoais, a imagem 6 retrata os membros de cada família próximos uns dos outros, lado a lado. Os adultos estão com os pés e pernas na diagonal e Mrs Smythe está com o rosto ligeiramente na diagonal, o que diminui o envolvimento com o leitor. As crianças estão com os rostos completamente virados para a lateral, uma vez que estabelecem contato visual. Afeto negativo é calibrado por meio da expressão facial e postura corporal de Mr Smith – desânimo – e da expressão facial de Mrs Smythe. Afeto positivo relacionado à curiosidade é calibrado pelas expressões faciais das crianças. Não foram identificados recursos atitudinais na verbiagem desta fase.

9.5 A FASE 4 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP

A fase 4 do Registro dos Eventos de WP diz respeito à movimentação e interação dos cães pelo parque afora. Considera-se que a fase 4 instancia um evento maior que pode ser subdividido em outros menores. Essa fase é composta pela imagem 7 e pela verbiagem da fase 4. Ela retoma a sequência de atividades dos cães, iniciada na imagem 5 e na verbiagem da subfase 2c.

Quanto aos significados ideacionais, a imagem 7 calibra os cães em primeiro plano, com apenas a parte anterior do corpo de Victoria e posterior do corpo de Albert aparecendo

por trás de uma árvore, como se fossem um só cachorro. O processo realizado pelos vetores das patas é correr (Ação: intransitivo). A circunstanciação é recontextualizada permitindo a calibragem de personagens secundários realizando ações que pressupõem movimento, como na imagem 5.

Na verbiagem da fase 4, os processos Materiais *raced* e *chased* expressam movimento. As relações taxonômicas de coparte entre *dodging* e *leaping* e de todo-parte entre *raced* e esses dois processos contribuem para a dinâmica de movimento. A relação taxonômica de repetição do processo Material *chased* remete ao evento da subfase 2c. Além disso, nas relações nucleares com esse processo, há uma alternância de Albert e Victoria na posição de Agente e Mediador acentuando o movimento. As circunstâncias de lugar *along the paths*, *round trees* e *over flower beds* possibilitam as relações taxonômicas de coparte entre *paths*, *trees* e *flower beds* e de todo-parte entre *park* e essas três, mostrando que os cães estão em diversos lugares do parque. Já a circunstância de modo *so quickly that sometimes it was difficult to tell them apart* converge com o significado visual realizado pelo reaparecimento de Victoria e pela manifestação metonímica de Albert, cujas metades dos corpos aparecem por trás da árvore como se fossem um.

Quanto aos significados interpessoais, a imagem 7 apresenta recursos de ambiência e gradação semelhantes aos da imagem 5. Na verbiagem, identifica-se gradação de força nos processos *raced*, *dodging*, *leaping*, *chased* e *quickly*, na repetição de *chased* e na repetição por meio da coocorrência desses processos, que são semanticamente próximos. Os recursos de gradação também contribuem para a construção do movimento.

Grande parte dos recursos identificados na fase 4 do Registro dos Eventos de WP é utilizada para construir a agilidade e a mobilidade dos cães, um dos temas da estória.

9.6 A FASE 5 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE WP

A fase 5 do Registro dos Eventos de WP retoma a sequência de atividades dos personagens humanos enquanto os cães continuam suas atividades. Esta fase é composta por três eventos, a brincadeira dos cães, a aproximação física das crianças e a não interação entre os adultos. A partir desta fase, a sequência de atividades das crianças se separa da sequência de atividades dos adultos. A fase 5 é composta pela imagem 8 e pela verbiagem das subfases 5a-c.

Na imagem 8, em primeiro plano, o banco é apresentado por trás e os quatro personagens sentados de costas para o leitor. A manifestação de Charles e Smudge é metonímica, por meio de silhuetas por trás das ripas do banco. As crianças têm os rostos voltados um para o outro e os adultos, para lados opostos. Em segundo plano há quatro árvores com diferentes quantidades de folhas, desde uma sem folhas no extremo esquerdo até outra repleta de folhas no extremo direito, que podem ser associadas ao passar do tempo e ao desenrolar da relação dos cães que correm entre elas. Também podem ser associadas às estações do ano e, como cada uma tem um personagem de frente para ela, podem funcionar como atributos simbólicos expressando a maneira de ser ou o estado de espírito de cada personagem. Os cães aparecem no anverso, entre as duas árvores com mais folhas e seus vetores representam o processo correr (Ação: intransitivo).

Da perspectiva ideacional, a verbiagem da fase 5 calibra significados convergentes com aqueles na modalidade visual. As relações nucleares têm os cães em posição periférica na circunstância *While the dogs played, Smudge and Charles* como Mediador do processo Material *edged* e *Mr Smith and Mrs Smythe*, do processo Mental *looked*. Esses recursos dão continuidade às sequências de atividade dos cães e das crianças e marcam o início da sequência de atividades dos adultos, passando a focar a dimensão de geração, em vez de classe social.

Da perspectiva interpessoal, a imagem 8 calibra os adultos afastados e as crianças próximas, gerando certa intimidade entre elas e nenhuma entre os adultos. Os personagens são retratados em ângulo horizontal oblíquo e de costas para o leitor, criando desconexão com o leitor. A orientação das crianças, com os corpos posicionados lado a lado e as faces de frente uma para a outra, cria bastante solidariedade entre elas. A ambiência é fria, devido à cor verde, e predominantemente infamiliar.

Na verbiagem da subfase 5b, identifica-se gradação de força em *edged* e *nearer and nearer* contribuindo para construir a aproximação gradativa das crianças.

9.7 A FASE 6 DO REGISTRO DE EVENTOS DE WP

A fase 6 de WP é a mais longa do relato, com seis eventos. É composta de 7 subfases que intercalam as sequências de atividades das crianças e dos cães pelo parque. Para otimizar a descrição e os quadros de alinhamento, as subfases são apresentadas separadamente.

9.7.1 A subfase 6a do Registro dos Eventos de WP

O primeiro evento da fase 6 diz respeito a brincar nos balanços e é instanciado pela imagem 9.1 e pela verbiagem da subfase 6a.

A imagem 9.1 retrata as crianças nos balanços. Os vetores realizam Smudge balançando (Ação: intransitivo) e Charles olhando (Mental: percepção). Por meio da relação de comparação/contraste entre os personagens é possível identificá-los como membros da classe criança, enfatizando a dimensão de geração, e distingui-los enquanto indivíduos. Identifica-se também um atributo simbólico, realizado pelas mãos segurando o balanço na barra horizontal, que constrói significado interpessoal.

A verbiagem da subfase 6a calibra significados convergentes com os significados visuais, com *Smudge* como Mediador do processo Material *swinging* e a circunstância de modo *higher and higher, as high as she dared* construindo Smudge como destemida. Em contraste, *Charles* é Mediador de processo Relacional *was (not)*, com o Alcance *so sure* que o constrói como temeroso.

Da perspectiva interpessoal, é possível identificar afeto do tipo ‘mais comportamental’ (PAINTER, MARTIN; UNSWORTH, 2013, p. 32) em Charles, relacionado a assistir Smudge balançar destemidamente, que por sua vez dá ensejo à inferência de afeto de felicidade em Smudge. As mãos que agarram o balanço – no qual Charles parece que vai balançar – na barra são um atributo simbólico que constroem a insegurança de Charles.

Na verbiagem, identifica-se gradação de força em *higher and higher* que gradua para mais o balançar de Smudge e junto com *as high as she dared* evoca julgamento de tenacidade positiva do comportamento de Smudge. Identifica-se também um julgamento de tenacidade negativa do comportamento de Charles, evocado por *not so sure*, que converge com o significado construído pelo atributo simbólico na imagem.

9.7.2 A subfase 6b do Registro de Eventos de WP

O evento instanciado na subfase 6b do Registro dos Eventos de WP – um jardineiro afugentando os cães dos canteiros de flores – não é reinstanciado em nenhuma das histórias de VP. A única sobreposição de significado com outras (sub) fases de VP diz respeito à correria

dos cães. O evento em questão retoma a sequência de atividades dos cães, tanto na modalidade visual quanto na verbal, e a intercala com a sequência de atividades das crianças.

Cabe apontar que, na imagem 9.2 de WP, a raiva do jardineiro é instanciada, entre outros, pelos recursos de gradação que fazem com que as dentaduras do jardineiro e as flores em seu chapéu saltem de seus lugares.

9.7.3 A subfase 6c do Registro de Eventos de WP

A subfase 6c do Registro dos Eventos de WP é composta por um evento principal, a brincadeira das crianças na barra, e um evento secundário, os adultos sentados no banco, ambos instanciados pela imagem 10.1 e apenas o evento principal, pela verbiagem da subfase 6c.

Quanto aos significados ideacionais, a imagem 10.1 calibra as crianças em primeiro plano, sem os casacos (variação de atribuição) e na barra, e os adultos em segundo plano, no banco. Dessa forma, as sequências de atividades das crianças e dos adultos são retomadas. Os vetores de Smudge realizam o processo pendurar-se (Ação: intransitiva), com as mãos e os pés, e os de Charles, sentar (Ação: intransitiva) e olhar (Mental: percepção); na circunstanciação, os dois adultos realizam o processo sentar e é possível inferir o processo ler (Ação: transitiva) para Mr Smith. Os processos e a circunstanciação de lugar acoplados aos adultos constroem sua inércia. A relação de comparação/contraste concomitante entre as crianças permite identificar a desenvoltura de Smudge enquanto Charles, quieto, a observa.

A verbiagem da subfase 6c calibra Charles e Smudge – *they* – como Agente do processo Material *took off* que, junto ao Alcance *their coats*, converge com a variação de atribuição das crianças na imagem, retratadas sem os casacos. As circunstâncias de modo e de lugar *like a monkey* e *on the climbing frame* também instanciam significados semelhantes aos da imagem. *Climbing frame* estabelece uma relação taxonômica de coparte com *swings* na subfase 6a, construindo a mobilidade das crianças pelo parque.

Quanto aos significados interpessoais, todos os personagens são retratados em ângulo oblíquo, não estabelecendo envolvimento com o leitor. Charles e Smudge estão próximos um do outro, realizando solidariedade entre eles, enquanto os adultos estão cada um em uma das extremidades do banco, não estabelecendo solidariedade. As crianças na barra estão no ângulo vertical superior, o que confere a elas poder em relação ao leitor e aos adultos no banco e

Charles detém este poder em relação à Smudge, olhando para ela de uma posição ainda mais acima. Afeto de felicidade é realizado pela expressão facial de Charles. Na verbiagem desta subfase, a circunstância de modo *like a monkey* pode evocar um julgamento positivo da capacidade de Smudge se pendurar na barra, tendo em vista que o conjunto de valorações do NE em relação a Smudge é positivo.

9.7.4 A subfase 6d do Registro de Eventos de WP

A subfase 6d do Registro dos Eventos de WP é sobre o cão Albert se refrescando na fonte. Este evento é retratado na imagem 10.2 de WP e na verbiagem da subfase em questão. A imagem 10.2 calibra o cão Albert dentro do lago da fonte, com um mergulhador e um hipopótamo, e Victoria na beirada, retomando a sequência de atividades dos cães. Os vetores indicadores de processos realizam Albert olhando (Mental: percepção) para Victoria e é possível inferir o processo nadar (Ação: intransitiva). A relação de comparação/contraste concomitante entre Albert e Victoria permite identificá-lo como mais ativo. A fonte, que não jorra água, tem três peixes com guarda-chuvas na parte inferior do pedestal e uma tela na qual passam nuvens no centro; sobre ela está uma banheira com um pato, uma torneira e um cogumelo; sobre o cogumelo está um pires e uma xícara, acima da qual está uma figura erguendo uma tocha em uma das mãos e vestida como a estátua da liberdade, porém com a cabeça e chapéu do personagem Carlitos, de Charles Chaplin, e segurando um picolé na outra mão. Esses atributos simbolizam contradições e conflitos de classes sociais.

A verbiagem da subfase 6d complementa os significados visuais ao calibrar a atribuição de Albert por meio do processo Relacional e Alcance *felt too hot* e ao calibrar a circunstância de causa *so to cool himself*. O processo Material *plunged* é diferente do processo retratado nadar. Os recursos visuais e verbais interagem para ampliar os significados nesta fase do TF.

Da perspectiva interpessoal, identificam-se instâncias de afeto de felicidade em Albert e no hipopótamo, e de infelicidade nos peixes, no pato e em Carlitos, todas as instâncias realizadas pelas expressões faciais. Os cães e demais personagens da circunstanciação são retratados em ângulo horizontal oblíquo, não estabelecendo envolvimento com o leitor, exceto o rosto de Carlitos que está virado de frente para o leitor. Victoria detém o poder em relação

aos personagens na água, enquanto o pato e Carlitos, mais ao alto, detêm poder sobre o leitor. A ambiência é opaca, fria e infamiliar devido ao predomínio da cor azul.

Na modalidade verbal identificam-se três instâncias de gradação de força, em *too hot*, *cool* e *plunged* que contribuem para a construção do personagem Albert como energético.

9.7.5 A subfase 6e do Registro de Eventos de WP

A subfase 6e é composta pelo evento da brincadeira das crianças na árvore.

A imagem 11 retoma a sequência de atividades das crianças, retratando o seu reaparecimento no topo da árvore. Os vetores indicadores de processo realizam a menina subindo na árvore (Ação: intransitiva) e Charles sentado (Ação: intransitiva) no galho, olhando (Mental: percepção) para ela. Essas escolhas continuam construindo Smudge como mais ativa do que Charles. Entre as folhas, nos galhos da árvore, são calibrados um gato, um esquilo, dois pássaros, uma coruja e um ovo, em um suporte para ovos sobre um prato, dentro de um ninho.

Os significados verbais da subfase 6e convergem com os significados visuais, porém, realizam *Smudge and Charles* como Mediador do processo Material *climbed*, o que confere a Charles maior paridade com Smudge do que na modalidade visual.

Quanto aos significados interpessoais, os personagens são calibrados em ângulo horizontal oblíquo, não envolvendo o leitor. A inclinação do rosto e o vetor do olhar parecem realizar o poder de Charles, apesar de que parte do corpo de Smudge está em posição mais alta do que a dele. O predomínio de verdes realiza ambiência fria e o preto por trás dos galhos mais altos torna a vibrância escura e a familiaridade com tendência a infamiliar. Identifica-se afeto positivo em Charles, relacionado a prestar atenção a Smudge subir na árvore. Não foram identificados recursos interpessoais na modalidade verbal.

9.7.6 A subfase 6f-g do Registro de Eventos de WP

As subfases 6f-g do Registro dos Eventos de WP dizem respeito ao evento da brincadeira no coreto e são instanciadas pela imagem 12 e pela verbiagem das subfases 6f-g.

A imagem 12 retrata Charles, Smudge, Victoria e Albert no coreto. A relação de coclassificação entre personagens propicia a identificação das duas classes de personagens, as crianças no verso e os cães no anverso da página dupla. Os vetores dos braços e pernas das crianças realizam o processo dar estrela (Ação: intransitivo) e dos cães o processo saltar (Ação: intransitivo). Essas distinções propiciam a divisão do evento da brincadeira no coreto em dois eventos menores envolvendo respectivamente as crianças e os cães. Esses eventos estão em relação de desdobramento simultaneidade nesta imagem e marcam a convergência das sequências de atividades das duas classes de personagens. O arco-íris ao fundo é um atributo que simboliza tempos melhores, significado também calibrado por meio do teto do coreto, estrelado e com uma lua.

Na verbiagem da subfase 6f, *They all* como Mediador do processo Material *played* realiza a confluência das sequências de atividades das crianças e dos cães. *Played* generaliza os processos retratados e a circunstância de lugar *on the bandstand* compartilha o significado construído na circunstanciação. Na subfase 6g, a escolha de *The whole world* como Mediador do processo Relacional atributivo *seemed* é diferente dos itens – relacionados às crianças ou aos cães – selecionados para Mediador até então nesta fase. A verbiagem da subfase 6g enfatiza significado interpessoal.

Da perspectiva interpessoal, afeto de felicidade pode ser inferido para todos os personagens a partir do acoplamento das ações realizadas, do arco-íris e da lua e estrelas no teto do coreto.

Na modalidade verbal, subfase 6g, identifica-se uma instância de gradação de força em *The whole world*. A subfase também calibra uma instância de afeto de felicidade inscrito, realizada por *happy*. O acoplamento dessas duas instâncias de atitude constrói a expansão do afeto positivo que converge com o afeto calibrado na modalidade visual. Os significados de afeto nesta fase de WP conduzem ao evento da fase 7b.

9.8 A FASE 7 DO REGISTRO DE EVENTOS DE WP

A fase 7 de WP concerne aos sentimentos dos personagens após algum tempo no parque. Esses sentimentos podem ser inferidos por meio dos dois eventos que constituem esta

fase. O primeiro evento diz respeito aos adultos sentados no banco e pode ser subdividido em dois menores, Mr Smith lendo o jornal e Mrs Smythe olhando para o outro lado. Este evento é instanciado pela imagem 13.1 e pela verbiagem da subfase 7a. O segundo evento refere-se a Charles oferecendo uma flor a Smudge e é instanciado pela imagem 13.2 e pela verbiagem da subfase 7b.

A imagem 13.1 retrata Mr Smith e Mrs Smythe no banco, retomando a sequência de atividades dos adultos. Os processos calibrados são os mesmos da imagem 10.1 de WP, sentar (Ação: intransitivo) e ler (Ação: transitivo), enfatizando a estaticidade dos adultos.

Na verbiagem da subfase 7a, cada personagem é associado a processos e circunstâncias distintos, constituindo os dois eventos menores. *Mr Smith* é Mediador do processo Material *read*, com a circunstância de lugar *at one end of the bench*, que estabelece relação taxonômica de repetição com *at one end of a bench*, na subfase 3a. *Mrs Smythe* é Mediador do processo Comportamental *looked* – com o nariz ainda mais inclinado para cima – com a circunstância de lugar *the other way* que repete *the other way*, na subfase 5c. Portanto, a verbiagem também retoma a sequência de atividades dos adultos. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, a escolha de acoplar tais recursos aos adultos confirma sua inércia ao mostrar os personagens no mesmo local realizando as mesmas atividades e enfatiza a ausência de interação entre eles. Esses significados verbais convergem com os significados instanciados na modalidade visual. A conjunção externa *But* estabelece uma relação de contraste em relação ao significado interpessoal – *happy* – da verbiagem na subfase 6g.

Os significados interpessoais calibrados na imagem 13.1 seguem os padrões construídos para os personagens adultos no desenrolar de WP. Eles estão bem separados e voltados para lados opostos, construindo nenhuma intimidade e solidariedade entre eles. O ângulo horizontal oblíquo constrói desconexão com o leitor. O rosto de Mrs Smythe voltado para cima dá ensejo a um julgamento negativo por parte do leitor, que pode considerá-la esnobe.

Na verbiagem, o contraste criado por *But* permite que a avaliação iniciada na subfase anterior continue a se propagar de forma implícita na subfase 7a, com realização de afeto de infelicidade evocada para os adultos.

A imagem 13.2 retrata Smudge e Charles em primeiro plano e Mr Smith na circunstanciação. A disposição simétrica entre as crianças estabelece uma relação de co-classificação que instancia a dimensão de geração. Os vetores realizam os processos dar uma flor (Ação: transitivo) e olhar (Mental: percepção). A flor é um atributo simbólico de amizade. Esta imagem reinstancia com pequenas variações a imagem na capa e encerra o

tema central da estória, que é a amizade que se forma entre as duas crianças, independente das diferenças de classe social e de personalidade.

A verbiagem da subfase 7b calibra significados convergentes com os visuais ao realizar *Charles* como Mediador do processo material *picked* na primeira oração e de *gave*, em elipse, na segunda oração; *a flower* e *it* como Alcance e *Smudge* como Beneficiário.

Da perspectiva interpessoal, a imagem 13.2 calibra as crianças próximas e em orientação face a face, construindo intimidade e solidariedade entre elas. Estes significados contrastam com aqueles realizados pelos recursos de proximidade e orientação para os adultos na imagem anterior (na mesma página dupla), evidenciando a dimensão de geração. Afeto de felicidade é calibrado por meio da expressão facial de Charles e afeto do tipo ‘mais comportamental’ pode ser identificado na expressão facial de Smudge. Mr Smith é calibrado em ângulo horizontal frontal, estabelecendo envolvimento com o leitor, e afeto relacionado à curiosidade é calibrado por meio de sua expressão facial.

Toda a verbiagem da subfase 7b evoca afeto de felicidade, trazendo a avaliação até o evento chave da estória, em conformidade com Rothery e Stenglin (1997), que afirma que os significados interpessoais tendem a se aglomerar ao redor dos eventos principais no gênero relato.

9.9 A FASE 8 DO REGISTRO DE EVENTOS DE WP

A última fase do Registro dos Eventos de WP diz respeito à hora de voltar para casa e é constituída por dois eventos – Mr Smith chamando Albert e Smudge para ir para casa e Mrs Smythe chamando Victoria e Charles para ir almoçar. O primeiro evento é instanciado pela imagem 14.1 e pela verbiagem da subfase 8a. O segundo evento é instanciado pela imagem 14.2 e pela verbiagem da subfase 8b.

A imagem 14.1 calibra Mr Smith e nenhuma circunstanciação. O processo retratado é verbal inferido pela boca aberta do personagem, pois não há balão de fala.

Na verbiagem da subfase 8a, Mr Smith é Mediador do processo verbal *yelled*. Nas orações projetadas “‘*Ere Albert, ‘ere Smudge*” e “‘*Time for ‘ome!*””, que encerram o conteúdo da fala, há representação grafológica da omissão do h na fala, associada, no inglês, a discursos

de pessoas que não tiveram acesso à educação, e por extensão, a classes sociais mais baixas⁶⁹, instanciado a classe social de Mr Smith.

Da perspectiva interpessoal, Mr Smith é calibrado em ângulo horizontal frontal, estabelecendo envolvimento com o leitor. Gradação de força é realizada pela boca e olhos bastante abertos e pelo nariz de tamanho exagerado, funcionando para construir o processo gritar. Esse significado converge com o processo *yelled* na modalidade verbal. Não foram identificados recursos interpessoais na verbiagem.

A imagem 14.2 retrata Mrs Smythe, um processo verbal inferido e a mesma ausência de circunstanciação que na imagem 14.1, escolha de recursos que retoma o paralelismo entre as sequências de atividades dos adultos, enfatizando a dimensão de geração.

A verbiagem da subfase 8b corrobora o paralelismo, com *Mrs Smythe* como Mediador do processo verbal *called*. As orações projetadas “*Come here Victoria, come along Charles,*” e “*Time for lunch.*”, que encerram a fala desta personagem, são em inglês padrão e constroem Mrs Smythe como diferente de Mr Smith, retomando a distinção de classes sociais.

Quanto aos significados interpessoais, os recursos de gradação na imagem 14.1 não são calibrados na imagem 14.2 – Mrs Smythe tem a boca em delicado formato de 0, os olhos fechados e o nariz proporcional. Da perspectiva da instanciação e retrospectivamente, esses significados acoplados ao processo verbal *called* podem evocar um julgamento de impropriedade do comportamento de Mr Smith em comparação ao comportamento de Mrs Smythe, que então pode ser julgado como mais apropriado. Os julgamentos funcionam para construir a distinção entre os dois personagens e possivelmente favorecer o alinhamento do leitor com um dos comportamentos em detrimento do outro.

9.10 A REORIENTAÇÃO DE WP

O estágio de Reorientação de WP é composto por dois eventos, a volta da família de classe social alta para casa, instanciada na imagem 15.1 e na verbiagem da subfase 1a, e a volta para casa da família de classe baixa, instanciada na imagem 15.2 e na verbiagem da subfase 1b.

69 López (2007) disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6374/1/RAEI_20_08.pdf

A imagem 15.1 retrata Mrs Smythe, Charles e Victoria caminhando (Ação: intransitivo). A circunstanciação calibra duas casas grandes e separadas uma da outra, sendo que a casa à esquerda tem um arbusto no exato formato de Mrs Smythe e um homem de bigode e óculos à janela, vestindo terno e gravata, cujo vetor da mão e braço realiza o processo acenar (Ação: intransitivo). Por meio da relação de comparação/contraste retrospectiva, identificam-se o mesmo grupo de personagens, a mesma ação – embora em direção ao lado oposto – e a mesma casa e vizinhança calibrados na imagem 2 da Orientação.

Na modalidade verbal, subfase 1a, *Mrs Smythe* é Agente do processo material *took*, *Charles and Victoria* são Mediador e a circunstância de lugar é *home*. A agência do personagem adulto indica seu maior controle sobre o grupo familiar e enfatiza a dimensão de geração. *Took* estabelece relação taxonômica de repetição com *took* e *were taking* nas subfases 1a e 1b da Orientação. A verbiagem calibra significados semelhantes aos visuais.

Da perspectiva interpessoal, a imagem é retratada em plano muito aberto, estabelecendo distância social bastante impessoal, ao mesmo tempo que permite visualizar muito espaço na vizinhança. As casas calibradas na parte inferior da página podem ser vistas do ângulo vertical superior, dando poder ao leitor. Recursos de gradação realizados pelo tamanho relativamente grande das casas, pelo pequeno número de casas e pelo grande espaço vazio na página constroem uma vizinhança próspera, espaçosa e arejada que enfatiza a classe social alta dos personagens.

A imagem 15.2 retrata Mr Smith, Smudge e Albert caminhando (Ação: intransitivo). A circunstanciação calibra casas geminadas com duas fileiras de edificações se elevando por trás. A escova de dentes e a flor nas chaminés, o balão e o peixe funcionam como atributos simbólicos para possivelmente lembrar o leitor de que pessoas vivem naqueles prédios. Os reflexos cinzas na maioria das janelas são atributos simbólicos para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que vivem ali. Em contraste, foi calibrado o reflexo de um céu azul com nuvens claras em uma das janelas, simbolizando possibilidades melhores e esperança. Constata-se, por meio da relação de comparação/contraste retrospectiva, que a casa de porta e janelas verdes, com as tralhas e a bota na frente, é a mesma calibrada na imagem 1 da Orientação, assim como o grupo de personagens e a ação que realiza. A relação de comparação/contraste configuracional e concomitante entre as imagens 15.1 e 15.2 – na mesma página dupla – favorece identificar as semelhanças e as diferenças entre os dois grupos familiares que voltam para casa ao mesmo tempo – relação de desdobramento simultaneidade entre eventos.

A verbiagem da subfase 1b calibra os mesmos significados visuais e tem *Mr Smith* como agente do processo material *took*, *Smudge and Albert* como Mediador e *home* como circunstância de lugar. A agentividade de Mr Smith também aponta seu lugar de controle na família, colocando em evidência a dimensão de geração. Uma relação taxonômica de repetição é estabelecida entre *home* nesta subfase e na anterior, e também entre *took* e suas repetições na subfase anterior e nas duas subfases da Orientação.

Quanto aos recursos interpessoais, a imagem 15.2 também utiliza plano muito aberto que permite enxergar os muitos prédios da vizinhança, além de estabelecer distância social impessoal. Os prédios ao fundo são vistos do ângulo vertical inferior, enquanto as casas à frente, do ângulo vertical superior. Quanto aos recursos de ambiência, a vibrância opaca tende a escura, o calor alterna entre quente e frio e a familiaridade tende a infamiliar. Desta forma, constrói-se uma vizinhança mais sombria, quebrada pelos *splashes* em vermelho e amarelo, e mais distante do leitor. Os recursos de gradação são realizados pelo grande número de prédios que ocupam muito espaço na página e constroem uma vizinhança menos favorecida, menos espaçosa e menos arejada que enfatiza a classe social mais baixa dos personagens.

Da perspectiva da hierarquia da instanciação, identifica-se um paralelismo semântico entre as duas subfases do estágio de Reorientação, muito semelhante àquele estabelecido no estágio de Orientação. Da perspectiva da hierarquia da realização, o paralelismo ideacional na modalidade visual é realizado pela semelhança dos formatos dos grupos de personagens e dos tipos de circunstanciação. Na modalidade verbal, o paralelismo é realizado pelas configurações iguais das relações nucleares – com a agentividade dos adultos afetando as crianças e os cães e colocando em evidência a dimensão de geração –, acentuado pelas relações taxonômicas de repetição dos processos e das circunstâncias de lugar. O paralelismo semântico ideacional identificado na modalidade verbal do estágio de Reorientação de WP é apresentado no Quadro 19.

Quadro 19 – Paralelismo semântico ideacional verbal na Reorientação de WP

| Agente | Processo | Mediador | Circunstância |
|-------------------|-------------|-----------------------------|---------------|
| <i>Mrs Smythe</i> | <i>took</i> | <i>Charles and Victoria</i> | <i>home.</i> |
| <i>Mr Smith</i> | <i>took</i> | <i>Smudge and Albert</i> | <i>home.</i> |

Fonte: Elaborado pela autora com verbiagem do livro *A Walk in the Park*, p. [30] e [31], 2013, de Anthony Browne.

Da perspectiva interpessoal, na modalidade visual, o paralelismo é realizado principalmente pelo plano aberto e pelos recursos de gradação utilizados para retratar as diferentes vizinhanças acopladas a cada família e assim construir suas classes sociais distintas.

Corroborando Rothery e Stenglin (1997), o estágio de Reorientação de WP remete ao início da estória – restabelecendo o paralelismo semântico entre as sequências de atividades das duas famílias e retomando a dimensão de desigualdade social – e conclui a jornada da estória.

9.11 A CODA DE WP

Este estágio diz respeito a Smudge guardar o presente que recebeu de Charles e é instanciado pela imagem 16 e pela verbiagem da fase 1.

A imagem 16 é conceitual e retrata uma flor em um vidro com água em um parapeito de janela. A flor é um atributo que simboliza os sentimentos de Charles para com Smudge e faz referência retrospectiva à imagem 13.2, em que Charles dá a flor para Smudge, e ao tema principal da estória, que é a amizade entre as crianças – macrotema explicitado na capa.

O significado verbal converge com o visual. A verbiagem calibra *Smudge* como Agente do processo material *kept* e *the flower* como Mediador. Tais escolhas enfatizam a agentividade de Smudge sobre a flor e sua decisão de ficar com a flor constrói a reciprocidade dos sentimentos de Smudge para com Charles. *Flower* estabelece relação taxonômica de repetição com o mesmo léxico na subfase 7b do Registro dos Eventos de WP, consolidando o tema principal da estória.

Quanto aos significados interpessoais, destaca-se a ambiência opaca escura, fria e com familiaridade que tende a infamiliar e o *splash* de ambiência quente, realizado pelo amarelo da flor, contrastando e calibrando um pouco de alegria no ambiente sombrio.

Da perspectiva da hierarquia da instanciação, os acoplamentos dos significados ideacionais e interpessoais nas modalidades visual e verbal fazem com que toda a verbiagem da fase 1 da Coda evoque afeto de felicidade de Smudge em relação à amizade com Charles. Desta forma, o estágio avalia retrospectivamente os eventos e apresenta implicitamente a moral da estória.



10 FIRST VOICE

Este capítulo apresenta os resultados da análise da reinstanciação na estória FV do livro ilustrado VP, ao mesmo tempo em que apresenta os recursos semióticos relevantes para a construção dos significados dentro do recorte das dimensões de desigualdade e do posicionamento do leitor prospectivo.

10.1 A ORIENTAÇÃO DE FV

Esta seção apresenta a análise da reinstanciação do estágio de Orientação de FV. O estágio em questão é apresentado no Quadro 20, seguido da subfase 1b do mesmo estágio em WP.

Quadro 20 – Orientação de FV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|---|------------|------------------|
|  1 | <i>First Voice</i> <i>It was time to take Victoria, our pedigree Labrador, and Charles, our son, for a walk.</i> | 1 | Orientação de FV |
|  2 | <i>On that same morning Mrs Smythe and her son, Charles, were taking their dog, Victoria, for a walk.</i> | 1b | Orientação de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [3], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [4-5], 2013, de Anthony Browne.

Em FV, o estágio de Orientação concerne a hora de ir passear e é composto por um evento, que reinstancia a ida da família de classe média alta ao parque. A ida da outra família é omitida nesta estória. A omissão da ida da outra família ao parque é um padrão que se repete na Orientação de todas as estórias de VP, tendo em vista que, em WP, o relato é feito por um narrador externo que vê as duas famílias e, em VP, as estórias são contadas por NPs que não veem tudo. A não calibragem de um dos eventos instanciados na Orientação do TF torna mais

complexa e menos evidente a realização do paralelismo semântico que enfatiza a distinção de classe social entre as famílias – um dos temas de WP.

Em FV, a ida da família de classe média alta ao parque é reinstanciada na imagem 1 e na verbiagem da fase 1. O processo reinstanciado na imagem 1 de FV é considerado menos calibrado do que o da imagem 2 em WP, devido à ausência do personagem masculino à janela na circunstanciação, fazendo com que a diferença dos papéis dos genitores não seja reinstanciada. Há variação quanto à atribuição dos personagens, em que os personagens humanos em WP são zoomorfizados em FV – padrão que se repete em todas as estórias do macrogênero VP. Constata-se também que, embora haja diferenças no estilo e nas cores das roupas calibradas, os itens são os mesmos que no TF e servem, junto com os acessórios, para reinstanciar a classe social dos personagens. A configuração do grupo familiar é reinstanciada de forma semelhante. No entanto, em FV, a mãe (NP) obscurece bem mais o filho, o que pode indicar o seu papel dominante no relacionamento e acrescentar este significado à dimensão de geração. O atributo simbólico calibrado em FV é realizado por um chapéu, no mesmo formato daquele usado pela NP – sua marca registrada –, sobre uma das pilastras da cerca. Embora menos evidente do que o atributo simbólico calibrado no TF, constrói o mesmo significado de que a casa pertence à NP e, portanto, funciona para reinstanciar sua classe social – média alta.

A verbiagem do estágio de Orientação de FV reinstancia a subfase 1b do mesmo estágio de WP. Identifica-se a instanciação do título, *First Voice*, não instanciado no TF. O título acrescenta a perspectiva da qual a estória é contada, no caso, a da personagem adulta feminina retratada na modalidade visual. No macrogênero, os títulos⁷⁰ constroem as diferenças de classe, gênero e geração, ao apresentar primeiro a versão do passeio ao parque da mulher rica, seguida da versão do homem pobre, depois a versão do menino rico e, por último, a da menina pobre. Esta ordem privilegia a classe social mais alta e resulta na inversão da ordem em que os gêneros são apresentados em relação ao TF. Quanto ao processo reinstanciado, constatou-se uma variação na agência ao se agnar a oração reinstanciada – *It was time I take Victoria, our pedigree Labrador, and Charles, our son, for a walk*. Nela, Charles não é Agente da oração que afeta Victoria, como no TF, mas passa a ser afetado, junto com a cadela, pela ação agenciada apenas pela mãe. Esse significado converge com a indicação de dominância da mãe na modalidade visual e contribui para acentuar a

70 Os títulos no início dos capítulos têm também função textual e constituem um padrão em todo o macrogênero. Em cada estória, o título está posicionado acima da primeira imagem e indica a voz que conta a estória, sempre a do personagem principal. Conforme mencionado na seção de Introdução, o narrador que faz referência a si mesmo como personagem é considerado narrador-personagem (NP). Em VP, na modalidade verbal, o NP é também o focalizador da estória em questão.

desigualdade dentro da dimensão de geração. *It was time* parece indicar a atividade como habitual. No domínio Personagem, não há identificação explícita da NP. Os demais personagens retratados são identificados por nome – Charles e Victoria – e suas posições no grupo familiar são indicadas – *our son* e *our pedigree Labrador*. O outro genitor, instanciado no TF na modalidade visual, é calibrado por meio do dêitico possessivo – *our (son)*. Esses recursos reinstanciam as dimensões gênero e geração.

Da perspectiva interpessoal, o afeto negativo calibrado na imagem 2 de WP, por meio da boca curvada para baixo em Mrs Smythe, e o afeto positivo, depreendido do aceno do homem à janela, não são calibradas na imagem 1 de FV, configurando omissões. A gradação para cima, calibrada em WP por meio do tamanho da casa é reinstanciada em FV da mesma forma. Há variação na reinstanciação em relação ao ângulo (horizontal oblíquo) e às cores (ambiência mais fria) acoplados à casa, construindo menor envolvimento do leitor e menos aconchego do que na imagem do TF. O ângulo vertical superior usado para retratar a casa é mais acentuado em FV, evidenciando seu poder.

Na modalidade verbal, há acréscimo de um julgamento positivo evocado em *It was time to take [...] for a walk*, construindo a ideia de que a mãe é pontual e confiável no cumprimento de suas atividades. Também foi acrescentada uma apreciação positiva para avaliar *Labrador* (Victoria), evocada pelo recurso ideacional *pedigree*. Uma vez que ter *pedigree* significa ser autêntico e valioso, o recurso constrói implicitamente a importância que a NP dá a ter uma cadela de raça pura. Da perspectiva da hierarquia da individuação, essas avaliações são acopladas à NP, construindo sua individualidade e visão de mundo.

10.2 AS SUBFASES 1A-F DA COMPLICAÇÃO DE FV

O Quadro 21 apresenta as subfases 1a-f do estágio de Complicação de FV, seguidas das subfases 2b-c do estágio de Registro dos Eventos de WP.

Quadro 21 – Subfases 1a-f da Complicação de FV e equivalentes em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--------|---|------------|-------------------|
| | <i>When we arrived at the park, I let Victoria off her leash.</i> | 1 a | Complicação de FV |

| | | | |
|-----|--|-----|----------------------------------|
| | <i>Immediately some scruffy mongrel appeared and started bothering her.</i> | 1 b | |
| 2.1 | <i>I shooed it off, but the horrible thing chased her all over the park.</i> | 1 c | |
| | <i>I ordered it to go away, but it took no notice of me whatsoever.</i> | 1 d | |
| | | 1 e | |
| | | 1 f | |
| | <i>Victoria waited quietly until Mrs Smythe had detached the lead from her collar.</i> | 2b | Registro dos Eventos de WP |
| 4.2 | | | |
| | <i>Both dogs were free. They chased each other all over the park.</i> | 2c | |
| 5 | | | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [4], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [9] e [10-11], 2013, de Anthony Browne.

A primeira fase da Complicação de FV é composta por sete eventos. O evento da subfase 1a refere-se à soltura de Victoria e reinstancia, nas modalidades visual e verbal, a subfase 2b do Registro dos Eventos do TF, incluindo a imagem 4.2. O evento da subfase 2a do TF, relativo à outra família, é omitido em FV. Os eventos da subfase 1b e 1d de FV – o aparecimento do outro cão e a perseguição –, reinstanciam a subfase 2c do TF. Os eventos das subfases 1c, 1e e 1f constituem acréscimos em relação ao TF. O último evento da Complicação de FV, subfase 1g, reinstancia a próxima fase do TF.

A imagem 2.1 de FV reinstancia a imagem 4.2 do TF – que retrata Mrs Smythe soltando Victoria – com o aumento da circunstanciação (recontextualização), tornando o processo mais calibrado. Esse aumento resultou o acréscimo de atributos simbólicos não instanciados no TF, a saber, uma mulher e um homem andando por um caminho no parque – a primeira, com uma coroa na cabeça e trajes reais, e o segundo, com um boné e roupas pretas, carregando um saco nas costas. Retrospectivamente, a partir da verbiagem da subfase 1a do estágio de Avaliação, esses atributos simbólicos significam as pessoas das classes mais altas, como a própria NP, e os “tipos assustadores” (*frightful types*) que transitam pelo parque, tornando a dimensão de desigualdade de classe social ainda mais calibrada na reinstanciação. Há variação na manifestação do personagem Charles – que passou de corpo inteiro no TF (manifestação completa) para os bicos dos sapatos na reinstanciação (manifestação metonímica) –, resultando na não reinstanciação da diferença de papéis na dimensão de

geração. Há também o acréscimo do aparecimento do focinho de outro cão (manifestação metonímica), calibrando a existência desse animal. No TF, o cão em questão não é instanciado na imagem 4.2, mas nas imagens 4.1 e 5. Há ainda variação na posição em que o rabo da cadela é retratado, curvado para longe do corpo no TF e entre as pernas em FV.

Na verbiagem, subfase 1a, as relações nucleares em *I let Victoria off her leash* têm *I* (NP) como Agente do processo material *let*, afetando Victoria na posição de Mediador. Tais escolhas reinstanciam o papel da NP na família e a ênfase na dimensão de desigualdade de geração. A subfase 1b apresenta um outro participante no discurso, *some scruffy mongrel*, que é Agente do processo Material *started bothering* que afeta *her* (Victoria), processo não calibrado no TF. *Mongrel* estabelece uma relação taxonômica de coclasse com *Pedigree Labrador*, na fase 1 da Orientação, reforçando o contraste de classes. Os recursos da subfase 1b constroem o primeiro problema da Complicação. A subfase 1c apresenta a reação da NP ao problema na subfase anterior e pode ter sido desencadeada pela expressão corporal de Victoria. Os significados dessa subfase são realizados com o retorno de *I* (NP) como Agente do processo Material *shooed* afetando *it* (*some scruffy mongrel*) e constitui um acréscimo em relação ao TF. A subfase 1d introduz uma contraexpectativa – *but* – e o retorno do outro cão, *the horrible thing*, como Agente do processo Material *chased* que afeta *her* (Victoria). Portanto, identifica-se uma variação na agentividade desse processo, que no TF é realizada por ambos os cães – *they* –, afetando um ao outro – *each other*. Na subfase 1e, *I* (NP) é Agente do processo Material *ordered*, que afeta *it* (*the horrible thing*) e constrói a reação da NP ao problema apresentado em 1d. A subfase 1f apresenta uma segunda contraexpectativa – *but* – e o retorno do outro cão, *it*, como Mediador do processo Material *took*. Os significados calibrados nas subfases 1e e 1f não são instanciados no TF e constituem acréscimos.

Em relação aos significados interpessoais, há variação no afeto instanciado em Mrs Smythe. Na imagem 2.1, embora ainda seja possível identificar o mesmo julgamento positivo evocado pela concentração da NP, identifica-se o afeto de infelicidade inscrito, calibrado pelos lábios comprimidos da NP. Há a omissão do julgamento negativo da timidez de Charles, decorrente de sua manifestação metonímica. Ainda assim, é possível verificar que no TF Charles está de costas para a mãe e em FV a mãe está de costas para Charles, resultando em variação na orientação em relação a quem é responsável pela pouca solidariedade entre os personagens. A variação na posição do rabo da cadela⁷¹ acrescenta uma instância de afeto

71 É do senso comum que o rabo do cão entre as pernas é uma indicação de que o animal está inseguro ou até mesmo com medo. Essa informação é corroborada nos seguintes sites:

<https://www.maxtotalalimentos.com.br/dica-cao/comportamento/que-os-movimentos-do-rabo-do-cachorro->

negativo. Da perspectiva da hierarquia da individuação, os atributos simbólicos acrescentados são acoplados à NP, refletindo sua visão de mundo e ajudando a construí-la.

Na modalidade verbal, a subfase 1a omite o julgamento inscrito – *quietly* –, que avalia o comportamento da cadela Victoria no TF. Essa omissão muda o enfoque da soltura de Victoria para ideacional na reinstanciação. Na subfase 1b, as escolhas de *scruffy* (sujo, mal arrumado, perebento) e *mongrel* (cão sem raça definida) acrescentam duas instâncias de apreciação evocada negativa a respeito do cão Albert, uma vez que permitem inferir que a NP considera o cão repugnante, não autêntico e sem valor. *Scruffy* também funciona para acentuar *mongrel*; como *mongrel* é um item atitudinal, o uso de *scruffy* como gradação de foco indica o investimento máximo da NP no valor da avaliação e que ela pretende alinhar fortemente o leitor com o seu posicionamento. Essas valorações, por sua vez, podem evocar no leitor um julgamento a respeito da NP. A subfase 1b acrescenta também uma instância de julgamento negativo inscrito de tenacidade – *bothering* – do comportamento de Albert, que, por sua vez, evoca afeto de insatisfação da NP. A subfase 1c acrescenta uma instância de afeto de insatisfação com incidência de gradação – *shooed [...] off* –, desencadeado pelo comportamento do cão. A subfase 1d acrescenta uma instância de apreciação negativa inscrita de reação com gradação fusionada – *horrible* –, que avalia *thing* (o cão). Essa apreciação pode evocar no leitor um julgamento em relação à NP. A reinstanciação da gradação em *chased* e em *all over the park* é realizada da mesma forma que no TF. A subfase 1e acrescenta um julgamento positivo da capacidade da NP evocado pela gradação em *ordered*. Acrescenta também uma instância de afeto evocado de insatisfação – *Go away* –, que tem como gatilho o comportamento do cão. A subfase 1f acrescenta uma instância de julgamento negativo evocado de propriedade do comportamento do cão – *it took no notice of me* –, acoplado à gradação, realizada pelo item *whatsoever*.

Da perspectiva da hierarquia da individuação, os recursos interpessoais calibrados nesta fase de FV são acoplados à NP, construindo-a como uma pessoa que se guia pela aparência, pois usa recursos de apreciação – que usualmente expressam avaliações sobre a estética e a valorização das coisas (MARTIN; WHITE, 2005) – para avaliar os cães; que menospreza aquele que considera inferior, pois usa recursos de atitude de carga negativa para

[podem-nos-dizer/](#) Acesso em 08 setembro 2020.

<https://www.granvitapet.com.br/area-pet/dicas/o-que-a-posicao-e-os-movimentos-do-rabo-do-cachorro-significam> Acesso em 08 setembro 2020.



https://www.ehow.com.br/cao-poe-rabo-entre- pernas-info_108316/ Acesso em 08 setembro 2020.

avaliar o outro cão e seus próprios afetos em relação a esse cão; e que tem uma boa opinião de si mesma e de sua família, pois faz auto julgamentos positivos e apreciação positiva de sua cadela de estimação. Portanto, mesmo que a princípio a reação da NP possa ser considerada uma tentativa de defender Victoria do outro cão, a totalidade dos significados construídos posicionam o leitor a não se alinhar com a NP.

10.3 A SUBFASE 1G DA COMPLICAÇÃO DE FV

O Quadro 22 apresenta a subfase 1g do estágio da Complicação de FV, seguida da subfase 3b do estágio de Registro dos Eventos de WP.

Quadro 22 – Subfase 1g da Complicação de FV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|----------------------------|
|  | <i>“Sit,” I said to Charles. “Here.”</i> | 1 g | Complicação de FV |
| 2.2 | | | |
|  | <i>Mrs Smythe sat at the other end with Charles.</i> | 3b | Registro dos Eventos de WP |
| 6 | | | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [5], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [12-13], 2013, de Anthony Browne.

O sétimo evento da fase 1 da Complicação de FV reinstancia parte da fase 3 do Registro de Eventos de WP. Esse evento diz respeito à acomodação da família de classe média alta no banco e é composto pela imagem 2.2 e pela verbiagem da subfase 1g. A imagem 2.2 reinstancia a parte da imagem 6 no averso da página dupla.

Quanto aos significados ideacionais, há a reinstanciação da NP e de Charles em primeiro plano e uma manifestação metonímica, realizada por partes do corpo, cuja identidade ainda não foi apresentada em FV, mas que pode ser identificada por comparação e contraste intertextual como reinstanciando Smudge. Os vetores realizam os mesmos processos, com Charles e a NP sentados (Ação: intransitivo) no banco e Charles olhando (Mental: percepção) para o personagem em manifestação metonímica. A circunstanciação foi recontextualizada em

relação ao TF, permitindo a instanciação de Victoria correndo (Ação: intransitivo) atrás do outro cão em um gramado com árvores, caracterizando um acréscimo em relação ao TF. Esse significado visual é divergente daquele apresentado na modalidade verbal, subfase 1d – *but the horrible thing chased her all over the park*. Tal divergência indica que a percepção da NP da atividade dos cães é afetada por suas ideias e crenças a respeito dos vira-latas. Entre as diversas árvores em segundo plano, identifica-se, atrás da NP, uma árvore torta que tem uma sombra fina e esburacada e se sobrepõe a outra árvore, formando um x que parece descartar a NP.

Em relação aos significados interpessoais, a imagem 2.2 apresenta variação quanto à orientação da NP e Charles, que são retratados em ângulos opostos, não construindo solidariedade entre eles. A posição dos dois personagens em ângulo horizontal oblíquo cria maior desconexão entre o leitor e os personagens do que no TF. O afeto de infelicidade identificado na NP é mais calibrado do que no TF, porque é realizado pela boca curvada para baixo, sobrancelhas e olhos da NP. Diferente do TF, o afeto identificado em Charles é negativo, realizado pela boca e sobrancelhas e pelos braços cruzados de Charles.

Na modalidade verbal, a prosódia negativa que vem das subfases anteriores da fase 1 da Complicação de FV permite identificar afeto negativo evocado na forma pela qual a mãe ordena Charles a se sentar – uso de monossílabos e imperativo. Os recursos de afeto acrescentam significados interpessoais em relação ao mesmo evento em WP, tornando a reinstanciação mais calibrada interpessoalmente do que o TF.

10.4 A FASE 2 DA COMPLICAÇÃO DE FV

O Quadro 23 apresenta a fase 2 do estágio da Complicação e a subfase 7a do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 23 – Fase 2 da Complicação de FV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--------|--|------------|-------------------|
| | <i>I was just planning what we should have to eat that evening when I saw Charles had disappeared.</i> | 2a | Complicação de FV |



3.1

Oh dear! Where had he gone?

2b



13.1

But Mr Smith read his newspaper at one end of the bench and Mrs Smythe looked the other way.

7a

Registro dos
Eventos de
WP

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [6], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [26], 2013, de Anthony Browne.

A fase 2 da Complicação de FV é constituída por um evento – a constatação do desaparecimento de Charles por sua mãe –, instanciado pela imagem 3.1 e pela verbiagem das subfases 2a-b. A fase 2 reinstancia parcialmente a subfase 7a do TF, mais explicitamente na modalidade visual. A relevância e a principal variação desta fase em relação ao TF é acrescentar um problema à estória, ao qual é acoplado significado interpessoal no estágio de Avaliação, transformando FV em uma narrativa que reinstancia um relato.

A imagem 3.1 reinstancia os dois personagens adultos, sendo que o personagem masculino – cabe notar que o leitor de VP ainda não sabe quem é este personagem – realiza os mesmos processos que na imagem 13.1 do TF – sentar e ler o jornal. A NP, no entanto, é calibrada de pé e olhando para o lado onde está o outro personagem e não para o outro lado, como no TF. A distinção de classe social é reinstanciada de forma mais explícita em FV, por meio da relação de comparação/contraste atributiva e concomitante entre os personagens que propicia perceber principalmente as calças com respingos de tinta e sujas do homem em contraste com o vestuário sofisticado da mulher. No TF, constata-se apenas o vestuário sofisticado da mulher, instanciando sua classe social mais alta. O aumento do grau de detalhes da circunstanciação na imagem 3.1 permitiu a calibragem de diversas árvores, com bocas abertas e olhos fechados, e dos cães correndo por trás de uma das árvores, resultando em um acréscimo de evento, ainda que secundário, em relação ao TF. O reaparecimento dos cães na circunstanciação retoma a sequência de atividades dos animais, além de reinstanciar sua manifestação – as metades dos corpos por trás da árvore – como calibrada na imagem 7 do TF. Assim sendo, embora a imagem 3.1 seja mais calibrada ideacionalmente do que a imagem 13.1 do TF, o TF ainda é mais calibrado ideacionalmente em relação a esses dois eventos do que FV, por apresentar duas imagens para calibrar, em primeiro plano, os mesmos significados.

Diferente do que ocorre no TF, os significados ideacionais calibrados pela verbiagem da fase 2 da Complicação de FV não convergem com os significados ideacionais calibrados na imagem 3.1. A verbiagem da subfase 2a de FV omite o evento menor relacionado ao personagem masculino – *Mr Smith read his newspaper* – na subfase 7a do TF e calibra a perspectiva interna da NP quanto ao que ela estava fazendo – *I was just planning what we should have to eat that evening* –, ao invés da visão externa do NE quanto ao mesmo evento – *Mrs Smythe looked the other way* – na subfase 7a de WP. O desaparecimento de Charles, contratempo principal da estória, é instanciado na circunstância de tempo *when I saw Charles had disappeared*. A verbiagem da subfase 2b acrescenta uma reflexão da NP que evoca significados interpessoais em resposta ao problema apresentado na subfase anterior.

Quanto aos significados interpessoais, FV reinstancia o ângulo horizontal oblíquo em que o personagem masculino e o rosto da NP são apresentados – embora seu corpo esteja em ângulo horizontal frontal – que não estabelece envolvimento com o leitor. Na imagem 3.1, é calibrado afeto negativo, realizado pela expressão corporal – de pé, com uma mão segurando a outra em frente ao peito – e facial – boca aberta, testa franzida – da NP, ao qual é acoplada gradação de força, realizada pelo grande número de árvores com bocas abertas e olhos fechados. As bocas e olhos das árvores expressam afeto negativo frente ao acontecido e evocam julgamento no leitor.

Na verbiagem da subfase 2a, *I was just planning what we should have to eat that evening* acrescenta um julgamento positivo evocado da capacidade da NP, construindo o papel da mulher cuidadora. A verbiagem da subfase 2b – *Oh dear! Where had he gone?* – indica a ansiedade da mãe por não saber onde o filho está, portanto, realiza afeto negativo evocado, ou seja, implícito, que complementa o afeto visual, ainda que menos calibrado.

10.5 A AVALIAÇÃO DE FV

O Quadro 24 apresenta o estágio de Avaliação de FV.

Quadro 24 – Avaliação de FV

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--------|-----------|------------|---------|
|--------|-----------|------------|---------|



You get some frightful types in the park these days!

1a

Avaliação de FV

3.2

I called his name for what seemed like ages.

1b

Fonte: Elaborado pela autora com imagem e verbiagem do livro *Voices in the Park*, p. [7].

O estágio de Avaliação de FV acrescenta um evento em relação a WP – o início da procura por Charles, instanciado pela imagem 3.2 e pela verbiagem da subfase 1b.

A imagem 3.2 retrata a NP, emergindo da circunstanciação em relação à imagem 3.1, e os cães em segundo plano, dando prosseguimento às sequências de atividades desses personagens. O posicionamento e os vetores das mãos e a abertura da boca da NP – junto com os demais recursos interpessoais descritos mais abaixo – indicam o processo gritar (Verbal inferido) e os vetores dos cães realizam o processo correr (Ação intransitiva). A circunstanciação retratada é diferente daquela na imagem anterior – relação entre as circunstâncias dos dois eventos em questão –, pois retrata uma colina ao fundo e não o gramado com as várias árvores, indicando que a NP passou a se mover. Ademais, os recursos de desdobramento (sucessão entre os eventos) indicam que a ação retratada nesta imagem resulta da ação retratada na imagem anterior e que a NP está tentando encontrar o filho, a fim de solucionar o problema.

Na modalidade verbal, a subfase 1a calibra um problema, realizado por *You* como Agente do processo material *get*, pelo Mediador *some frightful types* – que remete ao personagem masculino apresentado na imagem anterior e ao personagem de roupas pretas carregando um saco nas costas na circunstanciação da imagem 2.1 –, seguido da circunstância de lugar *in the park* e de tempo *these days!* Esses recursos enfatizam significados interpessoais. A subfase 1b configura a reação da NP ao desaparecimento de Charles, calibrando *I* (NP) como Mediador do processo Comportamental *called*, *his name* como Alcance e *for what seemed like ages* como circunstância de tempo que encerra significado interpessoal.

Da perspectiva interpessoal, a imagem 3.2 retrata a NP em plano fechado, que rompe o padrão de distância social estabelecido em FV e contribui para marcar a transição para o estágio de Resolução. Segundo Painter (2018), o plano fechado estabelece distância social pessoal entre o leitor e o personagem, embora nesta imagem funcione também para calibrar o recurso de gradação. Ainda assim, identifica-se nesta página dupla o acoplamento do

envolvimento – ângulo horizontal frontal em que o corpo do NP é calibrado na imagem 3.1 – com a distância social – plano fechado na imagem 3.2 – em uma tentativa de envolver e criar uma relação íntima entre o leitor e a personagem e fazer com que o leitor se solidarize com a NP em seu papel de mãe neste ponto da estória. A esses recursos, no entanto, é contraposto o ângulo horizontal oblíquo em que o rosto da NP é retratado nas duas imagens, resultando em não envolvimento entre o leitor e a NP. A gradação de força é realizada pelo tamanho da face da NP, ocupando a maior parte da imagem, com olhos e boca bastante abertos, e é acoplada ao afeto negativo, realizado pelos olhos arregalados. A boca aberta é semelhante às bocas das árvores na imagem anterior e estabelece uma conexão entre as duas imagens que amplifica o sentimento negativo. A árvore e suas folhas voando, as partes do chapéu e o dedinho da NP fora do enquadre da imagem realizam o recurso textual ruptura e exprimem energia. A energia da personagem, junto com o esforço feito no uso da boca e da cabeça, permite identificar o processo retratado como gritar. Há gradação acoplada no processo gritar, em relação ao processo chamar (*call*), instanciado na modalidade verbal, configurando o processo visual como mais calibrado do que o processo verbal. O acoplamento de gradação e a propagação dos demais recursos interpessoais inscritos indicam que o processo visual evoca sentimento.

A subfase 1a da Avaliação calibra uma instância de apreciação negativa inscrita por *frightful*, indicando que a avaliação da NP se pauta na aparência; essa avaliação é desencantada pelo personagem sentado no banco na imagem 3.1. *Some frightful types* também evoca um afeto de insegurança que, ao ser acoplado aos significados ideacionais da subfase 1a, constrói a noção de perigo que leva a NP a tentar solucionar o problema. A verbiagem da subfase 1b – *I called his name for what seemed like ages* – corrobora e amplifica essa insegurança, uma vez que pareceu à mãe que o filho ficou exposto ao perigo por um longo tempo enquanto ela tentava localizá-lo. Cabe notar que a escolha de *called* é menos calibrada do que o processo visual gritar. O processo verbal é condizente com a postura contida de uma mulher de classe social alta e, da perspectiva da individuação, considerando a construção da NP no desenrolar da narrativa, pode refletir um julgamento por parte da NP de que gritar não é apropriado. Na interação entre as modalidades visual e verbal, cria-se uma antítese e possivelmente ironia, uma vez que o processo visual retrata uma NP que perdeu o controle da situação.



Na sequência de atividades da NP em seu passeio ao parque, constata-se, da perspectiva da hierarquia da instanciação, uma alternância de três problemas causados pelo outro cão após a soltura de Victoria, com três reações de cunho interpessoal da NP. Da perspectiva da hierarquia da realização, esses significados são construídos principalmente pela

alternância da agência da NP e do outro cão e pela correspondente alternância do personagem que está sendo afetado pelo Agente. Tal dinâmica culmina com um problema maior – o desaparecimento de Charles, avaliado pela NP por meio de dois recursos de atitude – subfase 1a da Avaliação. Os recursos de atitude funcionam para configurar o desaparecimento de Charles em uma complicação e constroem a expectativa de que ele seja encontrado logo. Segundo Martin e Rose (2008, p. 86-87), o padrão de problema seguido por reação com significado interpessoal que vai se intensificando caracteriza o estágio de Complicação e a avaliação cujo escopo se estende tanto retrospectivamente quanto prospectivamente são típicas da narrativa, corroborando o gênero de FV. Da perspectiva da individuação, as reações acopladas à NP, que permitem considerar as ações do outro cão como problemas, posicionam o leitor a não simpatizar com a NP. Ademais, embora certos recursos calibrados permitam ao leitor ter empatia para com a mãe que perde o filho no parque, a reação da mãe, em decorrência dos supostos perigos no parque, acoplada ao ângulo horizontal oblíquo, desencoraja a identificação e o envolvimento do leitor com a NP. Os acréscimos e demais variações identificadas em FV tornam a fase 2 do estágio de Complicação e o estágio de Avaliação de FV mais calibradas interpessoalmente do que a fase 7a de WP.

10.6 A SUBFASE 1A DA RESOLUÇÃO DE FV

O Quadro 25 apresenta a subfase 1a do estágio de Resolução de FV e a subfase 7b do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 25 – Subfase 1a da Resolução de FV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|----------------------------|
|  <p>4.1</p> | <p><i>Then I saw him talking to a very rough - looking child.</i></p> | 1a | Resolução de FV |
|  <p>13.2</p> | <p><i>Charles picked a flower and gave it to Smudge.</i></p> | 7b | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [8], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [27], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 1a da Resolução de FV calibra o evento no qual a NP encontra o filho. A imagem 4.1 de FV reinstancia a interação entre as crianças, calibrada na imagem 13.2 do TF, sem a flor. A verbiagem da subfase 1a não reinstancia nenhum significado instanciado na subfase 7b do TF, mas acrescenta um evento – Mrs Smythe vê Charles conversando com uma criança – que diverge do significado calibrado na circunstanciação da imagem 13.2 de WP – Mr Smith presencia a interação.

A imagem 4.1 reinstancia Charles e Smudge – embora neste ponto da estória o leitor ainda não saiba que é Smudge. As crianças e os processos acoplados a elas estão recuadas para o segundo plano, tornando o evento menos calibrado nos domínios personagem e ação do que no TF. A disposição simétrica e a orientação espacial dos participantes é a mesma do TF e reinstancia a dimensão de geração. Há variação no grau de detalhes da circunstanciação que é aumentado em relação ao TF e calibra um caminho ladeado por árvores, ao fundo do qual estão as crianças. A imagem acrescenta ainda os cães no gramado do lado direito, retomando sua sequência de atividades, não instanciada no TF. Semelhante ao que ocorre no TF, a imagem 4.1 reinstancia a imagem da capa do livro, porém omite a ação dar uma flor, não reinstanciando assim a amizade entre as duas crianças, que é o tema central da estória.

Na modalidade verbal, a subfase 1a não reinstancia os significados verbais da subfase 7b do Registro dos Eventos de WP. A conjunção temporal sucessiva *Then* marca a mudança de estágio. Essa subfase constitui a solução para o desaparecimento de Charles ao calibrar *I* (NP) como Mediador do processo Mental *saw* e *him* (*talking to a very rough-looking child*) como Alcance. Também calibra outra identidade no discurso – *a very rough-looking child* – que é acoplada à outra criança retratada na modalidade visual.

Quanto aos significados interpessoais, há variação no plano muito aberto em que os personagens são retratados na imagem 4.1, estabelecendo maior distância social entre o leitor e os personagens do que no TF. O padrão de focalização não mediada do TF e também de FV parece ser quebrado na imagem 4.1, que não retrata a NP. O significado verbal calibrado confirma que a imagem retrata o que a NP vê, portanto, parece plausível que a focalização nesta imagem e nas demais imagens de VP nas quais o NP da estória não é calibrado seja do tipo mediada inferida.

Na verbiagem da subfase 1a da Resolução de FV, *I saw him* acrescenta uma instância de julgamento de capacidade evocado em relação à mãe de Charles conseguir encontrá-lo. *Rough-looking* inscreve uma apreciação de reação negativa em relação à aparência da criança,


à qual é acoplada gradação de força realizada por *very*. A apreciação negativa, por sua vez, faz com que *talking to a very rough-looking child* evoque um julgamento de impropriedade do comportamento de Charles e outro de insatisfação da mãe, pelo fato de Charles estar conversando com a criança de aparência descuidada.

Da perspectiva da hierarquia da instanciação, os acoplamentos de significados ideacionais e interpessoais intermodais permitem inferir que a imagem 4.1 retrata a visão dos fatos da NP, embora não tenham sido calibrados recursos interpessoais de focalização mediada conforme o modelo de Painter, Martin e Unsworth (2013). Da perspectiva da hierarquia da individuação, esses recursos acoplados à NP constroem sua visão como enviesada, uma vez que não enxerga a essência dos fatos e considera a aparência da outra criança como um problema; assim sendo, posiciona fortemente o leitor a não se alinhar com a NP.

10.7 A SUBFASE 1B DA RESOLUÇÃO DE FV

O Quadro 26 apresenta a verbiagem da subfase 1b do estágio de Resolução de FV e a subfase 8b do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 26 – Subfase 1b da Resolução de FV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|----------------------------|
| ... | <i>“Charles, come here. At once!” I said. “And come here please, Victoria.”</i> | 1b | Resolução de FV |
|  | <i>“Come here Victoria, come along Charles,” called Mrs Smythe. “Time for lunch.”</i> | 8b | Registro dos Eventos de WP |

14.2

Fonte: Elaborado pela autora com imagem e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [8], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [29], 2013, de Anthony Browne.

A verbiagem da subfase 1b da Resolução de FV calibra o evento em que a NP chama Charles e Victoria, reinstanciando os significados calibrados na subfase 8b do TF. A parte



relativa ao motivo pelo qual as crianças são chamadas – “*Time for lunch.*” – é omitida em FV. Esse evento não é instanciado na modalidade visual de FV, tornando-o menos calibrado do que no TF.

Quanto aos significados interpessoais, há o acréscimo de uma instância de gradação de força, realizada pelo item *At once!* que evoca afeto de insatisfação da NP em relação ao comportamento de Charles. *I said* pode evocar um julgamento de capacidade da mãe de decidir o que fazer. O item *please* acrescenta uma instância de afeto evocado de satisfação da NP em relação a Victoria. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, o acréscimo desses recursos interpessoais constrói a verbiagem da subfase 1b como uma reação da NP ao problema – Charles conversar com uma criança de aparência descuidada – apresentado na subfase anterior. Da perspectiva da hierarquia da individuação, o acoplamento dessas avaliações à NP posiciona o leitor a não simpatizar com ela.

10.8 A SUBFASE 1C DA RESOLUÇÃO DE FV

O Quadro 27 apresenta a subfase 1c da Resolução de FV e 1a da Reorientação de WP.

Quadro 27 – Subfase 1c da Resolução de FV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|--------------------|
|  <p>4.2</p> | <i>We walked home in silence.</i> | 1c | Resolução de FV |
|  <p>15.1</p> | <i>Mrs Smythe took Charles and Victoria home.</i> | 1a | Reorientação de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [9], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [30], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 1c da Resolução de FV calibra o evento da volta para casa da família de classe média alta, reinstanciando a subfase 1a da Reorientação de WP.

A imagem 4.2 de FV reinstancia o mesmo grupo de personagens, porém com variação no arranjo, sendo que a NP obscurece o filho, aumentando o potencial para inferir domínio na dimensão de geração, como acontece na Orientação de FV. Também reinstancia os mesmos processos – caminhar e segurar. Há variação na circunstanciação, que retrata a saída do parque em vez da vizinhança da família, resultando na não reinstanciação da dimensão de classe social. As nuvens cinza-avermelhadas no formato do chapéu da NP, as árvores alaranjadas, a árvore em chamas, a chama no lugar de uma das pontas de lança do portão e o rastro de folhas deixado pela NP constituem atributos simbólicos que enfatizam significados interpessoais não calibrados no TF.

Na verbiagem, *We* (NP e Charles) é Mediador do processo Material *walked*, seguido pela circunstância de lugar *home* e modo *in silence*. Essas escolhas reinstanciam a volta para casa calibrada no TF, mas não realizam a agentividade do personagem adulto afetando os demais, portanto, não reinstancia a desigualdade na dimensão de geração.

Em relação aos significados interpessoais, a imagem 4.2 acrescenta instâncias de afeto de infelicidade calibrados pelas expressões faciais da NP e de Charles. Os atributos simbólicos acima descritos não calibram classe social como no TF, mas as folhas alaranjadas das árvores e as chamas simbolizam a raiva da NP devido aos acontecimentos no parque e as nuvens cinzas, seu mau humor.

Na verbiagem da subfase 1c da Resolução de FV, *in silence* evoca afeto de insatisfação da NP em relação ao comportamento de Charles e um julgamento de propriedade indicando que não conversar é o certo a ser feito nesta situação. Da perspectiva da hierarquia da individuação, essas avaliações acopladas à NP não encorajam o leitor a se alinhar com ela. As instâncias descritas tornam a subfase 1c da Resolução de FV mais calibrada interpessoalmente em ambas as modalidades semióticas em relação à subfase 1a da Reorientação do TF.

Considerando-se o acoplamento dos significados visuais que calibram o estado de espírito da NP na imagem 4.2 com os eventos que ocorreram ao longo do passeio ao parque da NP, é possível inferir que a volta para casa em FV não ocorreu simplesmente porque estava na hora de ir almoçar, como no TF – subfase 8b do Registro de Eventos de WP –, mas principalmente porque a NP ficou irritada com e provavelmente cansada dos ‘aborrecimentos’ no parque. Portanto, a subfase 1c da Resolução de FV constitui a solução definitiva para todos os problemas encontrados pela NP durante o passeio ao parque, pois em casa não mais terá

que lidar com um cão horrível perseguindo Victoria, tipos assustadores pelo parque, Charles desaparecendo inesperadamente e conversando com uma criança desleixada.




11 SECOND VOICE

No capítulo 11 são apresentados os resultados da análise da reinstanciação e dos recursos semióticos no relato SV do livro ilustrado VP. O enfoque dessas análises são as dimensões de desigualdade social e o posicionamento do leitor prospectivo.

11.1 A ORIENTAÇÃO DE SV

O Quadro 28 apresenta o estágio de Orientação de SV e a subfase 1a do mesmo estágio no TF.

Quadro 28 – Orientação de SV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|--|------------|------------------|
|  5.1 | <i>Second Voice</i> <i>I needed to get out of the house,</i> | 1a | Orientação de SV |
|  5.2 | <i>so me and Smudge took the dog to the park.</i> | 1b | |
|  1 | <i>One morning Mr Smith and his little girl, Smudge, took their dog, Albert, for a walk.</i> | 1a | Orientação de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [10] e [11], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [3], 2013, de Anthony Browne.

Em SV, o estágio de Orientação diz respeito à necessidade do NP de sair de casa e é constituído por dois eventos, instanciados nas imagens 5.1 e 5.2 e na verbiagem das subfases 1a e 1b. A imagem 5.1 retrata um evento que precede a ida ao parque, não instanciado no TF, constituindo um acréscimo. A imagem 5.2 reinstancia a ida da família de classe baixa ao

parque, em um momento posterior ao retratado na imagem 1 do TF. A ida ao parque da família de classe média alta é omitida nesta estória.

A imagem 5.1 retrata um homem sentado (Ação: intransitivo) e olhando (Mental: percepção) para algo que não é retratado. A sombra projetada permite inferir que o NP assiste televisão. A circunstanciação é mínima, apenas a poltrona e o cão deitado (Ação: intransitivo) atrás dela, não retratando o lugar ou o tempo, instanciando o pouco que o NP possui. Esta imagem instancia a dimensão de desigualdade de classe social. Ela é realizada por meio da atribuição do NP, sendo que a vestimenta – jardineira, com os joelhos encardidos e respingos de tinta – é também um atributo simbólico que acopla a profissão de pintor ao NP e, usualmente, uma classe social mais baixa. O acoplamento da pouca circunstanciação ao atributo simbólico amplifica o significado de classe social baixa.

Na imagem 5.2, há variação na atribuição dos personagens em relação à imagem 1 do TF, que resulta em variação na reinstanciação das dimensões de desigualdade. Assim, a dimensão de classe social que é instanciada pela circunstanciação de lugar e pelo atributo simbólico chapéu-coco no TF, é reinstanciada pelo atributo simbólico roupas com manchas de tinta do NP, conforme descrito para a imagem 5.1. A dimensão de gênero é reinstanciada pelo penteado da criança, que constitui uma provável indicação do sexo feminino da personagem, uma vez que as roupas e a zoomorfização dificultam esta identificação. O processo caminhar (Ação: intransitivo) é reinstanciado com uma circunstanciação diferente acoplada a ele. A circunstanciação em SV instancia um céu aparentemente em chamas, árvores tortas e sem folhas, cerca e cacos de vidro sobre o muro sujo, lixo na rua, um coração partido pichado no muro. Os vetores do olhar e as expressões faciais dos dois personagens nas telas realizam o processo chorar, e os vetores e expressão facial do personagem ocultado pelo cartaz, o processo mendigar. As circunstanciações nos dois textos são diferentes e com muitos detalhes, no entanto, os elementos da circunstanciação de SV são atributos simbólicos para a maneira negativa do NP perceber o mundo, o que eleva a calibragem ideacional desta circunstanciação.

Na modalidade verbal, o título *Second Voice* acrescenta, em relação ao TF, a perspectiva do pai de classe baixa como contador da estória. Na subfase 1b de SV, o processo *took* é menos calibrado, pois não há o acoplamento da circunstância de tempo – *One morning* – instanciada no TF. Não há variação na agentividade, *me* (o NP) *and Smudge* continuam sendo Agente do processo material *took* que afeta o Mediador – *the dog* –, mantendo a igualdade dentro da dimensão de geração. Esse significado é construído na intermodalidade uma vez que as dimensões geração e gênero não são reinstanciadas na modalidade verbal da

Orientação. No domínio Personagem, o NP não é identificado por nome, o apelido Smudge não indica o sexo, e não há especificação da posição dos personagens no grupo familiar.





Quanto aos significados interpessoais, a imagem 5.1 de SV acrescenta uma instância de afeto de infelicidade em relação ao TF, realizado por meio da boca, pálpebras e sobrancelhas do NP, curvadas para baixo, e pela face escorada pela mão fechada, com o braço apoiado na poltrona. O afeto negativo na imagem 1 de WP é reinstanciado na imagem 5.2 de SV, realizado não só pela expressão facial de Mr Smith, mas também por sua postura corporal – a cabeça e o tronco inclinados para baixo – tornando-o mais calibrado. Como no TF, atributos simbólicos realizam o afeto de infelicidade na circunstanciação. O afeto calibrado pela boca da flor curvada para baixo no TF é reinstanciado pela expressão facial dos três personagens. A gradação acoplada é realizada pela poça d'água resultante das lágrimas dos dois personagens nos quadros, e torna o afeto mais calibrado do que no TF. Há variação na ambiência com a familiaridade mais infamiliar construindo o afastamento emocional do NP e com o calor mais quente, realizado pela cor alaranjada, criando uma sensação reconfortante no leitor. Há ainda acréscimo de afeto positivo, realizado pela expressão facial de Smudge, que não é calibrado no TF. Por fim, há o acréscimo de uma instância propiciadora de envolvimento com o leitor, realizada pelo ângulo horizontal frontal em que o personagem masculino é retratado na imagem 5.1 de SV. A circunstanciação mínima acoplada ao NP favorece o escrutínio desse personagem e, da perspectiva da hierarquia da individuação, pode indicar sua maneira de perceber o mundo, focada primariamente em seu estado emocional.

Na modalidade verbal, há omissão da instância de afeto evocado de felicidade em relação ao personagem Smudge – *his little girl* –, que constrói intimidade no relacionamento familiar, e que tem o narrador externo como avaliador. A subfase 1a da Orientação de SV acrescenta uma instância de afeto positivo inscrito de desejo realizado por *needed*, e uma instância de afeto de infelicidade, evocado pela oração completa – *I needed to get out of the house*. Da perspectiva da hierarquia da individuação, esses afetos são acoplados ao NP como avaliador e, além de realizar sua necessidade de sair de casa, funcionam para construir sua subjetividade.

11.2 AS SUBFASES 1A-B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE SV

O Quadro 29 apresenta as subfases 1a-b do Registro dos Eventos de SV, seguida das subfases 2a e 2c do Registro dos Eventos do TF.

Quadro 29 – Subfases 1a-b do Registro dos Eventos de SV e equivalentes em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|----------------------------------|
|  6.1 | <i>He loves it there.</i> | 1a | Registro dos Eventos de SV |
|  6.2 | <i>I wish I had half the energy he's got.</i> | 1b | |
|  4.1 | <i>Albert was impatient to be let off his lead.</i> | 2a | Registro dos Eventos de WP |
|  5 | <i>Both dogs were free. They chased each other all over the park.</i> | 2c | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [12] e [13], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [10-11], 2013, de Anthony Browne.

O Registro dos Eventos de SV é composto por uma fase com quatro subfases. As subfases 1a-b dizem respeito a dois eventos – a soltura de Albert e a correria dos cães. Esses eventos são instanciados na modalidade visual de SV e reinstanciam as subfases 2a e 2c do Registro dos Eventos do TF. O evento da subfase 2b do TF, relativo à outra família, é omitido em SV.

A imagem 6.1 de SV retrata Mr Smith soltando Albert e reinstancia a imagem 4.1 de WP, aumentando a circunstanciação (recontextualização). O aumento do grau de detalhes na circunstanciação em relação ao TF permitiu o acréscimo dos atributos simbólicos – Mary Poppins voando com sua sombrinha em direção a um feixe de luz e outro personagem andando em um caminho no parque, sob um guarda-chuva –, não calibrados no TF. O personagem caminhando sob o guarda-chuva significa as pessoas para quem o passeio ao parque⁷² tem adversidades e Mary Poppins, as pessoas para quem o passeio é mágico. Esses

⁷² Talvez tal interpretação possa ser expandida para a vida.

significados funcionam para construir a visão de mundo do NP. Há também variação quanto à manifestação de Smudge – realizada pelo corpo inteiro no TF (completa) e pelos bicos dos sapatos na reinstanciação (metonímica) –, que resulta na não reinstanciação da diferença de papéis dentro da dimensão de geração.

No desenrolar do macrogênero, os recursos calibrados na circunstanciação – a colina, o caminho, os personagens, as árvores e os edifícios –, assim como o processo calibrado – soltar o cão –, o aparecimento do cão e de seu adulto, e a manifestação metonímica da criança permitem identificar um paralelismo semântico entre a imagem 6.1 de SV e a imagem 2.1 de FV. Este paralelismo reinstancia aquele estabelecido entre as imagens 4.1 e 4.2 do TF, mas sem colocar em evidência a diferença de papéis dos adultos e das crianças na dimensão de desigualdade de geração, uma vez que apenas os adultos são enfocados.

A imagem 6.2 retrata os cães entre as árvores e reinstancia a imagem 5 do TF, com variação no aparecimento e manifestação de personagem, em que os personagens humanos não são calibrados e apenas parte do corpo de Victoria é retratada (manifestação metonímica), configurando a reinstanciação como menos calibrada quanto a esses recursos. O processo reinstanciado é o mesmo – correr (Ação: intransitivo) –, embora menos calibrado, devido à diminuição do grau de detalhes na circunstanciação (descontextualização), realizada principalmente pela omissão dos grupos de personagens circunstanciais, da lixeira e do lixo.

Quanto aos significados ideacionais, a modalidade verbal da fase 1 do Registro dos Eventos de SV não reinstancia os dois eventos do TF. A verbiagem – *He loves it there. I wish I had half the energy he's got.* – enfatiza os significados interpessoais, dois deles realizados por meio dos processos Mentais *loves* e *wish*. As relações nucleares da subfase 1b de SV têm *I* (NP) como Mediador do processo Mental *wish*. O conteúdo do desejo é calibrado pela oração projetada – *I had half the energy he's got* – que tem *I* (NP) como Mediador do processo Relacional *had*.

Quanto aos significados interpessoais na imagem 6.1, há omissão do afeto positivo relacionado à concentração de Mr Smith; ainda é possível reconhecer a concentração do NP, mas sua expressão facial não calibra afeto. Há variação quanto aos significados acoplados ao afeto positivo realizado pela expressão facial e postura corporal do cão Albert, instanciado nos dois textos. No TF, o afeto favorece julgamento negativo de tenacidade – impaciência. Na reinstanciação, os recursos de gradação – realizado pelas diversas representações do rabo, que indicam que está se movendo rapidamente – e de ruptura – realizado pelo focinho do cão para fora da borda – constroem o cão como energético, o que é um julgamento positivo de tenacidade. O aumento da circunstanciação permitiu calibrar mais ambiência – com

predomínio de verde adicionado de preto, configurando-a como escura, fria e infamiliar. Além de construir um cenário mais afastado do leitor como no TF, tal ambiência acopla desânimo e tristeza ao NP. Voltando ao paralelismo semântico entre as imagens 6.1 de SV e 2.1 de FV, enquanto os significados ideacionais favorecem identificar as semelhanças entre as sequências de atividades dos adultos que soltam os cães, os significados interpessoais acoplados aos adultos enfatizam suas diferentes visões do passeio ao parque, e provavelmente de mundo, refletindo suas personalidades.

A imagem 6.2 reinstancia os significados interpessoais da imagem 5 do TF com algumas variações, sendo as mais relevantes: a focalização, que passa a ser mediada inferida pela não calibragem do NP na imagem; o grau de afeto de felicidade dos cães, que é menos calibrado devido à manifestação metonímica de Victoria; a ambiência que, devido à calibragem da cor verde mais forte em toda a circunstanciação e à não calibragem dos *splashes* vibrantes e quentes, realiza calor ainda mais frio e familiaridade ainda mais infamiliar do que no TF; a omissão da instância de gradação acoplada ao lixo no TF, uma vez que o lixo não é calibrado na reinstanciação; e o acréscimo da instância de gradação, identificada na quantidade de linhas e pontos que realizam o rastro de luz deixado pelos cães, não instanciado no TF e que enfatiza a energia investida pelos cães no processo correr. A cor verde predominante nesta imagem estabelece relação com a cor verde na circunstanciação da imagem anterior, propagando os sentimentos de tristeza e preocupação do NP por toda a página dupla.



A subfase 1a apresenta variação dos recursos interpessoais acoplados a Albert, uma vez que a reinstanciação calibra uma instância de afeto inscrito de felicidade – *loves* – com gradação de força, avaliando positivamente os sentimentos do cão em relação ao parque, enquanto o TF calibra uma instância de julgamento negativo – *impatient* – sem acoplamento de gradação, avaliando o comportamento de Albert. Esses dois tipos de atitude e polaridade diferentes, que convergem com os significados nas imagens respectivas em cada texto, constroem uma visão mais favorável do cão por parte do NP na reinstanciação do que a visão construída pelo narrador externo no TF. A subfase 1b de SV acrescenta uma instância de afeto positivo inscrito de desejo – *wish* – e outra de julgamento positivo inscrito de capacidade do cão – *energy he's got* –, à qual é acoplada a gradação de força – *half*. Os recursos de gradação calibrados na subfase 2c de WP – fusionada no processo *chased* e isolada na circunstância *all over the park* são omitidos na modalidade verbal da reinstanciação. Da perspectiva da hierarquia da individuação, a não reinstanciação do lixo e dos demais personagens humanos realizando as diferentes ações acoplados aos recursos interpessoais calibrados e ao NP

apresentam seu ponto de vista e o constroem como alguém que não vê o que está acontecendo no parque, nota apenas a energia de seu cão e sua própria apatia. Os acréscimos de recursos interpessoais em ambas as modalidades tornam esta fase de SV mais calibrada interpessoalmente do que a fase correspondente no TF.

11.3 A SUBFASE 1C DO REGISTRO DE EVENTOS DE SV

O Quadro 30 apresenta a subfase 1c do Registro dos Eventos de SV e subfase 3a do mesmo estágio de WP.

Quadro 30 – Subfase 1c do Registro dos Eventos de SV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|---|------------|----------------------------|
|  <p>7.1</p> | <p><i>I settled on a bench and looked through the paper for a job.</i></p> | 1c | Registro dos Eventos de SV |
|  <p>6</p> | <p><i>Mr Smith went to sit at one end of a bench and Smudge sat with him.</i></p> | 3a | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [14], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [12-13], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 1c do Registro dos Eventos de SV é composta por dois eventos, calibrados na modalidade verbal, a saber, Mr Smith se acomodar em um banco do parque e examinar o jornal em busca de um emprego. A imagem 7.1 calibra significados convergentes com o segundo evento da verbiagem da subfase 1c de SV, porém, sobrepõe mais significados à imagem 13.1 e à verbiagem da subfase 7a do Registro dos Eventos de WP, portanto, é novamente abordada na seção 11.5.

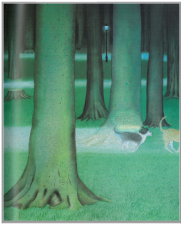

A imagem 7.1 não reinstancia o evento de se acomodar no banco calibrado na imagem 6 e na verbiagem da subfase 3a do Registro dos Eventos de WP, uma vez que o banco calibrado na imagem 7.1 parece estar sobre a cabeça do NP, criando significado divergente e humor – o banco é que parece estar acomodado na cabeça do NP.

Na modalidade verbal, a subfase 1c calibra significados ideacionais. Considerando-se que o evento da subfase 3a do TF pode ser dividido em dois eventos menores – um referente a Mr Smith e outro, a Smudge – constata-se que o primeiro evento da subfase 1c de SV – *I settled on a bench* – reinstancia apenas a parte referente a Mr Smith, omitindo a parte que diz respeito a Smudge. Da perspectiva da hierarquia da individuação, tal escolha indica a visão centrada em si mesmo do NP, em contraste com a visão mais panorâmica do NE no TF. O segundo evento da subfase 1c de SV – *and looked through the paper for a job* – reinstancia significados calibrados na fase 7 do TF e é abordado na seção 11.5. O processo *settle* calibra significado menos específico do que o processo *went to sit*, assim como a circunstância de lugar *on a bench* é menos calibrada do que *at one end of a bench*, tornando o processo reinstanciado menos calibrado.

11.4 A IMAGEM 6.2 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE SV

A imagem 6.2, da fase 1 do Registro dos Eventos de SV, apresenta sobreposição de significados com a imagem 7 de WP suficiente para ser considerada sua reinstanciação. As duas imagens são apresentadas no Quadro 31.

Quadro 31 – Imagem 6.2 de SV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|-----------|------------|----------------------------|
|  | ... | ... | Registro dos Eventos de SV |
|  | ... | ... | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens dos livros *Voices in the Park*, p. [13], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [14-15], 2013, de Anthony Browne.

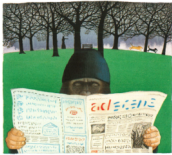

Em relação aos significados ideacionais, a imagem 6.2 reinstancia os personagens principais – os cães – realizando a mesma ação – correr – em local semelhante – entre as árvores, com a variação na manifestação dos personagens: a manifestação de Albert é metonímica em WP e completa em SV; a de Victoria, é completa em WP e metonímica em SV. Essa variação enfatiza o enfoque do NP no membro de sua família e indica uma maior valorização do cão de raça não definida em relação àquela expressa pelo NE em WP.

Quanto aos significados interpessoais, a imagem 6.2 reinstancia a ambiência fria e pouco familiar, além do afeto de felicidade dos cães, por meio dos rabos para cima de ambos os cães e da boca aberta de Albert. Cabe notar que a imagem 6.2 também reinstancia a imagem 5 de WP – descrita na seção 9.3. Da perspectiva da hierarquia da realização, o uso de uma imagem no TT para reinstanciar um mesmo evento retratado por duas imagens no TF configura a opção acelerar ritmo, da rede de RELAÇÕES ENTRE EVENTOS, usada intertextualmente, tornando o evento da movimentação dos cães menos calibrado em SV.

11.5 AS SUBFASES 1C-D DO REGISTRO DOS EVENTOS DE SV

O Quadro 32 apresenta as subfases 1c-d do Registro dos Eventos de SV e a subfase 7a do Registro dos Eventos de WP. SV não reinstancia a subfase 7b do Registro dos Eventos de WP, que retoma a sequência de atividades das crianças.

Quadro 32 – Subfases 1c-d do Registro dos Eventos de SV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|----------------------------|
|  | <i>I settled on a bench and looked through the paper for a job.</i> | 1c | Registro dos Eventos de SV |
| 7.1 | <i>I know it's a waste of time but you've got to have some hope, haven't you?</i> | 1d | |
|  | <i>But Mr Smith read his newspaper at one end of the bench and Mrs Smythe looked the other way.</i> | 7a | Registro dos Eventos de WP |
| 13.1 | | | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [14], 1998

e *A Walk in the Park*, p. [26], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 1c do Registro dos Eventos de SV reinstancia significados da subfase 3a de WP – ver seção 11.3. Porém, a subfase 1c de SV reinstancia outros significados calibrados na subfase 7a do Registro dos Eventos de WP. Isso significa que SV utiliza menos imagens e verbiagem para calibrar significados do que o TF, acelerando o ritmo da estória em relação ao TF, e que faz uso mais complexo da intermodalidade para conseguir calibrar os significados.

A imagem 7.1 reinstancia Mr Smith lendo o jornal e omite o evento menor da imagem 13.1 relativo a Mrs Smythe. É neste momento do desenrolar de VP que o leitor consegue, por meio da relação de comparação/contraste atributiva retrospectiva, identificar o NP de SV como o personagem na imagem 3.1 de FV, que serve como gatilho para a avaliação *frightful types*. A circunstanciação é recontextualizada em relação ao TF, permitindo calibrar os cães correndo entre árvores sem folhas e um céu bastante cinza ao fundo, significados não calibrados na imagem 13.1 do TF. No jornal é possível identificar o título ‘ad scene’ e a figura da tela O Grito⁷³ como um atributo simbólico para a ansiedade e incerteza do NP, diferente do TF, no qual nada se distingue a não ser algumas das letras do nome do jornal, similares às dos nomes de dois tabloides ingleses.

Considerando-se que a verbiagem das subfases 1c de SV e 7a do TF são compostas por dois eventos menores, o segundo evento de SV – *and looked through the paper for a job* – reinstancia o primeiro evento do TF – *But Mr Smith read his newspaper at one end of the bench* e omite o segundo evento, relativo a Mrs Smythe. O processo *looked through* acoplado à circunstância de causa propósito *for a job* calibra significados mais específicos do que o processo *read* no TF. Tais escolhas enfatizam a visão interna do NP a respeito do que ele estava fazendo em contraste com a visão externa do NE de WP sobre o mesmo evento. Desta forma, se estabelece um paralelismo semântico com a subfase 2a do Registro dos Eventos de FV que coloca em evidência a dimensão de geração. A verbiagem da subfase 1c de SV também informa que provavelmente o NP está desempregado e dá ensejo aos significados interpessoais acrescentados na subfase 1d.

Em relação aos significados interpessoais verbais, na subfase 1d, *I know it’s a waste of time* acrescenta uma instância de afeto de infelicidade evocado em relação às possibilidades de encontrar emprego. A oração *but you’ve got to have some hope* calibra uma

73 O Grito (*Skrik*) é uma composição expressionista do artista norueguês Edvard Munch, cuja primeira versão é de 1893. A parte essencial da composição retrata um rosto distorcido, com olhos e boca arregalados, entre duas mãos. É associada a ansiedade e incerteza.


<https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/edvard-munch-beyond-the-scream-111810150/> Acesso em 20/12/19.

contraexpectativa em relação ao significado anterior por meio de uma instância inscrita de desejo positivo – *hope*. Assim sendo, a oração evoca a tenacidade do NP, que é um recurso de julgamento positivo. Esses recursos, além de tornar o TT mais calibrado interpessoalmente do que o TF, favorecem um posicionamento positivo do leitor em relação ao NP.

11.6 A SUBFASE 1A DA REORIENTAÇÃO DE SV

O Quadro 33 apresenta a verbiagem da subfase 1a do estágio de Reorientação de SV e a subfase 8a do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 33 – Subfase 1a da Reorientação de SV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|----------------------------|
| ... | <i>Then it was time to go.</i> | 1a | Reorientação de SV |
|  14.1 | <i>“Ere Albert, ‘ere Smudge”, yelled Mr Smith. “Time for ‘ome!”</i> | 8a | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagem e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [14], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [28], 2013, de Anthony Browne.

A verbiagem da subfase 1a da Reorientação de SV calibra a constatação do NP de que é hora de ir, não calibrada na modalidade visual e reinstancia apenas uma parte do conteúdo da fala de Mr Smith – *“Time for ‘ome!”* – calibrada na subfase 8a do Registro dos Eventos de WP. O evento de Mr Smith chamar o cão e a filha é omitido.



A conjunção temporal sucessiva *Then* marca a mudança de estágio. A verbiagem da subfase 1a informa que é hora de ir por meio da oração Relacional atributiva circunstancial *it was time to go*. Portanto, é mais generalizada e menos calibrada do que a subfase 8a do TF. Ainda que generalizado, o significado calibrado permite inferir que o NP vai embora para casa; desta forma, faz referência ao início da estória e, no desenrolar de SV, caracteriza este estágio como Reorientação. O inglês utilizado é padrão e não funciona para reinstanciar a

classe social do NP. A omissão do evento chamar, o significado generalizado e a reinstanciação em apenas uma das modalidades semióticas tornam a subfase 1a da Reorientação de SV menos calibrada ideacionalmente do que a subfase 8a do Registro dos Eventos de WP. Como no TF, a verbiagem da subfase 1a não calibra significados interpessoais.

11.7 A SUBFASE 1B DA REORIENTAÇÃO DE SV

O Quadro 34 apresenta a subfase 1b da Reorientação de SV seguida da subfase 1b da Reorientação de WP.

Quadro 34 – Subfase 1b da Reorientação de SV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|--------------------|
|  <p>7.2</p> | <p><i>Smudge cheered me up. She chattered happily to me all the way home.</i></p> | 1b | Reorientação de SV |
|  <p>15.2</p> | <p><i>Mr Smith took home Smudge and Albert.</i></p> | 1b | Reorientação de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [15], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [31], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 1b da Reorientação de SV calibra o evento da volta para casa principalmente na modalidade visual, enquanto a modalidade verbal calibra significados interpessoais relacionados ao evento em questão.

A imagem 7.2 reinstancia os três membros da família – o NP, Smudge e Albert – caminhando (Ação: intransitivo). Há variação em que Smudge segura o cão pela guia e está mais distante do pai do que na imagem 15.2 do TF, calibrando capacidade e independência da

filha na dimensão de geração. A circunstanciação retratada é o lado de fora do parque e não a vizinhança da família, portanto, não reinstancia a classe social da família. As circunstanciações muito diferentes dificultam estabelecer qual das imagens é mais calibrada ideacionalmente.

A imagem 7.2 é que majoritariamente permite classificar este estágio de SV como Reorientação, uma vez que reinstancia os personagens principais realizando as mesmas ações e a circunstanciação da imagem 5.2 do estágio de Orientação de SV – descrita na seção 11.1 – com algumas variações. Quanto aos significados ideacionais, uma estrela cadente é retratada no céu estrelado, calibrando o passar do tempo, as árvores não são mais tortas e são adornadas por luzes, a cerca e os cacos de vidro sobre o muro não existem mais, o muro e a rua estão limpos, o coração, antes partido e pichado em preto no muro, ficou inteiro e vermelho, o poste se transformou em uma flor que ilumina a família do NP, King Kong está no topo do prédio para proteger Ann Darrow, e os personagens da circunstanciação, que antes choravam, agora dançam (Ação: intransitivo). Esses elementos funcionam como atributos simbólicos e significam, em relação à imagem 5.2, uma mudança na maneira do NP perceber o mundo.

Na modalidade verbal, o evento da volta para a casa calibrado na subfase 1b da Reorientação de WP é reinstanciado pela circunstância *all the way home*, tornando-o menos calibrado. A agentividade de Mr Smith não é reinstanciada, ao invés, *Smudge* é agente do processo Mental *cheered up* que afeta o Mediador *me* (NP), alterando a dinâmica dentro da dimensão de geração. O cão é omitido. A relação taxonômica de sinonímia entre *home* e *house* – na subfase 1a da Orientação de SV – é responsável pela referência a esse estágio na modalidade verbal.

Quanto aos significados interpessoais, identifica-se o acréscimo de uma instância de afeto de felicidade, realizada pelo sorriso no rosto do NP, em relação à imagem 15.2 do TF. Afeto de felicidade também é calibrado pela expressão facial dos personagens na circunstanciação, além de poder ser inferido a partir da ação dançar, realizada por eles. Há variação na orientação entre os dois personagens, realizada pelo contato visual entre pai e filha que pode ser inferido pelo vetor do olhar do NP e os rostos voltados um para o outro. Tal variação constrói maior solidariedade entre o pai e a filha em SV. A estrela cadente funciona como um atributo simbólico para a realização do desejo do NP de encontrar um emprego. A estrela amarela nas costas da jaqueta de *Smudge* – retratada apenas esta vez em todo o macrogênero – parece destacar o papel de *Smudge* para a mudança de humor do pai. Os significados interpessoais acoplados ao NP realizam uma mudança positiva em seu estado de espírito.

Em relação à imagem 5.2 de SV, os recursos de ambiência calibrados na imagem 7.2 resultam em uma maior saturação de cores que torna a vibrância mais vibrante, criando mais animação; o calor passa a ser predominantemente frio, enfatizando o contraste com o quente no grupo da família do NP; e a familiaridade passa a ser mais familiar, com maior diferenciação de cores e *splashes* de ambiência – nas janelas dos prédios, nas luzes nas árvores e na família –, construindo maior envolvimento do NP com a realidade.

Da perspectiva interpessoal, a verbiagem da subfase 1b da Reorientação de SV acrescenta duas instâncias de afeto de felicidade inscritas, realizadas por *cheered up* e *happily*. *Cheered up* também evoca um julgamento da capacidade de Smudge de alegrar o pai, que converge com o significado visual instanciado pela estrela na jaqueta de Smudge. Essas instâncias tornam esta subfase mais calibrada interpessoalmente do que a subfase 1b da Reorientação do TF e ressaltam o papel de Smudge na mudança de humor do pai.

A imagem 7.2 e a verbiagem da subfase 1b são as últimas do relato e corroboram Rothery e Stenglin (1997) no que diz respeito à função da Reorientação, uma vez que fazem referência ao início da estória e a concluem – de forma mais positiva do que teve início.



12 THIRD VOICE

O capítulo 12 aborda os resultados das análises da reinstanciação e dos recursos semióticos no relato TV de VP, sob o recorte das dimensões de desigualdade social e do posicionamento do leitor prospectivo.

12.1 A ORIENTAÇÃO DE TV

O Quadro 35 apresenta o estágio de Orientação de TV e a subfase 1b do mesmo estágio em WP.

Quadro 35 – Orientação de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|---|------------|------------------|
|  8.1 | <i>Third Voice</i> | 1a | Orientação de TV |
| | <i>I was at home on my own again.</i> | 1b | |
| | <i>It's so boring.</i> | 2 | |
|  2 | <i>Then my mother said that it was time for our walk.</i> | | Orientação de WP |
| | <i>On that same morning Mrs Smythe and her son, Charles, were taking their dog, Victoria, for a walk.</i> | 1b | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [16], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [4-5], 2013, de Anthony Browne.

Em TV, o estágio de Orientação diz respeito a ficar em casa sozinho e à mãe chamar para passear, com ênfase nos sentimentos do NP. O primeiro evento precede a ida ao parque da família de classe média alta e é instanciado pela imagem 8.1 e pela verbiagem da fase 1. Este evento não é instanciado no TF, configurando um acréscimo. O segundo evento permite inferir a ida da família de classe média alta ao parque apenas na modalidade verbal, por meio da verbiagem da fase 2. A ida da família de classe baixa ao parque é omitida.

A imagem 8.1 não reinstancia a imagem 2 de WP. Nela, as dimensões geração e gênero são calibradas pelo aparecimento completo de uma criança, o NP, que usa uma calça

cáqui, sapatos marrons, suéter azul e camisa de gola branca por baixo – atribuição que pode levar à inferência do sexo masculino. O menino está de pé (Ação: intransitivo) olhando (Mental de percepção) através da janela e, ao fundo, um cão está sentado (Ação: intransitivo). O domínio Cenário instancia um cômodo com janela e porta, através da qual pode-se ver outras portas e cômodos. O número de cômodos e o vestuário da criança sugerem a classe social mais alta do personagem. A circunstanciação retrata a sombra de um pássaro por trás de uma textura de listras no chão como um atributo simbólico para o sentimento de aprisionamento do NP, que não é calibrado no TF. Essa imagem estabelece uma relação de comparação e contraste retrospectivo com a imagem 5.1 de SV, por meio dos personagens retratados – o NP e o cão – e da circunstanciação – dentro de casa. Ambas constroem um evento anterior ao passeio ao parque, não instanciado no TF nem nas duas outras histórias de VP.

Na modalidade verbal, o título *Third Voice* instancia a perspectiva do passeio ao parque do filho de classe média alta. Na fase 2 – *Then my mother said that it was time for our walk. –, my mother* é Mediador do processo verbal *said* e apresenta uma identidade não calibrada na modalidade visual. *My mother* indica ainda as posições da criança e do adulto no grupo familiar, instanciando as dimensões geração e gênero – este apenas para o adulto –, realizadas no TF por *her son, Charles*. Em toda a verbiagem do estágio, não há identificação dos personagens por nome e nenhuma menção é feita à cadela (o leitor ainda não tem a informação do sexo do animal), indicando que a criança não a considera como companhia. A mediação do processo verbal indica o papel decisório da mãe e a desigualdade na dimensão de geração. Relações taxonômicas de repetição de *it was time* e *for (our) walk* são estabelecidas entre estas instâncias e aquelas da fase 1 do estágio de Orientação de *First Voice*, indicando que os personagens vão passear.

Da perspectiva interpessoal, a imagem 8.1 acrescenta uma instância de afeto negativo, realizada por meio de expressão facial e postura corporal do personagem retratado, que não é calibrada na Orientação do TF.

A verbiagem da subfase 1b de TV acrescenta uma apreciação negativa inscrita – *boring* – acoplada à gradação de força – *so* –, que evoca afeto de insatisfação, desencadeado por ficar em casa sozinho. Toda a verbiagem da fase 2 acrescenta uma instância de afeto positivo evocado quanto ao passeio. Esses dois acréscimos de instâncias de significado interpessoal em TV apresentam o ponto de vista do NP e refletem sua subjetividade. Identifica-se, ainda, o acréscimo de um julgamento evocado de propriedade quanto a ter horário para realizar as atividades do dia a dia, propiciado por *it was time* – em relação

taxonômica de repetição com a instância da fase 1 do estágio de Orientação de FV – e que tem como avaliador a mãe do NP.

No desenrolar do macrogênero, os recursos calibrados nos eventos acrescentados no estágio de Orientação de TV e SV estabelecem um paralelismo semântico entre as estórias. Da perspectiva da hierarquia da realização, quanto aos significados ideacionais, esse paralelismo é identificado por meio dos personagens masculinos, cães e circunstanciação calibrados nas imagens 5.1 e 8.1, e pela mesma circunstância de lugar na verbiagem, considerando-se que *house* e *home* estabelecem relação taxonômica de sinonímia. Não obstante, é possível identificar contraste no paralelismo, uma vez que a imagem de TV calibra circunstanciação para *house* e a imagem de SV não calibra circunstanciação para *home*, enfatizando classes sociais diferentes. Quanto aos significados interpessoais, na modalidade visual, os recursos constroem uma ambiência mais pesada e afeto negativo em ambas as estórias. Em contraste, os recursos de proximidade em SV calibram o cão mais próximo do NP do que em TV, possibilitando a inferência de relacionamentos diferentes entre o NP e o animal de estimação nas duas estórias. Da perspectiva da instanciação, o estágio de Orientação das duas estórias possui duas fases; as instâncias de atitude negativa na modalidade verbal da primeira fase de cada uma das estórias, desencadeadas pelo fato de estar em casa, constituem esta fase como um problema – ficar em casa – e a segunda fase como uma solução para o problema – sair de casa. Da perspectiva da individuação, esses recursos ideacionais e interpessoais são acoplados aos NPs de cada uma das estórias, o pai de Smudge e Charles, respectivamente. O fato de ambos os NPs serem masculinos coloca em evidência a dimensão de gênero, construindo os homens como absortos em seus próprios problemas e com pouca inclinação a permanecer em casa.

12.2 A FASE 1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV

O Quadro 36 apresenta a primeira fase do Registro dos Eventos de TV e a subfase 2c do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 36 – Fase 1 do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--------|-----------|------------|---------|
|--------|-----------|------------|---------|

| | | | |
|--|--|-------------------------|---|
| | <p><i>There was a very friendly dog in the park, and Victoria was having a great time. I wished I was.</i></p> | <p>1a 1b 1c</p> | <p>Registro dos eventos de TV</p> |
| | <p><i>Both dogs were free. They chased each other all over the park.</i></p> | <p>2c</p> | <p>Registro dos Eventos de WP</p> |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [17], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [10-11], 2013, de Anthony Browne.

A fase 1 de TV reinstancia a correria dos cães pelo parque apenas na circunstanciação da modalidade visual. Os eventos instanciados nas subfases 2 a-b do TF – a soltura de cada um dos cães – são omitidos.

Na imagem 8.2 de TV, há variação em relação à imagem 5 do TF no aparecimento e manifestação de personagem, uma vez que a mãe de Charles é retratada por meio da sombra (manifestação metonímica) projetada sobre o NP. A identificação da mãe pode ser inferida por meio da verbiagem da fase 2 da Orientação e do formato da sombra do chapéu em relação ao chapéu da NP nas imagens de FV (comparação/contraste: configuracional e retrospectiva). Os personagens humanos da família de classe baixa não são reinstanciados nesta imagem. Os cães são reinstanciados em segundo plano, bem removidos para o cenário em relação ao seu aparecimento no TF (variação de status recuar), fazendo com que o foco, que no TF era nos cães, passe a ser no NP. O processo reinstanciado pelos vetores dos cães é o mesmo instanciado no TF – correr (Ação: intransitivo) –, porém, Victoria é retratada correndo atrás de Albert. O processo identificado pelos vetores em Charles no TF – olhar (Mental: percepção) – pode ser inferido para o NP na reinstanciação, uma vez que ele aparece de costas para o leitor e de frente para a circunstanciação. A circunstanciação reinstanciada é diferente daquela instanciada na imagem 5 do TF, em termos da quantidade – bem menos – e do formato das árvores e dos grupos de personagens calibrados – a maioria crianças – e até mesmo do lugar, indicando provavelmente um momento posterior àquele instanciado no TF. As crianças instanciadas colocam em evidência a dimensão de geração. Ademais, o formato do chapéu da mãe de Charles é reproduzido nas nuvens, no topo dos postes e na copa da árvore como um atributo simbólico que, segundo Serafini (2009, p. 19), significa que Charles é dominado pela mãe. No geral, as variações ideacionais nesta imagem a tornam menos calibrada ideacionalmente do que a imagem 5 do TF.

Na modalidade verbal, da perspectiva ideacional, a fase 1 do Registro dos Eventos de TV não reinstancia nenhum dos eventos do TF. As relações nucleares da subfase 1c de TV constroem um paralelismo semântico com a subfase 1b de SV, em que *I* (NP) é Mediador do processo Mental *wished*; e a oração projetada – *I was* (elipse [*having a great time*]) – que encerra o conteúdo do desejo e tem *I* (NP) como Mediador do processo Relacional *was*. A verbiagem privilegia significados interpessoais e o paralelismo põe em evidência a dimensão de gênero, construindo os homens como desejosos de mudança em sua situação atual.

A imagem 8.2 de TV reinstancia o afeto de felicidade dos cães calibrado na imagem 5 de WP. Ele pode ser identificado por meio dos rabos para cima, uma vez que o deslocamento dos cães para a circunstanciação torna difícil a distinção do afeto pela expressão facial. O tipo de gradação calibrado nos dois textos é o mesmo – força número para cima –, mas constrói significados diferentes. No TF, a gradação é realizada pela grande quantidade de troncos de árvores e de lixo – construindo a circunstanciação – e pelas linhas saindo dos cães – construindo o processo correr. Na reinstanciação, é realizada principalmente pela grande quantidade de chapéus – atributo simbólico –, contribuindo para construir o domínio da mãe sobre o filho. Em ambos os textos, a gradação é acoplada à ambiência escura, fria e infamiliar, funcionando para construir um lugar frio e distante do leitor; em TV também constrói o estado de espírito de Charles. Na reinstanciação, a ambiência calibra ainda a cor azul nas lâmpadas dos postes e por trás das nuvens no céu, sugerindo a possibilidade um dia mais leve e divertido, não obstante a sobreposição dos chapéus cinzas e pretos. Outra variação interpessoal nesta imagem é o recurso de poder, com Charles no ângulo vertical inferior, conferindo a ele menos poder em relação aos demais participantes da circunstanciação. Esses recursos interpessoais acoplados ao NP, junto com a sombra da mãe sobre ele, o constroem como vulnerável e inseguro. Esses significados enfatizam a dimensão de geração. Há variação ainda na focalização que passa a ser mediada inscrita, colocando o ponto de vista do NP em evidência.



A subfase 1a do Registro dos Eventos de TV acrescenta uma instância de julgamento positivo inscrito de propriedade do comportamento de Albert – *friendly* –, com acoplamento de gradação de força – *very*. A subfase 1b acrescenta uma instância de apreciação positiva inscrita – *great* –, com acoplamento de gradação de força e uma instância de afeto, evocado pela metáfora lexical *a great time*. A subfase 1c acrescenta um afeto positivo inscrito de desejo – *wished* –, que evoca apreciação e afeto negativos quanto à experiência de passear no parque. Essas avaliações são acopladas ao NP, expressando seu ponto de vista positivo em relação aos cães e negativo em relação a si mesmo, construindo-o como semelhante ao NP de

SV e enfatizando a dimensão de gênero. As duas instâncias de gradação de força no TF, a primeira no processo – *chased* – e a segunda na circunstância de lugar – *all over (the park)* – não são reinstanciadas em TV. Os recursos interpessoais acrescentados fazem com que a fase 1 de TV seja mais calibrada interpessoalmente do que a fase 2 de WP.

12.3 A IMAGEM 9.1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV

O Quadro 37 apresenta a imagem 9.1 do Registro dos Eventos de SV e subfase 3c do mesmo estágio de WP.

Quadro 37 – Imagem 9.1 de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|---|------------|----------------------------|
|  9.1 | | 4 | Registro dos Eventos de TV |
|  6 | <i>Smudge and Charles looked at each other.</i> | 3c | Registro dos Eventos de WP |



Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [18], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [12-13], 2013, de Anthony Browne.

A imagem 9.1 reinstancia os significados ideacionais calibrados na imagem 6 que dizem respeito aos participantes crianças e ao processo olhar (Mental: percepção), por elas realizado; também reinstancia a imagem 8 do TF e outros significados são abordados na seção 12.5. A parte da imagem 9.1 aqui relevante reinstancia os significados verbais calibrados na subfase 3c do TF, que não são calibrados na modalidade verbal de VP. O fato de TV utilizar apenas uma modalidade para reinstanciar significados calibrados em ambas as modalidades do TF torna TV menos calibrado a esse respeito e a intermodalidade mais complexa e faz com que o esforço cognitivo do leitor para entender o significado global seja maior.

12.4 A FASE 3 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV

O Quadro 38 apresenta a terceira fase do Registro dos Eventos de TV e a quarta fase do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 38 – Fase 3 do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|----------------------------|
|  <p>10.1</p> | <p><i>The two dogs raced around like old friends.</i></p> | 3 | Registro dos Eventos de SV |
|  <p>7</p> | <p><i>Albert and Victoria raced along the paths, dodging round trees, leaping over flower beds. First Albert chased Victoria, then Victoria chased Albert, then Albert chased Victoria again, so quickly that sometimes it was difficult to tell them apart.</i></p> | 4 | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [20], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [14-15], 2013, de Anthony Browne.

A fase 3 é composta por um evento, instanciado pela imagem 10.1 e pela verbiagem correspondente no Quadro 38. Esta fase concerne a movimentação e a interação dos cães, reinstanciando assim a fase 4 de WP, ainda que seja calibrada posteriormente no desenrolar da estória em TV. No local em que é calibrada em TV, esta fase serve para reinstanciar a retomada da sequência de atividades dos cães, intercalada à sequência de atividades das crianças.

A imagem 10.1 retrata os mesmos personagens principais retratados na imagem 7 de WP – os cães –, com a variação da troca dos rabos reinstanciando a dificuldade de distingui-los, ao invés das metades dos corpos. Os rabos trocados também constituem um atributo simbolizando a identificação e a amizade entre os cães. As metades dos cães – invertidas em relação ao TF, parte anterior de Albert e posterior de Victoria – são reinstanciadas como um só cão por detrás de um poste na imagem 9.1 de TV, ver seção 12.3. Os vetores de suas patas e as linhas reinstanciam o processo correr. Há variação na circunstanciação calibrada, que retrata outro lugar no parque, calibrando as estátuas não zoomorfizadas em relação de

comparação/contraste. A estátua à esquerda é de uma mulher que usa chapéu – reproduzido nas nuvens – e está sobre uma pilastra requintada; tem os olhos fechados, segura os óculos com uma mão e toca o pescoço com a outra. A estátua à direita é de um homem e está sobre uma pilastra que é apenas rebocada e tem um tênue coração desenhado em vermelho; segura um guarda-sol que está muito acima de sua cabeça e tem um pássaro que defecou e está pousado em sua touca. O chapéu, a touca e as pilastras permitem identificar as estátuas como representações da mãe de Charles e do pai de Smudge. As estátuas são atributos simbólicos que colocam em evidência a distinção de classes sociais, a estaticidade e a falta de interação dos adultos no parque. Esses são temas abordados em outras partes do TF, mas não instanciadas na fase 4. A escolha do cinza para as estátuas, cerca e vaso realiza significados ideacionais de ambiência, uma vez que esses objetos podem ser feitos de material dessa cor, mas também contribui para separar a realidade dos cães das inferências que o leitor adulto é capaz de fazer a respeito dos atributos simbólicos.


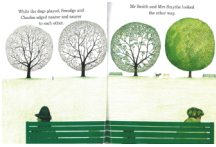
Na verbiagem da fase 3, *The two dogs* é menos específico do que *Albert and Victoria* e o processo Material *raced* é reinstanciado da mesma forma. A circunstância *around* reinstancia todos os lugares mencionados na verbiagem da fase 4 – *along the paths, round trees* e *over flower beds*. A circunstância *like old friends* serve para reinstanciar as demais ações da fase 4 – *dodging, leaping* e *chased* – que são mais específicas do que *raced* e podem ser consideradas ações que cães amigos realizam juntos. Os significados ideacionais verbais da fase 3 de TV são muito menos calibrados do que os da fase 4 de WP. Da perspectiva interpessoal, *old friends* é uma metáfora lexical que evoca felicidade, não calibrada no TF. Esse significado verbal confirma a consideração dos rabos trocados dos cães, na modalidade visual, como um atributo simbólico que significa identificação e amizade entre eles.

A imagem 10.1 não retrata o NP; no desenrolar do macrogênero parece possível afirmar que a não calibragem do NP na imagem vem caracterizando a focalização como mediada inferida, resultando em variação em relação à focalização não mediada no TF. Da perspectiva interpessoal, a ambiência de familiaridade infamiliar calibrada na imagem 7 de WP é reinstanciada pela pouca diferenciação de cor nas estátuas, cerca e vaso, que constrói uma realidade mais afastada de Charles e do leitor nessas partes cinzas da imagem. Portanto, o significado enfocado pelo NP na imagem é a correria dos cães, significado que converge com aquele calibrado na modalidade verbal da fase 3 de TV, colocando em evidência o ponto de vista do NP.

12.5 AS SUBFASES 2A-B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV

O Quadro 39 apresenta as subfases 2a-b do Registro dos Eventos de TV e as subfases 5a-b do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 39 – Subfases 2a-b do Registro dos Eventos de TV e equivalentes em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|--|------------|----------------------------|
|  | <i>“D’you wanna come on the slide?” a Voice asked.</i> | 2a | Registro dos Eventos de SV |
| 9.1 | <i>It was a girl, unfortunately,</i> | 2b | |
|  | <i>While the dogs played,</i> | 5a | Registro dos Eventos de WP |
| 8 | <i>Smudge and Charles edged nearer and nearer to each other.</i> | 5b | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [18], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [16-17], 2013, de Anthony Browne.

O primeiro evento da fase 2 de TV – o contato das crianças – é retratado na imagem 9.1 e instanciado verbiagem das subfases 2a-b. Esta parte de TV reinstancia significados instanciados na imagem 8 do TF e na verbiagem das subfases 5a-b.

A imagem 9.1 reinstancia os mesmos personagens com variação na manifestação que passa a ser metonímica para os adultos – apenas parte dos braços – e completa para as crianças, cujas faces estão visíveis por cima da ripa do banco. A manifestação da cadela Victoria também passa a ser metonímica, apenas a parte inferior do corpo por trás de um poste e junto à metade superior do corpo de Albert, como se fossem um só cão. Esta parte da imagem 9.1 reinstancia com maior sobreposição de significados a correria dos cães na imagem 7 do TF, embora com as metades dos corpos invertidas. A ação realizada pelas crianças é a mesma do TF e foi abordada na seção 12.3. Alguns dos elementos retratados – a colina, as árvores, o caminho – permitem relacioná-la com as circunstanciações das imagens 2.1 de FV e 6.1 de SV. Em relação ao TF, foram acrescentados detalhes diferentes na circunstanciação. O poste acima mencionado divide a circunstanciação em duas. Do lado esquerdo, que é um pouco maior do que o direito, foram calibradas nuvens cinzas, árvores

sem folhas, um homem e uma mulher pedalando uma bicicleta dupla com os guidões voltados para lados opostos. Do lado direito, foram calibrados um céu azul, árvores com folhas coloridas, uma flor amarela na beira do caminho e um castelo. Esses elementos são atributos simbólicos e enfatizam significados interpessoais.

A verbiagem da subfase 2a faz um convite ao NP por meio da oração projetada “*D’you wanna come on the slide?*” e identifica a *Voice* como Mediador do processo verbal *asked*, estabelecendo uma interação verbal não instanciada no TF. Na subfase 2b, *It (a Voice)* é identificada como *a girl* por meio do processo relacional *was*. *Girl* e *Voice* estabelecem uma relação taxonômica de todo-parte e permitem que a voz seja atribuída à menina retratada na modalidade visual, tornando a identificação da menina mais calibrada em TV do que no TF.

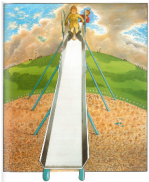

Da perspectiva interpessoal, há o acréscimo de instâncias de afeto calibradas pelas expressões faciais das crianças – felicidade em Smudge e infelicidade em Charles – e variação quanto à ambiência que passa a ser familiar, opaca escura do lado esquerdo e vibrante do lado direito. Da perspectiva da individuação, os atributos simbólicos do lado esquerdo da imagem instanciam negatividade e são acoplados a Charles, que está no lado esquerdo do banco; os atributos simbólicos do lado direito instanciam positividade e são acoplados a Smudge, que está do lado direito do banco. Esses atributos expressam os sentimentos desses personagens e suas diferentes visões de mundo. Cabe notar ainda que os personagens pedalando a bicicleta dupla, cada um para um lado, e, portanto, permanecendo parados, são um atributo simbólico reinstanciando a não interação dos adultos e sua estaticidade no banco do parque, um dos temas do TF.

Na verbiagem, há o acréscimo de uma instância de afeto de desejo positivo inscrito por *wanna*, cujo avaliador é a *Voice* – como visto acima, a menina –, resultando em uma quebra no padrão de valoração em VP, uma vez que os avaliadores são usualmente os NP de cada estória. Há também o acréscimo de uma instância de afeto de insatisfação, realizado por *unfortunately*, da parte do NP pelo fato de a pessoa que o convida para brincar ser uma menina. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, esses acréscimos colocam em evidência a dimensão de gênero, não instanciada no TF.

12.6 AS SUBFASES 2C-E DO REGISTRO DOS EVENTOS DE TV

O Quadro 40 apresenta as subfases 2c-e do Registro dos Eventos de TV e subfase 6a de WP.

Quadro 40 – Subfases 2c-e do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|----------------------------------|
|  | <i>but I went anyway.</i> | 2c | Registro dos Eventos de TV |
| 9.2 | <i>She was great on the slide – she went really fast.</i> | 2d | |
| | <i>I was amazed.</i> | 2e | |
|  | <i>Smudge went on the swings, swinging higher and higher, as high as she dared. Charles was not so sure.</i> | 6a | Registro dos Eventos de WP |
| 9.1 | | | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [19], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [18], 2013, de Anthony Browne.

O segundo evento da fase 2 de TV diz respeito a brincar no escorregador e é instanciado pela imagem 9.2 e pela verbiagem das subfases 2c-e, porém, não é instanciado no TF. O evento instanciado no TF refere-se a brincar nos balanços, que TV não reinstancia. Portanto, houve o acréscimo de um evento e a omissão de outro evento em TV em relação ao TF. Levando-se em conta que as atividades de brincar nos balanços e brincar no escorregador são membros de uma mesma classe de atividades⁷⁴, é possível considerar que a omissão e o acréscimo se anulam, configurando uma substituição e mantendo os dois textos em níveis de calibragem semelhantes em relação às duas atividades. Essas diferentes atividades ocupam aproximadamente ‘o mesmo lugar’ – a primeira brincadeira – no desenrolar das sequências de atividades das crianças em TV e no TF. Essas sequências apresentam algumas atividades em comum – como as retratadas nas imagens 10.1 de WP e 10.2 de TV, 11 de WP e 11.1 de TV –, que são abordadas ao longo da descrição da fase 6 de WP e de seus equivalentes em TV.

Ainda da perspectiva ideacional, identifica-se, na imagem 9.2, a calibragem dos atributos simbólicos chapéus no topo dos postes, aviãozinho de brinquedo com uma asa quebrada no chão próximo ao escorregador e O Grito como reflexo do rosto de Charles na

⁷⁴ Parece possível utilizar as categorias classe e parte do sistema de relações taxonômicas para os significados visuais com a mesma função de construção do campo adotada na abordagem semântico-discursiva martiniana para a modalidade verbal.

superfície metálica do escorregador. Esses atributos simbólicos enfatizam significados interpessoais. Por trás das crianças, a imagem exibe um céu predominantemente encoberto por nuvens escuras, sendo que logo atrás de Smudge há um espaço com céu azul. Na circunstanciação, identificam-se também os cães correndo, com Albert atrás de Victoria. O grau de detalhes da circunstanciação no TT é maior do que no TF, tornando o evento de TV mais calibrado que o evento com circunstanciação mínima do TF.

A verbiagem das subfases 2c-e calibra a atividade de escorregar por meio da circunstância de lugar *on the slide*, mas enfatiza significados interpessoais.

Da perspectiva interpessoal, as crianças são retratadas no topo do escorregador e veem o leitor a partir do ângulo vertical de cima, exercendo poder sobre ele. Charles é retratado em ângulo horizontal frontal, envolvendo o leitor, e parece estabelecer contato visual direto com o leitor, opção de focalização que aumenta a empatia com o NP. Afeto de insegurança é calibrado no NP, por meio da expressão facial e corporal – a boca em forma de um minúsculo o, sobrancelhas para baixo, mãos enluvadas segurando as laterais do escorregador. O recurso de gradação, realizado pelo tamanho do escorregador, escala o sentimento de Charles para cima. Afeto de felicidade é calibrado pela expressão facial de Smudge, que sorri, e é acoplado ao recurso de ambiência, realizado pelo azul do céu. Os acoplamentos dos recursos de gradação e ambiência aos afetos em TV tornam este evento mais calibrado do que aquele no TF. O fato de as nuvens serem menos escuras do que na imagem 9.1 de TV indica a melhora no humor do NP e na sua visão do passeio ao parque. O atributo simbólico O Grito indica medo e ansiedade. O atributo simbólico chapéu, que instancia o controle da mãe sobre o NP, é calibrado no topo de dois postes, cada um de um lado do escorregador, bem pequenos ao fundo da circunstanciação. O acoplamento deste atributo simbólico ao recurso textual de ruptura, realizado pelos pés do escorregador fora da margem, indica que Charles está se libertando do controle da mãe, significado não calibrado no TF. Da perspectiva da hierarquia da individuação, os significados interpessoais visuais acoplados ao NP constroem seu estado de espírito.

A modalidade verbal calibra um julgamento positivo da capacidade de Smudge, inscrito por *great*, com incidência de gradação de força fusionada; um julgamento de capacidade positiva de Smudge, evocado por *fast* e intensificado pelo recurso de gradação *really*. Ambos os julgamentos são feitos pelo NP e acoplados a Smudge como avaliada, construindo, da perspectiva da hierarquia da individuação, sua habilidade de escorregar. Identifica-se ainda uma instância de afeto de felicidade, realizada por *amazed*, com incidência de força fusionada, avaliação do NP quanto a si mesmo, desencadeada pela habilidade e


agilidade de Smudge no escorregador e que constrói uma mudança dos sentimentos do NP quanto à menina.

A partir da descrição acima, constata-se que, apesar de os eventos serem diferentes no TF e em TV, outros significados instanciados no evento do TF foram reinstanciados no evento de TV, como os julgamentos positivos acoplados a recursos de gradação a respeito da habilidade de Smudge de usar os brinquedos do parque e a insegurança de Charles para fazer o mesmo, esta apenas na modalidade visual.

12.7 A IMAGEM 10.1 DO REGISTRO DE EVENTOS DE TV

O Quadro 41 apresenta a imagem 10.1 do Registro dos Eventos de TV.

Quadro 41 – Fase 3 do Registro dos Eventos de TV

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|-----------|------------|----------------------------------|
|  <p>10.1</p> | ... | 3 | Registro dos Eventos de TV |

Fonte: Elaborado pela autora com imagem do livro *Voices in the Park*, p. [20], 1998, de Anthony Browne.

A fase 3 de TV, incluindo a imagem 10.1, foi alinhada anteriormente à fase 4 de WP por reinstanciar os significados descritos na seção 12.4. No entanto, a retomada da sequência de atividades dos cães em primeiro plano – instanciada no TF pelas imagens 9.2 e 10.2 – é mais aproximadamente reinstanciada por esta imagem de TV, porque também a intercala com a sequência de atividades das crianças. Assim sendo, esses eventos ocupam aproximadamente o mesmo lugar no desenrolar das histórias de WP e TV.



Ademais, como descrito na seção 12.4, a calibragem das estátuas na imagem 10.1 de TV reinstancia a estaticidade e a falta de interação dos adultos no parque por meio de atributos simbólicos, variando assim em relação ao TF, no qual a estaticidade dos adultos é instanciada por eles sentados no banco do parque. O uso de atributos simbólicos na imagem 10.1 de TV constroem um paralelismo semântico com a imagem 13.2 de FoV – ver a seção

13.5 –, na qual esse significado é calibrado pelas copas das árvores no formato dos gorilas adultos. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, esse paralelismo enfatiza a dimensão de geração.

12.8 AS SUBFASES 4A-B DO REGISTRO DE EVENTOS DE TV

O Quadro 42 apresenta as subfases 4a-b do Registro dos Eventos de TV, seguida da subfase 6c do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 42 – Subfases 4a-b do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|----------------------------------|
|  10.2 | <i>The girl took off her coat and swung on the climbing bars, so I did the same.</i> | 4a 4b | Registro dos Eventos de TV |
|  10.1 | <i>They took off their coats and Smudge swung like a monkey on the climbing frame.</i> | 6c | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [21], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [20], 2013, de Anthony Browne.

As subfases 4a-b do Registro dos Eventos de TV reinstanciam o evento da subfase 6c do Registro dos Eventos de WP.

Da perspectiva ideacional, a imagem 10.2 reinstancia a brincadeira das crianças na barra com variação nas ações desempenhadas: os vetores em Charles realizam-no pendurado desajeitadamente e os vetores em Smudge indicam que está se deslocando ao longo da barra. A relação de comparação/contraste concomitante entre as crianças permite identificar a agilidade da menina e a falta de habilidade de Charles. A circunstanciação retratada é diferente, ao invés dos adultos sentados no banco e das árvores, é calibrado um céu azul e diversas folhas de plantas entre as quais é possível identificar os rabos dos cães, assim

calibrados em manifestação metonímica. Portanto, a sequência de atividades retomada é a dos cães e não a dos adultos, como no TF. Outra variação constatada diz respeito às nuvens no formato do chapéu da mãe de Charles que continuam a funcionar como atributo simbólico para o domínio da mãe sobre o filho. O fato de os contornos estarem menos nítidos do que na imagem anterior – 10.1 – e contra um céu azul mais claro significa uma menor submissão de Charles.

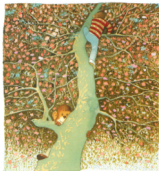

Na modalidade verbal, há variação quanto à agentividade, uma vez que as relações nucleares da subfase 4a estabelecem *The girl* (Smudge) como Mediador do processo Material *took off*, que tem *her coat* como Alcance. A próxima oração é ligada à primeira pela conjunção aditiva *and*, há a elipse do Mediador, que é o mesmo da oração anterior, e o processo Material *swung* é seguido da circunstância de lugar *on the climbing bars*, significados instanciados também na imagem. A subfase 4b é iniciada pela conjunção consequencial causal *so*, seguida do Mediador *I* (NP), que é Agente do processo Material *did*, que tem o Alcance *the same*. As variações nos recursos de ideação, em especial na agentividade dos processos, constroem Smudge como líder e Charles como seguidor, significado não instanciado no TF. Ademais, a subfase 4b – *so I did the same*. – calibra significado que diverge do significado calibrado na modalidade visual, porque embora o NP tenha tirado o casaco, ele não conseguiu fazer o mesmo que Smudge fez na barra. Da perspectiva da hierarquia da individuação, essa divergência indica a construção de autoconfiança do NP.

Quanto aos significados interpessoais, há variação no afeto realizado pela expressão facial de Charles – a boca em forma de o e sobrancelhas para baixo –, que passa a ser de insegurança; e o acréscimo de uma instância de afeto de felicidade realizado pela expressão facial de Smudge – boca curvada para cima e olhos fechados. Também há variação no ângulo horizontal em que o NP é apresentado, que é frontal e constrói envolvimento com o leitor. As crianças penduradas na barra continuam em ângulo vertical superior em relação ao leitor, mas Charles parece estabelecer contato visual direto com o leitor, resultando em variação na focalização. Identifica-se gradação realizada pelas linhas a partir das pernas e pés de Smudge, não calibradas no TF. Esse recurso contribui para a construção do movimento e dá ensejo a um julgamento positivo evocado da capacidade de Smudge se deslocar pela barra. Essa instância de julgamento evocado reinstancia a mesma avaliação calibrada na modalidade verbal do TF, por meio da circunstância de modo – *like a monkey*.

12.9 AS SUBFASES 4C-F DO REGISTRO DE EVENTOS DE TV

O Quadro 43 apresenta as subfases 4c-f do Registro dos Eventos de TV, seguidas da subfase 6e de WP.

Quadro 43 – Subfases 4c-f do Registro dos Eventos de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|----------------------------------|
| | <i>I'm good at climbing trees,</i> | 4c | |
|  | <i>so I showed her how to do it.</i> | 4d | Registro dos Eventos de TV |
| 11.1 | <i>She told me her name was Smudge</i> | 4e | |
| | <i>a funny name, I know, but she's nice.</i> | 4f | |
|  | <i>Smudge and Charles climbed a tree.</i> | 6e | Registro dos Eventos de WP |
| 11 | | | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [22], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [22-23], 2013, de Anthony Browne.

As subfases 4c-f do Registro dos Eventos de TV reinstanciam o evento da brincadeira das crianças na árvore, principalmente na modalidade visual. As subfases 4e-f acrescentam um evento não calibrado no TF – a conversa em que a menina se apresenta a Charles, tornando o TV mais calibrado a esse respeito. A modalidade verbal privilegia significados interpessoais.

A imagem 11.1 reinstancia os dois personagens principais na árvore, retratando a menina subindo (Ação: intransitivo) e Charles, por trás do tronco, olhando (Mental: percepção) para o leitor – e não para a menina, como no TF. As escolhas em TV calibram Charles mais ativo do que no TF, ainda assim, a relação de comparação/contraste concomitante entre os personagens continua a enfatizar a maior agilidade da menina, que é calibrada bem mais acima na árvore. A circunstanciação é preenchida pela árvore, com o que

parecem flores coloridas e não folhas verdes onde se escondem diversos animais como no TF. No desenrolar de TV, verifica-se que o céu – que funciona como atributo simbólico para o estado de espírito de Charles – vai ficando mais azul à medida que Charles brinca com Smudge, até não ser calibrado nesta imagem. Além disso, o chapéu – que funciona como atributo simbólico para o domínio da mãe sobre Charles – também não é calibrado. A copa colorida da árvore é um atributo simbólico evidenciando significados interpessoais.

Na modalidade verbal, as subfases 4c-d reinstanciam a atividade de subir na árvore, embora com variações em relação ao TF. Nessas subfases, *I* (NP) é Mediador dos dois processos, sendo que na fase 4d, a menina – *her* – é Beneficiário do processo Verbal *showed*. Diferente da subfase 6e do TF, que tem os dois personagens como Mediador do processo, a verbiagem em TV destaca Charles e calibra significados divergentes daqueles instanciados na imagem 11.1, pois informa que Charles mostrou à menina como subir na árvore, sendo que a imagem a retrata bem mais ao alto do que Charles. Na subfase 4e, ocorre mudança de Mediador, que passa a ser *She (the girl)*, o processo Verbal *told* tem *me* (NP) como Beneficiário; a oração projetada *her name was Smudge* realiza o conteúdo do que foi dito e identifica a menina pelo nome. A subfase 4f enfatiza significados interpessoais. A verbiagem das subfases 4e-f instancia significados que não são instanciados na modalidade visual de TV, nem no TF.

Da perspectiva interpessoal, há variação no ângulo horizontal em que Charles é retratado, que passa a ser frontal e resulta em envolvimento com o leitor. Charles está no ângulo vertical superior e, portanto, detém poder em relação ao leitor. Charles olha diretamente para o leitor (focalização contatar direta), engajando-o e aumentando a empatia do leitor com ele. A ambiência é quente, menos escura e mais familiar do que no TF, construindo aconchego. Há variação também no tipo de afeto identificado em Charles que passa a ser de felicidade, realizado pela boca curvada para cima. Esta instância quebra o padrão de afeto identificado em Charles em TV e seu acoplamento ao colorido da copa da árvore e à não calibragem dos atributos que simbolizam sua infelicidade e o controle da mãe sobre Charles, significam que ele se sente feliz e livre.

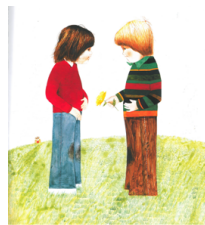

Na verbiagem há o acréscimo de três instâncias positivas de atitude. A primeira é de julgamento inscrito, realizado por *good*, que avalia positivamente a capacidade do NP subir em árvores. A segunda é de apreciação inscrita, realizada por *funny*, que apresenta a reação do NP em relação ao nome da menina. A terceira é de julgamento positivo inscrito, realizada por *nice*, em relação à menina. Da perspectiva da hierarquia da individuação, esses recursos contribuem para construir os sentimentos positivos do NP em relação a si mesmo e à Smudge.

Ademais, esses acréscimos tornam as subfases 4c-f de TV mais calibradas interpessoalmente do que a subfase 6e do TF.

12.10 A SUBFASE 1A DA REORIENTAÇÃO DE TV

O Quadro 44 apresenta a subfase 1a do estágio de Reorientação de TV e a subfase 7b do Registro dos Eventos de WP. TV não reinstancia a subfase 7a do Registro dos Eventos de WP, relacionada à sequência de atividades dos adultos.

Quadro 44 – Subfases 1a da Reorientação de TV, 7b do Registro dos Eventos de WP e 1a da Resolução de FV

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|----------------------------|
| ... | <i>Then my mother caught us talking together,</i> | 1a | Reorientação de TV |
|  13.2 | <i>Charles picked a flower and gave it to Smudge.</i> | 7b | Registro dos Eventos de WP |
|  4.1 | <i>Then I saw him talking to a very rough - looking child.</i> | 1a | Resolução de FV |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [8] e [22], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [27], 2013, de Anthony Browne.

TV não reinstancia a subfase 7b do Registro dos Eventos de WP na modalidade visual. A verbiagem da subfase 1a da Reorientação de TV calibra o evento da mãe de Charles surpreendendo-o conversando com Smudge, portanto, reinstancia a subfase 1a da Resolução de FV que por sua vez reinstancia a subfase 7b do Registro dos Eventos de WP, conforme descrito na seção 10.6. Como em FV, a mudança de estágio é marcada pela conjunção

temporal sucessiva *Then*. Quanto às relações nucleares, tem-se *my mother* como agente do processo Material *caught*, e *us (talking together)* como Mediador.


Da perspectiva interpessoal, a verbiagem da subfase 1a acrescenta um julgamento de impropriedade do comportamento do NP, evocado especificamente pela escolha do léxico *caught* e avaliado por ele mesmo, indicando que Charles estava ciente de que a mãe não aprovaria a interação. Da perspectiva da hierarquia de individuação, o acoplamento desses significados a Charles e sua mãe enfatizam os princípios da família de classe média alta e contribuem para o (des)alinhamento do leitor com tais formas de conduta e com as pessoas que as seguem.

Constata-se que a reinstanciação da subfase 7b do Registro dos Eventos de WP em TV é feita indiretamente, por meio da intertextualidade das histórias TV e FV, destacando a complexidade do macrogênero VP. TV não faz uso da modalidade visual para calibrar os significados verbais da subfase 1a da Reorientação de TV e, conseqüentemente, para reinstanciar a subfase 1a da Resolução de FV.

12.11 A SUBFASE 1B DA REORIENTAÇÃO DE TV

O Quadro 45 apresenta a verbiagem da subfase 1b do estágio de Reorientação de TV e a subfase 8b do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 45 – Subfase 1b da Reorientação de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|----------------------------|
| ... | <i>and I had to go home.</i> | 1b | Reorientação de TV |
|  | <i>“Come here Victoria, come along Charles,” called Mrs Smythe. “Time for lunch.”</i> | 8b | Registro dos Eventos de WP |

14.2

Fonte: Elaborado pela autora com imagem e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [22], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [29], 2013, de Anthony Browne.

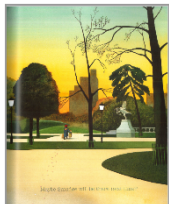
A subfase 1b de TV instancia a obrigação do NP de ir para casa e reinstancia a subfase 8b do TF apenas na modalidade verbal, também de forma generalizada e menos calibrada. O Mediador *I* (NP) do processo Material *had to go* e a circunstância de lugar *home* constroem esta subfase como resultado material da subfase anterior. A partida de Charles para casa também é retratada na modalidade visual, porém, a imagem 11.2 reinstancia significados instanciados no estágio de Reorientação do TF e é descrita na próxima seção. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, a subfase 1b também faz referência ao início da estória e estabelece um paralelismo semântico com a subfase 1a da Reorientação de SV – descrita na seção anterior – que coloca em evidência a dimensão de gênero.

Da perspectiva interpessoal, a subfase 1b acrescenta uma instância de julgamento de propriedade, realizado por *had to*, tornando-a mais calibrada do que a subfase 8b do TF. Da perspectiva da hierarquia da individuação, esse julgamento indica o condicionamento de Charles ao supor que a atitude ‘apropriada’ ao ser pego conversando com outra criança no parque é voltar para casa. Também evoca um sentimento de infelicidade e/ou insatisfação no leitor, decorrente da situação injusta em que Charles está, que leva o leitor a se solidarizar com o NP.

12.12 A SUBFASE 1B DA REORIENTAÇÃO DE TV

O Quadro 46 apresenta a subfase 1b da Reorientação de TV seguida da subfase 1a da Reorientação de WP.

Quadro 46 – Subfase 1b da Reorientação de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|-----------|------------|--------------------|
|  <p>11.2</p> | ... | 1b | Reorientação de TV |



15.1

Mrs Smythe took Charles and Victoria home.

1a

Reorientação
de WP

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [23], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [30], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 1b da Reorientação de TV reinstancia o evento da volta para casa principalmente na modalidade visual.

A imagem 11.2 reinstancia o mesmo grupo familiar – a mãe em manifestação completa, ainda que de costas, quebrando o padrão de manifestação metonímica realizado para esta personagem até então em TV. Também reinstancia o processo caminhar (Ação: intransitivo) para os três personagens, e enfatiza o processo olhar (Mental: percepção) para trás para Charles. A circunstanciação, para onde os três personagens estão recuados, retrata o parque, com suas árvores, arbustos, gramados, postes, caminhos, uma estátua zoomorfizada do Deus Eros – atributo simbólico – e dois edifícios ao fundo, não reinstanciando a circunstanciação calibrada na imagem 15.1 do TF – a vizinhança dos Smythe – e nem a dimensão de classe social a ela associada. O fato de que os três personagens retratados estão indo para casa é calibrado por meio do acoplamento com a verbiagem da subfase 1b da Reorientação de TV, descrita na seção 12.11. Da perspectiva da hierarquia da realização, constata-se mais uma vez nas estórias de VP o uso maior da intermodalidade para reinstanciar significados instanciados em ambas as modalidades do TF.

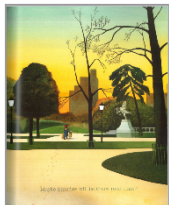

Da perspectiva interpessoal, foram identificadas as seguintes variações: os recursos de proximidade retratam a mãe com a mão no ombro do filho, porém, apesar do toque, esse recurso não realiza intimidade entre os personagens, mas a retomada do domínio da mãe sobre o filho. Os personagens são retratados em ângulo horizontal oblíquo e de costas, não envolvendo o leitor, porém, Charles é retratado com o rosto voltado para trás e seu olhar em direção ao leitor, resultando em variação na focalização, que embora permaneça não mediada, passa de observar para contatar, aumentando a empatia do leitor com o NP. Ademais, a luz amarela que banha a imagem realiza ambiência quente que acoplada aos recursos de focalização contribui para aproximar o leitor e o NP. Uma instância de afeto de infelicidade é acrescentada por meio da expressão facial de Charles e parece ser amplificado pelos galhos das árvores voltados para baixo e em sua maioria sem folhas. Esses recursos interpessoais

contribuem para alinhar o leitor com o NP e resultam na maior calibragem interpessoal da imagem 11.2 de TV em relação à imagem 15.1 de WP.

12.13 A CODA DE TV

O Quadro 47 apresenta o estágio de Coda de TV e de WP.

Quadro 47 – Coda de TV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|--|------------|------------|
|  11.2 | <i>Maybe Smudge will be there next time?</i> | 1 | Coda de TV |
|  16 | <i>And Smudge kept the flower.</i> | 1 | Coda de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [23], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [32], 2013, de Anthony Browne.

O estágio de Coda de TV diz respeito ao desejo do NP de reencontrar Smudge na próxima vez que for ao parque e é composto pela imagem 11.2 e pela verbiagem da fase 1.

A imagem 11.2 foi descrita na seção 12.12, uma vez que funciona para instanciar o estágio de Reorientação de TV. As imagens 16 de WP e 11.2 de TV são muito diferentes e não cabe compará-las em termos de calibragem ideacional e interpessoal. No que concerne a Coda, a imagem 11.2 calibra a estátua do Deus Eros⁷⁵ que aponta sua flecha para Charles. A

⁷⁵ Na mitologia grega, Eros é conhecido por usar suas flechas mágicas para unir as pessoas – o cupido na mitologia romana – e pode ser considerado o deus do erotismo e da paixão. Porém, ele personifica o amor verdadeiro, enquanto seus irmãos representam as demais facetas do amor. Segundo o conceito idealístico de Platão, o termo eros não precisa ser associado à sexualidade, mas à energia vital para transformar a consciência e aproximar o homem do divino. Originalmente, o amor platônico implica a purificação do eros que passa de sensual a sublime.

<https://mitologiagrega.net.br/16-curiosidades-sobre-deus-eros/> Acesso em: junho de 2019.

<https://www.todamateria.com.br/deus-eros/> Acesso em: junho de 2019.

estátua funciona como um atributo simbólico para os sentimentos que Charles tem para com Smudge, que o inspirou a ter mais autoconfiança, independência e a ser ele mesmo. A estátua de Eros em TV e a flor em WP encerram o mesmo significado – a amizade entre Charles e Smudge – portanto, de forma implícita, a estátua reinstancia a flor. Já o rastro de flores que é deixado por Charles no parque remete às flores da árvore na imagem anterior e simboliza a felicidade e a liberdade que vão ficando para trás.

Na modalidade verbal, da perspectiva interpessoal, *maybe* inscreve um julgamento de veracidade relacionado à probabilidade de Smudge estar no parque da próxima vez que Charles for lá, fazendo com que a verbiagem construa a probabilidade como uma sugestão. Tal sugestão, por sua vez, evoca o afeto de desejo do NP de que Smudge esteja lá da próxima vez que ele for ao parque.

Da perspectiva da hierarquia da individuação, o estágio de Coda de TV calibra a visão do NP daquilo que foi mais relevante em seu passeio ao parque. Portanto, instancia a estima de Charles por Smudge, independente das atitudes da mãe do menino a respeito.




13 FOURTH VOICE

No capítulo 13 são abordados os resultados das análises da reinstanciação e dos recursos semióticos no relato FoV de VP sob o viés das dimensões de desigualdade social e do posicionamento do leitor prospectivo.

13.1 A ORIENTAÇÃO DE FOV

O estágio de Orientação de FoV é apresentado no Quadro 48, seguido da subfase 1a do mesmo estágio em WP e da subfase 1a do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 48 – Orientação de FoV e equivalentes em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|---------------------|---|
|  <p>12.1</p> | <p><i>Fourth Voice</i> <i>Dad had been really fed up,</i> <i>so I was happy when he said we could take</i> <i>Albert to the park.</i></p> | <p>1a</p> <p>1b</p> | <p>Orientação De FoV</p> |
|  <p>1</p> | <p><i>One morning Mr Smith and his little girl,</i> <i>Smudge, took their dog, Albert, for a walk.</i></p> | <p>1a</p> | <p>Orientação de WP</p> |
|  <p>3</p> | <p><i>Smudge, Mr Smith and Albert went into the</i> <i>park.</i></p> | <p>1a</p> | <p>Registro dos Eventos de WP</p> |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [24], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [3] e [6], 2013, de Anthony Browne.

O estágio de Orientação em FoV diz respeito aos sentimentos dos personagens antes do passeio e quanto a sair para passear, e à ida da família de classe baixa ao parque. A verbiagem da fase 1b relaciona-se a este evento. A imagem 12.1 retrata a família em um momento ulterior ao retratado na imagem 1 da Orientação do TF, reinstanciando com bastante

sobreposição de significados a parte da imagem 3 do Registro de Eventos de WP relativa à chegada da família de classe baixa ao parque. Este relato omite a ida da família de classe média alta ao parque.

Quanto aos significados ideacionais, a imagem 12.1 de FoV reinstancia as dimensões geração e gênero de forma menos explícita do que a imagem 1 na Orientação do TF, uma vez que os personagens são retratados de costas. A identificação dos personagens e das dimensões de desigualdade que instanciam se dá por meio de comparação e contraste (atributiva – roupas, penteado, pelagem do cão) com os personagens da imagem 5.2 de SV (retrospectiva), que permite identificá-los como os mesmos. A circunstanciação da imagem 12.1 é recontextualizada em relação à parte em questão da imagem 3 do TF e difere daquela na imagem 1 por apresentar a entrada do parque em vez da vizinhança dos Smiths. Em relação à imagem 1, há variação quanto aos atributos simbólicos: um arbusto central com o topo idêntico ao gorro do pai da NP e árvores com troncos, folhas e frutas coloridos, uma árvore em formato de morango e um poste de luz colorido e com uma coroa real no topo. Eles significam a maneira de perceber o mundo da NP e não a classe social, como instancia o atributo simbólico no TF.

Na verbiagem, o título *Fourth Voice* calibra a perspectiva do passeio ao parque da filha de classe baixa. Na subfase 1b, o processo *take* é menos calibrado do que na subfase 1a da Orientação de WP devido à omissão da circunstância de tempo. No domínio Personagem, *Dad* enfatiza a dimensão de geração e gênero; o sexo da criança não é instanciado na modalidade verbal; e apenas o cão é identificado por nome. A verbiagem da Orientação de FoV não reinstancia a chegada ao parque instanciada na verbiagem da fase 1a do Registro de Eventos do TF.

Da perspectiva interpessoal, a imagem 12.1 omite o afeto negativo calibrado na imagem 1 do TF, porque os personagens são retratados de costas, o que também torna os personagens vulneráveis e resulta em variação quanto ao envolvimento com o leitor na Orientação. Ainda em relação à imagem 1 do TF, há variação quanto à focalização, que passa a ser mediada inscrita junto ao personagem, no caso a NP. Na imagem 12.1 são calibradas cores (ambiência ativada) vibrantes e quentes, com diversos *splashes* vermelhos, e uma luz amarela que banha a imagem, construindo aconchego e bem-estar. Portanto, a ambiência é diferente daquela calibrada na Orientação do TF, que constrói opressão e melancolia. O acoplamento da focalização com a ambiência e os atributos simbólicos calibra o parque pela visão alto-astral de Smudge. Há variação também na reinstanciação da gradação, que embora do mesmo tipo nas imagens da Orientação dos dois textos – de número, para cima –, é usada



para a construção de significado ideacional no TF – uma vizinhança não espaçosa, que contribui para estabelecer a classe social do personagem – e para construção de significado interpessoal na reinstanciação – plenitude, associada à visão positiva de mundo da NP.

Na modalidade verbal, a subfase 1a acrescenta uma instância de afeto inscrito de infelicidade – *fed up* –, acoplado à gradação de força – *really* e a *Dad*. No TF, o afeto acoplado ao pai é visual, dessa forma, ocorre tradução intermodal do afeto negativo acoplado a Mr Smith. A subfase 1b acrescenta uma instância de afeto inscrito de felicidade – *happy*. Esses afetos não são calibrados na verbiagem do TF. A subfase 1 b estabelece paralelismo semântico com a fase 2 da Orientação de TV, quanto ao afeto positivo expresso pelos NPs em relação a sair para passear. Embora tênue, o paralelismo enfatiza a dimensão de geração, uma vez que os NPs são crianças. As instâncias acrescentadas apresentam o ponto de vista da NP, funcionando para construí-la. O afeto da subfase 1a do estágio de Orientação do TF – descrito na seção 9.1 – é omitido na reinstanciação.

13.2 A FASE 1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 49 apresenta as subfases a-e da fase 1 do estágio de Registro dos Eventos de FoV e as subfases 2a e 2c do mesmo estágio em WP.

Quadro 49 – Subfases 1a-e do Registro dos Eventos de FoV e equivalentes em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|-----------------------------|
|  <p>12.2</p> | <i>Albert's always in such a hurry to be let off his leash.</i> | 1a | Registro dos Eventos de FoV |
| | <i>He went straight up to this nice dog and sniffed its backside</i> | 1b | |
| | <i>(he always does that).</i> | 1c | |
| | <i>Of course, the other dog didn't mind, but its owner was really angry,</i> | 1d | |
| | <i>the silly twit.</i> | 1e | |
|  <p>4.1</p> | <i>Albert was impatient to be let off his lead.</i> | 2a | Registro dos Eventos de WP |



*Both dogs were free.
They chased each other all over the park.*

2c

5

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [25], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [8] e [10-11], 2013, de Anthony Browne.

A fase 1 do Registro dos Eventos de FoV reinstancia a soltura do cão da família de classe baixa na verbiagem da subfase 1a e a correria dos cães pelo parque apenas na modalidade visual. A soltura do cão da outra família – subfase 2b do TF – não é reinstanciada em FoV.

Quanto aos significados ideacionais na modalidade visual, a imagem 12.2 de FoV reinstancia o evento instanciado na imagem 5 de WP, por meio do aparecimento de Victoria correndo (Ação: intransitivo) atrás de Albert na circunstanciação. Em primeiro plano, reinstancia o aparecimento de uma personagem feminina adulta que olha (Mental: percepção), identificada⁷⁶ como a mãe de Charles. Os demais personagens humanos instanciados na fase 2 do TF não são reinstanciados, inclusive a NP de FoV. Há diminuição do grau de detalhes na circunstanciação (descontextualização) nesta imagem em relação ao TF, resultando na não reinstanciação das árvores e na calibragem de um lugar diferente daquele calibrado no TF. Esta imagem favorece o escrutínio dos atributos e a caracterização da personagem em primeiro plano, tornando a reinstanciação da correria dos cães, na circunstanciação, menos calibrada que no TF.

Na modalidade verbal, subfase 1a, a soltura de Albert é calibrada da mesma forma que no TF, por meio da circunstância de causa – *to be let off his leash*. A subfase 1a acrescenta uma metáfora ideacional – *(in such a) hurry* –, que é mais calibrada do que a qualidade *impatient* que está reinstanciando. A subfase 1b acrescenta dois eventos que não são instanciados no TF – Albert ir até o outro cão e cheirar o seu traseiro. As subfases a-c têm Albert como Mediador de todos os processos e constroem seu comportamento usual no parque. As subfases 1d-e enfatizam significados interpessoais. Os significados ideacionais instanciados na verbiagem da fase 1 são diferentes dos significados ideacionais instanciados na imagem 12.2 e, em sua maioria, constituem acréscimos em relação ao TF, configurando a reinstanciação como mais calibrada.

A imagem 12.2 de FoV é conceitual e enfatiza os significados interpessoais, acrescentando uma instância de afeto negativo – raiva –, não calibrada no TF. O afeto é

⁷⁶ A identificação visual de todos os personagens é feita por meio das relações de comparação e contraste com os mesmos personagens no desenrolar do macrogênero (configuracional e retrospectiva).

realizado pela expressão facial da personagem – lábio inferior projetado para frente e para baixo, narinas dilatadas e olhos fundos e bem abertos –, em plano fechado. Dois tipos de gradação de força – extensão e número – são acoplados a esta instância de afeto. O primeiro é realizado pelo grande espaço ocupado pela personagem na imagem e o segundo, pelas linhas que saem do chapéu – fazendo com que pareça saltar da cabeça –, por aquelas ao redor dos olhos, e pelas flores – que parecem saltar do lenço. O recurso de ruptura, realizado pelo topo do chapéu fora da borda da imagem, escala o sentimento. Há variação quanto à focalização, que é contatar direta e mediada inferida por meio da reação afetiva extrema da personagem – provavelmente dirigida à NP, já que não pode ter sido causada pelo leitor, para quem a personagem retratada parece olhar. Ademais, como visto para outras imagens no desenrolar de VP, o fato de a NP não estar retratada parece indicar a focalização mediada inferida.

Na modalidade verbal, a subfase 1a do estágio de Registro dos Eventos de FoV não reinstancia o julgamento negativo – *impatient* – do TF. Ao contrário, evoca um afeto de satisfação e um julgamento de normalidade – *Always in such a hurry to be let out off his leash* – a respeito do comportamento de Albert. Na subfase 1b, há o acréscimo de um julgamento inscrito de propriedade – *nice* – do comportamento do outro cão. Na subfase 1c, outra instância evocada de julgamento de normalidade é acrescentada – *he always does that*. Nas duas instâncias de julgamento evocado, *always* realiza um forte comprometimento da NP quanto à normalidade dos hábitos de Albert. A subfase 1d acrescenta um afeto inscrito de infelicidade – *mind* –, que é negado por *didn't*, construindo a reação do outro cão como positiva. A subfase 1d acrescenta ainda outro afeto inscrito de infelicidade – *angry* –, com acoplamento de gradação de força – *really* – que escala o afeto e constrói a reação da dona do outro cão. A subfase 1e acrescenta um julgamento de incapacidade do comportamento da dona do outro cão – *twit* –, ao qual é acoplado gradação de foco – *silly*. *Twit* pode ser traduzido⁷⁷ como “uma pessoa ridiculamente irritante”, portanto, já carrega atitude em si. *Silly*, por sua vez, pode ser traduzido como “que não tem bom senso; bobo”. Ao utilizar um termo atitudinal para graduar um item também atitudinal, a avaliação resultante nesta instância mostra, segundo Martin e White (2005, p. 139), que a avaliadora está investindo fortemente no valor que a avaliação carrega e está enfaticamente posicionando o leitor a se alinhar com ela. Da perspectiva da hierarquia da individuação, os significados interpessoais acrescentados, tanto na imagem como na verbiagem, são acoplados à NP, apresentando seu o



77 Traduções da autora a partir das definições em <https://www.thefreedictionary.com/twit> e <https://www.google.com/search?q=silly&aq=silly&aqs=chrome..69i57j0l5.1939j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

ponto de vista e contribuindo para construí-la. Esses significados tornam esta fase de FoV muito mais calibrada interpessoalmente do que a fase 2 do TF.

13.3 A IMAGEM 13.1 DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 50 apresenta a imagem 13.1 de FoV e subfase 3c de WP, ambas do estágio do Registro dos Eventos de cada estória.

Quadro 50 – Imagem 13.1 de FoV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|--|---|------------|-----------------------------|
|  13.1 | ... | 2 | Registro dos Eventos de FoV |
|  6 | <i>Smudge and Charles looked at each other.</i> | 3c | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [26], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [12-13], 2013, de Anthony Browne.

Semelhante ao que ocorre em TV, a imagem 13.1 de FoV reinstancia a parte dos significados ideacionais calibrados na imagem 6 relacionados ao processo olhar (Mental: percepção) e aos participantes crianças, de forma ainda menos calibrada porque a menina, a NP em FoV, não é reinstanciada. Devido a essa omissão, a imagem 13.1 não reinstancia explicitamente a verbiagem da subfase 3c do Registro dos Eventos de WP, cujos significados também não são reinstanciados na modalidade verbal de FoV. Portanto, o evento das crianças olharem uma para a outra é menos calibrado em FoV.



Da perspectiva interpessoal, porém, é possível identificar afeto de curiosidade na expressão facial do menino, que provavelmente não é despertada pelo leitor, mas pela NP que está do lado de cá do banco olhando para o menino. Segundo o padrão que parece se estabelecer no macrogênero, quando a NP não está retratada na imagem, pode-se considerar que a focalização é mediada inferida, ainda que tal realização não conste no sistema de

focalização de Painter, Martin e Unsworth (2013). No caso da imagem 13.1, é possível resgatar a relação (comparação/contraste retrospectivo) com a imagem 9.1 de TV que retrata o mesmo evento/momento na sequência de atividades das crianças e, dentro da complexidade do macrogênero, permite confirmar que Smudge está do outro lado do banco e inferir que a imagem apresentada é o que ela vê. Os atributos simbólicos na circunstanciação e a ambiência confirmam a perspectiva da NP.

13.4 AS SUBFASES 2A-B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 51 apresenta as subfases 2a-b do Registro dos Eventos de FoV e as subfases 5a-b do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 51 – Subfases 2a-b do Registro dos Eventos de FoV e equivalentes em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|----------------------------|
|  13.1 | <i>I got talking to this boy.</i> <i>I thought he was kind of a wimp at first, but he's okay.</i> | 2a 2b | Registro dos Eventos de SV |
|  8 | <i>While the dogs played,</i> <i>Smudge and Charles edged nearer and nearer to each other.</i> | 5a 5b | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [26], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [16-17], 2013, de Anthony Browne.

Como em TV, o primeiro evento da fase 2 de FoV diz respeito ao contato entre as crianças e é retratado na primeira imagem da fase 2 – imagem 13.1 – e instanciado na verbiagem das subfases 2a-b. Esta parte de FoV também reinstancia significados instanciados na imagem 8 do TF e na verbiagem das subfases 5a-b. Dessa forma, identifica-se, da perspectiva da hierarquia da instanciação, um paralelismo semântico entre TV e FoV.

A imagem 13.1 reinstancia a parte da imagem 8 do TF situada no verso da página dupla; retrata o menino e a mãe sentados no banco na mesma posição que no TF, embora na

perpendicular. Como em TV, a circunstanciação também apresenta detalhes diferentes daqueles no TF, como céu azul e árvores no formato de frutas que são atributos simbólicos enfatizando significados interpessoais.

A verbiagem da subfase 2a estabelece *I* (NP) como Mediador do processo Comportamental *got talking* e *to this boy* como Alcance, o qual faz a atribuição da criança retratada na imagem. Esses recursos instanciam uma interação verbal, como em TV, não instanciada no TF. Os significados enfatizados na subfase 2b são interpessoais.

Da perspectiva interpessoal, a imagem 13.1 apresenta as seguintes variações em relação à imagem 8 do TF. Os personagens são retratados em ângulo oblíquo que constrói não envolvimento com o leitor, embora o rosto de Charles esteja voltado para o lado e, portanto, quase de frente para o leitor. Os personagens estão próximos e em orientação lado a lado, recursos que constroem intimidade e solidariedade entre os personagens. Porém, o afeto a eles acoplado contrapõe a intimidade e a solidariedade prototipicamente esperadas: a mãe está sentada com as costas eretas, os dedos das mãos entrelaçados na altura do estômago, o queixo e a aba do chapéu inclinados para cima, olhos fechados e boca curvada para baixo, construindo mau humor e soberba; enquanto Charles está sentado com as costas curvadas, a(s) mão(s) no(s) bolso(s) do casaco, o rosto virado para o lado, os olhos abertos, as sobrancelhas um pouco arqueadas e a boca formando um pequeno o, construindo desânimo, surpresa e curiosidade. A focalização é contatar direta, pois Charles parece olhar diretamente para o leitor, e mediada inferida, por meio da reação de surpresa em Charles, que embora não extrema, não pode ter sido causada pelo leitor. Esses recursos permitem inferir que a NP é quem focaliza e que vemos a imagem por meio dela. Como tem sido mostrado no desenrolar de VP, a não calibragem da NP na imagem também indica a focalização mediada inferida. Esse tipo de focalização é o mesmo utilizado na imagem 12.2. Gradação de força para cima é identificada na circunstanciação, realizada pela quantidade de árvores e de folhas nas árvores. A ambiência ativada é vibrante, familiar e tende a quente – devido à luz amarelada que banha a imagem. Da perspectiva da hierarquia da individuação, os recursos interpessoais acoplados aos atributos simbólicos nesta imagem constroem a maneira de ver o mundo da NP.



Na modalidade verbal, a subfase 2b acrescenta um julgamento negativo de capacidade do menino (*this boy*) em *wimp*, que significa pessoa fraca, sem determinação. Esse julgamento é acoplado à gradação de foco atenuar, realizada por *kind of*, que funciona para enfraquecer a avaliação negativa e manter a solidariedade com os leitores que possam não ter a mesma opinião sobre Charles. Há também o acréscimo de um julgamento positivo de capacidade do mesmo menino em *okay*. A mudança de julgamento do comportamento do

menino de negativa para positiva constrói a NP como uma pessoa de mente aberta e com flexibilidade para mudar de opinião à medida que conhece melhor a pessoa avaliada. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, o julgamento inicial negativo feito pela NP em relação a seu interlocutor e a posterior mudança para avaliações positivas realizam paralelismo semântico com o julgamento negativo feito por Charles, decorrente do fato de quem o convida para brincar ser uma menina, e as avaliações positivas posteriores, calibrados na fase 2 de TV, colocando em evidência a dimensão de geração e o fato de as crianças serem capazes de mudar de opinião à medida que se conhecem.

13.5 AS SUBFASES 2C-D DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 52 apresenta as subfases 2c-d do Registro dos Eventos de FoV e subfase 6a de WP.

Quadro 52 – Subfases 2c-d do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|-----------------------------------|
|  | <i>We played on the seesaw</i> | 2c | Registro dos Eventos de FoV |
| 13.2 | <i>and he didn't say much,</i> | 2d | |
| | <i>but later on he was more friendly.</i> | 2e | |
|  | <i>Smudge went on the swings, swinging higher and higher, as high as she dared. Charles was not so sure.</i> | 6a | Registro dos Eventos de WP |
| 9.1 | | | |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [27], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [18], 2013, de Anthony Browne.

Assim como em TV, o segundo evento da fase 2 de FoV diz respeito a um evento que não é instanciado no TF, a brincadeira das crianças na gangorra, e o evento do TF, a brincadeira nos balanços, não é reinstanciado em FoV, constituindo um acréscimo e uma omissão. As atividades instanciadas nos dois textos também são membros de uma mesma classe de atividades e ocupam aproximadamente ‘o mesmo lugar’ nas sequências de

atividades das crianças em FoV e em WP, dessa forma, considera-se que a omissão e o acréscimo se anulam. A sequência de atividades das crianças em FoV também apresenta algumas atividades em comum com a sequência de atividades das crianças em WP, como as retratadas nas imagens 12 de WP e 14.2 de FoV, 13.2 de WP e 15.1 de FoV, descritas no decorrer deste capítulo.

O evento da brincadeira na gangorra é instanciado pela imagem 13.2 e pela verbiagem da subfase 2c. A imagem retrata a NP de frente para o leitor e Charles de costas, ambos na gangorra, sendo que o lado no qual a NP está sentada está em cima e o lado em que Charles está, embaixo. Além da gangorra, a circunstanciação retrata um gramado com um caminho ao fundo, onde os cães correm – com Victoria atrás de Albert –, dois postes de luz vermelhos nas laterais do caminho, árvores ao fundo e um céu azul. Retrata ainda duas das árvores com as copas no formato de cabeças de gorilas, aparentemente uma masculina e a outra feminina, que representam o pai da NP e a mãe de Charles. Esses atributos simbólicos reinstanciam a estaticidade dos personagens adultos – ‘plantados no mesmo lugar’ – em contraste com a mobilidade dos cães e das crianças, que é um dos temas de WP.

Na verbiagem, a subfase 2c calibra significados ideacionais que convergem com os significados ideacionais priorizados na modalidade visual. A subfase 2d enfatiza significados interpessoais, assim como a verbiagem da subfase 2e, que diz respeito à impressão que a NP tem de Charles em um momento posterior à atividade de gangorrear.

Quanto aos significados interpessoais, a imagem 13.2 retrata a NP no ângulo vertical de cima, conferindo a ela poder em relação a Charles e ao leitor. Afeto de felicidade é realizado por meio da expressão facial – sorriso – da NP. Apesar do predomínio da cor verde na circunstanciação, que desempenha a função ideacional de representação da realidade, é calibrada uma luz amarela que banha a imagem e *splashes* de vermelho na roupa de Smudge e nos postes que aquecem a ambiência. Junto com o céu azul por trás da NP, esses recursos de ambiência acoplados ao afeto constroem o bom humor e o mundo alegre da NP. A focalização é contatar direta e mediada, por meio da calibragem de Smudge, que parece olhar diretamente para o leitor, e de Charles, de costas no primeiro plano, junto a quem o leitor vê. Dessa forma, a NP engaja diretamente Charles e o leitor, aumentando a empatia e a identificação de ambos com ela.

Na modalidade verbal, há uma instância de julgamento de tenacidade negativa do comportamento de Charles, evocada pela oração *he didn't say much*, que difere daquela no TF por avaliar o comportamento de Charles quanto a conversar e não quanto a balançar. Há ainda a omissão do julgamento de tenacidade positiva evocado por recurso de gradação a respeito



de Smudge balançar, e o acréscimo de julgamento de propriedade inscrito por *friendly*, acoplado à gradação de força *more*, a respeito do comportamento de Charles. As avaliações da NP nesta subfase também indicam sua mudança de opinião a respeito de *this boy* (Charles).

Identifica-se entre as subfases 2c-e de TV e 2c-e de FoV um paralelismo semântico realizado na imagem pelos recursos de poder, afeto positivo e ambiência descritos acima. Na verbiagem, o paralelismo é identificado desde o início da fase 2 de TV e FoV e é realizado pelos itens atitudinais empregados pelos NPs para avaliar a criança com quem interagem. Esses itens são negativos em um primeiro momento, mas passam a ser positivos com o decorrer das experiências que as crianças têm em comum. A mudança na prosódia semântica mostra que as crianças são abertas a interagir e a mudar de opinião. Esses recursos enfatizam a dimensão de geração e, por fim, o otimismo de Smudge, e funcionam para apontar a leitura que o texto naturaliza.

13.6 A SUBFASE 3A DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 53 apresenta as subfases 3a do Registro dos Eventos de FoV e 6d do Registro dos Eventos de WP. A terceira fase do Registro dos Eventos de FoV concerne a amizade entre as crianças.

Quadro 53 – Subfase 3a do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|----------------------------|
|  <p>14.1</p> | <p><i>We both burst out laughing when we saw Albert taking a swim.</i></p> | 3a | Registro dos Eventos de TV |
|  <p>10.2</p> | <p><i>Albert felt too hot, so to cool himself he plunged into the fountain.</i></p> | 6d | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [28], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [21], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 3a é composta pela imagem 14.1 e pela verbiagem em 3a e instancia dois eventos – as crianças terem um ataque de risos e Albert nadar –, sendo que o evento principal calibrado na modalidade verbal – *We both burst out laughing* – não é instanciado no TF, constituindo um acréscimo.

A imagem 14.1 reinstancia a subfase 6d do TF, ao calibrar os mesmos personagens principais – os cães – fazendo as mesmas coisas – processos nadar (Ação: intransitivo) e olhar (Mental: percepção) – no mesmo lugar – um lago com uma fonte. Albert é retratado com a língua mais para fora da boca e o olho arregalado, o que funciona para reinstanciar a atribuição de Albert – *too hot* – instanciada pela modalidade verbal do TF. A maior atividade de Albert em relação à Victoria é reinstanciada da mesma forma. Há variação na circunstanciação: o lago tem a beirada colorida, a fonte é diferente e há árvores e um céu azul ao fundo. Na parte inferior do pedestal da fonte, é calibrada a cara esculpida de uma gorila adulta que jorra água pela boca, semelhante à mãe de Charles. Na parte superior, sobre um aquário com três peixes coloridos, é calibrada a cara de um gorila criança, com a boca em forma de o, semelhante a Charles; ela é ladeada por duas estátuas de gorilas pequenos segurando peixes que jorram água pela boca, a da esquerda, em um calção azul, segura o peixe bem próximo ao corpo e tem as pernas posicionadas como se tivesse medo de cair; a estátua da direita, em um calção amarelo, segura o peixe mais afastado do tronco inclinado e tem as pernas posicionadas como se quisesse descer. No topo do pedestal, é calibrada uma estátua de gorila musculoso em um calção vermelho, que segura um tridente e se assemelha a Poseidon⁷⁸. As árvores calibradas ao fundo têm troncos coloridos e copas em formato de animais marinhos, a baleia é o mais evidente. Da perspectiva da hierarquia da individuação, esses elementos são atributos simbólicos que significam a maneira de ver o mundo da NP: o pai bonito e poderoso, mas com humor instável; Charles retraído pelo domínio da mãe, mas desejoso de se libertar desse domínio; e a mãe de Charles que ‘cospe’ em Albert. Embora o TF calibre atributos simbólicos por meio do lago com a fonte, os significados construídos nos dois textos são diferentes.

A verbiagem da subfase 3a acrescenta um evento em relação ao TF que retoma a sequência de atividades das crianças. Tal evento é realizado pelas relações nucleares, *We both* (NP e *the boy*) como Mediador do processo Comportamental *burst out laughing*, seguida por

78 Um dos doze deuses do Olimpo na mitologia grega, Poseidon é considerado forte, poderoso e instável. Ele era capaz de conceder mares calmos aos navegantes, mas também de criar tempestades e outras catástrofes com seu tridente quando irritado. Fonte: <https://www.significados.com.br/poseidon/> e <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/tridente/> acesso em 10 jan 2020.

uma circunstância de tempo. Essa é iniciada pela conjunção temporal *when*, seguida pelo Mediador *we* (NP e *the boy*) do processo Mental *saw*; o conteúdo do que é visto é realizado pela oração projetada *Albert taking a swim*. Portanto, a verbiagem privilegia a sequência de atividades das crianças e a imagem a sequência de atividades dos cães, sendo que o significado construído na oração projetada converge com o significado calibrado na imagem 14.1. Assim sendo, a subfase 3a de FoV é mais calibrada em termos de eventos do que a subfase 6d de WP.


Em relação aos significados interpessoais, há omissão das instâncias de afeto de felicidade na imagem 10.2 do TF. Há variação no ângulo horizontal, que é oblíquo para todos os personagens e não envolve o leitor. Victoria continua detendo o poder em relação a Albert, mas o poder em relação ao leitor passa a ser de Poseidon/pai de Smudge, que está no topo do ângulo vertical. A não calibragem da NP na imagem indica focalização mediada inferida, diferente da focalização não mediada no TF. A ambiência passa a ser vibrante e familiar, com diversos *splashes* coloridos, que aquecem a imagem e permitem reconhecer o estilo associado à NP. Há o acréscimo de gradação, realizada pelo grande número de árvores e suas folhas e pelos pingos d'água. Da perspectiva da hierarquia da individuação, os recursos de focalização, ambiência e gradação contribuem para construir a visão de mundo da NP.

Na modalidade verbal há o acréscimo de uma instância de afeto de felicidade inscrito – *laughing* – acoplado a gradação de foco – *burst out*.

13.7 AS SUBFASES 3B-C DO REGISTRO DE EVENTOS DE FOV

O Quadro 54 apresenta as subfases 3b-c do Registro dos Eventos de FoV, seguidas das subfases 6f-g de WP.

Quadro 54 – Subfases 3b-c do Registro dos Eventos de FoV e equivalentes em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|-----------------------------------|
|  | <i>Then we all played on the bandstand,</i> | 3b | Registro dos Eventos de FoV |
| | <i>and I felt really, really happy.</i> | 3c | |

14.2



They all played on the bandstand.

6f

Registro dos
Eventos de
WP

12

The whole world seemed happy

6g

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [29], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [24-25], 2013, de Anthony Browne.

A imagem 14.2 e a verbiagem das subfases 3b-c de FoV reinstanciam o evento da brincadeira no coreto com bastante sobreposição de significado.

A imagem 14.2 calibra os mesmos personagens – com o contraste entre as crianças e os cães – realizando as mesmas ações no mesmo lugar que a imagem 12 do TF. As estrelas e a lua no teto do coreto são reinstanciados por estrelas e lua no céu azul mais escuro acima do coreto, possível por meio do aumento do grau de detalhes da circunstanciação. Da mesma forma, foram calibrados arbustos e um céu azul com nuvens claras, visíveis por entre os postes do coreto. O contraste entre os céus pode indicar a passagem do tempo, não percebida pela NP. O arco-íris não é reinstanciado, ao invés, são calibrados triângulos e listras coloridas na estrutura do coreto. As meias de Charles, na cor verde no desenrolar de VP, foram retratadas listradas de vermelho e branco, como a camisa de Smudge. As meias listradas são um atributo que significa paridade e identificação entre as crianças.

Na modalidade verbal, subfase 3b, a escolha do Mediador *we all* inclui os mesmos personagens (NP, *the boy, Victoria e Albert*) instanciados no TF, mas ressalta a perspectiva da NP. O processo e a circunstância de lugar são os mesmos que no TF. Na subfase 3c, a calibragem do Mediador *I* (NP), além de indicar a perspectiva da NP, como na subfase anterior, resulta em variação da amplitude dos significados interpessoais enfatizados nesta subfase.

Quanto aos significados interpessoais, há variação na ambiência, que no coreto é mais vibrante e familiar do que no TF, construindo mais energia e alegria. Além do afeto de felicidade que pode ser inferido para todos os personagens de forma similar ao TF, a imagem 14.2 acrescenta uma instância de afeto de felicidade por meio da expressão facial de Smudge, tornando FoV mais calibrado a esse respeito.


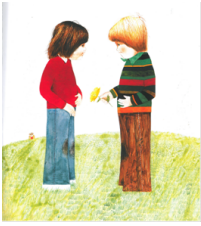
A verbiagem da subfase 3c reinstancia o afeto de felicidade inscrito por *happy*, mas apresenta variação quanto ao recurso de gradação, realizado por *really, really*, que incide

sobre o afeto, tornando-o mais calibrado do que no TF. No entanto, o acoplamento dessa instância ao Mediador *I*, em vez de *The whole world*, restringe a abrangência do afeto à NP. Da perspectiva da hierarquia da individuação, as escolhas em FoV enfatizam a visão da NP em contraste com a visão panorâmica do NE em WP.

13.8 A SUBFASE 3D DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 55 apresenta a subfase 3d do Registro dos Eventos de FoV e a subfase 7b do Registro dos Eventos de WP. Semelhante a TV, FoV também não reinstancia a subfase 7a do Registro dos Eventos de WP, que diz respeito à sequência de atividades dos adultos.

Quadro 55 – Subfase 3d do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|-----------------------------|
|  <p>15.1</p> | <i>Charlie picked a flower and gave it to me.</i> | 3d | Registro dos Eventos de FoV |
|  <p>13.2</p> | <i>Charles picked a flower and gave it to Smudge.</i> | 7b | Registro dos Eventos de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [30], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [27], 2013, de Anthony Browne.

A subfase 3d do Registro dos Eventos de FoV reinstancia o evento em que Charles oferece uma flor a Smudge por meio da imagem 15.1 e da verbiagem da subfase 3d do Registro dos Eventos de FoV.

A imagem 15.1 reinstancia Charles e Smudge realizando os mesmos processos – dar/receber uma flor (Ação: transitivo) e olhar (Mental: percepção). Porém, os personagens foram recuados para o segundo plano com a recontextualização da circunstanciação em relação ao TF, tornando o evento menos calibrado. Há omissão de Mr Smith presenciando o

evento. Com a calibragem do atributo simbólico flor nesta imagem, FoV reinstancia o tema central da estória, que é a amizade entre as duas crianças, não obstante suas classes sociais e personalidades, embora com menos ênfase do que o TF. Esta imagem reinstancia a imagem na capa de VP – sem calibrar os cães e, portanto, destacando a concentração da NP no evento em questão – e estabelece um paralelismo semântico com a imagem 4.1 de FV que também apresenta grande sobreposição de significado com a imagem da capa. Em um primeiro momento, tal paralelismo coloca em evidência a dimensão de gênero, uma vez que as duas estórias têm NPs do sexo feminino, porém, a ausência do atributo simbólico em FV destaca a insensibilidade da NP de FV e aponta a diferença entre as NPs.

A verbiagem da fase 3d calibra significados ideacionais convergentes com aqueles calibrados na imagem 15.1 e reinstancia todos os significados calibrados na verbiagem da subfase 7b do Registro dos Eventos de WP com elevada sobreposição de Mediadores, Processos, Alcances e Beneficiários. Esta subfase reinstancia o clímax da estória, instanciado em ambas as modalidades do TF e de FoV e no qual se destacam a agentividade de Charles – processos *picked* e *gave* – e o significado simbólico da flor.


Da perspectiva interpessoal, a imagem 15.1 retrata os personagens com a mesma orientação face a face construindo solidariedade entre eles. Há variação na distância social que diminui ainda mais a intimidade entre os personagens e o leitor devido ao plano mais aberto; e na ambiência que é mais escura, mais fria e menos familiar do que no TF; porém, o *splash* de ambiência quente, realizado por uma luz amarela-dourada no fundo/centro da imagem que envolve as crianças, remete ao calor humano em meio à frieza do mundo, enternecendo o leitor.

Na modalidade verbal, a subfase 3d reinstancia da mesma forma o afeto de felicidade evocado pela verbiagem da subfase 7b do TF e acrescenta outra instância de felicidade evocada pela gradação de foco realizada pelo sufixo *-ie* em *Charlie*. A primeira instância de afeto avalia os sentimentos de Charles em relação a Smudge e a segunda, de Smudge em relação a Charles, indicando uma reciprocidade não instanciada no TF.

13.9 A SUBFASE 4A DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 56 apresenta a verbiagem da subfase 4a do estágio do Registro dos Eventos de FoV e a subfase 8b do Registro dos Eventos de WP.

Quadro 56 – Subfase 4a do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|-----------------------------|
| ... | <i>Then his mom called him and he had to go.</i> | 4a | Registro dos Eventos de FoV |
|  | <i>“Come here Victoria, come along Charles,” called Mrs Smythe. “Time for lunch.”</i> | 8b | Registro dos Eventos de WP |

14.2



Fonte: Elaborado pela autora com imagem e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [30], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [29], 2013, de Anthony Browne.

FoV não reinstancia o pai da NP chamando-a para voltar para casa – subfase 8a do Registro dos Eventos de WP. Ao invés disso, a subfase 4a do Registro dos Eventos de FoV instancia dois eventos relativos à outra família. O primeiro – *Then his mom called him* – é instanciado apenas na modalidade verbal e reinstancia a subfase 8b do Registro dos Eventos de WP ao calibrar o mesmo Mediador – *his mom* –, o mesmo processo – *called* – e ainda *him* (Charles) como Alcance. Apesar de a subfase ter início com a conjunção temporal sucessiva *Then*, não se identificou mudança de estágio, apenas de fase. O segundo evento – *and he had to go* – reinstancia com maior sobreposição de significado a subfase 1b da Reorientação de TV, que por sua vez reinstancia de forma mais generalizada a subfase 8b do Registro dos Eventos de WP. Como em TV, a modulação de obrigação em *had to* acrescenta um julgamento de propriedade do comportamento de Charles não calibrado no TF. A volta de Charles também é instanciada na modalidade visual de FoV e é descrita na próxima seção. Em relação ao evento chamar para ir embora, FoV é menos calibrado do que o TF.

13.10 A SUBFASE 4B DO REGISTRO DOS EVENTOS DE FOV

O Quadro 57 apresenta a subfase 4b do Registro dos Eventos de FoV seguida da subfase 1a da Reorientação de WP.

Quadro 57 – Subfase 4b do Registro dos Eventos de FoV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|---|------------|-----------------------------------|
|  <p>15.2</p> | <i>He looked sad.</i> | 4b | Registro dos Eventos de FoV |
|  <p>15.1</p> | <i>Mrs Smythe took Charles and Victoria home.</i> | 1a | Reorientação de WP |

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [31], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [30], 2013, de Anthony Browne.

FoV não reinstancia a volta da família da NP para casa – instanciada na subfase 1b da Reorientação de WP. Entretanto, reinstancia a volta da família de Charles para casa – instanciada na imagem 15.1 e na verbiagem da subfase 1a da Reorientação de WP – na modalidade visual.

A imagem 15.2 de FoV retrata o mesmo grupo familiar realizando a mesma ação – caminhar (Ação: intransitivo) – que a imagem 15.1 do TF e enfatiza o processo olhar (Mental: percepção) para Charles. A circunstanciação é diferente e retrata a saída do parque e não a vizinhança da família, não reinstanciando sua classe social como no TF. Os chapéus no topo das pilastras e no lenço da mãe e a rua na forma de um rio com ondas agitadas são atributos simbólicos significando o domínio da mãe sobre Charles e a turbulência no relacionamento de Charles e sua mãe que colocam em evidência a dimensão de geração. A imagem 15.2 também reinstancia, com muita sobreposição de significado e em primeiro plano, o grupo familiar calibrado na imagem 11.2 de TV – descrito na seção 12.12 –, que por sua vez reinstancia a imagem 15.1 do TF. Assim como ocorre em TV, a informação de que os personagens estão indo para casa é calibrada por meio do acoplamento com significados da modalidade verbal, no caso, o segundo evento da subfase 4a do Registro dos Eventos de FoV – descrita na seção anterior. Assim sendo, identifica-se também em FoV um maior uso da intermodalidade para reinstanciar os significados do TF. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, constata-se

que a fase 4 do Registro dos Eventos de FoV reinstancia de forma mais próxima o estágio de Reorientação de TV, que por sua vez reinstancia a subfase 1a da Reorientação de WP.


As variações interpessoais quanto aos recursos de proximidade, envolvimento, ambiência e afeto na imagem 15.2 de FoV em relação à imagem 15.1 do TF são as mesmas descritas para a imagem 11.2 de TV – apresentadas na seção 12.12. Há ainda variação na focalização que passa a ser contatar mediada inferida, uma vez que Charles parece estabelecer contato visual com o leitor e a NP não é retratada na imagem, permitindo ao leitor inferir que o que ele está vendo é o que a NP vê. Esse significado é corroborado pela convergência dos afetos de infelicidade visual e verbal acoplados a Charles no discurso da NP. Dessa forma, o leitor é levado a ter empatia com Charles por intermédio de Smudge e a se alinhar com ela enquanto uma pessoa sensível aos sentimentos dos demais. Esses significados não são calibrados no TF.

Na verbiagem da subfase 4b do Registro dos Eventos de FoV, a sensibilidade de Smudge é confirmada e o alinhamento do leitor reforçado por meio do acréscimo de uma instância de afeto de infelicidade inscrito realizado por *sad*. Esse acréscimo instancia a avaliação de Smudge quanto ao sentimento de Charles ao deixar o parque e torna a verbiagem desta fase mais calibrada interpessoalmente do que a da subfase 1a da Reorientação de WP.

13.11 A CODA DE FOV

O Quadro 58 apresenta o estágio de Coda de FoV e de WP.

Quadro 58 – Coda de FoV e equivalente em WP

| Imagem | Verbiagem | (Sub) fase | Estágio |
|---|--|------------|-------------|
|  | <i>When I got home I put the flower in some water, and made Dad a nice cup of cocoa.</i> | 1 | Coda de FoV |



And Smudge kept the flower.

1 Coda de WP

16

Fonte: Elaborado pela autora com imagens e verbiagem dos livros *Voices in the Park*, p. [32], 1998 e *A Walk in the Park*, p. [32], 2013, de Anthony Browne.

O estágio de Coda de FoV instancia dois eventos – Smudge colocar a flor em um recipiente com água e Smudge preparar uma bebida de cacau para seu pai –, portanto, é mais calibrado do que o mesmo estágio do TF em número de eventos. O primeiro evento é instanciado pela imagem 16 e pela primeira parte da verbiagem da fase 1, o segundo evento, apenas pela verbiagem.

A imagem 16 de FoV reinstancia a imagem 16 do TF com bastante sobreposição de significados uma vez que também é conceitual e retrata uma flor em um recipiente. Entre as variações, constata-se que a flor é vermelha – como na capa dos dois livros e na imagem 15.1 de FoV – e foi colocada em uma caneca com a imagem estampada de árvores, gramado, céu azul com nuvens brancas e de dois cães correndo. Os cães podem ser identificados como Albert e Victoria, por meio da relação entre personagem retrospectiva à imagem 13.2, entre outras. A sombra da flor no fundo azul se assemelha a um balão de fala que é um atributo simbólico para o significado da flor – o que Charles ‘quis dizer’ ao dar a flor para Smudge e o que Smudge ‘quis dizer’ ao ficar com a flor. A imagem de FoV utiliza mais recursos para calibrar o memento do passeio ao parque.

Na modalidade verbal, este estágio se inicia com uma circunstância de tempo marcada pela conjunção temporal *When*, que realiza a mudança de estágio e torna o evento de ficar com a flor mais calibrado do que no TF. O processo material *put* e a circunstância de lugar *in some water* constroem uma ação mais específica do que no TF, contribuindo para a maior calibragem do evento verbal. Este significado é calibrado na modalidade visual do TF. O segundo evento não é calibrado no TF, configurando um acréscimo. Em ambos os eventos *I* (NP) é Agente dos processos Materiais, indicando sua independência e iniciativa. Na primeira oração, a agentividade de Smudge reinstancia seu poder de decidir o que fazer com a flor e a reciprocidade de seus sentimentos em relação a Charles, instanciados no TF. Na segunda oração, a agentividade de Smudge acoplada ao Mediador *a nice cup of cocoa* e ao Beneficiário *Dad* instanciam seu papel de cuidadora do pai. A mesma relação taxonômica de repetição do léxico *flower* calibrada no TF é identificada entre o estágio de Coda de FoV e a subfase 7b do Registro dos Eventos de FoV para consolidar o tema principal da estória.

Da perspectiva interpessoal, a imagem 16 de FoV apresenta variação na ambiência que é vibrante e familiar, construindo um ambiente alegre e descontraído e maior proximidade com o leitor. Como no TF, a flor – vermelha em FoV – reinstanciava o *splash* de calor na ambiência fria. Seguindo o que se propôs para as imagens em que a NP não é retratada no desenrolar do macrogênero, a focalização é mediada inferida, apresentando variação em relação ao TF. O acoplamento da ambiência, atributo simbólico e imagem na caneca calibram a perspectiva da NP da amizade com Charles.

Na modalidade verbal, a verbiagem do primeiro evento – *When I got home I put the flower in some water* – reinstanciava o afeto de felicidade evocado pela verbiagem da Coda do TF. No segundo evento há o acréscimo de uma apreciação inscrita por *nice* a respeito da bebida e toda a verbiagem evoca julgamento positivo de capacidade de Smudge que, da perspectiva da hierarquia da individuação, contribui para a construção da NP como uma pessoa que tem consideração e se empenha para promover o bem-estar do pai – significado também instanciado na Reorientação de SV. Por meio do julgamento de capacidade, paralelismo semântico é estabelecido com a subfase 2a da Complicação de FV, na qual o papel da mulher cuidadora também é instanciado.

O estágio de Coda de FoV reinstanciava a moral da estória calibrada no TF, acrescentando significados que constroem positivamente a NP de FoV. Como o último estágio do macrogênero VP, a Coda de FoV parece encerrar a moral da estória para todo o livro, indicando que a leitura dos fatos apresentados por Smudge é a preferida e incentivando o alinhamento do leitor com os valores apresentados por esta NP.

14 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo retoma os resultados apresentados nos capítulos 9 a 13, resumindo as semelhanças e as diferenças entre os textos e as considerações acerca das hierarquias da instanciação e individuação, com a finalidade de responder as perguntas de pesquisa e confirmar ou não as hipóteses. A discussão também estabelece a ponte entre a literatura infantil e o público-alvo dos livros ilustrados analisados nesta pesquisa, assim como entre a reinstanciação e a reescrita.

14.1 O TEXTO-FONTE

O livro ilustrado WP relata o passeio ao parque de duas famílias de classes sociais distintas da perspectiva de um narrador externo. Da perspectiva da hierarquia da instanciação e da metafunção ideacional, os recursos semióticos selecionados instanciam os seguintes eventos: a ida ao parque, a chegada ao parque, a soltura dos cães, a perseguição dos cães, o sentar no banco, a correria dos cães pelo parque, o contato inicial entre as crianças e a não interação entre os adultos, a brincadeira no balanço, o afugentamento dos cães pelo jardineiro, a brincadeira na barra, o mergulho de Albert na fonte, a subida na árvore, a brincadeira no coreto, a pouca atividade dos adultos no banco, o dar a flor, a chamada para casa, a volta para casa e o guardar a flor.

Da perspectiva da hierarquia da instanciação, as duas modalidades semióticas frequentemente instanciam significados convergentes, o que resulta em maior calibragem dos significados globais construídos. Na modalidade visual, os personagens adultos de cada família são acoplados às residências e vizinhanças distintas por meio de atributos simbólicos, construindo as suas classes sociais. Da perspectiva da realização, em ambas as modalidades semióticas, a seleção de processos, tipos de circunstâncias e participantes semelhantes para construir as sequências de atividades das famílias resulta em paralelismo semântico que instancia a distinção de classe social. O contraste entre as linguagens acopladas aos personagens adultos também enfatiza essa distinção, contribuindo, da perspectiva da individuação, para construir Mr Smith como uma pessoa simples, que provavelmente não teve muito acesso à educação formal, e Mrs Smythe como mais sofisticada e esnobe. Os processos

visuais e verbais acoplados aos adultos nas sequências de atividade das famílias evidenciam o agenciamento desses personagens construindo a responsabilidade de seus papéis sociais. Os processos e o lugar acoplados aos adultos em suas sequências de atividade constroem sua estaticidade durante o passeio. Atitude evocada acoplada à família da classe trabalhadora constrói intimidade entre pai e filha.

Os processos visuais e verbais acoplados aos cães, e frequentemente acoplados a recursos de gradação, instanciam sua agilidade e mobilidade pelo parque. Os recursos de atitude inscritos acoplados a Albert e a Victoria constroem o cão da família de classe trabalhadora como mais agitado e a cadela da família de classe média burguesa como mais dócil. Na sequência de atividades das crianças, Smudge é acoplada aos brinquedos e aos processos que instanciam as brincadeiras nas modalidades visuais e verbais, enquanto Charles é retratado nos brinquedos apenas na modalidade visual e os processos a ele acoplados o mostram estático. Esses acoplamentos ideacionais constroem a criança da classe trabalhadora como mais esperta do que a criança da classe média burguesa, enquanto os recursos de atitude evocados acoplados às crianças constroem Smudge extrovertida e Charles tímido, amplificando suas diferenças. Em contraste, Charles é Agente do processo que beneficia Smudge no evento que reinstancia o tema principal da estória, enfatizando sua valorização da amizade.

Da perspectiva da metafunção interpessoal, verificaram-se os seguintes padrões na modalidade visual: distância social impessoal, que não estabelece intimidade entre o leitor e os personagens; focalização que posiciona o leitor a observar a estória sem a mediação dos personagens; pathos empático, que possibilita a expressão de uma maior variedade de sentimentos e permite ao leitor se colocar no lugar dos personagens; e não envolvimento pelo ângulo horizontal oblíquo que posiciona o leitor a não se alinhar com os personagens. Os recursos de gradação são solicitados principalmente para a construção de significados experienciais. As escolhas de significados em WP posicionam o leitor a observar a estória, sem construir empatia entre o leitor e os personagens, e embora possam despertar a simpatia do leitor por alguns personagens, não promovem o alinhamento do leitor com eles.

14.2 A PRIMEIRA REINSTANCIAÇÃO

Diferente do TF, FV é narrada pela personagem principal da estória. Essa personagem pode ser identificada como a Mrs Smythe de WP, embora ela não seja nomeada em VP. Em termos ideacionais, FV instancia a sequência de atividades da NP e reinstancia os seguintes eventos de WP: a família de classe média alta ir ao parque, a mãe soltar Victoria, os cães se perseguirem pelo parque, a mãe e o filho sentarem no banco, o filho interagir com outra criança, a mãe chamar para ir embora e a volta para casa. A versão do passeio da mãe de classe média alta reinstancia o tema da mobilidade dos cães, mas não reinstancia o tema principal de WP, que é a amizade entre as crianças. Da perspectiva da hierarquia da instanciação, constata-se que os eventos instanciados em FV sobrepõem significados ideacionais suficientes com WP para reconstruir o passeio ao parque e configurar FV como uma reescrita de WP.

Na modalidade visual da Orientação, o acoplamento da NP aos demais personagens e à residência e vizinhança a constrói como uma mãe de classe média alta, da mesma forma como é feito no TF. Alguns significados são acrescentados em relação ao TF: na verbiagem, o acoplamento de atitudes positivas evocadas à NP e à cadela contribuem para construir a NP como uma pessoa correta e confiável quanto aos seus afazeres e que desfruta o prestígio de quem pode ter um cão de raça pura, amplificando os significados visuais que instanciam sua riqueza. A variação na agentividade acoplada à sobreposição da mãe ao filho na imagem propicia a inferência de dominância no relacionamento entre eles.

Na Complicação, a imagem em que a NP solta Victoria, apresenta grande sobreposição de significados com a imagem equivalente em WP. Na verbiagem, a alternância das agências do outro cão e da NP e os recursos de atitude negativos, frequentemente acoplados aos recursos de gradação, são acrescentados no discurso da NP para construir o cão como um vira-latas sujo, uma coisa horrível, e provavelmente para tentar convencer o leitor da necessidade das intensas e insistentes ações da NP para afugentá-lo. Porém, significados divergentes são calibrados na modalidade visual. Da perspectiva da hierarquia da individuação, o leitor é levado a perceber que os recursos de valoração que a NP acopla ao outro cão expressam o seu posicionamento ideológico a respeito dos cães de raça não definida e possivelmente evocam um julgamento negativo do leitor a respeito da NP. O evento do desaparecimento de Charles é acrescentado em relação ao TF. Nele, afeto visual e verbal negativos são acoplados à NP, conferindo significância ao evento.

O estágio de Avaliação também acrescenta um evento em relação ao TF, a mãe procurar Charles pelo parque. A interação dos recursos que constroem os dois últimos eventos resultam em uma propagação de significados nas páginas duplas. O acoplamento do plano

fechado na imagem em questão ao ângulo horizontal frontal do corpo da NP na imagem adjacente e ao afeto negativo nas duas imagens resulta em numa possível tentativa de cooptar o leitor e de despertar sua solidariedade para com a NP. Porém, o acoplamento do ângulo horizontal oblíquo do rosto da NP nas duas imagens à apreciação negativa acoplada ao outro personagem retratado contraria a identificação e o envolvimento do leitor com a NP.

Na Resolução, o evento em que Charles oferece a flor a Smudge é calibrado na modalidade visual sem a flor e é apreciado negativamente pela NP na modalidade verbal, enfocando a aparência da criança com quem seu filho estava conversando. O evento da mãe chamando o filho e a cadela para ir embora acrescenta atitudes evocadas que marcam a distinção do tratamento dispensado pela mãe ao filho e à cadela. Por fim, a volta para casa é acrescida de afeto e julgamento negativos evocados na modalidade verbal que apontam para a hierarquia familiar, o distanciamento e pouca solidariedade entre os papéis sociais de mãe e filho.

No desenrolar da narrativa e da perspectiva da hierarquia da individuação, os acoplamentos de atitude positiva à NP permitem “ouvir” a voz da personagem como uma pessoa organizada e mãe zelosa. No entanto, os acoplamentos de atitude positiva à cadela e de atitude negativa a Charles e aos demais personagens que não pertencem à sua família constroem a NP como uma pessoa que parece valorizar mais seu animal de estimação de raça pura do que o próprio filho e que menospreza os outros com base em suas aparências. O padrão de afeto visual negativo e ângulo horizontal oblíquo acoplado à NP completa a propagação de significados que constroem a subjetividade da NP e posiciona o leitor a não se identificar e a não se envolver com ela.

Unindo as perspectivas da instanciação e da individuação, verifica-se, portanto, que a função do gênero narrativa de promover valores e comportamentos que contribuem para manter o *status quo* na cultura de origem do texto não se realiza em FV. A reescrita e a reilustração foram manipuladas de forma a apresentar a ideologia da NP como aquela vigente na sociedade da época, porém, não alinha o leitor com a posição social nem com os valores dessa NP, como a dizer: essa é a sociedade em que vivemos, mas não concordem com seus valores e nem se adequem a eles.

14.3 A SEGUNDA REINSTANCIÇÃO

Diferente de WP e semelhante a FV, o relato SV é contado pelo personagem principal que também não é nomeado em VP, mas pode ser identificado como sendo o Mr Smith de WP. SV registra um número mais restrito de eventos do que as demais estórias de VP e do que o TF. SV reinstancia com graus variados de sobreposição de significados os seguintes eventos de WP: a família de classe baixa ir ao parque, Mr Smith soltar Albert, os cães correrem pelo parque, Mr Smith se sentar no banco, Mr Smith ler o jornal e a família de classe baixa voltar para casa. Também reinstancia o tema da mobilidade dos cães pelo parque, mas não reinstancia o tema principal do TF. Não obstante, da perspectiva da hierarquia da instanciação, considera-se que há sobreposição de significados ideacionais suficientes com WP para identificar que o relato do passeio ao parque feito pelo pai da família de classe baixa reconstrói o relato feito pelo NE e pode ser considerado uma reescrita do TF.

Na Orientação, SV difere do TF por instanciar um evento anterior ao passeio – o NP sentado na poltrona, possivelmente assistindo à televisão. O acoplamento da pouca circunstanciação ao atributo simbólico vestimenta funciona, da perspectiva ideacional, para reinstanciar a classe social baixa do NP. Da perspectiva interpessoal, esse evento acopla recursos de afeto visual e verbal para instanciar o tédio e a necessidade de sair de casa do NP, estabelecendo um contexto interpessoal que não é calibrado no TF. Diferente de WP e semelhante a FV, SV instancia apenas o evento da ida ao parque da família do NP. Nesse evento, são calibrados os membros da família de classe trabalhadora realizando as mesmas ações em circunstanciação diferente daquela no TF. Na circunstanciação, atributos simbólicos são acoplados ao NP para colocar em evidência o seu estado de espírito negativo e afeto de felicidade é acoplado à Smudge, contribuindo para construir sua positividade.

No Registro dos Eventos, os quatro eventos reinstanciados também apresentam diferenças em relação ao TF. SV utiliza majoritariamente a modalidade visual para calibrar os eventos, enquanto a modalidade verbal calibra reflexões do NP a respeito do cão e de si mesmo, acoplando atitudes positivas ao cão e atitudes predominantemente negativas ao NP. A imagem que reinstancia Mr Smith soltando Albert apresenta grande sobreposição de significado em relação à imagem equivalente de WP quanto ao personagem adulto, o cão e as ações retratadas. As duas imagens diferem quanto ao grau de detalhes da circunstanciação, que em SV calibra atributos que simbolizam a visão melancólica do NP. Da perspectiva da instanciação, paralelismo semântico é constatado entre as imagens que reinstanciam a soltura dos cães em SV e FV: o enfoque nos adultos coloca em evidência a dimensão de geração, a calibragem metonímica das crianças desenfaz o papel social dos pais, e a calibragem dos diferentes atributos simbólicos acoplados aos NPs enfatizam suas diferentes personalidades e

visões do passeio. A imagem que reinstancia a correria de Albert pelo parque apresenta variação na focalização que, pode-se inferir pela não calibragem do NP, passa a ser mediada por ele. A focalização mediada é acoplada à manifestação metonímica de Victoria para enfatizar o foco de atenção do NP em seu cão e à ambiência mais fria e infamiliar, para construir o estado emocional negativo do NP. Recursos de gradação visual são calibrados para instanciar a energia dos cães como no TF. A verbiagem acopla afetos positivos inscritos e gradação para construir a felicidade e a energia de Albert e a apatia e a infelicidade do NP, amplificando os significados visuais. A correria dos cães pelo parque também é reinstanciada na circunstanciação da imagem que retrata Mr Smith lendo o jornal. O último evento difere do TF por ser acrescido na modalidade verbal de uma circunstância de causa que informa ao leitor que o NP está procurando emprego, além de contrastar afeto de infelicidade evocado pelas chances de encontrar emprego ao afeto positivo inscrito de desejo de realmente encontrar um emprego. Da perspectiva da individuação, esses significados são acoplados ao ângulo frontal em que o NP é retratado na modalidade visual, funcionando para construir o NP como alguém que está tentando manter a esperança apesar das dificuldades, para evocar no leitor um julgamento positivo a respeito dele e para propiciar que o leitor se envolva com ele.

Na Reorientação, o evento da volta para casa se assemelha ao TF ao calibrar os mesmos personagens realizando as mesmas ações na modalidade visual. A circunstanciação, porém, é diferente e calibra atributos simbólicos que evocam afeto de felicidade, amplificando a felicidade calibrada pela expressão facial do NP. A orientação face a face calibra mais solidariedade entre o pai e a filha do que no TF. Na modalidade verbal, as diferenças mais relevantes dizem respeito à agentividade da filha afetando positivamente o pai, ou seja, ela é responsável pela mudança de humor do pai, e ao acréscimo de duas instâncias de afeto positivo que dão enfoque interpessoal ao evento. A volta para casa instanciada em SV contrasta com o mesmo evento em FV: o acoplamento de recursos de afeto negativo em ambas as modalidades constroem um relacionamento pouco solidário entre a mãe e o filho, enquanto os acoplamentos dos recursos visuais e verbais em SV amplificam os sentimentos positivos que constroem uma maior solidariedade e proximidade entre o pai e a filha. Da perspectiva da instanciação, esses acoplamentos enfatizam a dimensão de desigualdade de geração, enquanto o contraste entre os significados construídos para cada família a este respeito coloca em evidência a dimensão de desigualdade de classe social. Da perspectiva da individuação, portanto, o leitor é levado a se posicionar mais favoravelmente em relação à família da classe trabalhadora.

14.4 A TERCEIRA REINSTANCIACÃO

A estória TV também é relatada pelo personagem principal, diferindo dessa forma do TF e se assemelhando às demais estórias de VP. TV instancia a sequência de atividades de Charles, o filho da família de classe média alta, e reinstancia os seguintes eventos do TF: a ida ao parque, a correria dos cães, o sentar no banco, o início da interação entre as crianças, as brincadeiras das crianças pelo parque e a volta para casa. Reinstancia também os temas da mobilidade das crianças e dos cães pelo parque, a estaticidade dos adultos e a amizade entre as crianças. O grau de sobreposição de significados ideacionais entre TV e o TF reconstrói o passeio ao parque de modo que pode-se considerar TV uma reescrita de WP.

Na Orientação, TV difere do TF ao acrescentar um evento anterior ao passeio que estabelece um paralelismo semântico com SV ao acoplar ao NP a circunstanciação e o vestuário para instanciar a sua classe social, e o afeto negativo e a ambiência para instanciar o seu estado de espírito negativo. Na verbiagem, os acréscimos de recursos de atitude servem para estabelecer os sentimentos do NP de insatisfação por estar sozinho em casa, de satisfação por estar na hora passear e de propriedade quanto aos horários da família. Da perspectiva da hierarquia da individuação, o acoplamento dessas instâncias ao NP contribuem para a construção do personagem e favorecem a empatia do leitor pela situação da criança.

No Registro dos Eventos, a correria dos cães é reinstanciada majoritariamente na circunstanciação e as diversas instâncias reinstanciam o significado instanciado no TF de que é difícil distinguir os cães e saber qual está perseguindo qual. A imagem que retrata os cães em primeiro plano reinstancia o tema da falta de mobilidade dos adultos no parque por meio de atributos simbólicos. O acoplamento do atributo simbólico chapéu à gradação e à ambiência na sequência de atividades de Charles calibra o domínio da mãe sobre ele, significado não calibrado no TF. Na modalidade verbal, a convergência de afeto de desejo – que evoca atitudes negativas – com a ambiência escura, fria e infamiliar – que constrói o estado de espírito negativo do NP – no início da sequência é semelhante àquela no discurso do NP de SV, estabelecendo paralelismo semântico que constrói o mau humor dos homens por permanecer em casa.

A reinstanciação do início da interação entre as crianças difere do TF principalmente por enfatizar os diferentes estados de humor e personalidades das crianças, acoplando a elas atributos simbólicos e ambiência diferentes. Na modalidade verbal, a interação é instanciada por meio do convite para brincar feito por uma menina, fato avaliado negativamente pelo NP.

Na sequência de brincadeiras das crianças, o relato de Charles omite o balanço e o coreto, acrescenta o escorregador e reinstancia a barra e a árvore. Além do acoplamento de processos diferentes a cada criança para construir a insegurança e a menor habilidade de Charles e a segurança e a desenvoltura de Smudge, como no TF, TV acopla afeto visual negativo a Charles e positivo a Smudge na modalidade visual, e, na verbiagem, apresenta uma variação quanto à agentividade que passa a ser de Smudge. Na modalidade verbal, não há reinstanciação do acoplamento de atitude negativa a Charles, e o acoplamento de atitudes positivas à gradação e à Smudge marcam uma mudança na prosódia de avaliação do NP para construir sua mudança de opinião em relação à menina. A escolha de recursos diferentes nos dois textos indica que o NE avalia apenas de acordo com o que vê, enquanto o NP tem acesso ao seu mundo interno e é capaz de externalizar seus sentimentos. A recorrência de significados divergentes nos eventos da barra e da árvore parece construir a autoestima positiva de Charles, amplificando os significados interpessoais e favorecendo a empatia do leitor.

Ao longo da sequência de brincadeiras em TV, as crianças são calibradas em ângulo vertical superior em relação ao leitor, o que confere poder a elas. Charles é retratado em ângulo horizontal frontal e parece estabelecer contato visual com o leitor, o que envolve e engaja o leitor, e aumenta o potencial de empatia com o NP. No TF, Charles é calibrado em ângulo horizontal oblíquo e não estabelece contato visual com o leitor, resultando em desconexão entre o leitor e o personagem. O esmaecimento do atributo simbólico chapéu acoplado à ambiência que vai clareando no céu constrói a gradativa liberação de Charles do domínio da mãe. Ao final da sequência, a ambiência deixa de ser acoplada ao chapéu – que não é retratado na imagem – e passa a ser quente, com a copa colorida da árvore simbolizando a liberdade e a felicidade de Charles.

TV não reinstancia Charles oferecer a flor para Smudge. Na Reorientação, o evento que encerra o tema principal da estória é abordado pelo viés da mãe do NP, com acoplamentos ideacionais evocando um julgamento de impropriedade quanto a Charles conversar com Smudge. Da perspectiva da individuação, embora a avaliação tenha sido feita por Charles, os significados construídos refletem o posicionamento ideológico da mãe da família de classe média alta e favorece o não alinhamento do leitor com a personagem que possui essas ideias e crenças, e a empatia com o NP.

A volta para casa é reinstanciada de forma mais generalizada na verbiagem como uma obrigação do NP resultante de ter sido flagrado conversando com Smudge e acrescenta um julgamento do que Charles considera apropriado em tal circunstância, segundo os padrões de

sua mãe, enfatizando sua submissão. Na modalidade visual, há variação na circunstanciação – o parque em TV e a vizinhança de classe média alta em WP – e o acréscimo de afeto visual negativo acoplado a Charles, construindo sua tristeza ao ter que ir embora e aumentando o potencial de empatia do leitor.

A Coda de TV apresenta pouca sobreposição de significados em relação à Coda do TF. A amizade entre as crianças é reinstanciada na modalidade visual por meio da estátua de Eros em vez da flor. Na modalidade verbal, a sugestão de Smudge estar no parque no próximo passeio de Charles evoca o desejo de Charles. O acoplamento dos significados visuais e verbais constrói a perspectiva de Charles da amizade, que não enfoca o gesto de dar a flor, mas a possibilidade de viver outros momentos com a amiga, e favorece a construção de compaixão no leitor.

14.5 A QUARTA REINSTANCIAÇÃO

FoV é contada pela personagem principal desta estória, Smudge, a filha da família de classe trabalhadora, e instancia sua sequência de atividades, se assemelhando às outras estórias de VP e diferindo de WP. O relato reinstancia os seguintes eventos do TF: a ida da família de classe baixa ao parque, a chegada ao parque, a soltura dos cães e sua correria pelo parque, o início da interação entre as crianças, as brincadeiras das crianças, o mergulho de Albert na fonte, a oferta da flor a Smudge, a chamada para ir embora, a volta da família de classe média alta para casa, o guardar a flor. Reinstancia também os temas da mobilidade dos cães e das crianças pelo parque, a estaticidade dos adultos e a amizade entre as crianças. FoV pode ser considerada uma reescrita de WP, uma vez que o grau de sobreposição de significados ideacionais possibilita reconstruir o passeio ao parque.

A Orientação de FoV reinstancia a ida ao parque na verbiagem e a chegada ao parque na imagem. Ocorre tradução intermodal do afeto negativo acoplado a Mr Smith. O acoplamento dos atributos simbólicos à ambiência quente e vibrante constrói a visão positiva de mundo de Smudge e estabelece um padrão em toda a estória que propicia a empatia do leitor. O acoplamento de afeto positivo à Smudge estabelece um paralelismo semântico sutil com a Orientação de TV, que constrói a felicidade das crianças em relação ao passeio e aumenta o potencial de identificação do leitor com elas.

O Registro de Eventos reinstancia a soltura e a correria dos cães, sem sobreposição de significados visuais com o TF em relação ao primeiro evento e com o segundo evento na circunstanciação. O acoplamento do plano fechado, afeto negativo, gradação e ruptura à personagem retratada enfoca o sentimento de raiva da dona da cadela. A focalização passa a ser mediada inferida e aumenta o potencial de empatia do leitor com a NP. A modalidade verbal não reinstancia a correria dos cães. A versão de Smudge acrescenta dois eventos em relação ao TF e acopla afeto e julgamento positivos a Albert para construir sua satisfação ao ser solto e a normalidade de seu comportamento de ir cheirar a cadela, em vez de reinstanciar o julgamento negativo do comportamento de Albert. Os acoplamentos de julgamento positivo e de afeto negativo negado à Victoria constroem sua reação ao comportamento de Albert como positiva. O acoplamento de afeto e julgamento negativos à gradação de foco e à dona de Victoria enfatiza a negatividade da avaliação em relação à dona e propositadamente alinham o leitor a favor da NP. Constata-se, em relação ao mesmo evento, que a NP de FV também faz uso de gradação de foco com o propósito de alinhar fortemente o leitor, porém a favor de suas avaliações negativas do comportamento de Albert. Identifica-se, portanto, um paralelismo semântico entre FoV e FV que constrói as mulheres como bastante enfáticas em suas avaliações negativas e bastante empenhadas em convencer o leitor de seu ponto de vista. Ademais, o discurso de Smudge apresenta uma versão diferente do evento da soltura dos cães que contesta a versão da NP de FV; e, uma vez que os discursos carregam as ideologias das NPs, a calibragem dessas ideologias contrastantes no macrogênero e o alinhamento do leitor com Smudge contribui para a redistribuição do poder ideológico.

FoV utiliza a intermodalidade para reinstanciar o começo da interação entre as crianças. A focalização passa a ser mediada inferida. A verbiagem acrescenta o evento da conversa entre as crianças – também calibrado em TV – e duas instâncias de julgamento acopladas a Charles – a primeira negativa e atenuada pelo acoplamento a uma gradação de foco para manter a solidariedade com os leitores que discordam, e a segunda, positiva. A mudança na prosódia de avaliação é identificada também no mesmo lugar da estória em TV, estabelecendo paralelismo semântico que enfatiza a flexibilidade das crianças em reavaliar o outro a partir de suas experiências em comum, crucial para o desenvolvimento da amizade entre elas, e propiciadora da empatia do leitor.

Diferente de WP e semelhante a TV, FoV omite a brincadeira das crianças nos balanços. A sequência das brincadeiras no relato de Smudge se inicia na gangorra, evento não instanciado no TF. A diferença de habilidade entre as crianças é reinstanciada na modalidade visual pelo acoplamento de Smudge ao ângulo vertical superior e de Charles ao ângulo

vertical inferior. Há o acréscimo de um acoplamento de afeto visual de felicidade a Smudge. O acoplamento de julgamento negativo evocado e de afeto positivo inscrito a Charles enfocam a capacidade de Charles interagir com a NP e não sua habilidade de brincar, como ocorre no TF. O discurso da NP não reinstancia o julgamento positivo evocado no TF a respeito dela mesma. Essas escolhas refletem a personalidade de Smudge e aumentam o potencial de empatia do leitor com ela. A sequência de atividades dos cães é acrescentada na circunstanciação que calibra ainda o tema da estaticidade dos adultos por meio de atributos simbólicos – árvores com o formato de cabeça de gorilas que parecem com o pai de Smudge e a mãe de Charles –, estabelecendo paralelismo semântico com a imagem de TV que calibra as estátuas.

No evento em que Albert mergulha na fonte, o acoplamento da focalização mediada inferida aos atributos simbólicos e à ambiência vibrante e familiar destaca a visão de Smudge sobre o pai, as pessoas que encontra no parque e o mundo em geral e amplifica o potencial de empatia do leitor. Na verbiagem, o evento de Albert se refrescar na fonte é calibrado como circunstância e o acoplamento de afeto positivo à gradação de foco instancia a felicidade das crianças, favorecendo a identificação e a empatia do leitor com elas.

Na brincadeira no coreto há o acréscimo do acoplamento de afeto visual de felicidade a Smudge, que converge com o acoplamento de afeto de felicidade à gradação inscrito na verbiagem. A mudança de Mediador limita o afeto de felicidade aos sentimentos de Smudge, aumentando o potencial de empatia do leitor com a NP e contrastando a visão interna da NP de FoV com a visão externa do NE de WP, que vê o afeto em todos os personagens e o estende ao mundo inteiro.

O evento em que Charles oferece a flor a Smudge é reinstanciado nas duas modalidades de FoV. A imagem em questão reinstancia a imagem da capa de VP e o tema da amizade das crianças, embora com menos ênfase do que no TF porque o recuo para a circunstanciação torna o evento menos calibrado. Porém, tendo em vista o padrão intermodal no macrogênero de compartilhar os significados entre as modalidades, o fato de esse evento ser calibrado nas duas modalidades de FoV confere a ele um maior peso semântico, destacando sua relevância. A imagem também estabelece um paralelismo semântico com a imagem semelhante de FV, sendo que a não calibragem do atributo simbólico flor resulta na não reinstanciação do tema central da estória em FV e contribui para construir as duas NPs como diferentes. A calibragem de um *splash* de ambiência quente acoplado às crianças constrói a afeição entre elas, aumentando o potencial de empatia do leitor. A sobreposição dos significados verbais é muito elevada e converge com os significados visuais. O acréscimo do

acoplamento de afeto de felicidade evocado por gradação de foco à Smudge pela calibragem do nome *Charlie* em seu discurso, aumenta o potencial de empatia com a NP.

FoV não apresenta estágio de Reorientação, pois acopla o evento da volta para casa a Charles e não à NP. A circunstanciação retratada é diferente e não reinstancia a dimensão de classe social como no TF; em vez disso, o acoplamento de atributos simbólicos – o chapéu e o rio – aumenta o potencial para inferir domínio e turbulência no relacionamento entre a mãe e o filho. O acoplamento dos afetos de infelicidade visual e verbal a Charles e à focalização contatar mediada inferida constroem a empatia da NP e do leitor com Charles e o alinhamento do leitor com a NP.

No estágio de Coda de FoV, as variações na cor da flor e na estampa do recipiente acopladas à focalização, que passa a ser mediada inferida, e à ambiência, que passa a ser vibrante e familiar, constroem a perspectiva de Smudge da amizade. O afeto de felicidade evocado por guardar a flor é reinstanciado, favorecendo a empatia do leitor. O acréscimo do julgamento positivo da capacidade de Smudge constrói a consideração da NP com o pai e estabelece paralelismo semântico com FV para instanciar o papel da mulher cuidadora, convidando o leitor a refletir sobre esse estereótipo e a ideologia do autor.

14.6 AS PERGUNTAS E AS HIPÓTESES

A síntese das semelhanças e diferenças entre os textos apresentada nas seções anteriores e as considerações sobre o macrogênero apresentadas a seguir respondem à pergunta de pesquisa que questionou como os recursos ideacionais e interpessoais das modalidades visual e verbal constroem os textos como diferentes. Tomando-se o macrogênero, constatou-se que:

Da perspectiva ideacional, os eventos instanciados em todas as histórias de VP são aqueles vivenciados pelos NPs de cada história em seu passeio, enquanto em WP são aqueles vistos pelo NE. Assim sendo, as histórias de VP reinstanciam todos os eventos calibrados em WP, exceto o evento em que o jardineiro enxota os cães dos canteiros de flor – que parece não ter sido presenciado por nenhum dos personagens humanos ou, caso tenha sido, não adquiriu relevância suficiente para ser reinstanciado. Os demais eventos do TF são às vezes reinstanciados por todas as histórias de VP, como é o caso da ida ao parque e da volta para casa, ou por apenas algumas das histórias de VP, como ocorre com o evento da chegada ao

parque, calibrado apenas em FV e FoV; o evento do mergulho de Albert na fonte, reinstanciado apenas por FoV; e as brincadeiras das crianças pelo parque, instanciadas apenas por TV e FoV. O NE vê as sequências de atividades das duas famílias simultaneamente, evidenciando o paralelismo semântico entre elas pela escolha de recursos ideacionais semelhantes para instanciá-las.

Uma variação ideacional padrão na modalidade visual é o aumento do grau de detalhes da circunstanciação em todas as histórias de VP. Essa variação tornou os eventos equivalentes aos do TF mais calibrados no domínio do cenário, ao fornecer mais informação sobre os lugares. Também permitiu a instanciação frequente da sequência de atividades dos cães em segundo plano, resultando em um grande aumento de eventos secundários e, conseqüentemente, uma maior calibragem nos domínios da ação e dos personagens. Embora a sequência de atividades dos cães tenha sido calibrada mais vezes do que no TF, o fato de essa calibragem ocorrer em segundo plano e não ser acoplada a significados semelhantes na modalidade verbal resulta em uma menor ênfase no tema da mobilidade dos cães do que no TF. Ademais, o aumento do grau de detalhes da circunstanciação possibilitou o acréscimo de um número elevado de atributos simbólicos realizando significados interpessoais e do maior uso da ambiência com função interpessoal.

Da perspectiva interpessoal, destaca-se o grande número de instâncias de significados acrescentados em ambas as modalidades de todas as histórias de VP. O número relativamente pequeno de recursos de atitude inscritos na modalidade verbal de WP pode ser atribuído às escolhas do narrador externo, que parece estar limitado pelo que pode ver, sem acesso ao mundo interno dos personagens. Assim sendo, não consegue expressar os sentimentos dos personagens e parece se abster de expressar os seus próprios, se restringindo a descrever os eventos; por exemplo, ao ver Smudge balançar, descreve como *higher and higher, as high as she dare*, ao ver Smudge na barra, descreve que ela *swung like a monkey* mas não faz julgamentos de sua tenacidade ou capacidade, deixando para o leitor inferi-los. Por outro lado, os NPs de VP têm acesso a seus mundos internos, o que permite a eles a expressão de seus sentimentos; por exemplo, ao presenciar Smudge escorregar, o NP de TV além de descrever que *she went really fast*, evocando e graduando um julgamento positivo da capacidade de Smudge, Charles é capaz de explicitamente julgar de forma positiva e graduar essa capacidade com a calibragem de *great* e de avaliar positivamente e graduar seus próprios sentimentos em relação ao fato por meio de *amazed*. Esses significados verbais usualmente encontram ressonância na modalidade visual via acoplamentos de afeto visual, de atributos simbólicos e de recursos de ambiência, todos mais solicitados em VP e frequentemente

acoplados aos personagens para construir seus estados de espírito, perspectivas do passeio e ideologias.

No que concerne ao uso da intermodalidade para construir os significados, em WP, as modalidades visuais e verbais usualmente acoplam significados semelhantes, multiplicando tipos de significados correspondentes e tornando o texto mais calibrado. Em VP, é feito uso constante de apenas uma das modalidades para reinstanciar os significados calibrados em ambas as modalidades do TF; dessa forma, as modalidades visual e verbal frequentemente calibram significados diferentes, resultando em textos menos calibrados do que o TF no que concerne os significados bimodais correspondentes, mas com maior potencial de significado global. Também há calibragem de significados divergentes entre as modalidades, como é o caso em que, na modalidade verbal de FV, o discurso da NP informa ao leitor que o outro cão perseguiu Victoria por todo o parque e, na modalidade visual, Victoria é retratada correndo atrás do outro cão. As calibrações divergentes também contribuem para aumentar o potencial de significado de VP e as variações de calibragem visual e verbal resultam em uma maior interdependência e complexidade intermodal no macrogênero.

Retomando a dualidade/pluralidade de leitores da literatura infantil, constata-se que o uso frequente dos atributos simbólicos em VP constrói camadas de texto acessíveis apenas ao leitor mais experiente. Da mesma forma, o uso mais complexo da intermodalidade demanda maior esforço cognitivo do leitor ou a mediação de um leitor mais experiente para entender o significado global construído em VP. Isso indica que o autor direcionou a reescrita a um público infantil prospectivo em faixa etária acima do público prospectivo de WP e que VP utiliza recursos semióticos e constrói significados que engajam mais o leitor adulto do que WP.

Com relação à pergunta de pesquisa que indagou como a perspectiva de cada uma das três hierarquias contribui para o entendimento dos diferentes significados construídos nos textos, além do que já foi exposto ao longo da apresentação e da discussão dos resultados, e tendo em mente a complementaridade das hierarquias (MARTIN, 2008a) segundo a qual para que os significados e as identidades sejam construídas no texto elas precisam ser instanciadas no texto por meio dos recursos de realização disponíveis na cultura, resumem-se as contribuições de cada uma das hierarquias da seguinte forma:

A perspectiva da hierarquia da realização permitiu identificar os recursos semióticos ideacionais que realizam os processos, os participantes e as circunstâncias responsáveis por construir a experiência de passear no parque no discurso do NE em WP e nos discursos dos

quatro NPs em VP. Também permitiu identificar os recursos de valoração e os atributos simbólicos que refletem e ao mesmo tempo constroem as ideologias e as identidades de cada personagem em seus discursos e os demais recursos semióticos interpessoais que funcionam para alinhar os leitores. Por fim, permitiu identificar os recursos que constroem os paralelismos semânticos nos textos e entre os textos. Esses recursos foram extensamente abordados nos capítulos 9 a 13.

A perspectiva da hierarquia da instanciação possibilitou identificar as calibragens e os acoplamentos dos recursos semióticos selecionados para que significados diferentes fossem reinstanciados em cada reescrita/reilustração, ao mesmo tempo em que se manteve sobreposição de significados suficiente com o TF para assegurar que as histórias de VP reconstroem a história de WP. Cada uma das quatro histórias de VP, embora frequentemente calibre menos significados ideacionais do que o TF em relação aos eventos – devido à omissão de eventos e ao uso frequente de apenas uma das modalidades para instanciar os eventos –, calibra mais significados interpessoais e estabelece intertextualidade com as demais histórias no desenrolar de VP, adicionando significados ao potencial de significado do macrogênero, amplificando os significados em relação ao TF e resultando em um produto final – VP – mais calibrado do que WP. Investigar os textos pela hierarquia da instanciação também permitiu verificar a calibragem e os acoplamentos responsáveis pelo paralelismo semântico que evidencia a dimensão de desigualdade de classe social em WP – a partir da alternância das sequências de atividades das famílias que coloca os eventos em relação de simultaneidade – e os diversos paralelismos semânticos entre as histórias de VP, os quais colocam em evidência as dimensões gênero, geração e classe social – e são mais difíceis de identificar devido à organização linear da estrutura do macrogênero que dispõe uma história depois da outra.

A perspectiva da hierarquia da individuação propiciou identificar como os personagens foram construídos como distintos dentro de cada grupo/classe e como os leitores foram sendo (des)alinhados com cada personagem. Olhando de cima para baixo nessa hierarquia, foi possível discernir em WP que os recursos semióticos ideacionais, majoritariamente os processos visuais e verbais, a agentividade e os atributos simbólicos acoplados aos personagens, foram os principais responsáveis por construir as diferentes individualidades no discurso do NE. Em VP, essa perspectiva permitiu visualizar como os recursos de atitude e gradação na verbiagem e os recursos interpessoais visuais de afeto e ambiência e os atributos simbólicos foram dando forma ao discurso e à identidade de cada NP. Olhando de baixo para cima, foi possível verificar que os recursos interpessoais visuais

de focalização, distância social, envolvimento, afeto e ambiência foram os mais solicitados para promover um maior ou menor alinhamento ou mesmo o não alinhamento do leitor com os personagens e suas ideologias. Essa questão volta a ser discutida mais detalhadamente na resposta à última pergunta de pesquisa.

Com base nas respostas às duas perguntas acima, confirma-se a hipótese relativa a elas de que ‘em WP, ênfase é dada aos recursos ideacionais para construir paralelismo semântico e, em VP, ênfase é dada aos recursos interpessoais para construir a individualidade dos personagens e suas ideologias.’ Cabe ressaltar, porém, que foi constatado paralelismo semântico em VP e que não só os recursos interpessoais, mas também os recursos ideacionais – majoritariamente os atributos simbólicos e outros detalhes das circunstâncias – são solicitados para a construção das várias instâncias de paralelismo semântico em VP, que colocam em evidência as dimensões de desigualdade de geração, gênero e classe social. Mas em suma, WP privilegia o uso dos recursos ideacionais experienciais para construir o paralelismo semântico que evidencia a dimensão de desigualdade de classe social – e também para construir diferenças entre os personagens – enquanto VP privilegia o uso dos recursos interpessoais – e dos atributos simbólicos – para construir as identidades dos NP e suas ideologias.

No decorrer da pesquisa piloto, as semelhanças entre algumas imagens de VP e certas imagens de WP chamaram a atenção e instigaram a elaboração da seguinte hipótese sobre a reinstanciação na modalidade visual: ‘Diferente da tradução interlingual de livros ilustrados, nas quais usualmente apenas a verbiagem é reinstanciada, uma vez que as imagens são as mesmas, a reinstanciação de WP por VP ocorre também na modalidade visual.’ Ao mesmo tempo, constatou-se a não existência de uma metodologia no âmbito do referencial teórico-metodológico utilizado na pesquisa que possibilitasse a análise da reinstanciação na modalidade visual. Portanto, perguntou-se: ‘Como elaborar uma metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade visual com base na metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade verbal?’ Essa pergunta foi respondida no capítulo de metodologia e a aplicabilidade da metodologia operacionalizada confirmou a hipótese de que a metodologia empregada para a análise da reinstanciação na modalidade verbal poderia servir de base para a elaboração de uma metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade visual.

De posse da metodologia, procedeu-se à investigação das imagens, constatando-se desde nenhuma até muita sobreposição do potencial de significados entre as imagens de VP e WP. Respondendo à pergunta que inquiriu sobre como é feita a reinstanciação das imagens em VP, verificou-se que as imagens narrativas de VP que mais obviamente aparentam reconstituir o potencial de significado das imagens equivalentes de WP apresentam alta sobreposição do potencial de significado nos domínios dos processos e dos participantes, facilitando reconhecer esses elementos como os mesmos nas duas imagens. Em certos pares de imagens, constatou-se também a sobreposição de potencial de significados no domínio do cenário e de atributos simbólicos – calibrados nas circunstanciações – que instanciam significados semelhantes nos dois textos. No caso das imagens conceituais, a sobreposição de potencial de significados foi suficiente para reconhecer o participante que é foco de escrutínio e configurar uma imagem como reinstanciação da outra. Os seguintes exemplos identificados no *corpus* da pesquisa ilustram alguns casos que permitem ao leitor saber que uma imagem de VP foi produzida a partir de outra do TF:

A imagem 12.1 de FoV reinstancia a parte da imagem 3 de WP no verso da página dupla. Nelas constata-se que os personagens – o pai, a filha e o cão –, sua configuração em grupo – lado a lado e retratados de costas – e seus vetores – realizando os processos caminhar e segurar – são os mesmos. É possível ainda reconhecer a circunstanciação – a entrada do parque. Esse reconhecimento é possível não obstante as variações na atribuição dos personagens e a recontextualização da circunstanciação, com os acréscimos já discutidos no capítulo 13.

Em escala um pouco menor do que no exemplo anterior, a imagem 1 de FV reinstancia a imagem 2 de WP. O alto grau de sobreposição de significado é em relação aos personagens principais – a mãe, o filho e a cadela –, a suas configurações e vetores – que realizam o processo caminhar e segurar – e à casa de grandes proporções na circunstanciação.

A imagem 6.1 de SV e a imagem 2.1 de FV reinstanciam, respectivamente, as imagens 4.1 e 4.2 de WP. O alto grau de sobreposição de significado foi identificado quanto aos personagens adultos – o pai (imagens 6.1 e 4.1) e a mãe (imagens 2.1 e 4.2) – e suas ações – agachados ou inclinados, soltando os cães – e quanto aos cães – um de pelagem preta e branca, mais agitado, e outro de pelagem amarela e mais tranquilo.

O único caso de reinstanciação de imagem conceitual é a imagem 16 de FoV, que reinstancia a imagem de mesmo número de WP. A sobreposição de significado relevante é em relação ao participante que deve ser examinado – a flor. Há ainda certa sobreposição de

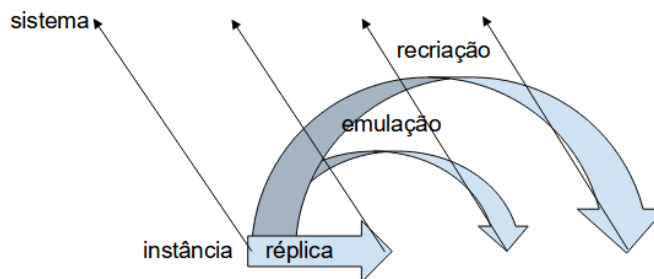
significado na circunstanciação, uma vez que as flores em ambas as imagens são retratadas em um recipiente.

Portanto, as imagens de VP que apresentam um grau de sobreposição de significado considerado suficientemente alto em relação a certas imagens de WP, configuram esse fenômeno como reinstanciação, pois reconstróem o potencial de significado da imagem fonte, permitindo confirmar a hipótese de que a reinstanciação de WP por VP ocorreria também na modalidade visual.

Não obstante o cotejo entre imagens individuais fonte e alvo exemplificado acima, no contexto dos livros ilustrados as imagens instanciam uma narrativa visual. Assim sendo, a constatação da possibilidade de outra narrativa visual recontar a estória com imagens diferentes deu ensejo à seguinte pergunta: As estórias contadas pelas imagens de VP podem ser consideradas traduções da estória contada pelas imagens de WP? Esta pergunta e a hipótese a ela vinculada têm origem no campo dos ET mas podem ser relacionadas à pergunta e à hipótese anteriores sobre a reinstanciação na modalidade visual que se situa no campo da sociosemiótica. Portanto, a metodologia operacionalizada nesta pesquisa também foi empregada para investigar se o texto visual poderia ser considerado uma forma de tradução.

Os achados mostram que ocorre reinstanciação no *corpus* analisado, não só entre pares de imagem alvo e fonte, conforme discutido acima, mas também em toda a narrativa visual. Tendo em vista os diferentes graus de sobreposição do potencial de significados identificados entre os textos visuais de VP e WP, e em analogia à modelagem das relações intertextuais via instanciação proposta em Martin (2006) para os textos verbais, este estudo propõe três níveis de reinstanciação visual: réplica, emulação e recriação. A réplica pode ser equiparada à citação e apresenta sobreposição total do potencial de significados das narrativas visuais; seria o caso das imagens nas traduções interlinguais que permanecem as mesmas que aquelas no TF respectivo. A emulação se assemelha à paráfrase e apresenta grau de sobreposição de potencial de significados parcial com a narrativa visual fonte. A recriação se compara ao reconto e nesse tipo de reinstanciação visual o grau de sobreposição do potencial de significados das narrativas visuais é ainda menor do que na emulação. A exemplo de Martin (2006), esses três tipos de reinstanciação visual podem ser dispostos em um contínuo de instanciação de acordo com a distanciação que apresentam em relação à instância fonte, como ilustra a Figura 10:

Figura 10: Réplica, emulação e recriação em relação à instanciação



Fonte: Elaborada pela autora.

A réplica está no mesmo nível da narrativa visual fonte porque há relação direta entre as instâncias fonte e alvo. A emulação se encontra afastada da narrativa visual fonte e a recriação ainda mais afastada, porque ambas requerem que se suba na hierarquia da instanciação onde se pode selecionar significados menos específicos para construir a reinstanciação.

No *corpus* analisado, verificou-se que, como ocorre com a reinstanciação na modalidade verbal, a reinstanciação visual em VP apresenta diferentes graus de distanciação da narrativa visual fonte, reproduzindo, omitindo e acrescentando significados e, dessa forma, oscilando entre emulação e recriação no decorrer da estória visual.

Retomando a relação entre reinstanciação na modalidade verbal e reescrita – previamente estabelecida no âmbito desta pesquisa, e que permite entendê-las como o produto e o processo de reconstrução de um texto por meio de recursos semióticos disponíveis no potencial de significados da cultura e inextricável das relações assimétricas de poder –, esta pesquisa institui, com base nos desenvolvimentos acima apresentados, a relação entre a reinstanciação na modalidade visual e a reilustração. Reilustração é o termo que este estudo propõe, em paralelo à reescrita no contexto dos ETs, para as narrativas visuais que recontam a estória contada por outra narrativa visual fonte, mas que sofreram manipulação para se adequarem ou não às ideologias e/ou poéticas em vigor em determinada sociedade e época. Conseqüentemente, as reilustrações apresentam grau de sobreposição de significados suficiente com as imagens fonte para que o leitor possa saber que reconstroem a estória visual, ao mesmo tempo em que apresentam calibragens e acoplamentos diferentes que as distanciam do potencial de significado do texto visual fonte para ilustrar novos significados.

Retomando também a abordagem de tradução como uma forma de reescrita, o conceito de tradução intralingual de Jakobson (1959) – segundo o qual os signos verbais são interpretados por outros signos verbais da mesma língua – e os resultados das análises

realizadas nesta pesquisa, é possível interpretar o fenômeno que ocorre entre a verbiagem de VP e de WP como tradução intralingual. Analogamente, verifica-se que o que ocorre na reilustração é a interpretação de signos visuais por outros signos visuais, ou seja, um tipo de tradução intramodal. Assim sendo, propõe-se que o fenômeno em questão seja denominado tradução intravisual.

Estabelecidas essas relações, é possível interpretar as histórias contadas na modalidade visual de VP como reilustrações da história contada pelas imagens de WP, mais especificamente, como suas traduções intravisuais. Portanto, confirma-se também a hipótese de que as narrativas visuais em VP recontam, ou melhor, reilustram a história contada pelas imagens em WP, permitindo que se interprete VP como tradução intravisual de WP.

Ao operacionalizar e aplicar uma metodologia sociosemiótica para a análise da reinstanciação na modalidade visual, esta pesquisa forneceu as ferramentas que viabilizam colocar um novo objeto no campo disciplinar dos ET com a proposta de se expandir o seu escopo. Ademais, VP enquanto tradução intravisual de WP é fonte de dados profícua que permitiu prover a sociosemiótica com uma nova metodologia e com a proposta dos três níveis de reinstanciação visual. Dessa forma, estabeleceu-se mais uma ponte entre a sociosemiótica e os ET, concretizando e ampliando a interface entre as duas áreas.

Com relação à pergunta de pesquisa que questionou como são instanciadas as dimensões de desigualdade de classe social, geração e gênero em WP e VP, verificou-se que, de modo geral, a classe social, a idade e o gênero dos personagens podem ser inferidas a partir da aparência física dos personagens, que é calibrada nas imagens por meio dos recursos ideacionais de aparecimento e atribuição de personagem. Ademais, atributos simbólicos acoplados aos personagens também podem instanciar alguns desses aspectos experienciais. Na modalidade verbal, recursos que atribuem nome e papel social aos personagens contribuem para a instanciação desses significados. No *corpus* examinado, além desses aspectos que usualmente podem ser identificados desde o início das histórias, constatou-se ainda que os paralelismos semânticos – intratextuais em WP e intertextuais em VP – no desenrolar das histórias colocam em evidência algumas das dimensões de desigualdade social.

No TF, os atributos físicos e a configuração dos personagens calibrados na imagem acoplados aos recursos de identificação e classificação dos personagens – nomes e posições nos grupos familiares – calibrados na verbiagem constroem duas famílias brancas, uma formada pelo pai, filha e cão e a outra pela mãe, filho, cadela e pai, instanciando as dimensões geração e gênero. A dimensão de classe social é instanciada na modalidade visual pelas

roupas e acessórios acoplados à mãe e, principalmente, por meio do acoplamento de atributos simbólicos às distintas residências/vizinhanças e aos adultos, associando a família Smith à classe trabalhadora e a família Smythe à classe média burguesa, enfatizando a diferença na dimensão de classe social. Na modalidade verbal, o paralelismo semântico resulta da escolha de configurações idênticas das relações nucleares, enfatizando as semelhanças entre as sequências de atividades das duas famílias.

Em FV, as dimensões geração, gênero e classe social são reinstanciadas na modalidade visual por meio dos mesmos recursos utilizados no TF, embora os personagens sejam zoomorfizados. Na modalidade verbal da Orientação, os recursos experienciais para introduzir os personagens na estória também instanciam as dimensões geração e gênero, porém, a variação no agenciamento, que passa a ser apenas da mãe (NP) afetando o filho e a cadela, aumenta o potencial para inferir dominância e uma relação hierarquizada entre a mãe e o filho. A sobreposição da mãe ao filho na primeira e na última imagem de FV converge com o significado visual, amplificando-o.

Em SV, as dimensões geração e gênero são instanciadas pelas características físicas, roupas e acessórios dos personagens. A dimensão de classe social é instanciada pelas roupas sujas de tinta do NP, acoplando a ele uma profissão usualmente associada à classe social mais baixa. Esse significado é intensificado pela calibragem convergente de circunstanciação mínima para retratar dentro de casa. A verbiagem calibra o mínimo de recursos experienciais para introduzir os personagens, não reinstanciando as dimensões de geração e gênero. O paralelismo semântico estabelecido com FV no evento em que os adultos soltam os cães (imagens 2.1 e 6.1) coloca em evidência a responsabilidade dos adultos ao retratar as crianças em manifestação metonímica, enquanto os atributos simbólicos acrescentados constroem significados relativos às dimensões de classe social e gênero.

Em TV, as dimensões de geração e gênero são instanciadas pelas características físicas, roupas e acessórios do NP. A dimensão de classe social é instanciada pelas roupas e pela circunstanciação, que retrata o interior de uma casa com muitos cômodos. Os recursos verbais utilizados para introduzir um personagem não instanciado na modalidade visual – *my mother* – realiza o posicionamento dos personagens no grupo familiar, instanciando a dimensão de geração e o gênero do outro personagem, mas não do NP. Os paralelismos semânticos identificados entre TV e SV colocam em evidência a dimensão de gênero, construindo os homens como infelizes e insatisfeitos por ficarem em casa e depois como desejosos de mudança em suas situações. Também evidenciam a dimensão de classe social, ao retratar os NPs em diferentes vestimentas e residências.

Em FoV, as dimensões de geração e gênero são instanciadas pelas características físicas, roupas e acessórios dos personagens. A classe social dos personagens só pode ser constatada por meio da identificação desses personagens como sendo os mesmos retratados em SV (comparação/contraste retrospectiva). Na modalidade verbal, o recurso utilizado para introduzir o personagem adulto – *Dad* – realiza o posicionamento dos personagens no grupo familiar, instanciando a dimensão de geração e o gênero para esse personagem, mas não o gênero da NP. Os paralelismos semânticos identificados em relação a TV colocam em evidência a dimensão de geração, construindo a felicidade das crianças com a possibilidade de passear e a flexibilidade das crianças para mudar de opinião sobre o outro à medida que o conhece.

Os resultados alcançados confirmam apenas parte da hipótese sobre o uso de recursos semióticos majoritariamente ideacionais em WP e interpessoais em VP para instanciar as dimensões de desigualdade de classe social, geração e gênero, uma vez que esses recursos são majoritariamente ideacionais em ambos os textos. Em VP, recursos interpessoais contribuem para construir paralelismo semântico entre pares de personagens e esse paralelismo coloca em evidência as dimensões de geração, gênero e classe social, mas não são os principais responsáveis por instanciar as dimensões de desigualdade nas histórias de VP.

A última pergunta de pesquisa indagou se os recursos semióticos calibrados na reinstanciação posicionam os leitores prospectivos de forma diferente. Os resultados alcançados mostram que os recursos semióticos calibrados nas quatro histórias de VP posicionam os leitores de forma diferente, não só em relação ao TF, mas também quanto a cada uma das histórias do macrogênero.

No TF, o padrão de acoplamento de plano aberto a ângulo horizontal oblíquo, focalização observar não mediada e estilo do desenho genérico mantém o leitor a uma distância social pública, que favorece uma relação impessoal entre os leitores e os personagens. Dessa forma, cria-se uma desconexão entre eles, que desencoraja os leitores a se alinharem com os personagens, embora consigam reconhecer que os personagens têm seus sentimentos. Esse padrão foi quebrado em duas instâncias: a primeira, quando a família de classe baixa é calibrada de costas, o que embora gere ambiguidade quanto ao tipo de envolvimento esperado do leitor, aumenta o potencial para empatia por criar vulnerabilidade; e a segunda, quando a personagem Victoria estabelece contato visual com o leitor, engajando-o diretamente, o que também aumenta o potencial de empatia. Na modalidade verbal, é majoritariamente por meio do acoplamento de processos a participantes e circunstâncias que o

discurso do NE evoca atitudes que constroem as personalidades dos personagens; a baixa calibragem de recursos de atitude explícitos apresenta poucas oportunidades para a construção da empatia do leitor. A escolha de recursos predominantemente ideacionais para instanciar as diferenças entre os personagens faz com que elas sejam apresentadas de forma um tanto mais neutra e objetiva pelo NE, ao contar os eventos do passeio e a amizade que se desenvolve entre as crianças. Os recursos selecionados para abordar os temas da estória o fazem de forma mais factual – especialmente pelo uso de poucos recursos interpessoais inscritos –, mostrando a interação entre os cães, a amizade entre as crianças, a não interação entre os adultos e a diferença de classe social. Desta forma, as calibragens e os acoplamentos dos recursos semióticos em WP criam um menor grau de identificação com os personagens – embora o leitor possa vir a simpatizar mais com alguns personagens do que com outros – e não promovem o alinhamento do leitor a favor ou contra nenhum deles ou requerem que o leitor se posicione a respeito das dimensões de desigualdade social.

Em FV, também se identifica na modalidade visual o padrão de acoplamento de plano aberto a ângulo horizontal oblíquo, focalização observar não mediada e estilo do desenho que tende a genérico – embora os personagens sejam zoomorfizados. Esses acoplamentos mantêm os leitores a uma distância pública, favorecendo a mesma relação impessoal e desconexão entre os leitores e os personagens que no TF. Porém, algumas variações posicionam o leitor de forma diferente. O ângulo oblíquo em que a casa é apresentada na primeira imagem de FV e a ambiência fria a ela acoplada criam o não envolvimento dos leitores com a classe social dos personagens, desencorajando o alinhamento dos leitores não só com os personagens, mas também com a classe média burguesa que representam. Esse padrão é quebrado nas páginas duplas que calibram o incidente do desaparecimento de Charles, nas quais o ângulo horizontal frontal em que o corpo da NP é retratado na imagem à esquerda e o plano fechado na imagem à direita parecem uma tentativa de estabelecer envolvimento e intimidade com o leitor. Porém as atitudes negativas calibradas na verbiagem acopladas ao ângulo horizontal oblíquo em que o rosto da NP é retratado nas duas imagens diminuem o potencial de empatia e não envolvem o leitor. A contraposição desses significados ativa o potencial de empatia do leitor com a mãe que perdeu o filho no parque, contudo, impede que o leitor se identifique e se envolva com ela. A focalização mediada inferida e a não calibragem do atributo simbólico flor na imagem que deveria reinstanciar o tema da amizade das crianças, acopladas aos significados ideacionais verbais e à apreciação negativa acoplada à Smudge, assim como os significados divergentes nas modalidades visual e verbal a respeito dos cães, enfatizam a percepção

ideológica da NP e diminuem ainda mais o potencial de empatia e identificação do leitor com ela.

No desenrolar do discurso da NP de FV, o acoplamento de recursos de atitude positivas a ela mesma e a Victoria constroem a autoestima da NP e seu apreço pela cadela; o acoplamento das poucas instâncias de atitude inscritas – todas negativas e a maioria de apreciação acopladas à gradação – a cada um dos membros da família da classe trabalhadora, constroem a NP como uma pessoa que se baseia na aparência para avaliar os demais personagens que não são membros de sua família; o acoplamento de julgamentos e afetos negativos a Charles revelam sua reprovação do comportamento do filho e uma menor estima em relação a Charles. Da perspectiva da hierarquia da individuação, a calibragem e o acoplamento dos recursos semióticos em FV vão construindo a identidade da NP e a ideologia da classe média burguesa ao mesmo tempo em que desfavorecem a identificação e o envolvimento do leitor com a NP e seus valores, promovendo o não alinhamento dos leitores prospectivos com eles.

Em SV, na modalidade visual, embora o leitor também seja mantido a uma distância pública dos personagens por meio do padrão de plano aberto que não favorece intimidade, o ângulo frontal em que o NP é apresentado na primeira imagem da Orientação e na última imagem do Registro de eventos constrói o envolvimento com o leitor. O acoplamento de atitude evocada negativa, afeto visual negativo e ambiência fria e infamiliar constroem o desalento do NP. O contraste desse significado com o afeto positivo inscrito na verbiagem acoplado ao NP constrói o esforço do NP em continuar tentando diante de suas dificuldades e aumenta o potencial de construir a empatia do leitor. O acoplamento de afeto visual e verbal positivos e ambiência quente a Smudge constroem sua positividade e sua capacidade de elevar o espírito do pai, favorecendo a identificação e o alinhamento do leitor com ela.

Em TV, o padrão que mantém os leitores a uma distância pública na modalidade visual se repete, desfavorecendo uma relação mais íntima entre os leitores e os personagens. Na imagem da Orientação, o acoplamento do ângulo horizontal frontal à cadela leva o leitor a se envolver com ela. O acoplamento de focalização mediada inscrita junto ao personagem na primeira imagem do Registro dos eventos à gradação que calibra o atributo simbólico chapéu diversas vezes, à sombra da mãe sobre o NP e à ambiência escura e fria no céu aumenta o potencial para o leitor se identificar com o NP – sentindo sua opressão – e propicia a comiseração do leitor com o NP. O acoplamento da ambiência no céu – que vai clareando – ao atributo simbólico chapéu – que vai se tornando escasso e menos visível – ao longo da sequência de brincadeiras das crianças é essencial para construir a jornada de libertação do

domínio da mãe, o ganho de autoestima e a mudança de humor do NP. Esses significados são amplificados na modalidade verbal pela calibragem de atitudes positivas acopladas a Charles e a Smudge. Afeto visual positivo também é acoplado a Smudge em todo o texto, propiciando o alinhamento do leitor com a personagem. A jornada de Charles culmina com a não calibragem do chapéu e do céu, substituídos pela copa da árvore com ambiência quente e do afeto de felicidade visual acoplado a ele e vai criando empatia com o NP e antipatia com sua mãe. O poder conferido às crianças pelo padrão de calibragem desses personagens em ângulo vertical superior a partir das brincadeiras pelo parque aumentam o potencial para inferir que suas versões do passeio devem ser privilegiadas pelo leitor.

Em FoV, a distância pública dá continuidade ao padrão que não estabelece intimidade entre o leitor e os personagens. O uso predominante de focalização mediada pela NP – que quebra o padrão estabelecido no macrogênero – e a calibragem do macrotema são fortes indicadores de que esta é a versão do passeio que é naturalizada. No discurso de Smudge, os acoplamentos de plano fechado, afeto negativo e gradação visuais, atitude negativa e gradação verbais – especialmente a gradação de foco – à mãe de Charles intensificam o potencial de o leitor não ter empatia com Mrs Smythe e fortemente posicionam o leitor a se alinhar com a avaliação da NP. O acoplamento da focalização mediada ao personagem focalizado e a instâncias de afeto visual e atitudes, ora positivas, ora negativas constroem a sensibilidade da NP com os sentimentos dos demais personagens, posicionando o leitor a sentir empatia com Charles. O acoplamento de afeto visual e verbal positivos e ambiência familiar e quente à NP a constroem como uma pessoa positiva, favorecendo ainda mais a identificação do leitor e seu alinhamento com ela.

Discerne-se, portanto, que no desenrolar do macrogênero, os recursos semióticos vão sendo manipulados de forma a desalinhar o leitor com Mrs Smythe, a construir a empatia do leitor com as situações de vida de Mr Smith e de Charles e a fazer com que o leitor se identifique com os sentimentos de Smudge e se alinhe fortemente com ela. Conforme demonstrado, a manipulação concerne majoritariamente os significados interpessoais, confirmando a hipótese de que as principais variações que ocorrem na reinstanciação são interpessoais e posicionam os leitores prospectivos de forma diferente.

Cabe ainda ressaltar que a escolha de recursos interpessoais diferentes e o acréscimo desses recursos em todas as quatro histórias de VP indicam uma mudança de ponto de vista em relação ao passeio ao parque. Em WP, a perspectiva apresentada é a mais geral do NE, enquanto que no macrogênero são apresentadas as perspectivas individuais de cada NP. Essas perspectivas são imbuídas de sentimentos e valores que refletem os posicionamentos dos NPs

em relação à experiência de passear no parque e às suas interações com os demais durante o passeio. Esses posicionamentos chegam até o leitor prospectivo de VP por meio do discurso desses participantes, de forma a fazer com que o leitor se identifique (ou não) com os problemas de cada personagem, reconhecendo sua humanidade. De maneira mais incisiva, esses discursos carregam as ideologias de cada NP e levam o leitor a se posicionar a favor de determinados valores, em detrimento de outros.

Retomando o tema da inserção da ideologia na literatura infantil apresentada na seção 2.2.3, constata-se que Browne se adequou à poética vigente na década de 1970 no que concerne a promoção de valores a favor da classe trabalhadora em WP, uma vez que o fez por meio da inclusão de personagens da classe trabalhadora em contraste com personagens da classe média burguesa e do desenvolvimento dos temas da livre interação entre os cães, da amizade que se forma entre as crianças de classes sociais distintas e da não interação entre os adultos de classes sociais distintas. WP se limitou ao uso de um recurso de afeto evocado para construir intimidade no relacionamento entre o pai e a filha na verbiagem e de nenhum recurso interpessoal verbal para construir o relacionamento entre a mãe e o filho, ao uso de recursos ideacionais experienciais visuais e verbais para construir a maior habilidade e desenvoltura da criança da classe trabalhadora e à apresentação implícita do papel do pai que leva a filha ao parque. Portanto, as calibrações e os acoplamentos dos recursos semióticos no discurso do NE privilegiam os significados ideacionais para apresentar ao leitor uma faceta da vida social na Inglaterra da década de 1970 segundo a ideologia do autor, porém, as escolhas dos recursos interpessoais não promovem o alinhamento do leitor com nenhum dos personagens, ou com seus valores ou com suas classes sociais. WP não foi efetivo em contestar a ideologia da classe média burguesa vigente na sociedade da época.

Na década de 1990, a desigualdade econômica e o liberalismo cultural na Inglaterra haviam crescido. A poética com relação à inscrição de ideologia nos livros para crianças também havia mudado, tornando-se mais complexa do que a mera representação dos personagens e seus papéis e passando a abranger as relações com o leitor prospectivo. Mais uma vez, Browne parece ter se adequado à poética da época ao reescrever o passeio ao parque da perspectiva de quatro personagens distintos, construindo-os por meio de seus próprios discursos que apresentam suas versões imbuídas de ideologia. Porém, no desenrolar de VP, o autor/ilustrador faz mais do que dar voz a personagens com ideologias distintas; ele calibra e acopla os recursos semióticos de forma a naturalizar a voz da criança de sexo feminino da classe trabalhadora e a alinhar o leitor prospectivo com ela. Ademais, Browne usa o gênero narrativa para instanciar os valores da classe média burguesa, mas desalinha os leitores com a

NP dessa estória, subvertendo o propósito social do gênero narrativa de perpetuar o *status quo*.

Não obstante, cabe apontar que VP perpetua a assimetria de poder entre o autor⁷⁹ que escreve e ilustra e as crianças leitoras, inerente à literatura infantil. O fato de Browne indicar a relevância dos discursos das crianças com o uso do ângulo vertical em TV e de naturalizar o discurso de Smudge parece uma tentativa válida de amenizar esse desequilíbrio, ainda assim, ele permanece. Isso porque a manipulação dos recursos semióticos que constroem as ideologias dos NPs em VP serve para avançar a ideologia do autor. Os significados construídos no texto expressam as suposições do autor sobre a classe média burguesa, a classe trabalhadora, a relação entre as classes, o comportamento dos adultos, das crianças e dos cães, sobre o que a sociedade inglesa deveria almejar a ser, sobre as temáticas às quais as crianças deveriam ser expostas, o que deveriam aprender com a leitura do livro, entre outras. A ideologia do autor também está presente em WP⁸⁰, porém, em VP, o posicionamento ideológico do autor e o papel político da tradução determinado por ele parecem ser mais incisivos e a manipulação dos recursos parece ser mais deliberada para possibilitar a instanciação das diferentes ideologias no texto e o (des)alinhamento dos leitores com essas ideologias.

Essas constatações a respeito da ideologia foram propiciadas pela perspectiva da hierarquia da individuação e a possibilidade de abranger a ideologia por meio dessa hierarquia forneceu o elo necessário para estabelecer a interface entre a teoria sociosemiótica e a abordagem cultural da reescrita aplicada à tradução da literatura infantil. Nesta pesquisa, entende-se que os conceitos de reinstanciação e de reescrita têm embasamentos distintos, porém, sem se comprometer com as fontes da reescrita. A ponte com os ET é feita pelo viés da ideologia, também presente no tipo de análise do discurso da linha semântico-discursiva do modelo de Martin, com a hierarquia da individuação.

No âmbito da estória, a perspectiva da hierarquia da individuação permitiu demonstrar como as identidades dos NPs de VP foram construídas como distintas ao mesmo tempo em que construíram seus diferentes discursos. Além de propiciarem instancicações complementares do passeio ao parque, esses discursos indicam que o autor alocou diferentes repertórios a cada um dos NP. Esses repertórios refletem a posição de cada NP em relação às dimensões de classe social, geração e gênero e são responsáveis pela manifestação das

79 Cabe lembrar que não se trata apenas do autor, mas de um complexo cultural no qual se inserem o autor e as convenções da escrita para crianças junto com os agentes (editores, pais, etc).

80 Assim como a ideologia de todo autor está implícita em toda obra.

ideologias distintas em seus discursos. A aplicação das regras de reconhecimento e realização de Bernstein (1990) aos resultados da análise dos recursos semióticos mostra que no âmbito social e cultural Browne provavelmente identificou o contexto do livro ilustrado como o local para promover os valores da classe operária e das crianças, manipulando os recursos semióticos com esse objetivo. A leitura naturalizada criou o espaço para as crianças leitoras – e quiçá os leitores adultos por elas responsáveis – se congregarem em empatia à Smudge, produzindo a afiliação desses leitores aos valores expressos por essa NP. Dessa forma, as escolhas de Browne promovem uma redistribuição do poder ideológico e questionam o *status quo*. Consoante com Martin (2006), VP parece ter sido produzido para incentivar a cultura a se mover de um então presente que discrimina as pessoas de classe baixa para um futuro que as trata de forma mais justa e includente. VP encerra o poder cultural da tradução de desafiar a hegemonia e de promover mudanças sociais e culturais.

Este estudo, por sua vez, revela as atitudes ideológicas que VP carrega, mostrando que a tradução intravisual e intralingual de WP procura dissuadir os leitores dos valores da classe média burguesa, conscientizar os leitores dos valores da classe trabalhadora e promovê-los, validar os sentimentos das crianças e possivelmente incentivar a aproximação entre crianças de classes sociais distintas, indicando que as crianças ainda não estão completamente condicionadas socialmente e assim podem fazer amizades sem preconceitos. Ou seja, a pesquisa expõe o papel político dessa tradução de resistir ao discurso da classe média burguesa, construindo significados que servem aos interesses de grupos subordinados, e de alinhar o leitor prospectivo com esse posicionamento de forma a incentivar mudanças na sociedade e na cultura da Inglaterra da década de 1990.

O próximo capítulo conclui esta tese.

15 CONCLUSÃO

Esta tese apresentou um estudo que investiga a reinstanciação de um livro ilustrado, enquanto tradução intralingual e intravisual. O estudo utilizou o aporte teórico-metodológico da sociosemiótica, sob a perspectiva da complementaridade das hierarquias da realização, instanciação e individuação. A análise da modalidade visual baseou-se no modelo de Painter, Martin e Unsworth (2013) e a da modalidade verbal, no modelo de Martin e Rose (2007). A análise da intermodalidade e da reinstanciação utilizou as noções de calibragem e acoplamento para identificar as variações semânticas ideacionais e interpessoais, destacando aquelas que concernem às dimensões de desigualdade de classe social, gênero e geração, e ao posicionamento do leitor prospectivo.

Os textos analisados foram os livros ilustrados *A Walk in the Park* (2013) e *Voices in the Park* (1998), ilustrados e escritos por Anthony Browne. WP, cuja primeira edição é de 1977, constitui o TF e o segundo livro, sua reinstanciação ou tradução intralingual e intravisual. A metodologia da pesquisa consistiu em três etapas. Na primeira, dividiram-se os textos em estágios e fases, de acordo com Rothery e Stenglin (1997), Macken-Horarik (2003) e Martin e Rose (2008), investigando-se a estrutura genérica de cada texto e identificando-se o seu gênero. Na segunda etapa, os recursos semióticos que constroem os textos foram investigados de acordo com os seguintes procedimentos: 1) delimitação das unidades de análise; 2) análise dos recursos visuais, segundo as categorias de Painter, Martin e Unsworth (2013); 3) análise dos recursos verbais, segundo as categorias de Martin e Rose (2007); 4) análise da intermodalidade, segundo as noções de calibragem e acoplamento. Na terceira etapa, os resultados das etapas anteriores foram usados para investigar as variações semânticas na reinstanciação de WP, com ênfase nas dimensões de desigualdade e no posicionamento do leitor. Os procedimentos genéricos seguidos na terceira etapa foram: 1) o alinhamento dos textos por estágios, fases ou subfases; 2) a identificação das variações semânticas ideacionais e interpessoais na modalidade visual; 3) a identificação das variações semânticas ideacionais e interpessoais na modalidade verbal; 4) a aplicação das perspectivas das hierarquias da realização, instanciação e individuação, após os procedimentos 2 e 3, para determinar os efeitos das variações na reinstanciação.

Seguindo-se os procedimentos propostos para a primeira etapa metodológica, apresentados na seção 7.1, realizou-se a análise da estrutura genérica de todos os textos

investigados, com sua segmentação em estágios, fases e subfases e a resultante identificação do gênero de cada texto. Esses resultados podem ser vistos no capítulo 8.

Cumprindo-se os procedimentos estabelecidos para a segunda etapa metodológica, apresentados na seção 7.2, os dados foram levantados e anotados para todo o *corpus*. Os recursos semióticos foram identificados e classificados. Os dados foram analisados e descritos sob o recorte de todos os sistemas ideacionais e interpessoais na modalidade visual e dos sistemas de IDEACÃO e VALORAÇÃO na modalidade verbal.

Executando-se os procedimentos estipulados para a terceira etapa metodológica, apresentados na seção 7.3, as variações semânticas entre WP e VP foram identificadas e analisadas. As variações foram investigadas sob a perspectiva da complementaridade das hierarquias e enfocaram as dimensões de desigualdade social e o posicionamento do leitor prospectivo. A procura pelas variações semânticas também permitiu identificar as sobreposições de significados que configuram as estórias de VP como reinstanciações de WP ou suas traduções intralinguais e intravisuais.

Os resultados obtidos com a análise, em conformidade com as três etapas metodológicas, possibilitaram responder todas as sete perguntas de pesquisa e confirmar totalmente cinco das seis hipóteses, sendo que uma das hipóteses foi confirmada apenas parcialmente, segundo discutido no capítulo anterior. Todos os objetivos específicos estabelecidos para a pesquisa foram alcançados em sua totalidade.

A primeira pergunta de pesquisa, sobre como os recursos ideacionais e interpessoais das modalidades visual e verbal constroem os textos como diferentes, diz respeito ao primeiro objetivo específico da pesquisa. Esse objetivo concerne a identificação dos recursos interpessoais e ideacionais das modalidades visuais e verbais que constroem as variações semânticas entre os textos e foi alcançado.

A segunda pergunta de pesquisa, referente a como a perspectiva de cada uma das três hierarquias contribui para o entendimento dos diferentes significados construídos nos textos, corresponde ao segundo objetivo específico da pesquisa. Esse objetivo refere-se à aplicação das perspectivas das hierarquias da realização, instanciação e individuação para investigar as variações semânticas nos textos e foi atingido. Os dois primeiros objetivos específicos e as duas primeiras perguntas de pesquisa alinham-se com a primeira hipótese, de que haveria ênfase nos recursos ideacionais para construir paralelismo semântico em WP e nos recursos interpessoais para construir a individualidade dos personagens e suas ideologias em VP. Essa hipótese foi confirmada com a análise realizada.

A terceira pergunta de pesquisa, sobre como elaborar uma metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade visual com base na metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade verbal, foi devidamente respondida na seção 7.3.4 e o terceiro objetivo específico, de operacionalizar uma metodologia para determinar a reinstanciação na modalidade visual, foi alcançado com sucesso, permitindo confirmar a hipótese de que a metodologia empregada para a análise da reinstanciação na modalidade verbal poderia servir de base para a elaboração de uma metodologia para a análise da reinstanciação na modalidade visual.

A aplicação da metodologia operacionalizada permitiu que se respondesse à quarta pergunta de pesquisa, relativa a como a reinstanciação das imagens em VP é feita, e que se confirmasse a hipótese de que a reinstanciação de WP por VP ocorreria também na modalidade visual. Uma vez que a metodologia operacionalizada se mostrou produtiva, o quarto objetivo específico, de aplicá-la para verificar como a reinstanciação na modalidade visual é feita, foi cumprido com sucesso.

A quinta pergunta de pesquisa, que inquiriu se as histórias contadas pelas imagens de VP poderiam ser consideradas traduções da história contada pelas imagens de WP, corresponde ao objetivo específico de verificar se as narrativas visuais em VP podem ser consideradas traduções da narrativa visual em WP. Esse quinto objetivo específico também foi alcançado. A hipótese alinhada a ele, que previu que as narrativas visuais em VP recontariam a história contada pelas imagens em WP, também foi confirmada em sua totalidade e deu ensejo à proposta dos termos reilustração e tradução intravisual para nomear esse fenômeno que ocorre entre as imagens. Também permitiu propor três tipos de reinstanciação visual – réplica, emulação e recriação – no contexto das narrativas visuais.

A sexta pergunta de pesquisa, sobre como as dimensões de desigualdade de classe social, geração e gênero são instanciadas em WP e VP, refere-se ao objetivo específico da pesquisa de identificar as variações semânticas na reinstanciação dessas dimensões de desigualdade nas modalidades visual e verbal. Esse objetivo também foi cumprido. A hipótese relativa a essa pergunta e a esse objetivo foi confirmada parcialmente, uma vez que os recursos semióticos utilizados para instanciar as dimensões de desigualdade de classe social, geração e gênero são majoritariamente ideacionais em WP, porém não são majoritariamente interpessoais em VP. Os recursos ideacionais também são os principais responsáveis pela (re)instanciação das dimensões de desigualdade no texto traduzido.

A sétima pergunta de pesquisa, que questionou se os recursos semióticos calibrados na reinstanciação posicionam os leitores prospectivos de forma diferente, liga-se ao objetivo

específico da pesquisa de determinar como as variações semânticas que ocorrem na reinstanciação de WP posicionam os leitores prospectivos. Esse sétimo objetivo também foi atingido. A sétima pergunta e o sétimo objetivo específico alinham-se à hipótese de que as principais variações na reinstanciação seriam interpessoais e posicionariam os leitores prospectivos de forma diferente, que foi confirmada.

Os objetivos gerais da pesquisa também foram integralmente cumpridos. Os dois objetivos gerais são estreitamente relacionados e o cumprimento do primeiro objetivo dependeu de que o segundo objetivo geral fosse alcançado.

O primeiro objetivo geral, de interpretar VP como tradução de WP, foi majoritariamente alcançado por meio da aplicação do aporte metodológico da sociossemiótica para a multimodalidade. Essa metodologia permitiu constatar as sobreposições de significados nas duas modalidades semióticas as quais configuram reinstanciações visuais e verbais e mostram que as histórias de VP – e VP como um macrogênero – foram escritas e ilustradas a partir de WP, reconstruindo o seu potencial de significado. A análise empreendida também possibilitou identificar as variações entre o TF e suas reinstanciações e correlacioná-las às mudanças de ponto de vista que ocorrem quanto ao passeio ao parque. Em VP, a perspectiva panorâmica do NE apresentada em WP é substituída pelas perspectivas marcadas pelos valores e sentimentos de cada NP, as quais calibram as diferentes ideologias desses NPs e levam os leitores prospectivos a posicionamentos distintos em relação a cada uma das histórias. Esses resultados indicam as diferentes motivações ideológicas do escritor e ilustrador quando da escrita e ilustração de cada livro ilustrado. O cumprimento do primeiro objetivo geral foi concretizado por meio da relação entre o conceito de reinstanciação e de reescrita, e mais especificamente de tradução, abordada a seguir.

O segundo objetivo geral, de relacionar os conceitos de reescrita da abordagem cultural dos ET e de reinstanciação da abordagem sociossemiótica, foi alcançado por meio do conceito de ideologia, referente às relações de poder características dos processos de construção de significados, comum às duas abordagens, e não se ocupou das bases teóricas da reescrita. A análise da ideologia foi feita pela perspectiva da hierarquia da individuação, a qual possibilitou verificar a construção das identidades distintas dos NPs nas histórias de VP. Essas identidades são estreitamente relacionadas aos repertórios e discursos específicos de cada NP, os quais refletem e manifestam suas ideologias e constroem suas afiliações. A análise também indicou que o escritor e ilustrador utilizou o livro ilustrado para fomentar os valores da classe operária e das crianças, propiciando uma forma de afiliação – diferente daquela a favor dos valores da classe média burguesa prevalentes na sociedade da época –

para os leitores que se identificassem com a leitura naturalizada em VP. As calibrações e os acoplamentos dos recursos semióticos em VP visaram redistribuir o poder ideológico e questionar o *status quo*, estimulando mudanças na cultura. Portanto, verificou-se que a noção da abordagem sociosemiótica de calibrações e acoplamentos para a instanciação de significados textuais com o propósito de encorajar a cultura a avançar corresponde à noção da abordagem cultural dos ET de manipulação textual para propiciar inovação na cultura.

Outras correlações estabelecidas entre as duas áreas incluíram a concepção do sistema semiótico e da cultura como um potencial de significado cujos recursos permitem efetivar significados da cultura nos textos; a individuação e o componente constitutivo da poética no que concerne o alinhamento dos membros de uma cultura quanto ao papel da literatura dentro dessa cultura; e a patronagem e o eixo vertical da sintonia – variável do registro – no que diz respeito ao poder daqueles que controlam o sistema literário. As semelhanças apontadas permitiram conceber tanto a escrita quanto a instanciação como escolhas condicionadas pelas relações de poder de recursos semióticos do potencial de significados do sistema linguístico para efetivar significados de uma sociedade/cultura em um texto. E a reescrita e a reinstanciação como a escolha condicionada por outras relações de poder de outros recursos semióticos do sistema linguístico para reconstruir os significados de um texto que o precede. Portanto, foi possível concluir que o conceito de reinstanciação corresponde ao conceito de reescrita na modalidade verbal e, conforme a pesquisa mostrou, de reilustração na modalidade visual. Por fim, o paralelo estabelecido entre reinstanciação e reescrita/reilustração, o entendimento da tradução como uma forma de reescrita e o conceito de tradução como reinterpretção de signos, em conjunto com os resultados da análise dos recursos semióticos e da reinstanciação, permitiram constatar que o tipo de reescrita e reilustração exemplificado por VP pode ser interpretado como tradução intralingual e intravisual. Concretizaram-se, assim, os dois objetivos gerais deste estudo.

15.1 DAS LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Este estudo teve algumas limitações. A primeira delas foi não abarcar a metafunção textual. Os recursos textuais da modalidade visual foram levantados no estudo piloto, assim como alguns recursos textuais verbais dos sistemas de IDENTIFICAÇÃO e PERIODICIDADE. Porém a quantidade de dados coletados no estudo piloto foi demasiadamente grande e fez-se

necessário um recorte para viabilizar a pesquisa. Assim sendo, decidiu-se preterir os recursos textuais em prol dos recursos ideacionais e interpessoais que naquele estágio de investigação pareciam ter maior potencial para a pesquisa pretendida. Todavia, a análise dos recursos textuais e das variações desses recursos na reinstanciação acrescentaria de forma enriquecedora aos resultados alcançados na presente pesquisa e poderia ser realizada em pesquisas futuras. Ademais, poder-se-ia explorar a possibilidade de operacionalizar uma metodologia para a análise da reinstanciação dos significados textuais na modalidade visual com base na metodologia para a análise desses recursos na modalidade verbal, conforme foi feito nesta pesquisa para os recursos ideacionais e interpessoais. As variações dos recursos semióticos na reinstanciação também poderiam ser consideradas com um enfoque diferente daquele utilizado nesta pesquisa, que foram as dimensões de desigualdade e o posicionamento do leitor prospectivo.

A pesquisa também não explorou os diferentes tipos de fontes escolhidos para expressar cada uma das vozes em VP. Os estilos das fontes usadas em VP parecem refletir as personalidades dos NPs aos quais são acopladas e contrastam com a escolha de uma única fonte tipográfica em WP. Porém, a investigação dos recursos tipográficos demandaria outro referencial teórico e metodológico, uma vez que o aporte utilizado nesta pesquisa não abarca esses recursos. A necessidade de limitar o escopo da pesquisa impossibilitou que as escolhas tipográficas fossem contempladas, embora os significados por elas construídos pudessem complementar os resultados alcançados neste estudo. Constituem, portanto, uma possibilidade a ser explorada em estudos futuros.

Outra limitação do estudo foi o tamanho do *corpus* investigado que se restringiu a dois livros ilustrados, configurando um estudo de caso. Embora a pesquisa realizada tenha permitido investigar de forma sistemática a construção dos significados ideacionais e interpessoais nos textos e suas variações na reinstanciação/tradução, os resultados não podem ser generalizados. No entanto, o estudo fornece subsídios teórico-metodológicos para outras investigações e seus resultados podem gerar hipóteses para serem exploradas em outras pesquisas.

15.2 DAS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Esta pesquisa inovou ao estabelecer uma interface produtiva entre a sociosemiótica de base sistêmico-funcional e os ET com abordagem cultural que trouxe contribuições para ambas as áreas de conhecimento.

A abordagem sociosemiótica para a multimodalidade utilizada nesta pesquisa possui um referencial teórico e metodológico consolidado de longa data que pôde ser empregado com sucesso para a investigação do fenômeno tradutório. Os sistemas semântico-discursivos (MARTIN, 1992; MARTIN; ROSE, 2007) foram profícuos para a análise dos recursos ideacionais e interpessoais na modalidade verbal e as noções de calibragem e acoplamento, estendidas em Martin (2008c) para abarcar também o peso semântico de um texto verbal em relação a outro, foram válidas para identificar as semelhanças e as variações entre o TF e os TTs. Os sistemas para a análise das narrativas visuais (PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013), expandidos a partir da gramática do design visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), foram proveitosos para a análise dos recursos ideacionais e interpessoais na modalidade visual, porém não haviam sido avançados para abranger as relações entre os textos visuais fonte e alvo, lacuna preenchida nesta pesquisa.

A tese mostrou que a sociosemiótica foi capaz de prover os ET de metodologias e instrumentos de análise que permitiram uma investigação sistemática e consistente dos recursos semióticos que instanciam os significados verbais no TF e os reinstanciam nos TTs. Também mostrou que os ET apresentaram uma demanda de ferramentas e métodos para a investigação de uma potencial tradução na modalidade visual que a abordagem sociosemiótica empregada foi incapaz de suprir. Portanto, o fato de os ET apresentarem questões para as quais a sociosemiótica ainda não possuía subsídios para responder e de funcionarem como fonte de dados para a sociosemiótica propiciou que o aporte teórico-metodológico da sociosemiótica fosse expandido.

Assim sendo, no âmbito metodológico, este estudo operacionalizou uma metodologia para a análise da reinstanciação dos significados ideacionais e interpessoais na modalidade visual com o objetivo de determinar se o fenômeno observado poderia ser considerado tradução. No âmbito teórico, a pesquisa propôs réplica, emulação e recriação como níveis de sobreposição de significado visual potencial entre o TT e o TF, determinantes da proximidade ou do distanciamento do TT em relação ao TF no contínuo da instanciação. A aplicação desse aporte e o paralelo que a pesquisa estabeleceu entre a reinstanciação na modalidade verbal e a reescrita e, posteriormente, entre a reinstanciação na modalidade visual e a reilustração permitiram especificar que o fenômeno que ocorre entre a narrativa visual em WP e as narrativas visuais em VP pode ser interpretado como tradução intravisual. Dessa forma, a

sociossemiótica possibilitou propor um novo objeto para expandir o escopo dos ET no que concerne a tradução na modalidade visual. Esta tese mostrou a proximidade de conceitos da abordagem da sociossemiótica para a multimodalidade baseada na TSF e da abordagem cultural dos ET e confirmou que a integração das duas abordagens é proveitosa para ambas as áreas.

Esta pesquisa contribuiu também para as áreas da literatura infantil e do ensino, uma vez que mostrou como ferramentas analíticas explícitas viabilizam uma análise técnica capaz de revelar os tipos de significados que os livros ilustrados constroem e de mostrar como os significados são construídos, possibilitando discernir o que esses significados dizem sobre os valores sociais e as ideologias naturalizadas nesses livros, sobre os escritores e ilustradores, sobre os leitores prospectivos, sobre as sociedades e as culturas nas quais os livros ilustrados estão inseridos. As abordagens adotadas fornecem recursos que propiciam expandir os repertórios dos profissionais, mediadores e demais pessoas interessadas nos livros ilustrados, auxiliando-os alcançar um nível mais elevado de letramento crítico e, dessa forma, uma consciência ainda maior do papel e do poder dos livros ilustrados na formação da criança enquanto um ser integral.

REFERÊNCIAS

- ALVSTAD, C. Children's literature. In: WASHBOURNE, K.; WYKE, B.. (Eds.) *The Routledge Handbook of Literary Translation*. London and New York: Routledge, 2018, p. 01-35.
- BAKER, M. Linguística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução? In: MARTINS, M. A. P. (Ed.). **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 15-34.
- BAL, M. **Narratology**: Introduction to the Theory of Narrative. 3rd ed. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press, 1990.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (Eds). *Translation, History and Culture*. London and New York: Routledge, 1990.
- BROWNE, A. **Voices in the Park**. New York: The Random House Group, 1998.
- BROWNE, A. **A Walk in the Park**. London: Walker Books Ltd, 2013.
- BROWNE, disponível para acesso em <www.anthonybrownebooks.com/about> Acesso em: 22 de abril de 2019.
- BROWNE, 1980, disponível para acesso em: <www.youtube.com/watch?v=LclxKT2Qy5I&feature=youtu.be>
- CASALI, L. **A Tradução Intermodal e Interlinguística**: Uma perspectiva Semântico-Discursiva e Sociosemiótica sobre a narrativa ilustrada infantil *Clifford The Big Red Dog* e sua Reinstanciação em Português. 2018, 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- Catford, J. **A linguistic theory of translation**: an essay in applied linguistics. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- CUNHA, G. **Rose e Jack em The Tunnel, de Anthony Browne**: um estudo da representação de gênero baseado na leitura de narrativas visuais e na semântica do discurso. 2018, 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ECONOMOU, D. Photos in the News: Appraisal analysis of visual semiosis and verbal-visual intersemiosis, 2009. f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculty of Arts and Social Sciences, University of Sydney, Sydney, 2009.
- EVANS, J. A master in his time: Anthony Browne shares thoughts about his work. In: EVANS, J. (Ed.) **Talking Beyond the Page**: Reading and responding to picturebooks. London: Routledge, 2009, p.171-189.

- FLANAGAN, V. A Similarity or Difference: The Problem of Race in Australian Picturebooks. **Bookbird: A Journal of International Children's Literature**, v. 51, p. 13-22 2013.
- HALLIDAY, M. **Language as Social Semiotic**. London/New York: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar**. 1st ed. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Hong Kong: Longman, 1976.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3rd ed. London: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th ed. London: Routledge, 2014.
- HOLMES, J. The name and nature of translation studies. In: VENUTI, L. (Ed.) **The Translation Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2000, p. 172-185.
- JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, R. **On Translation**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2013, p. 232-239.
- KNOWLES, M.; MALMKJAER, K. **Language and Control in Children's Literature**. London and New York: Routledge, 1996.
- KRESS, G. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. London and New York: Routledge, 2010.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN T. **Reading Images: the grammar of visual design**. 2nd ed. London: Routledge, 2006.
- LEECH, G.; SHORT, M. **Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose**. 2nd ed. Harlow: Pearson, 2007.
- LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London: Routledge, 1992.
- MACKEN-HORARIK, M. Appraisal and the special instructiveness of narrative. **Text**, Adelaide, v. 2, n. 23, p. 285-312, 2003.
- MAGALHÃES, C.; LEITÃO, A.; FERNANDES, D. A função interpessoal e o posicionamento dialógico de tradutores em traduções de picture books. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 5, p. 1604-1627. 2017
- MALMKJAER, K. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.
- MARTIN, J. R. **English text: system and structure**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Companies, 1992.

MARTIN, J. R. Modelling big texts: a systemic functional approach to multi-genericity. **Network**, v. 21, p. 29-52. 1994.

MARTIN, J. R. Genre, ideology and intertextuality: a systemic functional perspective. **Linguistics and the Human Sciences**, v. 2, n. 2, p. 275-298. Equinox, 2006.

MARTIN, J. R. Innocence: realisation, instantiation and individuation in a Botswanan town. In: KNIGHT, N.; MAHBOOB, A. (Ed.). **Questioning Linguistics**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2008a, p. 27-54.

MARTIN, J. R. Tenderness: realisation and instantiation in a Botswanan town. In: NØRGAARD, N. (Ed.). **Systemic Functional Linguistics in Use**. Odense Working Papers in Language and Communication 29. Odense: University of Southern Denmark, Institute of Language and Communication, 2008c, p. 30–62.

MARTIN, J. R. Semantic Variation: Modelling Realisation, Instantiation and Individuation in Social Semiotics. In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. R. (Ed.). **New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity and Affiliation**. London: Continuum, 2010, p. 1-39.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. 2nd ed. London: Continuum, 2007.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Genre relations: Mapping culture**. London: Equinox, 2008.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. London, Palgrave, 2005.

MORGAN, K. Britain in the Seventies: Our Unfinest Hour? In: **Revue Française de Civilisation Britannique: French Journal of British Studies** [Online], XXII Hors série: The United Kingdom and the Crisis in the 1970s | 2017, p. 1-17. URL: <http://journals.openedition.org/rfcb/1662>

MOYA GUIJARRO, A. **A multimodal analysis of picture books for children: a systemic functional approach**. Sheffield: Equinox, 2014.

MUNDAY, J. **Evaluation in translation: critical points of translator decision-making**. London and New York: Routledge, 2012.

NIDA, E. Principles of Correspondence. In: Venuti, L. (Ed.) **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 1964, p. 126-140.

O'CONNELL, E. Translating for Children. In: LATHEY, G. (Ed.) **The Translation of Children's Literature**. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2006, p. 15-24.

OITTINEN, R.; KETOLA, A.; GARAVINI, M. **Translating Picturebooks: Revoicing the Verbal, the Visual and the Aural for a Child Audience**. New York/Abingdon: Routledge, 2018.

O'SULLIVAN, E. Translating Pictures. In: In: LATHEY, G. (Ed.) **The Translation of Children's Literature**. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2006, p. 113-121.

PAINTER, C. Children's picture book narratives: reading sequences of images. In: MCCABE, A; O'DONNELL, M; WHITTAKER, R. **Advances in language and education**. London: Continuum, 2007, p.40-59.

PAINTER, C. The role of colour in children's picture books: choices in AMBIENCE. In: UNSWORTH, L. **New literacies and the English curriculum: multimodal perspectives**. London: Continuum, 2008, p.89-111.

PAINTER, C.; MARTIN, J. R. Intermodal Complementarity: modelling affordances across image e verbiage in children's picture books. In: YAN, F. (Ed.) **Studies in functional linguistics and discourse analysis 3**. Beijing: Higher Education Press, 2011, p. 132-158.

PAINTER, C.; MARTIN, J. R.; UNSWORTH, L. **Reading visual narratives: image analysis in children's picture books**. Sheffield, UK: Equinox Publishing Ltd., 2013.

PAULA, F. **Picturebooks/narrativas infantis ilustradas: um estudo de relações semânticas verbo-visuais em textos originais e suas respectivas traduções com base na teoria sistêmico-funcional**. 2018, 100 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

REISS, K.; VERMEER, H. **Towards a General Theory of Translational Action: skopos theory explained**. New York: Routledge, 2014.

ROSA, A. Narrator profile in translation: Work-in-progress for a semiautomatic analysis of narratorial dialogistic and attitudinal positioning in translated fiction. **Linguistica Antverpiensia**, Antwerp, v. 7, p. 227-248, 2009.

ROTHERY, J.; STENGLIN, M. Entertaining and instructing: exploring experience through story. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. (Ed.) **Genres and Institutions: Social Practices in the Workplace and School**. London/New York: Continuum, 1997, p. 231-263.

SARLAND, C. Ideology. In: HUNT, P. (Ed) **International Companion Encyclopedia of Children's Literature**. (2^a ed.) New York: Routledge, 2005, p. 39-55.

SERAFINI, F. Understanding visual images in picture books. In: EVANS, J. (Ed.) **Talking Beyond the Page: Reading and responding to picturebooks**. London: Routledge, 2009, p. 10-25.

SHAVIT, Z. **Poetics of Children's Literature**. Athens and London: The University of Georgia Press, 1986.

STEINER, G. **After Babel: Aspects of Language and Translation**. 2nd ed. Oxford: OUP, 1992.

STEPHENS, J. Picturebooks and ideology. In: KÜMMERLING-MEIBAUER, B. (Ed) **The Routledge Companion to Picturebooks**. London and New York: Routledge, 2018, p. 137-145.

STRAUSS, W.; HOWE, N. **Millennials Rising: The Next Great Generation**. New York: Vintage Original, 2000.

TIAN, P. **Multimodal Evaluation: Sense and Sensibility in Anthony Browne's Picture Books**. 2011. 354f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculty of Arts and Social Sciences, University of Sydney, Sydney, 2011.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and beyond**. 2nd expanded ed. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2012.

TURNER, A. **A Classless Society: Britain in the 1990s**. London: Aurum Press, 2013.